

ÍNDICE DA MENSAGEM DE HJS AO MUNDO ESPIRITUALISTA I (Dhâranâ No. 18 - 1927)

No próximo número desta revista, que será ESPECIAL, e à guisa de Polianthéia, para solenizar o terceiro aniversário da fundação de Dhâranâ, o Diretor-Chefe da mesma Sociedade, Sr HJ Souza, lançará a sua Mensagem ao mundo, cuja síntese é a seguinte:

PRIMEIRA PARTE

A minha Missão para a América do Sul - passado, presente e futuro - Um novo John King em cena - Os Grandes ensinamentos do Mestre Koot-Hoomi - O martírio de sempre - Palavras loucas, orelhas ocas - Cruzeiro do Sul, o Brasil ou o reinado da Sétima sub-raça - O que tem feito Dhâranâ nos seus três primeiros anos de Iniciação? - Por toda a parte falam às entranhas da terra ou o grande trabalho dos JINAS - EGO SUM QUI SUM.

SEGUNDA PARTE

Mônadas que se compreendem e mônadas que se repelem - Americanos do Norte, Americanos do Sul - Branco e Negro - A misteriosa Confraria Deserto Líbico - Europa, suas guerras, suas revoluções e... decadência moral - Esterilidade da mulher européia - ORIENTE... Índia e Egito, o Pai e a Mãe do mundo - A escravidão de um povo - América do Sul, o grande refúgio dos oprimidos - Sol que vivifica os fracos - O grande mal e o grande remédio - Fanatismo religioso em pleno século XX - Misticismo e amor sexual ou a grande histeria sectário-religiosa - Quem assim fala não teme a fúria dos deuses.

TERCEIRA PARTE

Semente que prolifera e semente que se perde - O que tem feito o Catolicismo desde o Império dos antigos Césares até os Césares modernos... Impérios? - Sua Eminência o Papa Negro e o JESUITISMO - Uma resposta no dia de hoje ao Sr Marquês de Mirville ou Milagres de Santos e milagres de diabos - A côrte celeste reduzida a um mísero "Summerland" - eterna Maya Budista - Missas à granel ou a Lei do menor esforço - Busca dentro de tí mesmo, aquilo que procuras fora - RELIGIÃO - SABEDORIA - S. Paulo, o maior iluminado cristão.

QUARTA PARTE

Que é Protestantismo? Reforma de outra reforma A KU-KLUX-KLAN-O PODER DO OURO.

QUINTA PARTE

As duas sábias leis que regem o mundo - KARMA e REENCARNAÇÃO - ESPIRITISMO? não, ANIMISMO - ABUSOS e perversidades inconscientes - As suas grandes verdades e o papel que tem tido no mundo - A tristeza dos deuses - A ponte nos conduz a outro mundo de ilusões - Sobre ela ou mais adiante? - A grande árvore que poderia produzir melhores frutos.

Os perigos que correm os "médiuns" - Doutrinações, porque e para que? - Virtudes sem sabedoria, é como um cadáver coberto de jóias - Avante, denodados cavaleiros.

SEXTA PARTE

NÃO HÁ RELIGIÃO SUPERIOR À VERDADE - Nova tabuleta para um velho EDIFÍCIO - A Sociedade Teosófica fora da sua órbita - Aquilo que "Ela" não falou - A má interpretação do ano de 1897 ou um Prometeu encadeado... - É a Doutrina Secreta errônea...? - Vaidade, inconsciência ou passividade? - Ontem e hoje - Marte não fazendo parte da cadeia terrena... não podia ser visitado, nem mesmo por um "ARHAT" do nosso planeta - Cristo dentro e não fora de cada homem - É tempo ainda, salvemos a grande Obra dos filhos dos deuses - A palavra "RIEN" em resposta à mais sublime proposta de um dedicado discípulo - Quem é Mario Roso de Luna e o seu verdadeiro papel na Missão da Sétima sub-raça - O país sagrado ou personagens que a S.T. fala, mas... desconhece por completo - Fala o fantasma do passado - Escuta-me.

SÉTIMA PARTE

A Maçonaria de ontem para erguer a Maçonaria de hoje - BUDISMO ou RELIGIÃO e MAÇONARIA ou CIÊNCIA, sintetizados nas duas colunas do Templo de Salomão - Quem é o grande Dalai-Lama - O verdadeiro papel da Maçonaria espiritualista ou a defensora da VERDADE DIVINA - Uma ACÁCIA para cada túmulo que se abrir - HIRAM vai ressuscitar dentro de cada MAÇON que souber interpretar o seu verdadeiro papel de imitar o gesto do Supremo Arquiteto, ou seja, construir, edificar coisas belas e perfeitas... - Um punhal para ferir, uma rosa para amar - É chegado o grande momento - A MISTERIOSA PERSONALIDADE DE CHRISTIAN ROSENKREUTZ - O Mestre RAKOWSKI - A MAÇONARIA E O BUDISMO TRIUNFANTE - Índia e Egito - Um só estandarte para todos os povos... não pela ANARQUIA, mas pela SINARQUIA.

A MINHA MENSAGEM AO MUNDO ESPIRITUALISTA I

Esta Mensagem é dividida em 7 partes, excluindo as anotações. Hoje, será lida a Primeira parte, ou melhor: - o grande mal e o grande remédio; - a missão de Dhâranâ na América do Sul (principalmente o Brasil), e finalmente, - *a nossa única resposta aos que se arrogaram o direito de julgar uma Obra, que nós mesmos ignorávamos no começo.*

A tolerância e o respeito exigidos para certos e determinados casos, perde a razão de ser, quando se trata de assuntos que afetem o bem da coletividade, ou melhor, quando servem de obstáculo à boa marcha da evolução humana.

Esperamos, pois que as nossas palavras sejam interpretadas de acordo com o nosso sentir, isto é, uma apoteose que não é favor, às sublimes doutrinas de *Amor* e de *Sabedoria*, que vindes espalhando por toda parte; mas também, de acordo com a exigência atual, apontar "certos erros e graves lacunas", fáceis de correção por parte dos interessados, pois que, infelizmente muito tem ocorrido para prejudicar o Trabalho uno em que todos nós, direta e indiretamente, nos achamos empenhados.

É isto, justamente, o que representam as demais partes desta Mensagem, cada uma delas dedicada a uma das principais facções do Espiritualismo.

Antes que façais qualquer juízo sobre os direitos que nos assistem para assim procedermos, necessário é que vos afirmemos - não sermos portadores de idéias novas mas sim, conforme constatareis pelas demais partes desta Mensagem, que é com as próprias palavras ou ensinamentos dos Mestres, que vamos procurar atingir a meta desejada, pois muito natural é que o tempo, através da tradição, tenha concorrido para "falsas interpretações" no verdadeiro sentido que Eles quiseram dar aos ditos ensinamentos, sempre através do véu espesso de Maya, a ilusão.

Sobrando-vos tempo alguma vez na vida, para lerdes a Biografia que um dos esforçados membros da Diretoria de Dhâranâ ousou fazer, como a mais bela resposta aos que se arvoraram em juizes da Obra que nos foi confiada (2), e que a revista Dhâranâ publicou no seu último número, verificareis que, desde os dez anos de idade (antes já muita coisa havia acontecido de anormal), forças estranhas obrigaram o atual Diretor-Chefe de Dhâranâ, ao desinteresse dos brinquedos juvenis, naturais àquela idade, pelo interesse dos assuntos de real valor.

Portanto, amados irmãos, são 34 anos de convivência, nesta existência, com a Verdade que hoje discutimos, e, mais do que isto - a exigência da Voz do Silêncio ou da Consciência, como lhe quiserdes chamar, que obrigaram o humilde discípulo a sair da sua obscuridade, para vir falar-vos de assunto tão velho e melhormente discutido por outros mais avançados na Vereda da Iniciação.

Porém... o discípulo obedece e não discute... razão porque ides ter a maçada de ouvi-lo, se a vossa proverbial benevolência não quiser transformar o tempo precioso que ele vos toma, por instantes de fraternal convívio, em prol do grande ideal que todos nós, a nosso modo, defendemos - a Fraternidade Universal!

PRIMEIRA PARTE

"Tú que fazes entrar a noite no dia
e o dia na noite! Tú, ó Senhor, que fazes sair
a morte da vida e a vida da morte! A tí, é
mais preciosa a tinta do sábio que o sangue do
Mártir".
(Alcorão, Sura III)

Esta Mensagem, em linguagem simples e despretenciosa, livre de preconceitos e isenta de liames outros que não sejam aqueles que se afinizam ao bem da coletividade, representa no momento atual em que o mundo, principalmente o Brasil, vem passando por um período de Renascença, um dos primeiros toques dos clarins anunciadores da grande Alvorada da Paz Universal!

Antes, porém, que esta Nova Era tenha realização, tudo se transformará na face da terra! O grande cenário da vida atual, vai passar por terrível metamorfose, embora sublime e divina, pelo fim a que a mesma se destina - "a separação do bom trigo, do joio".

"Vimos da divindade e para ela havemos de ir". São palavras de Santo Agostinho.

O desejo mais elevado de qualquer ser mortal é alcançar aquilo que em si existe como seu ideal superior. Não podemos conceber que haja alguém sem ideal. Ser consciente é realizar a existência de algum ideal; abandonar o mundo ideal, seria morrer. Uma pessoa sem desejo algum, seria inútil na economia da Natureza; uma pessoa que tenha todos os seus desejos satisfeitos, já não necessita viver, porque já não lhe é útil a vida. Cada um está ligado ao seu próprio ideal; aquele cujo ideal é mortal, tem que morrer quando morra sem ideal; aquele que tenha um ideal imortal, tem que chegar a ser imortal para alcançá-lo. O verdadeiro ideal de todo indivíduo deve ser seu próprio ego espiritual superior - seu Cristo ou seu Deus.

O sublime Paracelso, na sua obra intitulada - *Filosofia oculta*, Liv. 1o., Prólogo, diz: "Antes de tudo, devemos notar que há dois aspectos do espírito no homem; um originando-se em a natureza e o outro, procedendo do céu. O homem deveria tornar-se um ser humano, conforme o espírito (terrestre) do *Limbo*. Em outros casos, é um animal, e como ser humano, tem que viver no espírito de vida (imortal) e desfazer-se do espírito animal".

Mas... desgraçadamente, o homem esquecido da procedência divina, deixa-se arrastar para a animalidade, e daí... a revolta, até mesmo da Natureza, tal como falou Purusha (o macho celeste), no "Hari-Purana": "Porque transformando a minha substância, tudo eu tenho criado! O éter, a luz, o ar, a água, a matéria, e porque nesta eu lancei o *Gérmem Universal*, de onde saíram todos os seres?"

"E eis que os animais se devoram uns aos outros; que o homem se bate com seu irmão e desconhece meu poder, pois que ele só tem uma preocupação, destruir minha obra e fazer triunfar por toda parte o *mal* contra o *bem*. - Assim, sem esperar a realização das mil idades divinas, eu vou estender a noite sobre o Universo. E as criaturas vão retornar à matéria; a matéria na água; a água na luz; a luz no ar; o ar no éter, que é a minha própria substância!"

"E a água de onde saíram todos os seres vivos, destruirá os seres vivos". (3)

E como se essa Voz ainda repercutisse nos dias atuais, mais graves catástrofes se vêm desenrolando no mundo, até chegar o período áureo da *Satya-Yuga*! (4)

Bem poucos sobreviverão e poderão levar para outras existências, um cabedal perfeito e apropriado à prossecução do Grande Trabalho em prol da evolução dos seres!...

Atravessamos um século de efervescência geral, onde todas as teorias modificadas ao bel prazer de cada um, se confundem num inexprimível caos; século de delírio e de ansiedade, onde as religiões se desmoronam, vítimas de suas obras, punidas por suas faltas; onde a idéia da guerra e da destruição encarna-se, cada vez mais, no seio de cada nação, tanto para defender como para arruinar; onde a febre do individualismo reina em soberania; onde o culto à irreverência se manifesta sob todas as suas formas; onde tudo que pensa e raciocina, mais ou menos levado pelo materialismo imperante, não sabe onde encontrar esta Luz, que todos nós desejamos conhecer; será pois desonra ou crime, indicar o Caminho que à Ela conduz?

Mas, é justamente nos momentos tempestuosos que se deve mostrar o caminho ao viajante perdido; que se deve estender a mão ao naufrago em aflição. A luz brilha tanto mais quanto o céu esteja escuro! Assim, julgamos nós cumprir um dever, dirigindo-nos aos nossos irmãos espiritualistas, no momento mais difícil, mais doloroso porque passa a Humanidade, afim de que os nossos esforços conjugados para o mesmo fim, e sob a égide gloriosa dos Dirigentes do destino humano, melhor possamos realizar o desideratum dos Portadores do Facho Sagrado - a Paz Universal!

O presente é um crepúsculo tristonho, enevoado e de tons sangrentos, como se um incêndio no zenith ameaçasse a destruição do mundo!

É a nós, espiritualistas sinceros e abnegados, que compete transformar esse crepúsculo em uma Alvorada de Paz, Amor, Luz e Progresso para a Humanidade!

Sabemos que todos os sofrimentos que afligem nossos irmãos humanos, nascem da ignorância pertinaz em que eles preferem viver, sempre optando pela "lei do menor esforço", e por isto mesmo, despreocupando-se de quem sejam, de onde vêm e para onde vão!

E, como podemos nós, que nos dizemos defensores das sublimes doutrinas de *Amor* e de *Sabedoria* pregadas por todos os Iluminados, cruzar, por nossa vez, os braços, quando um só gesto, uma só palavra, um pouco de esforço, enfim, de nossa parte, poderá concorrer para desprender as algemas de Prometeu encadeado, ou seja - a Verdade divina que dormita, tristemente, no imo de cada um de nossos irmãos em humanidade, à espera que u'a mão carinhosa e boa venha despertá-la do letargo amargurado em que vive, afim de elevar-se altaneira e crepitante, tal como o Fogo sagrado que a gerou?!

Através toda essa alegria que transparece nas multidões despreocupadas, adivinha-se toda a grande dor humana, abafada pelas exterioridades e artifícios do mundo dos sentidos!

Tem aqui razão, as sublimes palavras que o ritual católico ainda conserva do Esoterismo, e tão mal interpretadas por aqueles que só enxergam a Verdade, justamente no lugar onde Ela não se acha: "Se tu eras meu

Deus e minha fortaleza, porque me rechaças e tristemente me deixas cair, quando o inimigo me aflige? e cujas palavras são correspondidas pelas do acólito; Emite a tua própria Luz! Busca a tua própria Verdade, segundo nos ensinaram e nos demonstraram no Monte Santo (Monte Tabor), Monte Gólgota, Monte ou Pirâmide da Iniciação e no Tabernáculo".

É como se quiséssemos dizer: Busca dentro de ti mesmo esta Verdade pura e imaculada, que é parte integrante de teu *Eu Superior* - teu Cristo ou teu Deus!

E, essa eterna luta entre o *Eu* e o não *eu*, ou do mental superior com o inferior, continuará, indefinidamente, se os mais avançados na Vereda da Iniciação, não apontarem aos seus irmãos retardatários, o Grande Sol que desponta no infinito, banhando a superfície da terra, com os seus raios de ouro - a Verdade dos deuses imortais!

Despertemos pois, a divindade, para que sejamos todos deuses, tal como afirmou um grande filósofo: "O homem é um deus embrionário". E assim também compreendeu o poeta iluminado que teve o nome de Guerra Junqueiro, quando termina a sua "Oração à Luz" do seguinte modo:

"Farei da cega luz que me alumina,
A luz espiritual do grande dia,
A luz de Deus, a luz do Amor, a luz do Bem,
A luz da glória eterna, a luz da luz, Amém!"

E dizer-se que culpa maior, ainda, do grande mal que aflige a Humanidade, recaia sobre as prepotentes e soberaníssimas religiões do Ocidente, ocultando na sombra da ignorância ou do interesse, as duas maiores verdades, concretizadas nas sublimes leis que regem o destino dos homens e coisas - Reencarnação e Karma.

Todas as religiões socorrem-se da Doutrina Esotérica, enquanto que Ela, a Sabedoria, pode passar sem as religiões. A religião-sabedoria, a Teosofia, é a melhor das religiões, a mais perfeita, porque ela não se utiliza dos seus ensinamentos, senão da Doutrina Esotérica; e daí, ser Ela, não somente a religião do futuro, como a única que pode subsistir sempre e de maneira indestrutível, porque foi a única que reuniu duas coisas que até aqui estiveram em contradição flagrante, e em perpétuos conflitos: a Ciência e a Religião.

Como diz muito bem o grande teósofo Mario Roso de Luna, na entrevista concedida a "El Liberal" de Madri, e por nós publicada na revista Dhâranâ, número de Maio do presente ano (1927): "Os seres superiores, como - Buda, Cristo, etc, etc, nos deram doutrinas eficazes, para que nós nos remíssemos. Nenhum deles fundou a religião confessional que se lhes atribui. Quem logo fundou-a, foi o imperialismo de seus pretensos discípulos, que escravos do inerte dogma que criavam, esqueceram que a "religião", não crença, não é senão a dupla ligação de fraternidade entre os homens, conforme sua etimologia latina".

"É o imperialismo psíquico, sucessor fatal de todo o imperialismo físico. Ao imperialismo romano, sucedeu o império psíquico papal; ao império físico espanhol, o império psíquico jesuíta. Em Mahoma, os dois imperialismos apresentaram-se juntos".

O papel de H.P.B. há 50 anos atrás, fundando a "The Theosophical Society", foi demonstrar que todas as religiões não passam de "rôseos contos infantis e objetos de exploração e domínio", e as suas revelações, com "duplos véus" lançados sobre a Sabedoria iniciática das idades, que foi antes de tudo - ciência; uma ciência perfeita, que é mistério descobrir.

E foi baseada nesses princípios, que ela, H.P.B., escolheu para a Sociedade que acabava de fundar, o famoso lema do Maharadjah de Benares: "NÃO HÁ RELIGIÃO SUPERIOR À VERDADE".

"Teosofia", não significa ciência de Deus, senão dos super-homens ou deuses, dos gregos, os homens representativos, grandes almas, "mahatmas ou gênios". (5)

"Teósofos ou neo-platônicos, ecléticos e hamonistas, foram chamados os filósofos alexandrinos, que como Amonio Sacas, quiseram deduzir da "gnosis", o estudo comparado das religiões, normas científicas da conduta. Teósofos, chama Cezar Cantu, o Paracelso, Van Helmont, etc, etc, e sofista do século XIII, ao árabe Asin Palacios".

É, pois, na Teosofia, segundo a sua etimologia grega, que se encontra a Verdade, que deve ser buscada incessantemente, ou melhor - essa Luz a que me referi no começo desta Mensagem.

A Teosofia ou Doutrina Esotérica, é a essência de todas as religiões passadas, presentes e futuras, desvirtuada, afim de que seja oculta à multidão dos seus sectários, dos seus fiéis. É por este motivo, que as religiões, quaisquer que elas sejam, têm uma parte Esotérica conhecida somente por seus grandes sacerdotes, e uma parte Exotérica, para a multidão dos sectários.

Perde-se na noite dos tempos a existência da Ciência oculta ou Doutrina Esotérica. "Conheciam-na todos os grandes povos da antiguidade, assim na Ásia como na África, Europa, América e mesmo na Oceania, segundo o demonstram a unidade e universalidade de seus símbolos gravados em caracteres indelévels, nos seus respectivos templos, e quem houver penetrado nas profundezas dessa Ciência, lerá sempre as mesmas verdades nos muros de Palenque, como nos de Luxor; nos pagodes lavrados na entranha da rocha da Índia, como nos restos ciclôpicos de toda a região mediterrânea, e nos colossos que a Ilha de Páscoa nos revelam a existência de raças e continentes submersos".

Os Bramânes da Índia, do mesmo modo que os Yogis do mesmo país; os hierofantes do Egito; os profetas de Israel; os Essênios Cabalistas, os Gnósticos, os Cristãos, do mesmo modo que todos os grupos de filósofos e pensadores, possuíram todos eles Doutrinas Esotéricas, ou melhor, a Doutrina Esotérica - a Teosofia.

O Livro dos Mortos, do antigo Egito, obra de grande envergadura, contém a Doutrina Esotérica do Egito. A filosofia Yoga, contém o Esoterismo da Índia; a Cabala, a dos Hebreus; e assim por diante.

Pela tradição, ela tem vindo até os nossos dias, de idade em idade, muitas vezes com certas lacunas e graves erros, devido a falsas interpretações.

Ainda faz parte da missão do incompreendido "ego" que teve o nome de Helena Petrovna Blavatsky, como um dos precursores deste grande movimento oculto que se vem realizando no mundo, onde ciência, artes, etc, etc, tomam um grande impulso, corrigir esses "graves erros e lacunas", propositados ou não, porque como disse ela: "Por mais que sejam as desgraças humanas, jamais a Verdade oculta poderia deixar de ser obscura, porque ela tem sempre *Vigilantes Guardiães* que a conservam piedosamente, pela tradição, e trazem-na à luz, quando necessário".

De fato, H.P.B. portadora do Facho Sagrado - a Sabedoria dos deuses -, vinha iluminar o mundo, num destes períodos de Renascença, tão necessários à evolução humana, tal como aconteceu com os Rosenkreutz, Saint Germain, e muitos outros.

"O fundador de todo o movimento espiritualista moderno, foi Christian Rosenkreutz, quem procedente do Oriente, criou com doze outros Mestres, a célebre Instituição da Rosa-Cruz. Cada um desses doze membros trazia a missão de facilitar o desenvolvimento da ciência moderna (Renascença), impulsionando: - o cultivo da antiga terapêutica com a fundação da ciência médica atual; o da astrologia, base da nossa astronomia; o da alquimia, base da química. Cada um desses doze Mestres tinha, por sua vez, um discípulo adequado, apto a perpetuar a respectiva ciência".

"Rosenkretetz reencarnou em Hunjadi János, célebre defensor da Hungria contra os turcos, e depois em Bacon Verulano, o grande escritor e filósofo inglês, fundador de outro organismo de caráter rosa-cruciano, e depois no húngaro Rakowsky, príncipe real, que desaparecendo a tempo da cena do mundo, salvou seu país na luta com a Áustria, e sua personalidade continuando através dos séculos, é a mesma do Conde de Saint Germain, no século XVIII, preclaro discípulo da Loja Branca ou dos Araths. Por sua vez, um amigo e discípulo de Saint Germain, foi o austríaco Zimsky, conhecido também por o "irmão José", encarnação anterior de nossa H.P.B. Saint Germain e Zimsky trabalharam juntos no século XVIII, fundando muitas Sociedades secretas, algumas delas de caráter maçônico, e nas quais eram admitidos, indistintamente, homens e mulheres. As ditas Lojas e outras, fizeram quanto lhes foi possível, para estender o ideal da Fraternidade entre os povos, porém a Europa não estava preparada para semelhante movimento. Este ensaio, teve, sim, êxito na América, que estava melhor preparada para recebê-lo, com a instauração e independência da grande República, enquanto fracassava na Revolução Francesa". (6)

Se percorrermos a História, encontraremos sempre esses pequenos ciclos evolutivos, a que se denominam de "períodos de Renascença", tendo à sua frente, embora ocultamente, os "Eternos Vigilantes" do progresso espiritual, e por isto mesmo, material, da Humanidade.

Já em 1370, antes de J.C., o misterioso faraó que teve o nome de Amenofis IV, cujo corpo efeminado de andrógino, era um contraste com a sua formidável capacidade intelectual, trazia o papel importantíssimo de suprimir o deus envelhecido - AMON-RA, substituindo-o por ATON, e expulsando dos seus domínios, os sacerdotes daquele e de outros deuses, causadores do fanatismo imperante naquela ocasião.

Foi a guerra religiosa da 18a. dinastia, que ainda pode ser constatada nos dias de hoje, por aqueles que souberem decifrar os hieróglifos sagrados, esculpidos nas velhas ruínas de Karnack e de Luxor, no Egito. Como exemplo a seu povo, Amenofis começou por substituir o seu próprio nome, proveniente do deus decaído, pelo de Khunaton, em honra ao deus ATON - a Verdade solar, da qual ele era portador, como filho dos deuses imortais.

O contato com o Oriente, por meio das Cruzadas, trouxe o Renascimento das culturas grega e romana; o novo contato com o Oriente, por efeito do domínio da Índia pelos Ingleses, começaram a aportar-nos os elementos ario-hindus, que são indispensáveis ao recuo da cultura a suas origens remotíssimas.

No reinado de Fernando IV, na Espanha, um desses períodos se fez sentir de maneira insofismável, pois que arte e ciência emanciparam-se do jugo religioso que os oprimia.

São as diversas épocas de transição, caracterizadas pelo predomínio de um largo e penetrante espírito progressivo, que se manifesta nos diversos campos, a tudo analisando, revendo, modificando - ciências, artes, idéias e doutrinas, dogmas e princípios, a história, enfim, de todos os povos.

"É o eterno *destruens* e *construens* de Bacon; os *corsi* e *ricorsi* de Vico, a mobilidade constante das sociedades humanas, em que tudo se transforma em mutações sucessivas, em ritmos mais ou menos longos, em seqüência de épocas que germinam obscuramente, florescem um momento no esplendor de uma *civilização* triunfante, definham depois em períodos de decadência e morrem, como tudo no Universo, para dar lugar a outras formas, a outras vidas, a outros seres..."

De fato, é a reação espiritualista contra o materialismo utilitário e da aspiração a uma nova ordem moral, que equilibre - na justiça, no bem e na verdade - a vida das sociedades, reunindo, portanto, de acordo com a justiça evolutiva dos seres, a Sabedoria da Mente à Doutrina do Coração.

E assim se vem perpetuando até os dias atuais, este grande movimento oculto, até que, finalmente, em toda a sua plenitude e grandeza, seja realizado o maior desejo dos Sublimes seres da Loja Branca - a Fraternidade humana!

Mister se faz que, o dogmatismo religioso venha ceder lugar à liberdade intelectual, afim de que as almas libertas de exterioridades culturais, possam alçar vôo para as regiões sublimes do espaço, em busca da verdadeira Luz que as ilumina e conduz!

Não é fora, mas dentro de si mesmo, que cada homem deverá buscar a Verdade em toda a sua pureza e alvura imaculada, tal como o Loto em eclosão.

Muita razão tem Mario Roso de Luna, quando diz: "O Messianismo tem sido o achaque dos débeis, que esperam de um enviado a redenção que só advir-lhes-á de si mesmos. Prometeu, encadeado espera Epimeteu libertador, na Tragédia de Eschylo. Os hebreus esperam um rei. A Idade Média também esperou pelo Cristo que veio, foi a Renascença, na qual arte e ciência emanciparam-se do jugo religioso que as oprimia".

E... por isto mesmo, a suposta Verdade de hoje, erguida em um falso pedestal, já começa a oscilar nas suas bases... porque o grande movimento oculto se faz sentir por toda a parte, por "aqueles que não temem a fúria dos falsos ídolos", e vão iniciar a destruição da deusa enganadora, substituindo-a pela *Isis vitoriosa*, afim de que Ela ocupe o seu verdadeiro TRONO no mundo, como portadora de uma Nova Era.

Em uma das últimas cartas que nos dirigiu, Mario Roso de Luna diz: "Decididamente vem um mundo novo: o da Teosofia". (7)

Por sua vez, Dario Vellozo, outro grande campeão da Causa Sagrada, nos escrevia: "A ação lenta, mas contínua e eficaz, determinará a substituição de certos falsos valores por valores reais. O eco da Voz dos Mestres há de chegar aos ouvidos do povo, como já vai alcançando os ouvidos dos que sofrem. Traçado nosso programa, uma vez constituído o cenáculo de propaganda e doutrinação, as idéias desprenderão vôo e o ruído de suas asas será como o arauto da Nova Era.

"Dhârânâ e Instituto Neo-Pitagórico, apareceram na América do Sul, mais particularmente no Brasil, como os primeiros albos da Missão da 7a. Sub-raça. Indispensável semear desde já, e a todos os ventos. A semente, mesmo ralada, brotará em algum ponto".

"Dhâraniânos e Pitagóricos: a alma do Oriente e da Hellade reunidas na alma brasileira, síntese da alma universal. Trabalharemos pela Paz sem dogmas; o Brasil é a Terra da Fraternidade; o Santuário da Iniciação moral do gênero humano, a caminho da *sociedade futura*".

Por sua vez, Dhârânâ respondia-lhe: "Entre Dhârânâ e Instituto Neo-Pitagórico não existem linhas divisórias... mas sim... as ondas vibratórias de Paz, Amor, Luz e Progresso, que ambos emitem constantemente e que se vêm transformando em elos fortíssimos da Grande Cadeia que futuramente, como um doce e benéfico amplexo fraternal, unirá todos os povos sul-americanos, em uma só e mesma família!..."

De fato, meus amados irmãos, é a nós americanos do sul, principalmente brasileiros, que compete o esforço máximo para a realização do Ideal dos "Portadores do Facho Sagrado" - o advento da Sétima sub-raça, pois é no Brasil, que em tempo distante, ela virá edificar o seu Reinado glorioso - de Paz, Amor, Luz e Progresso para toda a Humanidade! (8)

Todos os velhos povos lançam as suas vistas para o país privilegiado, como se mãos ocultas lhes apontassem o "refúgio dos oprimidos". Porém... devemos lembrar a sublime sentença de um dos grandes Iluminados: "A quem muito for dado, muito será pedido". Daí a necessidade imediata de que nos coloquemos em um nível moral, muito mais elevado do que o daqueles que, de há muito vêm perdendo todo o prestígio divino que lhes cabia na história humana, e... que nos faz assistir a essa agonia lenta, porque vem passando a maior parte das nações do mundo!

A nova Canaã, de modo algum, poderá apresentar-se aos que nela aportam em busca de salvação, com os mesmos aspectos doentios das pátrias abandonadas! O jugo, ou melhor, a tutela moral que até então nos vem pesando sobre os ombros despreocupados, representado por tudo quanto aqui é importado dos velhos povos decaídos, inclusive: modas, costumes, etc, etc, deve ser rejeitado como inútil, prejudicial e... porque não dizer, uma afronta a este mesmo nível moral, que é nosso dever manter a todo custo, já como necessidade orgânica ou construtiva de nossa evolução atual - de acordo com o futuro reino de uma geração de super-homens -, já sob o ponto de vista dos inúmeros males que essa "tutela moral" nos vem ocasionando, inclusive: o aumento de nosso cadastro criminal, e desta "tríade" devastadora que se denomina de - *Epilepsia* ou *loucura*, *luetismo* e *tuberculose*.

Por toda a parte, o grito *liberdade, fraternidade, igualdade, paz*, etc, etc, e no entanto, jamais o mundo esteve tão escravizado, tão longe de paz e de fraternidade, como nos dias amargurados de hoje!

No Ocidente, a idéia do Espiritualismo, é baseada nos princípios materiais, e como tal, encontra-se em franca decadência, razão porque, a maior parte dos homens, em ânsias de um ideal desconhecido e salvador da situação atual do mundo, confunde a Verdade pura e imaculada, com esses pruridos mórbidos do verdadeiro ideal, os quais denomina de: - Anarquismo, Marxismo, etc. etc.

E por isto mesmo, "sobre o Cáucaso, Prometeu continua acorrentado, desiludido e amarguradamente infeliz". E sob o Gólgota, a silhueta de Jesus, continua crucificada pela humanidade!

Aqueles que procurarem liberdade, embora até então restringida ao vergastulo cruel do carrasco, ao frio mortal da Sibéria, as cadeiras elétricas, as forcas e aos fuzis assassinos, por meios semelhantes, isto é, através da tirania, a revolução social, com todas as suas desgraças - os morticínios, o saque, o incêndio, a anarquia sangrenta, enfim, não alcançarão a meta desejada. "Só em Deus, no amor, na renúncia, no sacrifício, na solidariedade humana está o bem, como só na esfera espiritual, a única espiritualidade!"

O povo que confia a sua sorte, apenas a pretensos salvadores, déspotas ou ditadores, está condenado a sofrer os mais sérios reveses. Um povo só se constitui em grande nação no mundo, procurando elevar-se moralmente todas as suas classes, envidando todos esforços para que, cada indivíduo se torne um ser consciente e digno, conhecedor dos seus direitos e deveres.

É por nós, espiritualistas sinceros e abnegados, que precisa repercutir aos quatro ventos, o grito de dor contido e abafado no peito de todos os nossos irmãos em humanidade, por falta desta Verdade, a nós confiada, como um Tesouro de valor inestimável, e para ser distribuída entre todos os sequiosos de Luz!...

Os tempos esperados já chegaram!... De fato, este é o reinado da Sabedoria dos deuses imortais - a **TEOSOFIA** -, pois que a necessidade atual do mundo, exige que "Os Seus Vigilantes Guardiães", tragam-na à luz do mundo profano, para que se realize o grande Ideal da *Fraternidade Branca* - PAZ, AMOR, LUZ e PROGRESSO entre todos os seres!

Esta sublime Verdade espalhará o bem estar, largamente, entre as classes desafortunadas, através da Sabedoria, da Caridade e do Altruísmo; e assim, os homens esquecerão esses ódios de classes que retardam o progresso e a felicidade da própria humanidade; porque a moral ascendente desta não pode operar, senão tanto quanto os homens progridam lado a lado, de mãos dadas e se considerem todos como irmãos de uma mesma família, filhos da mesma mãe.

Eis porque é essencial combater tudo quanto possa fazer nascer o ódio entre os homens; tudo quanto lhes possa, direta ou indiretamente, concorrer para que se considerem inimigos.

Mr L Dramard, nas suas cartas sobre a Teosofia, no "Lotus Bleu" de Abril de 1890, pág. 90, diz: "Contrariamente ao Dogma Católico, a Doutrina Esotérica ensina que a salvação ou progresso moral do próximo, de nossos parentes, de nossos amigos, de nossos compatriotas, de nossos irmãos dos reinos inferiores, do Universo inteiro, deve ser nosso móvel principal, mesmo sob o ponto de vista egoísta de que o nosso progresso aí está, intimamente ligado, e que salvo exceções motivadas por prodígios de abnegação, nós não podemos marchar para diante, senão impulsionados pela humanidade a que pertencemos".

Como sabeis, não existe na Natureza, senão um princípio universal, eterno e ativo; não podendo haver dois, porque senão seriam semelhantes ou diferentes. Se são diferentes, eles se destroem; se são semelhantes é como se fôra um só. A *Unidade do designio no grande Todo* infinitamente variado, anuncia um só princípio; este princípio deve agir sobre todo o ser, onde ele não é mais universal". Se ele age sobre todos os modos de todo ser. Não há, pois, um só movimento, um só modo, uma só idéia que não seja o efeito imediato de uma Causa Universal, sempre presente. A matéria do Universo pertence, pois, a Deus, do mesmo modo que as idéias e outro tanto a matéria. Dizer que alguma

coisa está fora dele, seria dizer que existe alguma coisa fora do Grande Todo; *Deus sendo o Princípio Universal de todas as coisas, todas existem nEle e por Ele.*

Vê-se por esta citação que resume bem a Unidade da Natureza, a necessidade da união, ou melhor, da *confraternização* dos homens, para o bom prosseguimento da construção do edifício humano.

Dividir com os que nada possuem, compartilhar das dores dos deserdados da sorte; alegrar os tristes, são verdades tão elementares, que parece pueril anunciá-las numa época em que se afirma ser "o expoente máximo da civilização humana!" E no entanto, todo o conflito social não reside, senão no esquecimento completo deste ideal de Fraternidade, exigência natural das coisas, tal como acabamos de provar! (9)

Daí... a necessidade de que todos os homens, procurem realizar o sublime ideal sintetizado nas palavras de H.P.B.: "AQUELE QUE VIVE PARA A HUMANIDADE, FAZ MUITO MAIS DO QUE AQUELE QUE POR ELA MORRE".

Assim, é a minha missão, ou melhor, a missão de Dhâranâ para a América do Sul, como pode ser a vossa, almas grandiosas que aqui vos encontrais reunidas, prova que o assunto vos interessa, e como tal, a Centelha Divina que habita dentro em vós, já despertou do seu tristonho dormir, obrigando-vos a tomar parte no Grande Trabalho da atualidade.

"Tudo pela Sinarquia. Nada pela Anarquia!"

Chegamos ao ponto mais interessante desta Mensagem: A Missão de Dhâranâ.

Aqueles que acompanharam os números anteriores de nossa humilde revista, principalmente o último, onde vem publicada uma Biografia da Dhâranâ e do seu Diretor-Chefe, trabalho este de um dos mais esforçados membros que resistiram ao grande embate das provas iniciáticas, que nos foram exigidas nestes 3 longos anos, poderão verificar quão dolorosa foi esta etapa a percorrer na Vereda dos Mestres!

Obedientes à *Voz do Silêncio*, tivemos que conservar no recôndito de nossas almas em purificação, todas as injúrias que a maldade, despeito e ignorância de *nossos inimigos gratuitos* - os transfugas da Obra - ousaram lançar sobre nós outros, visando, principalmente, o Diretor-Chefe, por ser o... *autor de um problema difícil de ser resolvido por mentalidades mediócras!*...

A Verdade, zelosamente conservada no seio dos deuses imortais, só pode ser revelada àqueles que fizerem jus a posse de tão valioso tesouro!

O chela (discípulo) deve utilizar-se o menos possível dos conselhos e auxílios de seu Guru (Instrutor), porque ele deve ter sempre em mente, este aforismo oculto: *"O adepto faz-se, não é feito"*.

A grande Vereda da Iniciação, é erizada de espinhos e os obstáculos para alcançar o seu término glorioso, são de tal ordem que, mistér se faz o discípulo tornar-se surdo às vozes de escárnio e de maldade, partidas da negra floresta de Maya (a ilusão) e de Avydia (a ignorância), que serpenteia por toda ela. (10)

Uma única voz deve ser ouvida, respeitada e atendida pelo discípulo que deseja alcançar o fim da jornada: é a Voz do Silêncio ou do Mestre.

Vós sabeis que a Luz não ressaí sem a sombra!

Como podemos encontrar beleza e perfeição em uma tela que se diz de valor real, se ela não possuir os indispensáveis contrastes, para que através a "nuance" das suas cores, todos os contornos se destaquem com vida e nitidez?

É um dos axiomas bem conhecidos da Cabala: "Daemon est Deus inversus".

O grande arcano, isto é, o segredo incomunicável e inexplicável, é: A ciência do bem e do mal.

"Quando tiverdes comido do fruto proibido desta árvore, sereis como deuses", disse a serpente. "Se o comerdes morrereis", responde a Sabedoria Divina.

Assim, o bem e o mal frutificam em uma mesma árvore e saem de uma mesma raiz. Reunir o bem e o mal, é uma obra de alquimia difícil de ser resolvida, tal como juntar em uma só fusão, dois metais desarmônicos ou antipáticos, como sejam: *Ouro e Mercúrio*.

No entanto, ouro é mercúrio e mercúrio é ouro, se soubermos interpretar a famosa fórmula mágica da Alquimia Divina!

O bem e o mal são duas forças aparentemente hostis, mas que pendendo para o equilíbrio, não cessam de oscilar para um e outro lado, como causa eficiente do movimento e vida; ou melhor, como força compensadora da evolução das coisas.

Por isto mesmo, tanto o *bem* pode transformar-se em *mal* - Magia Negra, como o *mal* em *bem* - Magia Branca. Questão apenas de intenção ou fim a que se deseja empregar um ato ou coisa!... Bem razão tinha Blavatsky, quando dizia: "Entre a mão direita e a esquerda existe um tênue fio de teia de aranha".

Quanto mais a centelha Divina afastar-se do grande Sol que a dispende, no seu excesso de transbordo de amor e de sabedoria, tanto mais ela perderá os seus atributos divinos, sintetizados em Onipotência, Onisciência e Onipresença, restando-lhe apenas o último, ou seja: - a sua manifestação em tudo quanto existe na Natureza, com perda de conhecimento de sua própria individualidade, pelas camadas inferiores ou grosseiras em que jaz adormecida. (11)

Outra coisa não representa a fábula hindu do deus Indra!

Do mesmo modo, quanto mais perfeito for um ser que baixe ao mundo, ou uma Obra que esteja sobre os auspícios das Potências Superiores que regem o destino dos homens e coisas, tanto maiores serão os obstáculos e sofrimentos, em um plano diametralmente oposto ao que acontece na matéria física.

Eis, meus caros irmãos e amigos, o motivo porque Dhâranâ não podia escapar a lei justa da evolução das coisas, pela sua *desarmonia ou contraste com o mundo dos sentidos*.

E daí... o BEM é toda a Sabedoria que vimos espalhando entre os nossos irmãos em humanidade, toda a alegria de que se acham possuídas as nossas almas; e MAL é todo esse cabedal de experiências, certezas e verdades que completaram a famosa fórmula mágica de que falei, isto é: *Ouro e Mercúrio* - o bem e o mal - entrelaçados ou unidos em dois triângulos, formando uma só coisa, uma só força e poder.

Com o desaparecimento do mal, a vitória do bem, com a conquista da meta desejada, usufruída no dia de hoje, neste doce e fraternal convívio em que nos encontramos. Tudo quanto vos disse, vem por sua vez demonstrar que homens não podem julgar homens, quanto mais - coisas que se encontrem fora da órbita do mundo em que eles vivem!

A lei do Karma ou da Compensação, é a única *justiça* manifestada na terra que possui semelhante direito. No entanto, perguntar-lhe muitos: Será Dhâranâ o expoente máximo da perfeição para que se não possa fazer um juízo crítico a seu respeito? Dhâranâ é, na atualidade, a perfeição exigida pelo próprio progresso evolutivo da humanidade.

A perfeição máxima, só se manifesta no fim ou no máximo da evolução dos homens e coisas; ou melhor - quando a Grande Roda de Fogo houver voltado mais algumas vezes sobre si mesma e completado o Círculo Mágico da evolução planetária, para que Pai-Mãe entrando na Eternidade, em um sono e descanso reparadores, desperte novamente um dia, afim de continuar a eterna marcha da criação.

Voltando ao que Dhâranâ é, na atualidade, faz-nos lembrar as sábias palavras de Mr Sinnett, na sua obra "O Mundo Oculto", onde ele procura defender H.P.B. de falsas acusações. Diz ele: "E quais são os predicados especiais que fazem da Sociedade Teosófica, cuja organização e funcionamento estão muito longe da perfeição, o melhor agente para a propagação das verdades ocultas?" A resposta cifra-se em duas palavras: o zelo e outras qualidades e circunstâncias especiais que concorrem na pessoa da sua fundadora - Madame Blavatsky". Essa mesma resposta, pode ser aplicada a qualquer núcleo espiritualista, inclusive Dhâranâ, desde que possua "esse zelo e outras qualidades e circunstâncias especiais" a que se refere Mr Sinnett, e que ninguém pode contestar, pois são os próprios Seres que formam a Grande Hierarquia oculta ou Fraternidade Branca do Himalaya, que dizem: "A porta está aberta a todo aquele que seja sincero e virtuoso, portanto, em condições de trabalhar juntamente conosco, a favor da humanidade".

Isto, meus amados irmãos, vem demonstrar "quae farte", que não pode haver exclusividade, quer para Dhâranâ, quer para a Sociedade Teosófica ou outro núcleo qualquer, desde que estejam nas condições exigidas pelos próprios Seres que se servem de homens e coisas que representem real valor, afim de formarem o grande Exército de Obreiros da Construção do Edifício Humano.

Dhâranâ, é filha legítima das tradições tibetanas, e o Budhismo renovado que ela prega no Ocidente, não é, senão, a Teosofia pregada por Blavatsky, segundo os ensinamentos que ela recebeu daquelas tradições, principalmente por intermédio de seu Mestre amado - o Mahatma Koot Hoomi Lal Sing, o verdadeiro autor da Doutrina Secreta, cujas palavras em uma das suas cartas precipitadas, vêm confirmar o que ficou dito: "Nós só veneramos a memória de um homem na terra - Gautama, o Buda". Este Mahatma, aliás muito mal compreendido, até mesmo nos dias de hoje, não é outro, senão o grande adepto caldeu Qu-tamy, que escreveu a "Agricultura nabateniana", traduzida em 1860, por Chwoldon, dos cuneiformes caldeus, um dos maiores monumentos das Iniciações antigas, conforme o discípulo inteligente poderá deduzir do que H.P.B. diz na Doutrina Secreta, pág. 10 (edição especial). Somente um adepto desta categoria, poderia ditar este outro formidável monumento que há de, futuramente, ser considerado a Bíblia da Humanidade - a Doutrina Secreta.

Não precisa ser uma celebração teosófica, para coligir das palavras da supracitada carta, que o Mahatma Koot Hoomi e os outros a que ele se refere com o pronome "nós", outra coisa não eram senão budistas, já porque todo o Tibet se acha sob a égide dos grandes "Seres de Sabedoria", já porque a Quinta-raça a que pertencemos, está sob o domínio de BUDHA-MERCÚRIO, cujo fim principal é: o desenvolvimento intelectual da Humanidade. (12)

Não desejo alongar-me neste assunto, a não ser quando na Sexta parte desta Mensagem falar sobre a Teosofia.

No entanto, para salvaguardar a nossa afirmativa de hoje, devo dizer aos interessados que quando Madame Blavatsky na "Chave da Teosofia", declara que nada há de comum entre *Teosofia* e *Buddhismo*, teve em mente afastar toda idéia de crença religiosa; e a prova disto é que mais adiante, ela fala em Budhismo com um *D* e Buddhismo com dois *DD*.

De fato, o Budhismo que Dhâranâ prega, é escrito com um *D* apenas, proveniente de Bodhi, que quer dizer: inteligência, sabedoria, etc, etc.

Ela não podia falar de outro modo, já porque os seus Mestres (a maior parte), se diziam budhistas (inclusive o Mahachohan), já porque todas as suas obras, como: a Doutrina Secreta, a Voz do Silêncio (esta exibida no Livro Preceitos de Ouro), etc, etc, foram bebidas no grande manancial tibetano, inclusive; no fabuloso tesouro oculto guardado pelo Taichu-Lama, no seu retiro privado em Tjigad-jê.

Mas... perguntarão outros: E porque Dhâranâ, além de Budhista (ou melhor - Teosofista) se diz Maçonica?

A Agartha (Maçonaria, Força, Poder, etc) é o complemento do Lamaísmo ou Budhismo do Norte; e a prova disto é que ambos são dirigidos por um só e mesmo Senhor. Blavatsky era... MAÇON, e Olcott, budhista. Eis as duas colunas primitivas que mantiveram de pé o Edifício Teosófico durante bastante tempo. A idade forma a unidade perfeita, ou os *dois* em *um*. As colunas J e B da Maçonaria antiga, cujos significados são múltiplos, vos respondem pela asserção destas palavras. Em Dhâranâ, não só a sua Missão é representada pelo *Budhismo* e *Maçonaria*, como também pelo mesmo fato acontecido com a S.T. sendo que, em Dhâranâ os pólos... são invertidos. O Diretor-Chefe (Henrique), representa a Maçonaria Indiana e Egípcia; e a *Zeladora* do Templo (Helena) o Budhismo.

E... os Senhores do Karma, no seu alto saber, teceram a vida do mísero discípulo, tão semelhante com a da Mestra amada, que nem mesmo um *John King* (?) faltou, embora com o nome de *Samael*, conforme podeis verificar pela Biografia de Dhâranâ, publicada no último número de sua revista.

Esse que se intitula de *Samael*, pode muito bem ser, tal como diz Mario Roso de Luna, no seu primoroso trabalho intitulado - El Libro que mata la muerte, - um "Jina" das cavernas subterrâneas... (bem perto de nós, talvez) pois que... por toda a parte falam as entranhas da terra, onde existe um "reino desconhecido" para os profanos, governado pelo verdadeiro *Rei do Mundo*. (13)

E a *coincidência* nesta igualdade de nomes, coisas e fatos, chegou a tal ponto, que não faltou ao pobre discípulo - o epíteto maldito de "mago negro". (14)

Sim, amados irmãos, como H.P.B., o Diretor-Chefe de Dhâranâ, sofreu a injúria cruel desse epíteto sarcástico e maldito... por ter imposto uma missão ao mundo, através o que o vulgo denomina de "milagres", embora ambos (Mestre e discípulo), soubessem que - "não é com o engodo das maravilhas com que os grandes Seres procuram recrutar os candidatos à Iniciação. Sabiam e sabem que - "quando o discípulo está preparado, o Mestre aparece"- e... por isto mesmo, com a ordem deste *Mestre* que lhes havia aparecido, foi que, tanto um como outro, ousou profanar o sábio aforismo dos mahatmas, para que a sua própria Obra pudesse ser aceita *no mundo das exigências... fúteis*.

Esses "pretensos milagres", que são considerados o maior crime que ambos praticaram, lhes devem ser

perdoados, principalmente a Ela - a Mestra -, pois o feto de ambos, meus amados irmãos, foi um único : - despertar a Verdade adormecida no coração de cada homem, pelo único meio que a humanidade pode acreditar naquilo que é seu dever buscar, incessantemente, com todo amor e carinho.

Os charlatães que procuram lançar a Verdade através de "pretensos milagres", são muito menos culpados que aqueles que lhes exigem semelhante sacrifício! (14)

Em um dos momentos mais dolorosos da vida da Mestra, ela proferiu estas memoráveis palavras, repassadas de dor e de angústia, pelas ingratidões dos seus *maiores amigos e discípulos*: "Amontoai pedras, irmãos e boas irmãs e lapidai-me até a morte, por ter eu, com a palavra dos Mestres, procurado vos fazer felizes". Ambos, por serem obedientes aos Mestres de Sabedoria, foram arrastados na rua da amargura. Como estes, têm sido e serão todos aqueles que tiverem a missão de semear a boa semente nos áridos campos do mundo físico! O que será o dia de amanhã, esta incerteza futura que tanto atemoriza os homens? Pela parte que me toca, por pior que ele seja, não me afastarei um milímetro sequer, da trajetória traçada por Aqueles que nos confiaram tão pesado, mas sublime encargo. Há de ser sempre através da Maya budhista, com que a Verdade será difundida entre os homens, para que este Tesouro valioso, conservado há milênios no seio dos deuses, jamais se perca ou seja profanado pela ignorância e maldade dos homens. Tal como outrora a casta Diana, a Natureza fere de morte, o temerário que a surpreende sem véu; porém, Ela oferece seu beijo furtivo e sua carícia de Luz, ao homem simples e laborioso que não cobiçou o poder oculto para uma obra de egoísmo. Assim, também, o profundo simbolismo que a Bíblia nos oferece na Árvore do bem e do mal! A Ciência Divina é lançada através da Maya budhista, desde as imemoriais Estâncias de Dzyan, as Parábolas de Gautama, de Jesus, até os Versos Dourados de Pitágoras, etc etc.

A Iniciação Hermética e Cabalística dos Santuários da Índia, da Etrúria e da Hellade, tanto como entre os Egípcios e Hebreus, todos os ensinamentos esotéricos são revestidos de diversas formas e simbolismos, em aparência, os mais contraditórios, traduzem, no entanto, para o eleito, a Verdade sempre uma, na língua invariável do fundo ou na base, dos mitos e dos emblemas.

"Se compreenderdes a palavra oculta expressa nos hieróglifos sagrados, e até mesmo na imobilidade e frieza dos templos e das esfinges; se percorrerdes os templos onde predomina, ainda, a grande Obra de Ram, seja nas Índias - em Lanka d'Ayodhia, de Guyah, de Methra, de Dewarkash; no Iran - os de Vahr, de Balk, de Bamiyan; no Tibet - os do Monte Boutala e de Lhasa; na Tatarah - os de Astrakan, de Gangawas, de Baharein; na Caldéia - os de Ninveh, de Han, de Houn; na Síria e Arábia - os de Askala, de Balbeck, de Mambyce, de Salem, de Rama, de Mekka, de Sanah; no Egito - os de Thebas, de Memphis e Amon; na Etiópia - os de Rapta de Meroé; na Thracia - os de Hemus, de Balkan e de Concayon ou Goy-Hajoun; na Grécia - os de Parnaso e de Delphos; na Etrúria - o de Bolsen; em Osk-tan, antiga Ocitania - o de Nimes; entre os Iberos da Espanha, irmãos dos Hebreus e dos Iberos do Cáucaso - aqueles de Huesca e Gadés; entre os Golaks ou Gauleses - os de Briacte, de Perigueux, de Chartres, etc, etc, encontrareis sempre a Verdade uma, sintetizada neste véu que parece ilusão, mas que se rasga, repentinamente, aos olhos do adepto, quando ele haja percorrido a grande Vereda da Iniciação!

Comparai ainda, os mandamentos do Manú com os de Jesus, com todos os preceitos de Krishna, de Zoroastro, de Pitágoras e até mesmo com os de Fo-hi, na China, sempre e sempre haveis de encontrar a mesma Verdade, embora adaptada à língua de cada povo e a sua respectiva evolução. O genial teósofo - Dr Mario Roso de Luna, diz no Capítulo XXX ou último de sua maravilhosa obra: "El Libro que mata a la muerte, o Libro de los Jinas: Um filósofo que, como todo bom filósofo, é polígrafo e sabe de física, de matemática e outras muitas coisas, depois de haver vaticinado, intuitivo, o fato estupendo do "pêso da luz", lançou valentemente a sua teoria da Relatividade, teoria que bem entendida e generalizada, não é outra senão a *antiquíssima da Maya buddhista* (o grifo é nosso), reproduzida a seu modo, por Schopenhauer, ao considerar (O Mundo como Vontade e como Representação), a tudo quanto nos cerca, como a mera representação ou *projetiva*, que dista, em verdade, da objetividade representada, outro tanto, quanto dista nossa mente finita da Mente Infinita que emanou o Universo".

Este filósofo benemérito, cujo melhor intérprete espanhol está sendo o catedrático Don Blas Cabrera, é o grande Einstein, nome que por si só, representa, segundo frases daquele, nas suas conferências na América e no Ateneu de Madrid - "a vitória dos métodos filosóficos de raciocinar sobre os estritamente científicos, do mesmo modo que assinala uma era nova que encerra o ciclo mental que Newton, ou melhor, Cartésio, abriu".

De fato, dizemos nós, esta Maya Buddhista e até mesmo esta *Relatividade Einsteiniana*, são os recursos com que no mundo físico pode ser demonstrado tudo quanto paira fora da sua órbita.

A capa grosseira que envolve o homem, não lhe permite a percepção, senão por hipóteses, de tudo quanto esteja fora das raíças do plano em que o mesmo vive, a não ser que se trate de um ego evoluído, cuja visão extra-terrena, possa alcançar aquilo que se passe nos planos ou mundos da quarta e mais dimensões.

Eis porque, todas as iniciações são dadas aos discípulos, por meio desta Maya, para que eles, por seus próprios esforços, possam através do véu espesso da ilusão, encontrar a Verdade nua ou desvelada.

Não podia ser de outra maneira, portanto, que Dhâranâ passaria por este período iniciático de três anos, afim de ser o que ela é no dia de hoje. Do mesmo modo, acontece em todas as Escolas de Iniciação do Oriente, e que para o Ocidente vem como tradição, através a Maçonaria, sendo que nesta podemos chamá-la de uma "dupla Maya".

Quanto ao Diretor-Chefe de Dhâranâ, não poucos são aqueles que desejam saber quem ele seja, para encontrar-se à frente de uma Obra como esta.

Repetimos as mesmas palavras das misteriosas personagens de outrora: "EGO SUM QUI SUM (*Eu sou quem sou*), ou melhor: *Eu sou aquilo que todos vós sereis quando souberdes interpretar a famosa inscrição do Templo de Delfo*: - Nosce te ipsum (Conhece-te a ti mesmo).

Se assim não o quiserdes, então vos direi: *Sou filho das misérias e paixões humanas, e por isto mesmo, preciso ser aquilo que a Voz do Silêncio exige que eu seja.*

O outrora, quando o discípulo havia alcançado o terceiro grau iniciático, e encontrava-se diante do Grão Coptha, depois das duras provas porque havia passado, ouvia do mesmo Senhor, estas palavras que exprimem um mundo de Amor e de Sabedoria: "Foste, sucessivamente, revestido dos três graus de nossa Ordem; nós te saudamos como um S.'. I.'. (Superior Incógnito), e quando houverdes transcrito e meditado sobre os papiros, serás, por tua vez, um Iniciador. Em tuas mãos fiéis, será depositada uma importante missão; o cargo incumbir-te-á, mas também a honra, de formares

um grupo do qual serás ante a tua consciência e a Humanidade Divina, o Pai intelectual e ao mesmo tempo, o Tutor moral".

Não se trata de impor-te convicções dogmáticas. Que tu sejas materialista, espiritualista; que tu professes o Cristianismo ou o Budismo; que te proclames livre-pensador ou que te afeiçoes, mesmo, ao ceticismo absoluto, pouco nos importa; nós não queremos contrariar o teu coração, molestando o teu espírito sobre problemas que não deves resolver, senão, face a face com a tua consciência e no silêncio solene das tuas paixões abafadas".

"Repleto de um amor verdadeiro por todos os teus irmãos em humanidade, não procurarás, jamais, desligar os laços que te prendem estreitamente ao reino hominal, considerado em sua síntese; és de uma religião suprema e universal, porque é Ela que se manifesta e se impõe - multiforme, é verdade, mas essencialmente idêntica a si mesma - sob os véus de todos os cultos exotéricos do Ocidente e do Oriente".

"Psicólogo, dá a este sentimento o nome que tu quiseres: Amor, Solidariedade, Altruísmo, Fraternidade, Caridade". Economista ou filósofo, chame-o tendência ou Socialismo, se tu o quiseres... ao Coletivismo, ao Comunismo... As palavras nada valem!...

"Honra-o místico, sob os nomes de Mãe Divina ou de Espírito Santo". Mas quem quer que tu sejas, não esquece, jamais, que em todas as religiões realmente verdadeiras e profundas, isto é, fundadas sobre o Esoterismo, a chave de toque da Obra deste sentimento, é o ensinamento primeiro, capital, essencial deste mesmo Esoterismo". E, continuando neste tom, o grande Senhor, proferia palavras outras, que não as posso revelar... mas, que representavam um oceano de Amor e de Sabedoria, ao novo *obreiro* da construção do Edifício humano!

Os tempos apontados pelos profetas de todas as épocas, são chegados! Uma Nova Aurora portadora de venturosos dias, aproxima-se para o mundo, principalmente a América do Sul, qual ISIS vitoriosa, sobre o seu carro de ouro arrastado em vertiginosa carreira, pelos cavalos alados da manhã, e seguida de um verdadeiro exército de deusas protetoras, afim de tomar posse do trono que lhe pertence na Terra, para o glorioso reinado da Sétima sub-raça!

E, por isto mesmo, espiritualmente sinceros, irmãos que trilhaiis por caminhos diferentes, mas que conduzem ao mesmo ponto! Mistér se faz que a lenha colhida na peregrinação por este planeta de provas, não seja negada à Fogueira Única que ilumina todas as almas sequiosas de Luz, famintas e perdidas no deserto árido da vida, a fim de que, guiadas por este Luzeiro protetor e bendito, elas possam seguir as pegadas dos Cavaleiros andantes da grande Jornada, que conduz todos os homens ao cimo da abençoada Montanha, onde brilha por toda a eternidade - o Triângulo Mágico da Iniciação!

Sob o mesmo Estandarte, empunhado pelos sublimes Seres da "Hierarquia Oculta", à frente de um verdadeiro exército de "gênios construtores", todos nós, sem distinção de credo, casta, sexo ou nacionalidade, devemos nos alistar para que seja realizado, o mais breve possível, o magno Trabalho da atualidade!

Colombo, o iluminado, trazia a gloriosa missão de descobrir a América, desvendando um novo horizonte a todos os povos, ou melhor, o lugar onde futuramente deveria nascer a Sexta sub-raça.

Cabral, outro iluminado, completava o grande desejo dos Dirigentes da Evolução de nosso planeta, descobrindo o Brasil, - o privilegiado país, onde a Sétima sub-raça viria edificar o seu glorioso reinado. Após a vitória de Cabral, a escravidão negra, como necessidade orgânica construtiva da raça futura, pelas sábias mãos dos Senhores do Karma!

Atirada no fundo do "navio negreiro", a abençoada mônada do Califado Omeya, era trazida para este país, onde um dia, ela por sua vez, teria que libertar da escravidão, da ignorância e da maldade, a mesma mônada que outrora escravizara... terminando, deste modo, o vitorioso ciclo da Quinta raça-Mãe ariana, ou melhor, os últimos rebentos daquelas escolhidas sementes dos Atlantes, que o Manú Vaisnavata conduziu há 850.000 anos atrás, para a Terra Imperecível que nenhum cataclisma pode destruir!

"Sursum corda! É o grito das almas; é a divisa dos hierarcas no trabalho de ascensão; é o Verbo dos Chamados que serão os Escolhidos! O Triângulo divino irradia nos cimos! Para ele, eleva-se a dupla escada de Jacob, cujos degraus mais altos se perdem nas nuvens! Algumas almas sobem sem desfalecimento, embora como homens, ainda, mas "cujos flancos de baixa argila são carcomidos (atormentados) pelos desejos de Deus; desaparecidas no nevoeiro do infinito as de baixo perdem-nas de vista, enquanto elas recebem no alto a Iniciação. Elas voltarão em seguida; mas... tal como aconteceu a Moisés, a Luz contemplada face a face, terá deixado sobre as mesmas, o reflexo; voltarão arcanjos, para convidar as almas audazes à escalada do céu: "Violenti rapiunt illud".

Se o absoluto não se pode revelar aos filhos dos homens, que os fortes subam até ele para fazer a sua conquista. Logo que estejam de volta para seus irmãos mais tímidos, afim de render homenagem à Luz, estes poderão reconhecer pela auréola de sua frente, que sem cessar de ser Filhos da Terra, eles se fizeram naturalizar Filhos do Céu".

Desde o o schisma dos gnósticos até o século atual, a vida dos adeptos nos aparece em constante martírio; Veneráveis seres excomungados; patriarcas no exílio; adeptos da mesma Verdade, guardaram na prova, a heróica serenidade dos portadores da Fé.

Mas, dia virá em que os antigos hierofantes, os grandes adeptos e seus discípulos, conduzindo o Facho Sagrado, deixarão de ser imbecis charlatães levados as fogueiras e as celas mefíticas das cidades, ou arrastados na lama da crítica infrene dos perversos e ignorantes, com os nomes de *Magos Negros e de exploradores da credence pública!*

Então, ó Buda! ó Cristo! os teus magos prosternados diante de teu berço real, tendo por toda a parte espalhado a Tua Sabedoria, testemunharão em altas vozes, que o teu reino é chegado: *Adveniat regnum tuum!* Esperando que possa raiar esta Aurora abençoada de Justiça e de Sabedoria, nós seremos forçados a aturar da turba ignorante, nossa irmã, embora o ridículo da *imbecilidade e charlatanice* de nossas aspirações de Paz, Amor, Luz e Progresso para toda a Humanidade!

Glória aos Senhores da Hierarquia Oculta! Seja a Paz com todos os seres!

H.J.Souza
Diretor-Chefe de Dhâranâ

(1) Por um gesto de fraternidade da parte do Presidente da *Cruzada Espiritualista*, pondo à disposição de Dhâranâ o vasto salão da sua sede, esta Sociedade pôde dar início a sua série de conferências públicas, na capital, em 28 de Outubro de 1927.

Foi aí, portanto, que a presente Mensagem foi lida perante uma assistência numerosa e seleta, e com um Programa variado, incluindo números de música sacra e o Hino Dhâranâ. Neste programa também tomou parte nosso amado Irmão Eng. Dr Eduardo Cícero de Faria, cujo valioso trabalho será publicado no próximo número desta revista.

(2) Se o leitor houver lido os números anteriores desta revista, já deve estar ciente que, aqueles que se arvoraram em juizes de uma Obra que nós mesmos desconhecíamos no começo, foram três ou quatro membros *demissionários* de Dhâranâ, cujo procedimento indigno de espiritualistas, obrigou-nos a uma expulsão "mayavica" (embora concedendo-lhes o direito de pedir demissão), e que para ela, Dhâranâ, entraram em busca de assuntos exclusivamente materiais (incluindo os que se intrometeram na vida doméstica do Diretor-Chefe, querendo promover casamentos, etc, etc!!!)

Arvorados em "cristãos" ou "buddhistas"... mas armados de punhais de traição, covardia, despeito, inveja e maldade, sem direitos e sem moral, enchiam tiras de papel numa linguagem de bordel, para as colunas de um jornal em vésperas de falência (hoje falido), *defendendo a cristandade humana*, como se o Cristo erguido na Cruz fora o símbolo cruel da tirania e da maldade!

Em tempos tais... a prece a beira do altar é: "Venha a mim todos os bens, porque eu só, sou... a *virtude*. Não posso perdoar o meu próximo, porque... ele ocupa um lugar no mundo que me pode faltar!..."

E para gáudio dos *jesuítas* (?), é deste modo dispersivo com que se procura concorrer para Trabalho uno! Satisfeitos... eles poderão repetir aquelas palavras de outrora: "AD MAJOREM DEI GLORIA".

Infelizmente somos forçados a dizer que alguns membros da S.T. (felizmente em número pequeníssimo), pelo simples fato de terem dado ouvidos a alguns desses *demissionários*... levados, talvez, por títulos e brasões de que são portadores alguns deles - mas que não valem a honrada ferramenta de um simples operário - ousaram fazer um falso julgamento de uma Obra que não conheciam, concorrendo para uma campanha de difamação, eles que se dizem defensores do ideal da Fraternidade humana... procedendo do mesmo modo que os celeberrimos discípulos e amigos de H.P.B. Felizmente, o Karma, na sua infabilidade, procurou reunir em Dhâranâ, no seu início, os... duplamente divorciados *dos esposos e... da moral, para serem os seus detratores!*... Um dos muitos sinceros membros da S.T. (Sociedade que só nos ligam à ela, os laços de fraternidade e admiração, como sendo o esforço máximo do incompreendido "ego", que teve o nome de Helena Petrovna Blavatsky), que hoje privam conosco, disse-nos na primeira vez que ousou despojar-se da timidez, provocada pela calúnia dos detratores de Dhâranâ: "Meu caro Irmão, quando eu passava próximo à sede de Dhâranâ, temia as vibrações das correntes de Magia Negra... tal o juízo que d'Ela se fazia nas Lojas Teosóficas". A sinceridade da confissão destruiu a grande mágoa que a mesma nos trazia. Tínhamos o direito de dizer muita coisa sobre quais são os "praticantes de Magia Negra"... e também o verdadeiro motivo da saída desses membros de Dhâranâ, nomes e... muita coisa mais. Não o fazemos, absolutamente, já pelo mais mezinho princípio de educação, de que - "quem tem vergonha não envergonha os outros", já porque, procedendo deste modo, estaríamos no mesmo nível moral daqueles cujo gesto indigno de espiritualistas, condenamos. Os interessados que se reportem as palavras de H.P.B. quando na "Chave da Teosofia", pág. 38 (edição especial), ela fala sobre os que se tornaram indesejáveis na S.T. e cujas palavras podem ser aplicadas a qualquer núcleo onde se cultiva a Verdade.

(3) Esta passagem do Hari-Purana, refere-se aos dilúvios e outros cataclismas, que de tempos em tempos se desencadeiam sobre o mundo, obedientes ao grande "mecanismo oculto" que dirige a evolução de nosso planeta.

Um dos maiores foi o desaparecimento da Atlântida, e que chega aos nossos dias, através de diversos manuscritos e pela tradição, sendo que o mais importante é aquele dos *Mayas* (povo da América Central), denominado *Tronao*, e que se encontra no British Museum (Museu Inglês). Vejamos o que dizem os hieroglifos nele contidos: No ano VI de Kan (um rei Maya), o undécimo *Muluc* do mês de *Zac*, produziram-se diversos tremores de terra, consideráveis e que continuavam quase sem interrupção, até o décimo terceiro de *Chuen*. - O país de *Mú* (a Atlântida) ficou inteiramente arruinado. Por duas vezes ele foi levantado nas suas partes principais, e na terceira desapareceu por completo; não ficou absolutamente nada. Foi durante uma noite que as erupções vulcânicas sacudiram este país com um abalo formidável.

Assim, sacudido em toda a sua extensão, este país acabou por abismar-se, incapaz que era de suportar por mais tempo o poder das convulsões cósmicas, e o país inteiro desapareceu com os 64.000.000 de habitantes que possuía, e isto 8.068 anos antes da redação do presente manuscrito. Ora, o manuscrito em questão, dataria de cerca de 3.500 o que dá 11.556 ou seja, o número mais ou menos indicado pelos Brâhmanes. Depois destes dilúvios, é que deveriam ter sido realizadas as migrações asiáticas. Alguns grupos da velha raça, tinham ficado sobre os altos planaltos do Himalaia, e em numerosas ilhas da Polinésia. - Os grupos da Índia encontraram na sua frente vastas terras e aí se desenvolveram, continuando sua velha tradição, e pouco a pouco os descendentes dos *Rutas* (homens vermelhos), invadiram o Globo, por duas vastas correntes, uma no Sul pelo Iran, a Arábia e o Egito; a outra pelo Oeste e ao Norte pelo Iran igualmente, mas em sua parte Ocidental, pela Ásia Menor, a Grécia, a Itália, o Cáucaso, a Escandinávia, a Alemanha e a Gália. Estas emigrações do Oeste e do Norte falavam o *Sânscrito* enquanto que as emigrações do Sul falavam o *Tamul*.

"E, eis porque, dizem os partidários da *Miragem Oriental*, quer no Oeste, no Norte ou Sul se encontram as mesmas tradições, as mesmas crenças religiosas, todas colhidas no *Grande Livro da Lei*. - Os *Vedas*, salvos, segundo uma lenda, por Vishnú no seu avatar de Peixe".

Quanto aos demais grupos dos descendentes de Rutas, poupados do grande cataclisma, sobre os restos do grande continente Polinésio submerso, perderam pouco a pouco a maior parte da recordação do passado, e obrigados a viver em ilhotas, inibidos, portanto, de progredir, perderam até a memória de seus antigos símbolos".

"A Índia e a Polinésia esqueceram sua origem comum, porque milhares e milhares de séculos as separam do seu único ponto de partida".

(La Doctrine Esotérique - E. Bosc)

Sobre a origem dos hindus, eis os que nos diz o legislador sagrado da Índia, Manú: "Nossos pais receberam dos Sábios, o nome de Vasyas; nossos antepassados eram os *Adityas*, e os antepassados de nossos antepassados, chamavam-se *Rutas*". (Liv. III)

Esta passagem do Manú, confirma uma tradição dos Brahmas da Índia, que nos ensina que a Raça hindu aborígine, descende de uma raça primitiva e anti-diluviana chamada *Raça dos Rutas*, que teria ocupado, antes do último dilúvio, toda a Ásia e o Continente da Polinésia.

Por acharmos interessante e de acordo com o estado atual da humanidade, transcrevemos alguns trechos da "Profecia do Rei do Mundo", de acordo com a obra de F Ossendowsk: *Bêtes, hommes et Dieux*:

"O Rei do Mundo, quando por momentos vibrou no mosteiro de Narabanchi Kure, em 1890, perante o seu santo Hutuktu e os sacerdotes do templo, fez a seguinte profecia: *Cada vez mais os homens esquecerão suas almas e se ocuparão somente de seus corpos. A maior corrupção reinará na Terra. Os homens tornar-se-ão semelhantes a animais ferozes, sedentos de sangue de seus irmãos. O crescente se dissipará, e seus adeptos cairão na mendicância e na guerra perpétua*".

"*As coroas dos reis, grandes e pequenos, cairão: uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito... Haverá uma guerra terrível (?) entre todos os povos. Os oceanos ficarão vermelhos de sangue... a terra e o fundo dos mares ficarão cobertos de ossos... reinos destruídos... povos inteiros morrerão... a fome, a doença, crimes desconhecidos das , e nunca antes vistos pelo mundo*".

"*Milhões de homens trocarão as cadeias da escravidão e das humilhações (?) pela fome, pela doença e pela morte*".

"*As maiores e mais belas cidades serão destruídas pelo fogo... uma, duas, três... No 50o. ano, três grandes reinos, somente, aparecerão e viverão felizes durante 71 anos. Seguir-se-á 18 anos de guerra e destruição. Então os povos de AGARTHI (melhor seria dizer - AGARTHA), sairão das suas cavernas subterrâneas (O grifo é nosso. Trata-se mundo dos "Jinas") e aparecerão na superfície da terra*".

Para melhor elucidação, transcrevemos ainda, outras passagens da mesma obra: "O Lama Gelong, favorito do príncipe Chultun-Bell, e o próprio príncipe, fizeram-me a descrição do reino subterrâneo. No mundo, diz Gelong, tudo é transitório e mutável - os povos, as religiões, as leis e os costumes".

"*Há mais de seis mil anos, um santo homem desapareceu com uma tribo no interior do solo e não mais apareceu na superfície da terra*".

"*Muitas pessoas visitaram, depois, este reino: "Çakya-Muni, Undur-Geghen, Paspas, Beber, e outros*".

"*O povo subterrâneo atingiu a mais alta sabedoria. A ciência se desenvolveu na tranquilidade, nada, aí, é ameaçado de destruição*".

"O príncipe Chultun Beyly ajuntou: *este reino de Agharti estende-se através de todas as passagens subterrâneas do mundo inteiro (o grifo é nosso)*". "Ouvi um sábio lama chinês dizer ao Bogdo-Khan, que: *todas as cavernas subterrâneas da América são habitadas pelo antigo povo que desapareceu sob a terra*". Quase todas as obras de Mario Roso de Luna, são detalhadas sobre o assunto, principalmente "*El Libro que mata a la muerte, o Libro dos Jinas*"; "*El Tesoro de los Lagos de Somiedo*"; "*Por las Grutas y Selvas del Indostán*" (de H.P.B. mas comentada pelo insigne teósofo); "*Por las Criptas Iniciáticas de Mexico*", etc, etc.

(4) A *Satya-Yuga* (Sâncrito: a idade da Verdade), Idade de ouro, a primeira do ciclo quaternário.

Discordamos do Sr Marques de Saint Yves d'Alveydre, cujas obras tem servido de paradigma para a maior parte dos escritores esoteristas modernos, quando na "Mission des juifs", pág. 60, diz: "*Satya-Yuga*" - idade da pedra, do ferro, de Siva, etc, etc, e *Kali-Yuga* - idade de ouro, ocasião das grandes colheitas, etc, etc. Não podemos admitir que se trate de um erro tipográfico, já porque o sentido está completamente invertido, já porque na dita Obra, existem erros muito mais graves, como provaremos na Sexta parte desta Mensagem, erros estes, que não estão de acordo com quem se dizia um *Iniciado Oriental* e... fazia pouco caso do Mahatma Koot Hoomi, por... ser um *Iniciado Ocidental*. A vaidade do Marquês chegou a tal ponto que ele afirma: a *Inicição Ocidental* ser muito mais valiosa do que a *Oriental*. Isto, porque ele não soube interpretar as palavras de um outro patricio seu: "O Oriente não tem mais folhagens, nem mesmo tronco, nenhuma vegetação aparente, mas nas entranhas do seu solo, ele possui sempre, fortes e vigorosas raízes. Ao contrário, as raízes do Ocidente são as que estão podres".

Por estas e outras... é que em Dhârânâ só são adotados os ensinamentos de H.P.B. através de todas as suas obras, por serem "a expressão mais perfeita da Verdade", nos nossos tempos; do mesmo modo, os de Mario Roso de Luna, por ser o continuador e único interpretador das suas obras; e, finalmente, as de Franz Hartmann, o discípulo e amigo dedicado da Mestra que, do mesmo modo, soube compreender e interpretar tudo aquilo que para outros, serviu para campanhas de difamação contra Ela, como sejam: as mensagens precipitadas, materializações outras, etc, etc. Tudo mais quanto por aí se vê, é bebido no manancial da Mestra, desgraçadamente deturpado ou com o tom de originalidade. "*Em terra de cego, quem tem olho é rei*".

(5) Quem são estes "super-homens" ou Mahatmas? São os "Vigilantes Guardiães", tal como diz H.P.B. que "conservam piedosamente a Verdade, e trazem-na à luz quando necessário". De acordo com o que ficou dito na anotação 3a., esses Mahatmas ou "gênios", devem representar "aqueles grupos da velha raça, que ficaram sobre os altos planaltos do Himalaia", hoje vivendo nas criptas e nos Santuários dos Templos existentes nos cumes elevados do *grande gigante* de granito, que separa o Indostão do Tibet. São chamados os *Irmãos da Fraternidade Branca* ou a *Grande Hierarquia Oculta*.

Esta Fraternidade conservou, cultivou e aumentou a preciosa herança que lhe foi legada pelas gerações passadas. Por continuação de um longo atavismo, estes Iniciados tornaram-se seres superiores à nossa humanidade, no triplice ponto de vista físico, moral e intelectual. Sobre o assunto, os interessados deverão ler as seguintes obras: "*O Mundo Oculto*", de P. Sinnett; "*Una Martir del Siglo XIX*", "*El Libro que mata la muerte, O Libro de los Jinas*", de Mario Roso de Luna e "*Les Premiers enseignements des Maitres*" e "*Lettres des Maitres de la Sagesse*", de C.Jinarajadasa. Aos mais avançados, diremos: procurem interpretar o "aspecto mahatmico dos Mestres".

(6) Veja-se a obra de Mario Roso de Luna - *Una Martir del Siglo XIX*, pags. 149 e seguintes, em referência às palavras da Sra Annie Besant, na sua conferência feita no Salão de Geografia de Paris, a 28 de Outubro de 1909, e na qual estava presente o ilustre teósofo.

(7) O nome de Mario Roso de Luna dispensa todo e qualquer elogio de nossa parte, tal o seu valor muitas vezes demonstrado nos mundos científico e teosófico.

No entanto, na Sexta-parte desta Mensagem, somos forçados a dizer algo de importante a seu respeito. Por ora, dizemos: todas as suas obras representam um Pantheon erguido à memória de H.P.B. ou "aquela a quem ele cognominou de: - *Una Martir del Siglo XIX*". Ele, não somente procura erguer o seu nome, desgraçadamente profanado e ridicularizado por ignorantes, despeitados e maldosos, na sua maioria - pseudo sábios - ou esse grande número de cientistas que não admitem que o *brilho de um Sol possa ofuscar a mísera chispa "mayavica"* de uma pobre estrela... morta; como também interpretar todos os seus ensinamentos, hoje mais do que nunca deturpados, até mesmo pelos seus discípulos de ontem... aliás aqueles que até antes de conhecê-la, podiam saber de tudo, menos... Teosofia. Mario Roso de Luna, é para nós outros, que fazemos parte do grande número dos fieis e dedicados discípulos da Mestra amada, o continuador e único interpretador dos seus maravilhosos ensinamentos.

(8) Leia-se a Obra de Mario Roso de Luna, intitulada: *Conferências Teosóficas em America del Sur*, 2o. volume. pags. 334 e seguintes, onde ele fala sobre - O Destino da América do Sul, etc, etc.

(9) Diz E. Bosc, na sua obra "*La Doctrine E'sotérique*", 1o. vol. pág. 23: "Não é preciso dizer, somente: - *Date pauperibus et Deus benedicet!*... É preciso juntar a esta benção divina, da qual as classes afortunadas não se cansam de desprezar, esta outra: Dai de comer a quem tem fome, se não quiserdes ser devorados".

(10) *Avidya*, quer dizer: Ilusão dos sentidos. É uma das cinco Kleshas e das doze Nidanas.

Tal como diz a Voz do Silêncio: "*Avidya* ou ignorância, é o nome do primeiro Vestíbulo". É o Vestíbulo em que tu viste a luz em que vives e em que morrerás" (o mundo fenomenal dos sentidos e da consciência terrestre, somente). Porisso mesmo é que o discípulo deve ter a "*Vigilância dos Sentidos*", quando percorrer a grande Vereda da Iniciação. Outrora o Mago dizia ao iniciado: "Encerra em teu coração a *Grande Verdade*; que Ela não fale senão, por tua obra. A consciência será tua força, a fé tua espada e o silêncio deve ser a tua armadura infrangível. O que equivale pelo quaternário oculto: *Saber, querer, ousar, calar*".

(11) O Sat e o Asat - o verdadeiro e o falso, ou: a existência abstrata, Parabrahm, o *Aspecto Supremo* não manifestado da Tríade - *Sat-Chit-Ananda*, e o Não ser - a natureza ilusória das coisas, sua falsa aparência, a matéria Mulaprakriti.

(12) Veja-se o que diz o Mahatma Koot Hoomi nas suas cartas precipitadas (*Les enseignments des Maitres*, etc, etc) e também as do Maha-Chohan, no ano de 1881.

(13) Leia-se "*El Libro que mata a la muerte ó Libro de los Jinas*", de Mario Roso de Luna; e reporte-se a anotação 3a. desta Mensagem, quando fala do país subterrâneo, a Agartha, etc, etc, e ter-se-á uma explicação de quem seja "Samael" ou o "Jina" que acompanha desde a infância o Diretor-Chefe de Dhâranâ.

Na Biografia publicada no número anterior desta revista, trata-se da dita *entidade* mais detalhadamente: - a explicação de seu nome, seu verdadeiro papel junto à H.J.S., etc, etc. Aproveitamos a oportunidade para um preciosíssimo conselho à certas Sociedades que, despeitadas por não querermos aceitar uma fusão... procuraram usar nomes parecidos com os de Dhâranâ e... se dizem únicas representantes das Confrarias do Himalaia (Maya, santa Maya! quanto podes fazer!...) e que, copiam fielmente o que dizemos, mas, infelizmente não copiam o mesmo Trabalho, o que seria muito mais eficiente para não abusarem de certos nomes sagrados, inclusive o da AGARTHA, para evocações de "kama-lokas", nas suas sessões do "solt-disant", Espiritismo pois que..., Aquela que usa e abusa do seu Nome sagrado, possui as cegas forças dos "marús" que somente adeptos podem controlá-las! Cuidado, pois, avisamos para que esses fatos inconscientes não nos façam responsáveis do que possa haver de mal nesse sentido.

Doravante, seremos mais exigentes com as pessoas e Sociedade aos quais distribuirmos esta revista, não só para evitar semelhantes fatos... como para não concorrermos, embora indiretamente, para maior confusão do que a atualmente estabelecida no "mundo espiritualista". Dhâranâ não aceita assinaturas, nem é vendida. Doravante será distribuída, gratuitamente, porém obediente ao que acima ficou dito.

(14) Todos os teosofistas que acompanham a vida da Sociedade Teosófica desde o seu início, conhecem as exigências dos para com H.P.B., inclusive Mr Sinnett (embora este houvesse afirmado que era em benefício da própria Sociedade), para obter materializações (inclusive do "Times" publicado no mesmo dia, e que foi contestado pelo Mahatma Koot Hoomi, como vem detalhadamente descrito no "O Mundo Oculto de Sinnett") de objetos, jornais, etc, etc.

Interessantíssimo! Para não faltar nem mesmo esta semelhança, houve alguém que tendo lido "O Mundo Oculto" (e portanto, a resposta do referido Mahatma), ousou formular o mesmo pedido; por sinal que repetiu as mesmas palavras de Mr Sinnett, isto é, que fazia semelhante pedido, como propaganda da Obra!

Trazemos este fato à publicidade, única e exclusivamente para demonstrar as coincidências entre o "mísero discípulo e a Mestra" pois a pessoa que fez semelhante pedido não faz parte do número de defratores de Dhâranâ, trata-se de pessoa de fina educação, incapaz de semelhante proceder. Quem ler a Biografia de Dhâranâ, publicada no número anterior da revista, encontrará dezenas de fatos outros, semelhantes, principalmente na infância de H.J.S., cuja vida, também faz parte da mesma. Somente o Karma poderá responder tal mistério.

E. baseado nisso é que nossos defratores, ou melhor, benfeitores (tal o papel importante que vem representando em nossa existência atual), dizem: "que o Diretor-Chefe de Dhâranâ deseja passar por um **avatar**" (?) de H.P.B. de Saint Germain, Paracelsus, etc, etc".

Com franqueza, seria preciso que aquele (o Diretor-Chefe) fosse o maior dos ignorantes em matéria teosófica, para não conhecer o que seja "o aspecto mahatmico dos Mestres", para afirmar tal coisa.

No entanto, compreenda quem souber, Cagliostro, Saint Germain, etc, etc, diziam: "Eu aconselhei Cleópatra a que não agisse de tal modo. Quando eu fui Petrônio, disse tal coisa a Nero. Quando Amenophis IV ou Kunaton, escrevi diversos hinos ao deus ATON. E assim por diante.

Esta é a melhor resposta aos que não nos compreendem...

(Notas do Autor)

A MINHA MENSAGEM AO MUNDO ESPIRITUALISTA II
(Dhâranâ No. 25 - 1928)

*"Pegai numa ampulheta enormíssima, enchei-a
De séculos sem fim; séculos são areia.
O tempo é o areal.
Depois, para medir o infinito profundo.
Deus com a própria mão lança-lhe dentro um mundo,
Sonda desconunal
Durante a eternidade infinita que amedronta,
Cairão da ampulheta os séculos sem conta
Nos abismos fatais,
Que esse mundo a tombar como um grande aerolito
Nunca, nunca achará o fundo do infinito,
Jamais, jamais, jamais!*

*O infinito, o infinito, o insondável arcano!
Um sonho realidade, uma visão cruel...
O tempo sobre o Espaço... o abismo sobre o oceano...
Mas o oceano sem praia, abismo sem cairel ! ..."*
(G. Junqueiro)

(1) Esta segunda parte da "Mensagem ao mundo espiritualista", foi lida na conferência pública realizada na sede social, em 25 de Março de 1928.

Por motivos de ordem superior, ela foi alterada do resumo publicado no penúltimo número desta revista, não sofrendo com isso, o fim principal a que a mesma se destina, pois como já foi dito nas PRELIMINARES, somente da terceira parte em diante ela visa o objetivo principal, isto é, um estudo crítico, obediente às próprias palavras dos Mestres de Sabedoria, dedicado a cada uma das facções do Espiritualismo moderno.

Esta parte da Mensagem, que a primeira vista parecerá um estudo por demais debatido, no entanto, é um resumo simples e despretensioso, que se acomoda com as mentes ainda jovens (os que nada sabem sobre o assunto) para as quais ela foi escrita.

De acordo com a nossa divisa "Spess messis in semine" (A esperança da colheita está na semente), desse modo, embora "ralada" nós a vamos espalhando, para que ela possa germinar um dia e produzir belos frutos.

Servem de paradigma ao que nela se contém, as seguintes obras: Doutrina Secreta, de H.P.B.; Conferências Teosóficas na América do Sul, de M. Roso de Luna; Templo Maçônico e Karma do Brasil, obra e artigo valiosos do Prof. Dario Vellozo; esparsos de R. Maynadé, etc, etc...

Se em uma bela noite assestardes uma modesta luneta telescópica sobre a constelação cantada por Homero, a mais bela e mais rica do céu - a sublime Orion - podereis verificar perto das três estrelas que formam o cinturão do guerreiro, um nevoeiro luminoso que nos aparece mais ou menos com a largura do disco aparente de nosso satélite, e que no entanto, possui um bilhão trezentos e trinta e dois milhões de léguas de extensão - (Segundo Flammarion, um trem expresso caminhando a razão de 60 km/hora, não levaria menos de 10 milhões de anos para atravessar o nevoeiro) - e afasta-se de nós com a velocidade de cem mil quilômetros por hora.

Assim, em uma época em que o espírito humano não pode remontar, nosso sistema solar não formava, senão, uma vasta nebulosa perdida no infinito negro da imensidão. De acordo com as leis, em virtude das quais cada átomo atrai outro átomo, um anel central se formou, e todas as moléculas da nebulosa convergiram para esse anel.

Então, dois fenômenos se produziram; o movimento de rotação, consequência da força condensadora e da atração central, e o calor, consequência do movimento produzido.

Um globo de fogo brilhou no espaço; em torno deste globo a nebulosa continuou a girar, e suas diversas partes condensando-se sucessivamente, formaram alguns anéis que gravitaram em torno do centro incandescente.

No entanto, o trabalho atômico continuando em cada um dos seus anéis, fez com que os mesmos se separassem e dessem nascimento a outros focos luminosos (os planetas), donde outros anéis se despreendendo e separando, formaram, por sua vez, seus satélites.

Estava realizado o Fiat Luz!...

Séculos, séculos e mais séculos são passados e nossa Terra, terceiro anel cortado da nebulosa, resfriou-se e uma camada consistente pode receber a condensação dos vapores. (Afirmarão outros que a nossa Terra é o quarto anel e não o terceiro).

Todavia, o fogo central sempre em atividade, desprendia enormes quantidades de gás, as quais para escaparem-se, faziam na crosta espantosas fendas e produziam elevações gigantescas; as águas subitamente volatizadas, subiam em imensas trombas de vapor às regiões geladas do éter, de onde bruscamente condensadas, tornavam a cair com horríveis ruídos que, unidos aos clarões do raio e a rutilância dos relâmpagos, continuavam a obra terrível e grandiosa da criação.

Milhões e milhões de anos!... a camada condensou-se, continentes emergiram e a vegetação e a vida apareceram.

Descrever as primeiras idades da vida, definir como uma simples célula transformou-se em uma alga, e uma alga em um gigantesco dinossauro; como o ínfimo infusório passando pela escada ascendente de todos os seres tornou-se um homem; como os cataclismas cósmicos agiram na sucessão das raças; descrever tudo isto é impossível no limitado espaço em que nos mantemos na insignificante parte de uma Mensagem, cujos fins são outros.

Assim, possuindo-se uma ligeira idéia da criação dos mundos, digamos alguma coisa sobre as raças que povoaram o terceiro anel da nebulosa primitiva - a Terra.

Depois das idades dos terríveis cataclismas das gigantescas convulsões terrestres, o primeiro continente apareceu; a ponta do Monte Merú, o Cabo do Pólo Norte. Teve nascimento a Terra Sagrada, Imperecível! Pouco a pouco, este continente emergiu das ondas efervescentes do globo, e sete grandes promontórios aparecem, a cujo ponto de junção se dá, muitas vezes, o nome de Pushkara.

A primeira raça, sob o governo do Sol e cujo estado de consciência achava-se sobre o nível Átmico, era considerada composta dos filhos dos deuses ou filhos do Yoga (os Pitris projetando seus Chayas, enquanto mergulhados na meditação do Yoga), e ainda de auto-gerados, ou não procedentes de pais humanos - (Chayas: Duplo astral ou etéreo. Formas humanas fluídicas emanadas dos Barishad Pitris; classe de devas pertencentes à Sétima Hierarquia do sistema solar, que auxiliarão na evolução das quatro rondas da cadeia terrestre).

A sua aparência nada mais é do que formas (Bhûtas) frustas, filamentosas, sem sexo, formas quase protistas que saíram do corpo etéreo de seus progenitores. Quase sem consciência, tanto podem viver de pé como caminhar, correr ou voar, mas em suma, nada mais eram do que Chayas, ou sombras desprovidas de sentido.

O sentido auditivo é desenvolvido na primeira raça e a mesma responde às impressões do fogo. A reprodução é feita por cissiparidade (tal como o desenvolvimento dos gomos das plantas, etc.). A princípio dividiam-se em duas metades iguais, mais tarde em porções desiguais produzindo descendentes menores que cresciam, por sua vez, e produziam pelo mesmo processo novos filhos.

Na primeira raça não existiram sub-raças definidas, embora se possa vagamente distinguir sete estágios de crescimento.

Durante o período da segunda raça, formou-se o segundo continente, chamado Hiperbóreo ou Plaska, que ocupava o norte da Ásia, juntando a Groelândia ao Kamtchatka, limitado ao sul pelo mar que então rolava debaixo das suas águas, as areias do Deserto de Gobi. Compreendia o Spitzberg, uma parte da Suécia, da Noruega e das Ilhas Britânicas. O clima tropical; uma vegetação luxuriante cobria as planícies banhadas pelos raios do Sol.

Responde fracamente à consciência Budhica, o estado de consciência da segunda raça. Nela é desenvolvido o sentido do tato; responde aos impactos do ar e do fogo.

De acordo com o tempo já avançado para a segunda raça, os Espíritos da Natureza constroem em volta dos Chayas, moléculas mais densas de matéria, formando uma espécie de escama exterior, e assim, o exterior (o Shâya) da primeira raça tornou-se o interior - o duplo etéreo da segunda raça.

A sua cor era amarela de tons dourados, suas formas de brilhantes reflexos, eram filamentosas, arborescentes, algumas vezes quase animais, outras de aparência semi-humana. A reprodução obedecia a dois tipos: Primeiro os assexuados ou aqueles que se multiplicavam tal como a primeira raça; Segundo, os nascidos do suor, com uma vaga indicação dos dois sexos, de onde o apelido de andróginos latentes.

Na segunda raça os mamíferos desenvolveram-se gradualmente, com os gérmenes abandonados por esses "homens". Os animais inferiores aos mamíferos, foram formados pelos espíritos da natureza por meio de tipos elaborados durante a terceira ronda.

A segunda raça nasceu sob a influência de *Júpiter*.

A raça Lemuriana ou terceira raça, teve lugar na Lemúria ou Shalmali. A imensa cadeia do Himalaia emerge do oceano, e mais ao Sul os continentes se elevam, para Leste do lado do Ceilão, da Austrália, até a Tasmânia e as Ilhas de Páscoa; para Oeste até Madagascar. Uma parte da África emerge igualmente. Dos continentes precedentes a Lemúria conserva a Suécia, a Noruega e a Sibéria.

O estado de consciência da terceira raça corresponde a *Atmã Budhi e Manas*, e responde aos impactos do ar, do fogo e da água. O sentido da visão reúne-se aos da audição e do tato.

Durante as primeiras e segundas sub-raças, a linguagem consiste apenas em gritos, gritos de prazer ou de dor, de amor ou de tristeza; na terceira sub-raça a linguagem torna-se monossilábica. A reprodução era feita por três tipos principais: *Primeiro tipo* (1a. e 2a. sub-raças), nascidos do suor. São desvendados os sexos apenas, na segunda sub-raça, criaturas nitidamente andróginas, tendo distintamente o tipo humano; *Segundo tipo* (3a. e 4a. sub-raças), nascidos do ovo. Na terceira sub-raça, produção de hermafroditas, bem desenvolvidos desde o nascimento, e capazes de se moverem ao sair do ovo. Suas formas serviram de veículos aos *Senhores de Vênus*. Na 4a. sub-raça, um dos sexos começou a predominar sobre o outro e pouco a pouco do ovo começaram a sair distintamente machos e fêmeas; os filhos exigem mais cuidado e nos fins desta sub-raça, eles já não podem caminhar sozinhos ao sair do ovo; *Terceiro tipo* (5a, 6a. e 7a. sub-raças). Na 5a. sub-raça são sempre nascidos do ovo, porém este é, pouco a pouco, retido no seio materno; o filho nasce fraco e incapaz de sustentar-se sozinho. Nas 6a. e 7a. sub-raças, a reprodução sexual torna-se universal.

Os homens da terceira raça eram gigantes e poderosos, pois necessitavam lutar contra os megalossauros, pterodactilos e outros animais. Tinham a pele vermelha com uma grande variedade de tons; fronte deprimida, nariz achatado, queixo proeminente. Os andróginos divinos eram de um tom brilhante qual ouro velho e de um brilho e esplendor indescritíveis. Os órgãos visuais desenvolveram-se durante a terceira raça; no começo um só olho no meio da fronte, chamado mais tarde de terceiro olho; em seguida dois olhos, porém estes não foram utilizados, senão na 7a. sub-raça, sendo que somente na quarta raça eles se tornaram o órgão normal da visão. Esses selvagens em aparência, não possuíam nenhuma intuição; obedeciam estritamente e sem esforços, a toda impulsão vinda dos reis divinos, sob cujas ordens eles construíram grandes cidades, enormes templos ciclópicos, dos quais alguns fragmentos ainda subsistem na Ilha de Páscoa e em muitos outros lugares do globo.

No correr dos tempos, este continente teve de suportar numerosos cataclismas devido às erupções vulcânicas e tremores de terra. Uma enorme depressão começou na Noruega e este antigo continente teve que desaparecer durante um tempo sob as águas. Cerca de 700.000 anos antes do período Eoceno (da época terciária), houve uma grande convulsão vulcânica que destruiu quase toda a Lemúria, não resistindo, senão, alguns fragmentos como a Austrália, Madagascar, as Ilhas de Páscoa. Já em franco desenvolvimento da raça Lemuriana, produziu-se uma extraordinária mudança de clima, que fez desaparecer os últimos vestígios da segunda raça, assim como os representantes dos primeiros tipos da terceira.

As paixões sexuais tornaram-se poderosas depois da separação dos sexos. Alguns Agnisvatas e Pitris solares foram atraídos por mulheres de classes menos evoluídas e juntando-se à elas produziram tipos inferiores a si mesmos (Amanasa - sem mental). Daí, o primeiro conflito entre os Pitris que ficaram puros e submissos às leis da divina Hierarquia, e aqueles que cederam ao prazer dos gozos sexuais. Os mais puros emigraram pouco a pouco para o Norte; os corrompidos para o Sul, o Leste e o Oeste, aliando-se aos grosseiros Elementais e tornaram-se adoradores da matéria. Foram os pais da raça Atlante. Eles deificaram as imagens destes gigantes Lemurianos e adoraram-nos como deuses e heróis, nas 4a. e 5a. sub-raças.

Os aborígenes da Austrália e da Tasmânia provêm da 7a. sub-raça Lemuriana. Os Malaaios, Papuas, Hottentotes e os Dravidianos do Sul da Índia, provêm de uma mistura desta sub-raça e das primeiras Atlantes. Todas as raças nitidamente negras tem descendência Lemuriana.

Afirma o ocultismo, que os *macacos antropóides* são os últimos descendentes desse cruzamento de homens e animais, que se fez no final da 3a. raça. Os primeiros representantes desta raça nasceram sob a influência de Vênus, Shukra, e sob esta influência, os tipos hermafroditas se edificaram. A separação dos sexos fez-se sob a predominância do planeta Marte. Lohitanga, que tem por característica Kama, a natureza passional.

A raça Atlante foi governada pela Lua e Saturno. A prática da Magia Negra, sobretudo entre os Toltecas, predominou na raça Atlante, proveniente de um emprego ilícito dos "raios obscuros da Lua". É a Saturno que se deve, em parte, o enorme desenvolvimento de espírito concreto que caracterizou a 3a. sub-raça. Nela se desenvolve o o sentido do gosto.

A linguagem era aglutinante nas 3a, 4a. e 5a. sub-raças; era a forma mais antiga dos Râkshasa. Com o tempo, tornou-se inflexiva e assim passou a 5a. raça.

A Atlântida, o kusha (país de Mú) dos arquivos ocultos, compreendia a China e o Japão, e cobria o que hoje representa o Oceano Pacífico Setentrional, quase até o lado ocidental da América. Ao Sul, compreendia a Índia, Ceilão, a Birmânia e a Malásia; a Oeste, a Pérsia, a Arábia, a Síria, a Abissínia, a bacia do Mediterrâneo, a Itália meridional e a Espanha. Da Escócia e da Irlanda, então imersos, estendia-se a Oeste sobre o que atualmente se denomina de Oceano Atlântico e a maior parte das duas Américas.

A catástrofe que despedaçou a Atlântida em sete ilhas de diversos tamanhos, em meados do período Mioceno, há 4 milhões de anos, trouxe para cima das águas, a Suécia e a Noruega, uma grande parte da Europa meridional, o Egito, quase toda a África e uma parte da América do Norte, enquanto que a Ásia setentrional afundava-se nas águas, separando, deste modo, a Atlântida da Terra Sagrada. Os continentes chamados Ruta e Daitya (atualmente no fundo do Atlântico... mas quem sabe? prestes a emergirem), foram separados da América, unidos ainda durante um certo tempo, por uma grande faixa de terreno que desapareceu na catástrofe do fim do Plioceno... há 850.000 anos, fazendo desses continentes duas ilhas distintas, que por sua vez, soçobraram há perto de 200.000 anos, e no meio do Atlântico nada mais ficou, senão a Ilha Poseidonis que foi finalmente submersa em 9564 antes da era cristã. A maioria dos habitantes da Terra é, ainda, vestígio da 4a. raça, compreendendo os Chineses, os Polinésios, Húngaros, Bascos e os Índios das duas Américas. Foram estas as sub-raças da raça Atlante: **Primeiro** - os *Rmoahal*, povos pastores que emigraram sob a direção dos Reis divinos; **Segundo** - os *Ilavatli*, de cor amarela, civilização pacífica sob a égide de seus Instrutores e dos Reis divinos; **Terceiro** - os *Toltecas*, de cor avermelhada escura, belos, de estatura elevada, poderosa civilização, povo essencialmente guerreiro, civilizador e colonizador; **Quarto** - os *Turânios* raça guerreira e brutal (são designados nos antigos documentos hindus, sob o nome de Rakshasas); **Quinto** - os *Semitas*, povo turbulento e que deu nascimento à raça Judia, a 5a. raça-mãe; **Sexto** - os *Akkadios*, migradores, espalharam-se na bacia do Mediterrâneo, deram nascimento aos Pelasgos, Etruscos, Cartagineses, Scythas; **Sétimo** - os *Mongóis*, procedente dos Turânios, espalharam-se principalmente no Norte da Ásia.

A quinta raça **ARIANA**, teve nascimento há um milhão de anos, quando o Manú Vaisnavata escolheu na sub-raça semítica, as sementes da 5a. raça, e conduziu-as à Terra Sagrada imperecível. Há perto de 850.000 anos, uma primeira emigração atravessou o Himalaia e espalhou-se no Norte da Índia.

Ela é governada por Budha-Mercúrio, porque o desenvolvimento do intelecto é seu fim principal. Nela desenvolveu-se o sentido do olfato. A superfície do globo, tendo passado por inúmeras transformações, uma após outras emergem as partes dos nossos continentes atuais - Krauncha, em linguagem oculta. Após a catástrofe de há 200.000 anos e que deixou a Ilha de Poseidonis só no meio do Atlântico, os cinco continentes atuais haviam tomado a forma que hoje ainda possuem.

No decorrer dos tempos, nossos continentes serão destruídos pelos tremores de terra e os fogos vulcânicos, tal como outrora a Lemúria, pois que esses dois elementos destroem alternativamente o mundo.

A primeira sub-raça Ariana, estabeleceu-se há 850.000 anos atrás, no Norte da Índia. Teve como religião o Hinduísmo primitivo; leis do Manú, lei das castas; 2a. - Ario-semítica ou Chaldéa, atravessou o Afeganistão e espalhou-se nas planícies do Eufrates e Síria. Teve o Sabeísmo como religião; 3a. - A Iraniana, conduzida pelo primeiro Zoroastro, estabelecendo-se na Pérsia e daí à Arábia e o Egito.

Culto do fogo e da pureza. Nela fez honra à Alquimia; 4a. Céltica, conduzida por Orfeu, espalhou-se na Grécia, Itália, França, Irlanda e Escócia; a sub-raça Céltica distinguiu-se em todas as linhas artísticas; 5a. - Teutonico, emigrando da Europa central e espalhando-se hoje por toda parte do mundo. A 6a. sub-raça nascerá e desenvolver-e-á na América do Norte. Já se podem notar alguns vestígios seus. A 7a. nascerá na América do Sul, cabendo ao Brasil o grande quinhão divino de trazer esta Nova Aurora de Paz, Amor, Luz e Progresso para a Humanidade, ou o término glorioso do ciclo Ariano.

De acordo com os anais do ocultismo, desde que a humanidade se dividiu em sexos, há uns 14.000.000 de anos, mais ou menos, época em que podemos dizer, começou a evolução humana, existe na Terra a "Fraternidade Branca", composta de Seres que completaram sua evolução como homens e efetuam outra evolução superior, enquanto vigiam pela nossa ainda infantil humanidade, cujo cuidado e direção lhes estão confiados pelos altos desígnios da Lei de amor e compaixão. e acordo com os ciclos, "Ela vela e dirige os comuns destinos, influenciando ocultamente nos acontecimentos que aceleram a evolução do mundo, sem coibir a vontade humana, cujo desenvolvimento e educação merecem seu maior cuidado e respeito.

Todas as grandes civilizações, acontecimentos, ensinamentos e revelações dados, foram pela intervenção dos Adeptos da "Grande Irmandade", sendo sempre sua influência afetiva nos fatos, apesar de incompreendida na maioria dos casos.

"Quando uma civilização decai, as idéias religiosas se materializam e quando o materialismo sensual triunfa por sobre a espiritual idealidade, aparece então na Terra um dos Adeptos da dita "Fraternidade", que agindo como instrutor, legislador, profeta ou fundador, restaura ante a consciência humana, a pureza dos invariáveis princípios da eterna Unidade que regula o plano do destino mundial".

Na 6a. parte desta Mensagem, diremos da não razão de ser, na atualidade, da vinda de instrutores, baseados nas próprias palavras dos Mestres. "Essa restauração cíclica de princípios faz-se através da História, de diversas maneiras; porém sua adaptação submeteu-se às necessidades das épocas, países e circunstâncias, sempre dentro desse plano que compreende os destinos particulares coletivos e gerais".

A maior prova dessas aparições cíclicas de extraordinários Seres no mundo, reside nas páginas brilhantes da História dos povos. Não há necessidade de nos remontarmos às épocas pré-históricas, nem aos tempos de *Asuramaya*, o grande adepto atlante, fundador da astronomia e descobridor do *Zodiaco*, nem falar do misterioso rishi *Nârada*, nem do portentoso *Vyâsa*, o suposto autor do *Bhagavad Gita*.

Tomaremos por ponto de partida, o período védico, do qual existem monumentos gigantescos como o *Rig-Veda* e outros tantos documentos escritos ou gravados nos templos e nas misteriosas criptas dos lugares sagrados, por onde todos eles deixaram o indelével vestígio de Sua passagem pelo mundo.

"Para dar uma idéia geral da intervenção dessas figuras como "Guias" e representantes enviados pela "Fraternidade Branca", observar-se-á que datam, segundo os anais ocultos, e os da tradição histórica, das origens da formação da Grande Raça Raiz - *Ária* - a 5a. que povoou a terra e cujo fundador, o Manú Vaisvavata, exercerá, até sua completa evolução, às funções de chefe, protetor e Dirigente Supremo da dita Raça com as sete sub-raças que a integralizarão.

O *Manú* deu seu célebre "Código" com os fundamentos sociais e éticos sobre os quais tem trabalhado os redentores e profetas como auxiliares de sua obra, aparecendo ciclicamente nos momentos em que a Raça entrava em decadência, cumprindo um plano ou programa estabelecido pela completa evolução de toda a Raça *Ária*".

"Quando nos vales do Iran a corrupção e o desvio assenhorearam-se daquelas massas ignorantes e fanáticas, apareceu a figura majestosa de *RAM* ou *Râma*, que aproveitando uma seleção operada no próprio seio da raça branca, dominadora e vencedora da negra, oriunda da África, formou um núcleo ao qual dotou com uma religião e regras de conformidade com o gênio dos primitivos ários. *Râma* é o herói do *Râmayana*, chamado *Yima* pelos persas, e *Dionisios* pelos gregos, que desejavam significar com esse nome, ao mesmo tempo, conquistador, renovador e iniciado.

Râma, aboliu os sacrifícios humanos das cerimônias religiosas, redimiu a mulher da escravidão a que estava então submetida, deixando-a livre e no mesmo nível de dignidade que o homem; reorganizou a família e a sociedade; manteve a lei progressiva das castas, fazendo que cada qual ocupasse o lugar social correspondente aos méritos e aptidões, sem a tirânica imposição do nascimento, como depois sucedeu; foi o melhor intérprete dos *Vedas*, o maior monumento que o mundo possui e onde contém a origem dos grandes mitos indos e europeus e dos deuses clássicos, um culto sabiamente organizado, um profundo sistema religioso e metafísico e a definição das forças ocultas da natureza que a ciência moderna está prestes a descobrir.

São os *Vedas* um manancial de Teosofia pela concepção profunda e filosófica do universo, de suas leis inteligentes, de seu plano e de suas energias em que o gênio de *Râma* soube aproveitar para elevar a relativa pureza os costumes e sentimentos de seu povo".

Chegamos ao divino *KRISHNA*, aquele cuja existência é tida para muitas, como um mito, mas que os fatos e o esplendor do Brahmanismo, cuja obra civilisadora e seus monumentos literário, científico e religioso, respondem sobejamente pela realidade de sua passagem pelo mundo.

"A constituição ética da Ariavarta, antiga Índia, efetuou-se por uma parte com o gênio da raça branca com seu sentido moral e suas sublimes aspirações metafísicas que a converteram em coração da raça ariana; e por outra, com o gênio da raça negra, de origem atlante, cheia de energias passionais e de força dissolvente. As lutas entre estas opostas naturezas e tendências, mantinha uma perturbação constante naquele conglomerado".

Ante um período de confusão natural de um povo desorganizado, fazia falta novamente o poder salvador do gênio que restituisse ao estado original o pensamento do Manú, contido naqueles fundamentos sociais religiosos, para que convertessem em uma entidade orgânica o que até então não passava de multidões antagônicas e de tão variados matizes. Coube, portanto, ao gênio restaurador do *Krishna*, levar avante tão pesado quão sublime encargo.

A sua obra mais importante reside nos ensinamentos dados acerca da imortalidade da alma e das existências progressivas pela reencarnação; as da Trindade ou Verbo divino revelado no homem, dando assim o conhecimento de mútua compenetração entre o macrocosmos e o microcosmos, sujeitos às mesmas leis, derivados dos mesmos princípios. "Essas idéias mães da religião brahmânica repercutiram em todos os domínios da ciência, da arte e dos costumes daquela admirável civilização".

A espiritual pureza de *Krishna* dotou-o de poder redentor suficiente para que as humanidades futuras sentissem a poderosa irradiação no mundo e auxiliassem poderosamente na vereda, aos posteriores adeptos que seguissem suas pegadas através dos séculos!

"THOT ou *Hermés* como o chamaram os gregos, o Trimegisto ou três vezes mestre, foi a alma do antigo Egito durante muitos séculos, cidadela da sagrada ciência, refúgio dos mais ilustres profetas e depósito das mais nobres tradições humanas. *Hermés* dotou a instituição sacerdotal egípcia daquela força, pureza e superioridade intelectual que sobrepunha a dos faraós, aos quais moralmente se os obrigava a exercer funções de governo estrito e justiceiro, capaz de por a coberto o povo e a nação dos caprichos e fantasias de qualquer despotismo político.

Devido à organização sacerdotal que alcançou a maior perfeição e unidade, pôde o Egito, durante milhares de anos, manter o governo de cinquenta dinastias converter-se em foco luminoso das puras doutrinas que constituíram a ortodoxia esotérica da antiguidade com a sua Teogonia oculta sob a aparente idolatria de um politeísmo exterior".

O faraó era o representante do corpo sacerdotal, instrumento dos iniciados que em corporação eram os verdadeiros legisladores, graças à força unitária e religiosa dada por Hermés, instituidor dos célebres "Mistérios" simbolizados pela esfinge e as pirâmides.

Os ensinamentos de Hermés, em essência, se contém no que dizia ao seu discípulo Asklepios: "Nenhum de nossos pensamentos pode conceber a Deus, nem língua alguma O pode definir; o que é incorpóreo, invisível e sem forma não pode ser percebido por nossos sentidos; o que é eterno não pode medir-se com a curta régua do tempo; somente elevando-se acima das causas naturais se pode perceber alguma radiação de Sua perfeição suprema.

Tal como diz Shuré, "Hermés é um nome genérico como os de Manú e Budha. Designa simultaneamente um homem, uma casta e um Deus. Homem, Hermés, é o primeiro e grande iniciador do Egito; casta, é o sacerdócio, depositário das tradições ocultas; Deus, é o planeta Mercúrio, comparado com a sua esfera a uma categoria de espíritos, de iniciadores divinos; - em uma palavra, Hermés preside as regiões supra-terrestres da iniciação celestial". Melhor dito: Representava o Raio do Chohan, cujo corpo físico é Mercúrio. Devemos lembrar que todos esses iniciados nada mais representam do que o próprio Manú Vaisnavata, que por sua vez é a mais perfeita vibração na Terra do dirigente da 5a. raça, isto é: Budha-Mercúrio, para a realização do desenvolvimento intelectual da Humanidade.

A idéia da Unidade essencial como causa suprema foi concebida e ensinada por Hermés, como o ensinaram seus sucessores iniciados através das épocas, países e povos diferentes, mesmo porque a Verdade é sempre UNA, embora pregada de diferentes modos, de acordo com a evolução de cada época. Zoroastro, o grande Mestre iraniano, fundou o Mazdeísmo, ou a religião dos parsis, alma da antiga Pérsia e de sua civilização, ao mesmo tempo que a ciência da magia dos caldeus que há milênios, verificaram o movimento dos astros.

Ensinou Zoroastro que esses astros não eram simples massas de matéria obedientes à leis cegas, senão corpos de poderosas energias, com inteligência viva, que se moviam com ordem perfeita e matemática, guiados com sabedoria e inquebrantável vontade. Considerou o Mestre, a Astronomia como a ciência oculta e vivente na sabedoria espiritual expressa na materialidade do universo. Do ensinamento da filosofia religiosa e da ciência dominou a ética, glória de sua doutrina pura e perfeita. A Unidade manifestou-se na Trindade conforme é dito de um modo essencial no *Khorda-Avesta*, assim como nos *Vedas*.

O axioma da religião parsi é sintetizado em: "pensamentos puros, palavras puras e obras puras". Mencionam-se no *Yasnas*, os princípios da constituição humana. O estado *post-mortem* e o processo da alma se expressam no *Vendidad*; e o Deus supremo ou o Primeiro Logos, está representado pelo Ahura-Mazdâ, que convertido nas outras duas pessoas da Trindade, chamadas *Spentô-Mainyus* e *Angro-Mainyus*, deu origem à criação de mundos e seres e representa o mesmo que o Brahmâ indo e o Osiris egípcio. A cosmogénese foi explicada pelo profeta no *Gatha Ahunavaiti*. Desnecessário dizer que Zoroastro, tal como Râma Krishna e Hermés, pertenceu à "Fraternidade Branca", ou melhor dito, foi do mesmo modo embalado no Berço Sagrado que se chama Shamballah! Sucederam a Zoroastro quatorze do mesmo nome.

Moisés, foi outro continuador da mesma obra, quando de sacerdote egípcio se converteu em fundador do povo de Israel, cuja importância na História está expressa por dois fatos capitais: a apresentação ao mundo, sem véus nem mistérios, do Monoteísmo, e preparação dos poderosos alicerces sobre os quais seria edificado o Cristianismo. No entanto, o Cristianismo servindo-se das Leis que lhe foram ditadas (os dez mandamentos), não encontrou um lugar vago no "Fros Sanctorum" para inscrever o glorioso nome de Moisés, quando aí se acham seres de muito menos valor.

Estudando os símbolos do Antigo e Novo Testamento, observa-se que encerram toda a tradição esotérica do passado, embora algumas vezes se apresente em modalidades alteradas.

Israel forma o elo que separa o antigo do novo ciclo, entre o Oriente e o Ocidente; a idéia monoteísta concorreu, por consequência, para a unificação da humanidade que no futuro se converterá de fato na unidade moral, social e religiosa do mundo.

"Moisés teve a audácia de levantar o tríplice véu em que os mistérios egípcios tiveram oculto o monoteísmo, cujo princípio pertencente somente as mais altas iniciações, constituiu o dogma único de uma religião nacional, de uma transcendência imediata para os israelitas e outra não menos notória para o futuro, porque nela se continham os germens da futura religião universal da humanidade".

"Este foi o alcance transcendental da doutrina de Moisés, que foi tão mal compreendido pelos judeus, e nesta falta se encerra a causa do fracasso do povo de Israel, que foi disperso pela irredutível pressão do destino. Entretanto, aquele pensamento formidável, que se conteve na severa figura de Moisés, girou através do Islam e do Cristianismo, perdura ainda no coração e cérebro dos homens isentos de fanatismo religioso, e aparecerá potente no futuro imediato até que impere nas consciências libertas das mais intensas perturbações do egoísmo". Chegamos ao gênio animador da antiga Grécia, despertador da sua alma sagrada e divina; Aquele que com a sua lira de sete cordas revelou a beleza da vida na poesia e na música. O maravilhoso Ser que teve o nome de Orfeu, e que a humanidade não reconhece, senão através da Mitologia Grega, quando esta possui a Verdade na sua prístina integridade, pelos que a sabem conhecer através dos véus da ilusão, apareceu no mundo treze séculos antes da era cristã, quando a civilização asiática mantida desde séculos pela Índia, Assíria e Caldéia, entrava em confusão ante o avanço da tirania e do sensualismo corruptos. A própria Grécia achava-se intensamente dividida por causa das maiores divergências em política e religião. Somente o Egito conservava, ainda, na profundidade de seus mistérios, a pureza da sabedoria divina, porém necessitava de todas as suas forças para resistir a enorme avalanche daquela confusão universalmente estabelecida. Naquela época adorava-se na Grécia, várias divindades como: o Apolo delfico, Zeus, Kronos, Uranus e outras cujos dogmas careciam de suficiente síntese religiosa e de base social bastante para evitar as guerras e discussões entre os diversos adoradores daquelas divindades, o que mostrava um perene estado anárquico que conturbava profundamente o país.

"Orfeu, com seu gênio e espiritual inspiração, deu um novo poder ao verbo solar de Apolo, por meio dos mistérios de Dionisos; com o prestígio de sua grande figura brilhou em Orfeu o gênio criador, vibrante de amor pela divina Beleza, debaixo da tríplice forma de Natureza, Humanidade e Céu, a Trindade essencial de sempre, expressando a eterna unidade. Sua influência penetrou em todos os santuários da Grécia, transformou vários cultos, arrastou atrás de si aos trácios, consagrando a majestade de Zeus na Trácia e a de Apolo em Delphos.

A religião de Zeus e a de Dionisos assim fundidas em um pensamento universal que radiou luz e grandeza nos sacerdotes e no povo debaixo do véu da poesia e da beleza. Dessa unidade espiritual emanada do gênio órfico, nasceu a arte, o esplendor e a grandeza da antiga Grécia. As últimas palavras do grande Iniciado foram: "Eurídice! Ó Luz divina! Eurídice! gemem quebrando-se as sete cordas de sua Lira. E a cabeça que rola, levada para sempre sobre o rio dos tempos, clama ainda: - Eurídice! Eurídice! "E ao discípulo que se achava junto ao Mestre, pareceu-lhe que o vale, o rio, as montanhas e as florestas profundas, gemiam como uma grande lira".

**"Ouvia-se um murmúrio, um
cântico disperso...
Era o sopro de Deus, na harpa do
Universo..."**

(Junqueiro)

Quem não conhece a vida do grande Ser que teve o nome de Gautama, o Budha? Falaria melhor do que nós outros, a pequena estrofe sânscrita que traduzida para o nosso idioma, assim se exprime:

**"Os apsaras e gandharvas vêm aqui
cantar
O amanhecer de uma nova aurora,
eles vem saudar!"...**

Nasceu o príncipe Sidharta Gautama no ano 623 antes da era cristã, em Kapilavastu, cidade da Índia, situada a umas cem milhas de Benares. Filho do rei dos Sakyas, sua juventude foi cercada de grandes cuidados e comodidades, porém, apesar dos encantos e belezas de que o rodearam, apesar do delicado carinho de sua esposa e de seu terno filho, seu ânimo era assaltado por fortes pressentimentos de um grande dever a cumprir que O induziram, finalmente, a retirar-se do mundo para viver a vida de asceta.

"Sua religião era a Brahâmica. Sumido em profundas meditações ante os mudos sofrimentos de milhões de seres sujeitos à miséria, à enfermidade, à velhice e à morte, deduziu ser impossível a felicidade na vida física e não acreditou que fosse o sofrimento a norma do destino humano".

Naquela época achava-se em decadência o Brahmanismo e mantinha-se uma irritação em todas as camadas sociais por causa da má interpretação do pensamento do Manú da Raça, acerca das castas, o que em seus princípios era liberal e progressivo, até o ponto em que todo o indivíduo podia mudar de casta segundo fossem seus méritos e adiantamento; porém, a casta sacerdotal daquelas épocas, com evidente esquecimento do espírito de Krishna e de seu exemplo, entronizou-se em um ferrado orgulho de privilegiado, indo ao extremo de impor a tirania das castas por direito de nascimento, sem redenção nem troca possível, condenando ainda, os párias à escravidão perpétua e indigna, em detrimento dos princípios de humanidade e de justiça.

Gautama, o Budha, realizou os mais sublimes e dedicados esforços contra aquele estado de coisas, restituindo o Brahmanismo à sua primitiva pureza e após ao perverso misticismo dominante, a religião do racionalismo. Dizia o Bem-aventurado: *"A mente humana iluminada é maior que o anjo é um deus; a razão intuitiva está acima do sacerdote e da revelação: o domínio de si mesmo é melhor que o jejum, que a mortificação e que a prece; a caridade, maior que o sacrifício e o culto"*. Seu lema era *Justiça* e de seus ensinamentos se deriva, com maior clareza, a lei do *Karma*, ou seja, causa e efeito, ação e reação, distribuição e re-distribuição através das encarnações da alma em diversos corpos humanos. Budha, agiu também como fundador dando o *Vinaya-Pitaka*, com as regras da famosa ordem monástica chamada *Sangha*, tratado de misticismo que fala mais claramente do esoterismo metafísico.

Os *Sutras* foram dados para o povo em tratados de ética social, de onde sem nebulosidades metafísicas se ensina como é fácil alcançar a libertação pelo domínio dos desejos do ódio e das demais paixões, únicas cadeias que mantém a ignorância e a escravidão humanas. Nos *Sutras*, o *Dhammapada* e o *Udānavari* e nos três *Pitakas* se contém a flor dos evangelhos Budhistas. Harmonizando o dever com o amor e a sabedoria, conseguiu Budha que seus crentes jamais provocassem guerra alguma nem derramamento de sangue em nome de sua religião. A intensidade ética que o Mestre concretizou nos seus ensinamentos deu lugar a que os budhistas hajam elevado a culto, o respeito aos homens, aos animais e as plantas; os resultados são confirmados nas estatísticas que dão as cifras mais baixas da criminalidade nos países que professam o Budhismo, onde a necrofagia e o alcoolismo embrutecedores foram sempre repudiados.

Grande, imenso foi o bem que o Budha fez ao mundo; sua influência purificou o Brahmanismo que através dos séculos manteve bom número de civilizações no mesmo Oriente. A confusão está novamente estabelecida na Índia, até mesmo não lhe faltando idéias, única e exclusivamente ocidentais, desprovidas de senso comum.

O Budhismo, sendo o Brahmanismo aperfeiçoado, um não podia viver sem o outro.

Ambos tinham como alicerces poderosíssimos as "rochas eternas dos Vedas".

Razão possui Vivekananda, quando diz: "Pelo lado filosófico, os discípulos do Grão Mestre chocaram contra as rochas eternas dos Vedas e não puderam derrubá-las, por outro lado tiraram à nação o Deus eterno, em que todos, homens e mulheres, tão carinhosamente se refugiam. E o resultado foi que o Budhismo teve que morrer na Índia, de uma morte natural. Na atualidade, não há ninguém que se chame budhista, na Índia, a terra de seu nascimento".

O ilustre vedantista exagerou um pouco. Em todo Ceilão só se professa o Budhismo (Budhismo do Sul). Entretanto, em quase todo o Norte da Índia (Budhismo do Norte), continua ele:

"Mas ao mesmo tempo, o Brahmanismo perdeu alguma coisa, perdeu aquele zelo reformador, aquela assombrosa simpatia e caridade para com todo o mundo, aquele assombroso fermento que o Budhismo colocou nas massas e que fez a sociedade Indiana tão grande que um historiador grego, que escreveu sobre a Índia daquele tempo, chegou a dizer que não se conhecia nenhum hindu que dissesse mentira, e nenhuma mulher que não fosse casta".

Diz ele ainda: "O Hinduísmo não pode viver sem o Budhismo, nem o Budhismo sem o Hinduísmo. Então compreendemos o que nos evidenciou a separação que os budhistas não podem estar sem o cérebro e a filosofia dos brahmanes, nem os brahmanes sem o coração dos budhistas".

"Esta separação entre os budhistas e os brahmanes é a causa da decadência da Índia. Esta é a razão porque a Índia está povoada por trezentos milhões de mendigos e a razão porque ela foi escrava dos conquistadores durante

os últimos mil anos. Ajuntemos o intelecto prodigioso dos brahmanes com o coração, com a nobre alma e o assombroso poder humanizador do Grão Mestre".

Aquele a quem nós citamos, unicamente esqueceu que, em todas as épocas, os discípulos e os prosélitos dos Grandes Seres, tem sido a causa da decadência da Verdade uma que todos Eles pregaram.

O Budhismo de Gautama, melhor dito Budhismo (vindo de Bodhi, Sabedoria, etc... que está prescrita nos Vedas, como faz questão o Sr Vivekananda), era a Sabedoria da Mente unida à Doutrina do Coração. Desligue-se uma da outra... e o resultado será sempre o mesmo.

Sobre o Senhor Gautama, temos a dizer que não O consideramos um Budha no grande mistério de que... um Budha é a síntese de 7 Bodhisatwas. Temo-lo como um Bodhisatwa. Um Budha não se manifestaria na terra... no meio da raça!

Tal como disse a Mestra, o grande mistério dos Budhas, Bodhisatwas etc, só é dado conhecer ao adepto do 4o. grau... ou se quiserem, aos que estejam em condições de resolver o grande mistério do 777.

No 6o. volume da *Doutrina Secreta* (ed. esp, pág. 101). Ela diz: "Se nenhum ouvido profano escutou o potente Chau-yan (12) de Vu-vai-Tchen-jen (13), de nosso amado Senhor e Bodhisatwa (o grifo é nosso), como há de ser possível a qualquer um afirmar quais foram seus verdadeiros pensamentos?...

Todo o fulgor dos tempos de Orfeu havia desaparecido da Grécia!

A confusão estabelecida pelas lutas políticas e religiosas fizera apagar quase por completo a lembrança daquela alma que atravessara como um divino meteoro o céu tempestuoso da Grécia nascente. Em vão os iniciados conservaram a sua tradição durante mais de mil anos.

Para os sofistas e os retóricos, Orfeu não passava já de uma lenda sobre a origem da música.

"Ainda nos nossos dias os sábios, apoiando-se principalmente na razão de que nem Homero nem Hesíodo se referiram a ele, negam peremptoriamente a sua existência".

Quando oito séculos depois apareceu o filósofo de Samos, a Grécia achava-se em completa decadência. Pitágoras sentiu a necessidade de iniciar uma reforma que restaurasse a obra do Mestre as seu primitivo esplendor. A Grécia havia alcançado o apogeu das grandes civilizações, o que haviam concordado grandes gênios como o físico Thales de Mileto, legisladores como Solon, poetas como Píndaro, heróis como Epaminondas e filósofos como Platão; porém a meritíssima obra daquela corte de homens extraordinários, faltava o gênio ordenador, a vontade unificadora que refundisse em um pensamento único, o raudal de energias, para coordená-las nas inspirações órficas, base da harmonia dos preceitos científicos com os morais, afim de que servissem da conexão entre as diversas e opostas tendências daquele assombroso povo.

Esse sublime pensamento conciliador foi mantido por Pitágoras em sua obra. O segredo de se haver convertido em reformador leigo, consistia em conciliar a ciência com a filosofia, a ética com o misticismo em sua famosa instituição, cuja escola e regras foram férteis na formação de caracteres corretos.

Para que Pitágoras pudesse realizar sua difícil tarefa, houve necessidade de largo e laborioso preparo para o qual contribuíram a clara intuição de sua mãe Parthenis, pressentindo o espírito genial do filho, e mais tarde, os vinte e dois anos que levou de sacerdote iniciado nos mistérios do Egito.

Quando da invasão do déspota persa Cambises, que desolou o Egito destruindo sua vetusta civilização, Pitágoras foi feito cativo e levado à Babilônia, onde permaneceu doze anos, rodeado de outros cativos, iniciados nos ritos caldeu, israelita e persa, entre cujos elementos pôde completar seus conhecimentos até definir em sua poderosa mentalidade um corpo de doutrina que unia o metafísico ao físico, a crença com o dever, e a ciência das causas com as leis regentes da manifestação fenomenal. Uma vulgarização das doutrinas esotéricas era necessária para que o pensamento órfico pudesse reviver e florescer, para o qual, uma parte das ciências até então ocultas nos templos, teve de ser transferida às ordens leigas por Pitágoras, quando anos depois, livre do cativeiro, passou a Crotona afim de fundar a célebre instituição Pitagórica, a cuja influência se devem os três séculos de criação artística e de esplendor intelectual, que tanto brilho deu novamente a antiga Grécia, de onde se transmitiu a Itália, repercutindo logo por todo o Ocidente.

Nos célebres *Versos Dourados* de Lysis, ressalta a essência do sistema pitagórico, repleto de ética científica capaz de formar uma sociedade de homens corretos tão adaptáveis à religião da ciência como a ciência da religião. Na escola pitagórica encontra-se o sistema mais completo para formar o tipo perfeito do homem leigo na pura acepção da palavra, ajustado ao temperamento ocidental tão inclinado à independência de critério que devia formar o individualismo de nossos tempos.

Assim, soube o genial pensador derivado do místico Oriente, o pensamento essencial dos Iniciados, modela-lo na diafanidade do gênio helênico, para transferi-lo ao espírito inquieto e investigador como gérmen das futuras civilizações.

E para que a tradição não minta, o Fogo Sagrado de Héstia ainda persiste ativo e crepitante, na divina inspiração de um abnegado discípulo, quem sabe? dos tempos seculares, no altar do Templo das Musas em Curitiba, no Estado do Paraná.

E desse modo, a obra grandiosa de um dos Filhos de Shamballah, ainda hoje está sintetizada nestas sublimes palavras: "Dhâraniânos e Pitagóricos; a alma do oriente e da Heliade reunidas na alma brasileira, síntese da alma universal. Trabalharemos pela Paz sem dogmas; o Brasil é a Terra da Fraternidade; o santuário da iniciação moral do gênero humano, a caminho da *sociedade futura*".

Para não passarmos adiante sem termos prestado a devida homenagem a um destes grandes Seres, que nada mais são do que "a sombra do verdadeiro Budha, pairando sobre a Terra", "quando Dharmah a Lei Justa declina e Adharmah se levanta", do divino Platão diremos que foi o continuador de Pitágoras, "tal como nos mistérios de Eleusis, o porta brandão seguia o hierofante".

Inspirado foi Schuré quando diz: "Orfeu é o iniciador da Aurora, Pitágoras o do Meio-dia, Platão o do entardecer da Hellade, entardecer de púrpura ardente, de que resultou a rosa de uma alvorada nova, a da humanidade".

Platão foi o redívivo ou ressuscitado, porque teve duas existências diferentes: o poeta ateniense de facilidade maravilhosa em adaptar-se a todos os gêneros, sentindo com intensidade igual, a poesia amorosa e ditirâmbica, a epopéia, a tragédia, a própria comédia com seu sal ático do mais fino... e o discípulo sincero de Sócrates, de quem

procurou seguir as pegadas, desde o primeiro dia em que o viu falar às massas, sobre o Justo e o Injusto, o Belo, o Bom, o Verdadeiro.

Poucos dias depois da convivência com o Mestre, Platão acabava de nascer dentro de si mesmo, e abandonando os prazeres da mocidade, despedia-se de seus amigos e de seus versos.

Tomando das mãos a dois moços sérios que se conservaram com ele, mostrou-lhes, sobre um pequeno altar, uma pirâmide de papiros; eram todas as suas obras poéticas. Pegando de uma tocha, lançou-lhe o fogo dizendo: "Vulcano, aproxima-te, Platão precisa de ti".

"Platão como Sócrates, coloca-se sobre o próprio terreno dos moços Atenienses, dos mundanos, dos retóricos e dos sofistas. É com as suas armas que os combate. O seu gênio de águia rompe, porém, a cada momento as grades da sua dialética estreita, como para se levantar em um vôo ousado às verdades sublimes que são a sua pátria e a sua atmosfera natal".

"Havendo penetrado com Hermés, Orfeu e Pitágoras no interior do Templo, melhor podemos julgar da solidez e da direitura dessas largas estradas, construídas pelo divino engenheiro que foi Platão. O conhecimento da Iniciação dá-nos a justificação e a razão de ser do Idealismo". Essas grandes estradas ele soube abrir no espírito humano.

Para que melhor se julgue da sua obra, basta dizer que "os primeiros padres da Igreja renderam homenagem a Platão; e eis porque Santo Agostinho lhe deve dois terços da sua teologia".

Hoje mesmo, em que a poeira dos tempos desceu sobre as obras valiosas do passado, subsiste no nosso espírito o nome glorioso de Platão.

"Sempre simples e modesto, mas irradiante de eterna mocidade, ele nos estende o ramo sagrado dos Mistérios, o ramo do mirto e cipreste, com o narciso - essa flor d'alma que promete a divina renascença em uma Nova Eleusis".

***Ecce Homo ! Eis aqui o homem ! Jesus, o Cristo.
- Vêde-o na Cruz, além: a realeza inclemente,
Dos espinhos cruéis que apertam sua fronte...
Vêde as chagas sangrando - e o olhar que já presente...
O ultraje que o insulte, o insulto que o afronte...
Morreu por nós... Mas vive em nós eternamente.***

Mais uma vez a Divina Sabedoria era trazida ao mundo... e a recompensa humana - o martírio, a dor, o sofrimento.

Roma, foi a herdeira da civilização helênica, e nos momentos históricos de sua decadência, a raça teutônica apontava nos bosques da Germânia. Quando as sementes desta raça se espalharam pela Europa setentrional "levavam consigo o germen de uma potencialidade e energia suficientes para desenvolver uma civilização cujas características haviam de ser a intelectualidade fria, investigadora, ávida de conquistas industriais e científicas".

"Confusas e sombrias são as origens do cristianismo; porém de seu começo resulta a aparição de um novo instrutor, cuja obra consistiu em fundar uma religião reveladora de nova essência emanada da eterna Teosofia, ou Sabedoria dos Deuses, cuja tônica foi o amor em contraposição ao grosseiro intelectualismo dos saxões e à impulsiva emotividade dos latinos que naqueles tempos tinham em suas mãos o cetro da civilização ocidental".

A nova revelação dos excelsos lábios do Nazareno, continha a essência vitalizante que equilibrou, por vinte séculos, os impulsos da emotividade com a intelectualidade, para que o impulso progressivo que mais tarde devia vir, encontrasse o Ocidente preparado para a Grande Obra.

Desde Pitágoras a Platão, multidões de filósofos mantiveram o racionalismo espiritualista dos focos luminosos do passado, originário da escola agnóstica, a cuja frente estava Orígenes, o qual conservou a sabedoria dos Mistérios cristãos, reminiscência essencial dos mistérios indos, egípcios e gregos, aos quais o Mestre Jesus ou Jeoshua, deu novo poder e vigor com a sua palavra divina.

O amor e o dever foram ensinados ao povo judeu; o monoteísmo, proclamado por Moisés, adquiriu nova força nos lábios do Profeta da Galiléia, contra o idólatra e grosseiro paganismo; e a corrente de espiritualidade, mantida pelos primitivos cristãos, dissipou a densa atmosfera criada pela imperante sensualidade pagã.

Em suma, o Mestre elevou os corações capazes de responder vibratoriamente à tônica de amor, conseguiu que a fé de seus discípulos, elevada pelo conhecimento revelado, se elevasse à regiões de pureza nos primitivos cristãos, convertidos assim em semente de uma nova civilização ocidental que ia começar, fundada sobre as cinzas do decadente paganismo.

Tal como acontece em todos os tempos, ao povo Ele deu os ensinamentos por parábolas e exemplos simples, a que podemos denominar de Exoterismo, ou melhor, a Maya Budhista, e aos seus discípulos, a Verdade em toda a sua pristina integridade, ou o Esoterismo, aquele que só pode ser revelado a um número de elite.

Para alguns escritores e grandes vultos da Ciência Sagrada, sobre a personalidade de Jesus, pairam algumas dúvidas em vista do mais antigo escritor que é Flávio Josepho (historiador judeu, autor das Antiguidades judaicas, etc, etc, dos anos 37 a 95 d.C.) não se ter referido, absolutamente, à sua vida, o que tal não acontece com Apollonio de Tyana, cuja semelhança de vida obrigou ao Catolicismo a desviar a atenção da sua personalidade. Os milagres, em muito maior número que os de Jesus, os admite o próprio São Jerônimo e muitos outros.

Nos ensinamentos de Tyana apercebe-se as sublimes doutrinas de todos os outros Iluminados, desde a de Hermés, até o primitivo Budhismo de Gautama e seus arhats.

A Mestra H.P.B. na Doutrina Secreta (ed.esp.pág.184 e seguintes, onde fala de Apollonio de Tyana) diz: "Acrescentamos a isto, que a ser Apollonio de Tyana uma ficção novelesca, não teria levantado Caracalla um monumento à sua memória (16), nem Alexandre Severo teria colocado seu busto entre os dos semi-deuses junto ao do verdadeiro Deus (17), nem uma imperatriz manteria correspondência com ele".

E para terminar: "De ser Apollonio um herói novelesco, dramatizado na quarta centúria, os habitantes de Éfeso não lhe teriam erguido uma estátua de ouro, em agradecimento aos benefícios recebidos (20)".

Esses tem sido os grandes Sóis baixados ao Mundo nas grandes épocas da decadência humana, para o restabelecimento da Lei. As sublimes doutrinas de Amor e de Sabedoria por Eles pregadas e praticadas, criaram fortes e vigorosas raízes que se estendem por toda parte do Globo.

Os seus discípulos ou aqueles que "receberam no silêncio solene das paixões abafadas", as grandes revelações dos deuses, são outras tantas estrelas de segunda grandeza que, de tempos em tempos aparecem na Terra, como portadoras da Fé, instruindo, remodelando, criando núcleos de *resistência* e de *trabalho*, ou melhor dito, os esforçados obreiros do Grande Edifício Humano, sintetizado na Divina Tríade do *Bem*, da *Verdade* e da *Justiça*.

Impossível se torna citar os nomes de todos esses abnegados Seres, que tudo abandonaram na vida, pela sacrosanta Causa que empolga a todos quantos já tenham alçado o vôo às elevadas regiões do Mental Superior, onde já se começa a sentir o embriagante perfume do Loto das Mil Pétalas.

Tem sido Eles toda essa plêiade de teósofos e iluministas que traziam os nomes de Amonio Sacas, Cornelius Agrippa, Claude Bernard de Saint-Martin, Paracelsus, Cagliostro, Saint-Germain, Swedenborg e tantos outros cuja passagem pelo mundo, representa um Raio partido do Infinito, que vem iluminar a Humanidade inteira !

Nos nossos tempos, "qual estrela bendita a luzir", aparece no azul do Firmamento, aquela que levava o nome de Helena Petrovna Blavatsky - a discípula predileta dos Mahatmas - e cujos direitos adquiridos lhe permitiram a construção da mais bela Obra destes últimos cem anos. Dizer o que foi esta sua última existência, seria repetir tudo quanto se acha inscrito nas áureas páginas da História dos Grandes Seres.

Responde por tudo quanto pudésemos dizer, essa multidão de seres erguida das trevas, e hoje banhada pela Luz da Verdade, como portadora de novos brandões que, por sua vez, tem iluminado a grande Vereda da Iniciação, para que outros peregrinos que nela desejam palmilhar, encontrem-na mais lisa e suave.

A Sabedoria dos Deuses, até então conservada nos Templos Iniciáticos e nas misteriosas criptas da Índia e do Egito, Ela a soube revelar de modo todo especial, através da sua inimitável imaginação, tal como atestam os dois gigantescos monumentos da literatura esotérica que se intitulam de *Ísis sem Véu* e *Doutrina Secreta*, ou o inesgotável manancial onde vão beber da *Água da Sabedoria*, todos os sedentos de Luz.

Era ainda seu papel, completar os grandes esforços dispendidos em existências anteriores, já como teósofa, na acepção da palavra, já como Maçon que sempre foi, pois que Teosofia e Maçonaria são as duas colunas que mantém firme e resistente o majestoso Templo da Verdade.

Teosofia é a Sabedoria dos deuses, no seu duplo aspecto de Amor e de Verdade. **Maçonaria** por sua vez, é a "gloriosa Mensageira da Verdade e do Bem, que através dos séculos vem abrindo largo sulco de Caridade e Justiça".

Ambas se fundem em uma só Força e Poder, porquanto representam as mais valiosas correntes para a organização do Edifício social, os meios mais eficientes para a realização do sublime Ideal da "Hierarquia Oculta" - a Fraternidade Humana, e ainda, o poder mágico e infalível de cada homem poder decifrar o misterioso enigma da sua *Esfinge* interna.

E, perguntareis vós, que representa então Dhâranâ, esse núcleo espiritualista que desde o seu início nada mais foi do que um ponto de interrogação, que tanto intrigou os que d'Ela se acercaram e não puderam resolver tão difícil quão misterioso problema?

Dhâranâ, cujo nome ainda faz parte desse ponto de interrogação, tanto pode ser Horus, filho de Ísis e Osiris, segundo a iniciação egípcia, como também Hiram, o eleito de Salomão para construtor do Templo.

Ela representa o mistério sublime do passado e em breve, a grande revelação do presente, ressurgindo maravilhosamente bela, no papel importantíssimo que lhe coube neste abençoado país, cujo nome muito bem traduz que o Fogo Sagrado há de ser mantido a todo o transe, durante séculos, para que se realize o Supremo Ideal dos Dirigentes da Evolução Humana.

Entre o considerável número de mônadas em franca agitação no Trabalho da atualidade, figuram duas em Dhâranâ saídas de misteriosa Confraria do Deserto Líbico, cujo grau de latitude norte (23o.) coincide exatamente com o mesmo grau de latitude sul, que é a cidade de Niterói.

Vindas do Trópico de Câncer, elas trazem a magna incumbência, juntamente com outras que se encontram esparsas pelo mundo, de preparar o terreno sáfaro ainda, onde a Sétima sub-raça virá edificar o seu glorioso reino. (Câncer é o signo da Lua, o que... faz lembrar os Pitris lunares (Barishad-Pitris). E onde deveriam ser estabelecidas as bases para semelhante desideratum, senão no Trópico de Capricórnio ? (Capricórnio, é signo de Júpiter seu Trono diurno, e de Saturno, no Trono noturno. Capricórnio, provém da palavra sânscrita *Makara* ou *Kumara*, que quer dizer filho do mental. Os Kumaras são os quatro grandes Seres mais elevados da Hierarquia Oculta, que auxiliam a evolução humana e se acham em Shamballah, o país sagrado dos Deuses. Por sua vez, faz lembrar os Pitris solares). Assumimos completa responsabilidade por essas revelações que fazemos, já por sermos obedientes ao mandato que nos foi confiado, já porque os tempos atuais assim o permitem. Elas são do domínio de outros discípulos saídos da mesma Confraria da Líbia. Essa Confraria a que nos referimos, hoje pertencente ao mundo dos "Jinas", forma um Triângulo mágico com as de Luxor e Karnak... e quem sabe ? o motivo, talvez, do célebre símbolo com que Serapis Bey, o Mestre egípcio, timbrava as suas mensagens precipitadas, por intermédio de H.P.B.

Parece ainda, que isso se relaciona com a viagem que H.P.B. fez à América do Sul, visitando determinado ponto do Peru, onde existem vestígios do passado remoto, tal como costuma acontecer em outro lugar situado nos confins de Mato Grosso, próximo a Goiás, sendo que todos esses pontos se acham em vibrações ocultas com as supracitadas Confrarias do Triângulo mágico. Desse modo, temos chegado à atualidade ou o período da Nova Era para o mundo.

"Da Atlântida e da África, da Ásia e da Europa, migraram grupos humanos que se vieram fundir na população autóctone do Brasil". "Durante milênios a ação dos meios telúricos, intensa e amoldante, cingiu o homem, domou-o, impondo-lhe o litoral e o sertão, o mar e a floresta, a montanha e o vale, o rio, o brejo, o campo". "O amálgama das raças, no variegado do habitat, predispôs à universalidade, no cosmopolitismo. Usos, costumes, sentimentos, idéias, retraçam o gênero humano".

"Vencidos e foragidos, vítimas de bárbaros e algozes, em todas as épocas, desde rudes idades pré-históricas, refugiaram-se no Brasil. E o Brasil acolheu-os, alimentou-os, robusteceu-lhes o ânimo; e lhes foi infiltrando, na magia de seus encantos, na seiva de seus frutos, no magnetismo de suas auroras e poentes, na magnificência de seus aspectos,

na miragem de seus tesouros, na limpidez de suas águas - sentimentos de beleza, bondade, paz, amor, solidariedade, harmonia".

"Dos peitos agradecidos subiram bênçãos; das almas reconfortadas evolaram-se gratidões; dos espíritos serenos irradiaram idéias criadoras".

"Assim se fez o Karma do Brasil !"

"Assim em todo o Orbe, ficou o Brasil a TERRA DA FRATERNIDADE".

No seu seio incandescidas as *brasas* da mais alta espiritualidade, pelo Ígneo Poder dos Eternos Construtores da Evolução Humana, mistér se faz que todos os atos e pensamentos de seus filhos - os brasileiros, sejam moldados sob os elevados princípios que caracterizam as almas privilegiadas sobre que pesa a grande responsabilidade de servir de exemplo edificante às demais almas em peregrinação na Terra.

Sabem todos aqueles que trabalham pelo mais sublime dos Ideais - a Fraternidade Humana - que o mundo é a pátria de todos os seres que nele habitam.

Porém, enquanto não chega essa Aurora abençoada para a Terra, é dever nosso pensar do mesmo modo que o Mahatma Koot-Hoomi, quando diz: "Eu confesso sem reboço, que ainda não me encontro liberto dos laços terrenos, e que me sinto ainda atraído para determinadas pessoas, e que a filantropia tal como é pregada pelo nosso Grande Instrutor "o Salvador do Mundo", que ensinou o Nirvana e a Lei, não extinguiu em mim essas predileções de amizade, nem o amor para com os seres mais próximos à minha pessoa, *nem o ardente patriotismo que ainda possuo pelo país em que ultimamente tomei corpo*".

E quando assim se exprime em Mahatma, ou um desses gloriosos Seres que trabalham pelo progresso espiritual da Humanidade, o que poderá dizer um mísero discípulo que ainda tateia nas trevas da ignorância, dando, embora os primeiros passos na Vereda dos Mestres ?

Como não há de a sua alma pequenina, presa todavia a laços de verdadeira espiritualidade partidos de longínquas paragens do Globo, deixar de amar o país onde nasceu nesta existência, e para o qual tem deveres a cumprir, juntamente com os que o acompanham na gloriosa jornada ?

Desse modo, enquanto não seja desfraldado um só pavilhão de alvura imaculada por sobre todas as nações do mundo, amemos e defendamos o Brasil - a Terra da Promissão ou a Nova Canaã, por ter sido a eleita entre as demais, de possuir a sublime missão de Paz, Amor, Luz e Progresso para toda a Humanidade.

Seja a Paz com todos os Seres !

H.J.Souza

Niterói, 7 Março, 1928

A MINHA MENSAGEM AO MUNDO ESPIRITUALISTA III e IV
(Dhârânâ No. 29 - 1928)

CRISTIANISMO

"Há uma só verdade, embora os homens lhe dêem nomes diferentes".
Do "Rig - Veda"

De acordo com o que foi dito nas Preliminares desta Mensagem, é com as próprias palavras dos Mestres de Sabedoria - principalmente Aquele que para nós e centenas de discípulos de H. P. Blavatsky, esparsos pelo mundo, é o expoente máximo da evolução humana, ou seja, o Mahatma Koot-Hoomi - de que nos vamos servir para realizar os fins a que nos propusemos, isto é, procurar na pobreza e humildade de nossa evolução, fazer aquilo que outros muitos já fizeram antes de nós; desprender a Verdade da fortíssimas cadeias a que se acha ligada, representadas pelas diversas metamorfoses porque mãos profanas A fizeram passar, desvirtuando-a, portanto, da sua prístina integridade (2).

Como se sabe, o Mahatma Koot-Hoomi, é um dos preclaros Membros da *Loja Branca do Himalaya*, composta de Seres que completaram a sua evolução superior, enquanto velam pela ainda infantil Humanidade, cujo cuidado e direção lhes estão confiados pelos altos desígnios da Lei de Amor e compaixão.

Assim nenhum valor assiste a quem esta Mensagem subscreve, a não ser o de irmão menor que a seus irmãos da mesma categoria, vem relembrar os valiosos conselhos e ensinamentos dos Maiores, afim de evitar que o mundo se lhes torne cada vez mais pesado, tal como diz o célebre adágio: *"Quanto mais aumentardes o peso do mundo, mais o mundo pesará sobre ti"*.

Adeptos fervorosos da escola Blavatskyana, por isso mesmo, estamos de pleno acordo com as suas seguintes palavras: "A crítica mútua é a política mais sadia e ajuda a estabelecer regras finais e definitivas na vida prática, não meramente teórica. Temos tido teoria de sobra".

Já está subentendido que H.P.B. assim externando a sua maneira de pensar, não quis absolutamente, dizer com isto que a crítica se deva afastar dos mais comezinhos princípios da educação... ou se revista *dessa maledicência encoberta com os véus "mayávicos" da tolerância e do respeito*, com que nos dias atuais, os defensores do sublime ideal da Fraternidade Humana, costumam usar contra aqueles que não se deixam levar como pacíficos cordeiros... pela sugestão de *qualquer amável ou mesmo dedicado pastor ou condutor de gado...*

Para quem não raciocinar desse modo, nenhuma resposta mais apropriada do que o *silêncio*. Disso já tivemos ocasião de dar provas sobejas, embora muitos tivessem sido aqueles que nos julgaram segundo o adágio de que "quem cala consente".

Qual poderia ser a resposta à uma campanha de difamação, toda ela eivada de despeito e amor próprio ofendido e... ainda mais, pelas colunas de um jornal duplamente falido - da moral e das finanças, como prova a sua inexistência na atualidade - e pior ainda, entrincheirada na palavra que de antemão havíamos dado aos nossos inúmeros amigos e afeiçoados, de jamais respondermos a ataques pessoais?...

Bem razão teve o Mahatma Koot-Hoomi quando diz que o "número de pessoas sem alma neste mundo é muito maior do que se pensa!"

Estamos satisfeitos com a nossa consciência, procedendo de tal modo e... é quanto basta!

Somente um JUIZ poderá julgar nossos atos, até mesmo quando agora, depois de tanto tempo decorrido, procuramos novamente avivar a ferida já cicatrizada: Karma, na sua infalibilidade ! ...

Como é triste num Templo de trabalho como este, ser forçado a desviar os passos das divinas diretrizes traçadas pelos Mestres da Sabedoria, para apanhar a Flor Bendita - o Loto Sagrado - completamente esmagado pelos tacões dos muitos peregrinos que na Vereda dos Senhores de Compaixão, vagueiam de olhos vendados ! ...

Graças a um pouco de esforço e "renúncia" ao nosso *eu inferior*, podemos sufocar a dor imensa que nos dilacerava a alma... e este foi, talvez, o maior motivo da nossa vitória em toda linha.

É do botão da renúncia da sua própria personalidade, que nasce o fruto doce da libertação final, diz a *Voz do Silêncio*.

Já tivemos ocasião de dizer em um artigo nosso intitulado "Aos que não nos amam": "Os nossos inimigos são os nossos maiores benfeitores, pois de fato, são eles que nos abrem as portas que conduzem ao Sol da Verdade".

Abençoados pois, aqueles que concorreram para o nosso avanço... se é que tão pouco tivesse sido motivo para algum progresso na grande jornada através da Vereda da Iniciação !!! É, portanto, a essa espécie de crítica que ataca pessoas, invade lares, espezinha, maltrata, e... até levanta falsos testemunhos, adulterando fatos, corrompendo a própria consciência, que nos afastaremos hoje, amanhã e sempre, porque essa maneira de proceder é contrária às Leis sublimes de Amor, Verdade e Justiça, porque se regem os homens justos e bons!...

E daí, quando nesta e demais partes da Mensagem temos que usar de uma certa aspereza em nossa linguagem, não se trata, absolutamente, de visar esta ou aquela pessoa, mas tão somente o MAL perdurável que aflige a humanidade - a ignorância ou falta de Luz.

Além disso, é a resposta aos insultos quotidianos que são feitos à Verdade única e não a nós outros, míseros discípulos, aos quais, como já foi dito, toda e qualquer ofensa só poderá redundar em benefício próprio, isto é, em progresso espiritual.

Da tribuna e da imprensa católica e protestante, outra coisa não se faz senão dirigir as crenças e ideais alheios, os maiores insultos, as maiores torpezas, acabando portanto, de matar a pouca ou nenhuma fé que ainda subsiste no homem... e sempre através o *eterno espantanto das lendas infernais* e intrigas jesuíticas com que em todos os tempos se procurou suggestionar às massas, para não dizer, aqueles que adeptos da "lei do menor esforço, preferem seguir as *religiões de seus pais*, como se estes, por sua vez, estivessem donos da Verdade una.

Quando arcamos com semelhante responsabilidade, já possuíamos a certeza absoluta das correntes de ódio e desprezo que nos haviam de cair por sobre a cabeça, embora a nobre intenção de que nos achamos possuídos, isto é, o intenso desejo de proteção e amor a todos os seres.

Satisfaz-nos, no entanto, a certeza do cumprimento do dever, ainda mais quando relembando todo o passado glorioso de Seres cuja perfeição e sabedoria não nos permitem sequer beijar o pó das suas sandálias, e que pagaram com a vida todo o bem que espalharam no mundo.

Razão teve S.Paulo ao proferir estas palavras: "Todos nós ressuscitaremos; porém nem todos seremos mudados! Só merecem ser "mudados" e "acompanhados" os que aqui clamaram no deserto.

.....

"Le peuple se moquera toujours des vérités simples; il y a besoin d'impostures... Un esprit ami de la sagesse et qui contemple la vérité sans voiles, est contraint de la déguiser pour la faire accepter aux masses... La vérité devient funeste aux yeux trop faibles pour soutenir son éclat. Si les lois canoniques autorisent la réserve des appréciations et l'allegorie des paroles, j'accepterai la dignité épiscopale qu'on m'offre, mais à condition qu'il me sera loisible de philosopher chez moi, et de raconter au dehors de reticentes paraboles. Que peuvent avoir de comum vraiment la vile multitude et la sublime sagesse ? La vérité doit être cachée; il ne faut donner aux foules qu'un enseignement proportionnel à leur intelligence bornée..."

(Synesius - Lettres)

Tal como já foi dito na Primeira-parte desta Mensagem, não concebemos RELIGIÃO, senão de acordo com a sua etimologia latina, isto é, como a dupla ligação de fraternidade entre os homens; ou mesmo se o quiserem, a união de cada homem com seu Eu superior, seus Cristo, seu Raio ou seu Deus, etc, etc.

Muito bem responde à questão, o erudito teósofo Dr Mario Roso de Luna, dizendo: "Os seres superiores como Budha, Cristo, etc, etc, nos deram doutrinas eficazes para que nos remíssemos. Nenhum deles fundou a religião confessional que se lhes atribui. Quem logo fundou-a, foi o imperialismo de seus pretensos discípulos que, escravos do inerte dogma que criavam, esqueceram que "religião, não crença, não é senão a dupla ligação de fraternidade entre os homens, conforme a sua etimologia latina".

E também como já foi dito, outro não foi o papel da *incompreendida* H. P. Blavatsky, quando há cinqüenta anos atrás fundou a "**The Theosophical Society**", isto é, demonstrar que todas as religiões não passam de róseos contos infantis e objetos de exploração e domínio, e as suas revelações como "duplos véus" lançados sobre a Sabedoria iniciática das idades, que foi antes de tudo - ciência, uma ciência perfeita que é mistér descobrir.

E daí, ter ela escolhido para a Sociedade que acabava de fundar, o célebre lema do Maharajad de Benarés: "NÃO HÁ RELIGIÃO SUPERIOR À VERDADE".

"Nenhuma das religiões, desde a mais antiga à mais moderna, se fundou em uma absoluta ficção, nem tampouco foi objeto exclusivo e *ad-hoc* de uma revelação feita especialmente para elas. Dogmas ulteriores, filhos do interesse sacerdotal ou egoísta, acabaram por matar sempre a respectiva verdade religiosa primordial, e nenhuma doutrina de humano nascimento, por mais santificada que esteja pelo hábito, pelo tempo ou por seus homens, pode ser comparada em santidade, com a religião da Natureza. A Chave da Sabedoria que abre as ebúrneas portas que nos impedem o acesso aos arcanos dos mais recônditos santuários, se acha oculta em um Seio misterioso, e este primeiro Seio se acha nos remotos países assinalados pelo grande vidente do século passado, Emmanuel Swedenborg: Ex-Oriente Lux ! Aí, é onde de fato se encontra o verdadeiro Coração da Natureza, essa urna excelsa, santa, de onde saíram as primeiras raças da Humanidade e que é o primeiro berço do homem primitivo".

Sim, é do Oriente que vem toda a Luz que se reflete por sobre a Humanidade!

"No Oriente floresce o Loto, Místico emblema de serenidade búdhica... e essa planta simbólica consta, na sua alegoria, de sete talos. Quatro sustêm as respectivas folhas num plano horizontal, determinado pelo nível das águas; dois mais elevados, sustêm outras duas folhas no ar, as quais formam os dois vértices inferiores de um triângulo, em cujo vértice superior resplandece a Flor Sagrada".

Não fica aí, ainda, o seu simbolismo, pois que em si se encerra os três principais corpos ou princípios do homem: "sua raiz corpórea está no seio do lago; suas folhas físicas, no seio tranqüilo e "lunar" das águas; enquanto que a sua corola, que é a alma já libertada e seu perfume, que é o próprio Espírito, se banham sob os vivificantes raios do Sol !"

Desde séculos, quer no ideal, quer no histórico, o Oriente vem sendo o coração do mundo; em suas poderosas e antigas civilizações, se deram elevados ensinamentos e germinaram sentimentos de espiritualidade, que fizeram aqueles povos sábios, devotos e místicos.

O amor e a aspiração para o mais além do humano, ainda mantém ali corações puros que, como sacrário vivo, alimentam o fogo da santidade purificadora que se estende e vivifica como o sol de luz e vida que dali nos vem.

O inspirado escritor francês - Alexandre Dumas, cujas obras são verdadeiros tesouros iniciáticos, diz no seu romance "Les Mohicans de Paris": "L'Inde á l'aquelle il doit toujours révenir, chaque fois que, las de son Occident disputeur, l'Européen a besoin de retremper son âme aux sources primitives; l'Inde, cette mère commune du genre humain; l'Inde, notre majestueuse aieule, fut payé de sa tendre pitié, en demeurant féconde; son symbole, c'est la vache nourricière. Guerres, desastres, servitudes, passent sur elle depuis trois mille ans, et son intarrissable mamelle est toujours prête á desalterer trois cent million d'hommes, indigènes ou étrangers".

A Índia é de fato, a mãe dos homens, como o Egito poderia ser chamado de Pai; ambos se completam. "A medida que se avança na história, se vê deslocar a universal hierarquia; a multiplicidade dos schismas prejudicar, cada vez mais, a unidade primitiva; e sob as ruínas dos grandes colégios de magos esses centros oficiais de alta iniciação física e mental, de onde radiava outrora sobre o mundo pacífico, o calor e a luz dos adeptos individuais, surgir das suas ruínas!"

"Ao ensinamento geral das universidades ocultas, sucedem escolas privadas, guiadas por Mestres independentes. Fazem exceção, todavia, alguns santuários célebres - Delphos, Menphis, Preneste, Eleusis, etc..., cujo inevitável desmoronamento é por muito tempo retardado, mas onde o nível do ensinamento materializado baixa pouco a pouco (3).

"Despedaçada pela queda do Supremo Pontificado universal, a centralização hierárquica não opunha mais a invasão das paixões, o seu dique tutelar; os sacerdotes transformaram-se em homens... e o culto à mulher e às paixões

desregradas, foi estabelecido. A pior das rotinas - a da inteligência, elevou domicílio nos templos; ao espírito, a letra morta substituiu. Os pontífices perderam logo a chave tradicional dos hieróglifos sagrados, afim de que fosse realizada na face da terra a profecia de Thot, o Trimegisto: "*Egito*, não restará de tuas relíquias, senão as vagas narrações que a posteridade jamais dará crédito... e sobre a pedra fria... apenas palavras gravadas, contando a tua devoção... O divino tornará a subir ao céu; a humanidade abandonada morrerá por completo, e o Egito ficará deserto e viúva de homens e de deuses!... Ela, outrora, a *Terra Santa*, amada dos deuses, por sua devoção a seu culto, será a perversão dos santos, escola da impiedade, o modelo de todas as violências. Então, cheio de desgosto por todas as coisas, o homem não mais terá pelo mundo, nem admiração, em amor!..." Assim definiu Hermés, o tríplice fundador da religião, da filosofia e da ciência, o futuro do glorioso Egito... o que importa dizer, o futuro de todos os povos... oriundos daquele Tronco!...

De fato, o Esoterismo cedeu lugar ao Exoterismo; a religião-sabedoria foi transformada; a idolatria sucedeu ao culto do verdadeiro Deus, a superstição à Magia; as desordens da moral arrastaram imediatamente as desordens sociais, e os Faraós oscilaram nos seus tronos; aproveitando esses momentos de perturbações, o inimigo invadiu o território e o Egito inteiro, devorado pelas chamas, desmoronou sobre o sangue de seus filhos!...

Que resta hoje daquela inconcebível civilização, e de tão soberbas magnificências?

Ruínas e areia ! ...

.....
Homens passados, presentes e futuros, vós todos que sois um pensamento do eterno Sopro de Vida, pensai o que seriam vossas luzes e vossas felicidades, se todos os germens divinos que vos constituem, estivessem em sua atividade e em seu desenvolvimento?!

Mas... se sob o privilégio que a vossa divindade vos anima, persistirdes em viver, ainda alquebrado sob o peso dos gemidos e de todos os pesares de vossas atuais existências - que vos interdizem os gozos ultraterrenos - procurai ao menos fazer refletir sobre vós os traços dos raios de vosso Sol gerador, envidando ser aquilo que foi o homem em uma época que passou para vós... mas cujos testemunhos que vos restam na beleza de vossa estrutura física, e na pujança de vossa mentalidade... definem bastante que ela não vos foi estranha... e que se perdestes a memória dessa época maravilhosa do passado, deveis única e exclusivamente às religiões pervertidas pelo interesse e maldade dos homens !...

Sim, porque as atuais religiões jamais poderão conduzir o homem ao seu verdadeiro destino, porquanto não é pelo temor a um Deus vingativo e às *penas infernais*, com que "livre de paixões, isento de temores, e munido de uma fé inabalável em si próprio, ele poderá alcançar o pináculo da glória ou o cume da Montanha... onde tremeluz o Triângulo Mágico da Iniciação !..."

.....
As seitas são ramas pequenas que das maiores se derivam. Porém, umas e outras foram arrancadas do mesmo Tronco - a Religião Sabedoria. "Tal coisa procurou demonstrar Ammonio Sacas, com o intento de que gentios e cristãos, judeus e idólatras cessassem as contendas e disputas, para que despertos dessa horrível cegueira, compreendessem que todos estavam de posse da mesma verdade oculta nos diferentes aspectos, e de que todos eram filhos de uma mãe comum. O judaísmo estabeleceu-se em Alexandria, sob o reinado de Ptolomeu Philadelpho, e os mestres hellenos foram, desde então, perigosos rivais do Colégio de Rabinos da Babilônia.

Ammonio Sacas ensinou que a religião das multidões correu pari-passu com a filosofia, e que com esta se foi corrompendo gradualmente, por *vícios de conceitos*, mentiras e superstições puramente humanas. Portanto, era necessário restituí-la à sua pureza original, purificando-a da escória e interpretando-a filosoficamente, pois o propósito de Cristo foi estabelecer e restaurar à sua pristina integridade, a Sabedoria da antiguidade; reduzir o domínio da superstição que prevalecia no mundo; corrigir por uma parte, e por outra extirpar os erros introduzidos nas diversas religiões.

Esse tem sido o papel da Teosofia desde tempos remotos, principalmente quando há cinquenta anos atrás, o adepto rosacruziano que trazia o nome de Helena Petrovna Blavatsky, recebeu ordem de outros Seres muito mais elevados, de fundar em Nova York a The Theosophical Society, e que depois foi transplantada para as Índias. É portanto a Ele a quem se deve nestes últimos cinquenta anos o ressurgimento da Sabedoria dos Deuses - a Teosofia, que cada vez mais se vem implantando na face da terra, como precursora de um período áureo para o mundo!...

Todo homem necessita criar a Deus, criar a si mesmo, fazer-se independente, impassível e imortal. Esta é a grande dificuldade ou o extraordinário programa mais temerário que o sonho de Prometeu. Em outro sentido é perfeitamente razoável, e a "Ciência dos Adeptos" é a única que promete realizá-lo e dar-lhe um perfeito cumprimento. E... é isso, justamente, o que vamos tentar demonstrar no decorrer desta tão humilde quão sincera Mensagem, para que os homens não continuem - tal como o poeta - perguntando ao seu gênio onde se encontra a Verdade:

"Socrate la cherchait aux beaux jours de la Grèce.

Platon á Suniun, la cherchait aprês lui

Deux mille ans sont passés, je la cherche aujourd'hui,

Deux mille ans passeront et les enfants des hommes

S'agiteront, encore, dans la nuit où nous sommes".

.....
Diz a Voz do Silêncio: "Quem primeiro ouvirá a doutrina dos dois caminhos em um, a verdade sem véu a respeito do coração secreto? A lei que, rejeitando o aprender, ensina a sabedoria, revela uma história de dor?" "Ai de nós, ai de nós que todos os homens possuam Alaya, sejam unos com a grande Alma, e que possuindo-A, Alaya de tão pouco lhes sirva!"

"Repara como, qual a lua se reflete nas ondas tranquilas, Alaya é refletido pelos pequenos e pelos grandes, espelhado nos átomos ínfimos, e contudo não consegue chegar ao coração de todos. Ai de nós, que tão poucos sejam os homens que se aproveitem do dom, do dom sem preço, de aprender a verdade, a verdadeira percepção das coisas existentes, o conhecimento do não existente!"

Diz o discípulo: "Ó sábio, que farei eu para atingir a sabedoria? Ó sábio, que farei para conseguir a perfeição?"

"Procura os caminhos. Mas, ó Lanu, sê puro de coração antes que comeces a tua jornada. Antes que dêes o

primeiro passo, aprende a separar o real do falso, o transitório do eterno. Aprende, sobretudo, a separar a ciência da cabeça da sabedoria da Alma, a doutrina do "olho" da doutrina do "coração".

"Sim, a ignorância é como uma vasilha fechada e sem ar; a Alma, uma ave dentro dela. Não canta, nem pode mexer uma pena; mas ela, a ave canora, jaz num torpor e morre por não poder respirar".

"Mas, mesmo a ignorância é melhor do que a ciência da cabeça sem a sabedoria da Alma para iluminar e guiar".

"As sementes da sabedoria não podem germinar e crescer no espaço sem ar. para viver e colher experiência, o espírito precisa âmbito e profundidade e pontos que o guiem para a Alma de Diamante (Vjradara, senhor de todos os mistérios). Não procures esses pontos no reino de Maya; mas ergue-te acima das ilusões, busca o eterno e imutável Sat (a única realidade e verdade eterna), desconfiando das falsas sugestões de fantasia".

"Porque a mente é como um espelho; cobre-se de pó ao mesmo tempo que reflete. Precisa que as brisas leves da sabedoria da Alma limpem o pó das nossas ilusões. Procura, ó principiante, fundir a tua mente e a tua Alma".

"Afasta-te da ignorância e também da ilusão. Vira o rosto às decepções do mundo; desconfia dos teus sentidos; eles mentem. Mas dentro do teu corpo - escritório das tuas sensações - procura no impessoal o Homem Eterno; e tendo-o procurado, olha para dentro; tu és Budha (4).

Sim, porque todos nós possuímos um princípio de morte e um princípio de imortalidade. A morte é a besta e a besta produz a bestialidade. O espírito divino se chama o espírito da inteligência; como pode o homem, sua criatura, ser diferente dele?

Em seu brilhante artigo "Vidas anteriores", Roso de Luna diz: "Nossa vida sobre a terra não é, senão, um dos infinitos estados de consciência física, de um algo superior, celeste, angélico, transcendente, místico, razão pela qual se repetindo no Oriente, que a doutrina dos que crêem que, enquanto o homem se desenvolve aqui em baixo, sua alma está nas estrelas ou "ciclos", é uma doutrina eminentemente ocultista".

"A Besta vive em sua carne; o Pensamento em seu Pensamento e o angélico "Augoeides", em supremas esferas, onde tudo é amor, harmonia, verdade e ordem; tudo quanto por divino reputamos aqui em baixo, já que o Homem, com maiúscula, é de divina estirpe, segundo Pitágoras, David e demais iniciados nos místicos segredos dos Céus e da Terra".

"Procurar um piloto para vos levar às portas da Gnose, onde brilha a irradiante luz, pura de trevas, onde ninguém se embriaga, onde todos são sóbrios e voltam os olhos para Aquele que quer ser contemplado, o Inaudito, o Inefável, invisível aos olhos, visível à inteligência e ao coração", disse Hermés, o Trimegisto.

No ritual funerário do "Livro dos Mortos", segundo a iniciação Egípcia, verificar-se-á que Osiris N (chamemo-lo de "aspirante à imortalidade, ou o discípulo posto à prova), de posse de seu domínio próprio, está seguro de si mesmo e nada teme. Diz ele: "Saio com o dom de minha palavra para ser Verdade contra os meus inimigos (X)".

Seu domínio se torna, cada vez mais vasto; possui o Visível e o Invisível, e céu e a terra.

Continua ele: "Atravesso o céu, atravesso a terra, percorro a terra, acompanhando os passos dos manes, como filho vivo (X)".

Embora neste mundo ainda, ele alcançou a vida eterna ou a imortalidade... e as más forças não poderiam prevalecer contra o poder do iniciado.

"Estou munido de milhões de anos pelo meu próprio poder".

De fato, ele é um deus a desabrochar, qual Loto em eclosão, é o próprio Deus, penetrando como *senhor das regiões subterrâneas*, pois o mereceu:

"Concedem-me isso por ser de conduta firme (X)". Estendo o braço como Senhor do diadema. Estendo as pernas como corredor e levanto-me ornado do uroeus (X)".

O uroeus mágico, a víbora olho (o olho de Shivâ), ornará doravante a sua fronte, para afirmar a sua onipotência na divina região inferior... sim, porque aquele que é de procedência celestial tem que escravizar o que é infernal. A cabala o define muito bem, quando diz: "Daemon est Deus inversus".

O próprio Pasteur, no seu discurso de recepção à Academia Francesa, diz: "Os antigos haviam compreendido o misterioso poder do avesso das coisas".

"Vives, amados dos deuses e viverás sempre (X). Resplandeço fora do ovo no país dos Mistérios. Dão-me minha boca para falar. Estou diante dos Grandes Chefes Divinos, diante do Grande Senhor do hemisfério inferior (XXII)".

Segundo a Mitologia, Júpiter em seu trono divino, traz na mão direita o raio que vai desferir para baixo, e na esquerda o símbolo da Vitória. A seta flamejante desferida por Júpiter, é recebida por seu irmão - Plutão (Serapis, etc, etc), senhor das regiões inferiores... que a devolve novamente para... a sua mão esquerda, isto é, o símbolo da Vitória... ou da "mônada" que alcança, depois de inúmeras experiências, o direito de poder voltar à sua divina morada... ou o anjo decaído que, *arrepentido*, sobe novamente ao Seio do Pai.

Outra coisa não representa, ainda a parábola do *Filho pródigo*, de volta à casa paterna.

.....
"A ciência popular, através das suas diversas ramificações, estuda e explica os fenômenos; a ciência mais elevada conduz à realização do Uno imperecível" (Mundaka Upanishad, 1-5).

"A Vedanta, o fim dos Vedas ou da Sabedoria - um dos seis sistemas de filosofia hindu - nos guia por sobre os objetos de percepção e dirige as almas para o Ser Eterno Absoluto, onde encontramos a solução de todos os problemas e respostas a todas as perguntas. Procura demonstrar a relação existente entre a Alma e Deus, com o auxílio dos mais rigorosos processos lógicos e tomando por ponto de partida a mais ampla generalização dos ramos da ciência".

"Ela responde as três grandes funções de uma filosofia: 1o. Fazer a síntese das ciências concretas; 2o. Achar a origem dos conhecimentos (a ciência nos conduz até um certo ponto que não podemos franquear; porém, a filosofia começa onde a ciência termina); 3o. Elevar o nosso espírito até o Absoluto, resolver o problema da vida e da morte; explicar a origem do Universo, da existência individual, o fim da evolução e auxiliar-nos a sair do domínio da ignorância e do egoísmo".

De fato, a ignorância é espiada pelo sofrimento e a escravidão!

O fanatismo e a credence supersticiosa das religiões, são a causa predominante do grande Mal que avassala o mundo!

Senão, digei-me qual a religião verdadeira que nos tirará da escravidão e da cegueira que nos inibem de encontrar esta Luz que todos nós estamos ávidos de A conhecer? Mostrai-me, pois, esta religião existente na face da terra, capaz de resolver tão difícil quanto necessário problema? Cada uma delas diz-se portadora da Verdade una... ocasionando essas grandes lutas religiosas que presenciamos a cada momento... e no entanto, cada vez mais o homem se abisma no oceano imenso da dor e da ignorância! Por toda a parte o eco desesperador e eterno, cheio de ranger de dentes e de lágrimas!...

E, com tudo isso, a Roma moderna, na continuação da sua *infallibilidade*, diz que "jamais houve tanta religião como nesses últimos tempos", assim como quem afirma que jamais houve tanta crença na *Santa Madre Igreja*, como nos dias atuais (Dos últimos jornais).

Se religião é ódio, vingança, traição, adultério, revolução, crimes sem conta, guerras e... toda essa Fé morta que impera no mundo, também nós dizemos: nunca, absolutamente nunca, a religião esteve tão poderosamente enraizada no coração humano, como nos dias de hoje!!! (5)

Desse modo, assiste-nos o direito de dizer com o outro: Foi assim que o vosso Salvador destruiu o império do *demônio*? Parece, ao nosso ver, que o sentido das palavras em vossa teologia, é como o de nossas profecias quando as interpretaís, ou na consciência de vossa maldade, ou no sorriso alvar de vossa estupidez; e que "destruir significa realmente estabelecer ou criar, como salvar quer dizer perder como *perdoar* e *amar* significam *amaldiçoar* e levar à fogueira!..."

"No que se refere ao reino da caridade, onde está ele na terra? mostrem-mo. Estará ele em Roma, donde partem todos os dias excomuniões e anátemas? Estava ele no campo oposto aos ortodoxos e sectários durante os longos horrores de vossas guerras religiosas? Estava ele no coração desses cruzados, que antes de partir para a Terra Santa, levavam às casas israelitas o assassinio a devastação e a pilhagem? Estará ele, ainda, nas fogueiras inquisitoriais e em todos os crimes dos Torquemadas e outros tantos... indignos de se chamarem filhos de Deus?"

Acrescentamos nós: "Dar-se-á o fato, ainda que esteja nos dias atuais, quando a Roma de todas as épocas, vai abençoar as espadas que hão de tirar as vidas de irmãos contra irmãos, quando o seu Salvador disse: "Pedro, embainha a espada. Aquele que com ferro fere, com ferro será ferido?" E é a isso que se chama de Religião! Roma, ao ouvirdes o nosso clamor no deserto, nós os mendigos e peregrinos da vida, quando "torres mais altas tendes derribado!"

Mas, que importa a vossa opinião, que importa o que possais pensar dos que vos lançam em rosto tão duras verdades sobre a vossa pouca fé, se contra todo o vosso ódio e maldade, eles correspondem com a melhor das sinceridades, e todo o amor de que podem dispor para com os seus irmãos em humanidade, sem distinção alguma?!

Menor ingenuidade não foi a de Guilherme Postello, quando julgou ter descoberto a paz universal das religiões e a futura tranquilidade do mundo e que lhe fez escrever o seu *Tratado de Concórdia*, seu livro "*Razões de ser do Espírito Santo*", e que dedicou aos padres do Concílio de Trento - então reunidos na "*Chave das coisas ocultas desde o princípio do mundo*".

A sua carta dizia assim: "Eu vos escrevo esta verdade, meus padres, afim de que cesseis de perder pelo anátema, aqueles para os quais o Cristo morreu; pois Ele mesmo age em todos e em cada um (o grifo é nosso), ensinando-os pela luz de sua consciência, de modo que glorificando a verdade, servem a si mesmo de lei. Abri os olhos, meus pais, meus irmãos, meus filhos, e vede como, por vossa imprudência, estais transformando a redenção do Salvador em uma carnicaria da natureza humana! A Sagrada Escritura nunca fulminou com anátemas aqueles que dela se acham afastados. Ela promete, é verdade, a iniciação a todos, porém, diz também: Em toda nação aquele que faz o bem é agradável a Deus. Não vedes, pois, que tornai as condições do cristianismo mais intoleráveis que as do judaísmo?"

Já está visto que os padres do Concílio não lhe deram nem mesmo a honra de o atacar. Sua obra e sua carta foram consideradas como de um louco, e ficaram sem resposta. Mais tarde, somente, quando ele tendo avançado algumas proposições sobre a redenção do gênero humano que pareceram heterodoxas fecharam-no num convento. E para que se não diga que a Roma de outros tempos era mais intransigente... e até mesmo, mais afastada da *Religião* que a de hoje, mirem-se os interessados na Encíclica que ela acaba de lançar, ultimamente, "sobre a unidade das Igrejas". Citaremos, apenas, dois trechos da mesma, e cada qual que faça o comentário de acordo com a sua consciência, ou melhor, com a sua evolução espiritual: "Não é possível conceber uma sociedade cristã, se os fiéis ficarem livres de seguir a sua maneira de pensar em assuntos atinentes à Fé. O papa reconhece primeiro a tendência geral contemporânea para uma maior união internacional dos povos, mas lamenta queiram alguns transferir esta união da ordem política para a ordem religiosa, unindo a *religião verdadeira* (o grifo é nosso) às religiões falsas (?), como se todas as religiões fossem boas e louváveis! (Nesse ponto ela tem razão, principalmente se ajuizar as demais por si própria!...)

Desnecessário reproduzir o resto da Encíclica, pois é todo ele no mesmo "tom" de prepotência, soberania, desprezo pelas demais religiões; em resumo, tudo quanto se possa imaginar de mais afastado das sublimes doutrinas de amor pregadas pelo seu Salvador, ou *Aquele que, segundo a própria Bíblia, entrando num templo de uma religião que não era a sua*, (pois já existia antes do seu nascimento, dizemos nós), expulsava os seus profanadores, dizendo que ali (?) era a "*casa de Seu Pai*"...! E para que não se faça um juízo errôneo à nosso respeito, que a nossa crítica seja oriunda de não sermos católicos, devemos acrescentar, que também não pertencemos à nenhuma outra - a não ser a Religião-Sabedoria ou Teosofia, por ser Ela a verdade única, de onde emanaram as demais seitas e religiões, depois adulteradas pelo interesse sacerdotal ou egoísta, que acabaram sempre matando a respectiva verdade religiosa primordial.

E a prova disso, está em respeitarmos a memória de seus santos Homens, que não de serem católicos... mas, por terem encontrado o Cristo em seu homem interno - segundo as próprias palavras de S. Paulo - e que se aplicam a todo e qualquer outro de credo diferente, merecem todo acatamento, pelo Bem que espalharam no mundo!... Assim, por exemplo, daremos uma prova cabal do que acabamos de dizer, rendendo a nossa homenagem à memória de um Pio X ou Lourenço Sarto - aquele homem virtuoso que morreu de um traumatismo moral, por ver a humanidade a degladiar-

se, inutilmente, e que lançava uma Encíclica bem diversa da atual - merecedora de todos os encômios, pela sua grandeza e sublimidade, dirigida aos Chefes supremos de todos os credos existentes no mundo, "para que implorassem aos Deus único - que todas elas adoravam, afim de que fizesse cessar a guerra... e a Paz voltasse, novamente, entre os homens". (6)

Onde, pois, a infalibilidade de Roma, no primeiro ou no segundo? Bem razão teve o bispo Strossmayer, quando em pleno concílio negou a infalibilidade dos papas, com tal veemência que, obrigou aos cardeais presentes a se retirarem da sala, em sinal de desaprovação! (7)

E por estas e outras, é que assistimos os extraordinários acontecimentos que se vem desenrolando no México... e nas proximidades de coisas muito mais sérias, ainda. Vem a calhar, neste momento, um trecho do artigo do Dr Mario Roso de Luna - *um desses excomungados*, que nem por isso deixam de ser sábios e virtuosos - e cujo título é "A Sombra de la luna", em referência aos eclipses de 1900, 1905 e 1912... "isto é, que passaremos uma vez mais debaixo da sombra da lua, e entraremos, embora parcialmente, nesse misterioso cone de escuridão, do qual foi tomado sem dúvida, o símbolo dos astrólogos e também... ah! desses encapuzados nazarenos que, círio na mão e vinho no estômago, temos visto desfilar tantas vezes nas procissões da Semana santa sevilhana".

"Céu, purgatório, inferno. Tudo isto é verdade; mas precisamos fazer-nos entender, e não há de ser aqui, faltos de espaço para isso. "infera" quer dizer "lugares inferiores, e há tantos infernos neste baixo mundo, que se chamam de hospital, cárcere, mina, enfermidade, remorso, lágrima, etc, etc... Purgadas, assim, faltas - ia dizer, evolutivas deficiências em transes que não são, senão, provas para o futuro de nosso aperfeiçoamento - a região de Parsifal ou Persefona, a região lunar nos aguarda; essa região cujo contato efetivo pressentimos nos eclipses, e logo "a terra do descanso", os Campos Elíseos ou de Hélios, o Sol, de onde nossa "mônada" caiu evolutivamente com os anjos revoltados, cantados por Milton, segundo os ensinamentos de Plutarco, quando diz que a Terra nos deu o corpo; a lua, a alma; e o Sol, o espírito divino que arde eternamente, embora nas consciências mais anuviadas ou eclipsadas *pela superstição, a ignorância ou o crime*".

Devemos abrir, aqui, um parêntesis, aliás um tanto longo, para respondermos aos nossos amáveis ouvintes, que acompanhando de perto a vida desta Sociedade desde o seu início, não poderão conceber que nela se pregando o *Budhismo*, o seu Dirigente material ouse falar de "religião", segundo a maneira pela qual se vem manifestando nesta parte da sua "Mensagem ao Mundo Espiritualista". Não é de admirar, pois, que se faça o mesmo juízo do Budhismo com um *D*, como se faz erroneamente do Cristianismo!...

Antes de prosseguirmos, devemos conduzir os interessados aos números anteriores de nossa humilde revista, sobre o que se tem dito a respeito da "iniciação mayáutica" desta Escola Oriental transplantada para o Ocidente (permitam-nos assim dizer), com a finalidade única de fazer a escolha das "mônadas" apropriadas ao grande Serviço em que nos achamos empenhados, e que com tanta dificuldade, sacrifício e lágrimas... foi separado "o bom trigo do joio". Pela mesma revista, sempre tivemos ocasião de afirmar que "o Budhismo praticado em *Dhâranâ*, era escrito com um *D* apenas, e que melhor deveria ser chamado de Bodhismo, proveniente de *Bodhi* (sânscrito), e que quer dizer Sabedoria perfeita.

Tivemos ainda, ocasião de dizer que Blavatsky foi receber no grande "manancial tibetano" (o Budhismo anterior ao Senhor Gautama, conservado há milênios nas misteriosas criptas... e em certos templos, principalmente o de Tjigad-jé, sob a guarda do Teshu-Lama, etc, etc), toda essa Luz que ela difunde entre os homens, como precursora de uma Nova Era para o mundo.

Se se reportarem aos números de Agosto a Dezembro de 1926, da mesma revista, encontrarão ainda um artigo cujo título é: "A Missão dos Sete Raios de Luz ou a Segunda Linha Teosófica Budhista". Sim, porque a Teosofia tal como teve ocasião de dizer H.P.B. era revelada ao mundo profano (parte dela, está entendido), porque ela havia recebido ordem de seus Mestres - os Mahatmas da Loja Branca, para agir desse modo. Entretanto, não tem razão com o Budhismo de tempos remotos - a Teosofia não revelada, ou a Verdade na sua prístina integridade.

E eis porque esta Sociedade se equilibra nestas duas colunas ou "linhas", dando a Teosofia Exotérica (a que pode ser revelada) ao mundo profano e... conservando simbolicamente no seu *Templo*, a Teosofia Esotérica, ou melhor dito, o Bodhismo... tal como em certos templos, a "Coluna de pedra" - a matéria - tendo no cimo o "Fogo Sagrado" - o Espírito ou a Luz da Verdade que jamais deve extinguir-se, nem suas cinzas espalhadas aos ventos, segundo palavras de um Iniciado: "Não deveis atirar pérolas aos porcos".

Já o Mestre Morja dizia, em referência ao Livro de Kiu-té: O conhecimento pode ser de dois gêneros: real (Dgyn) e irreal (Dgyn-mi). *Dgyn* ocupa-se das causas primeiras e das verdades eternas; *Djyn-mi* somente dos efeitos ilusórios. *Dgyn* não depende, absolutamente, do que o homem crê ou deixa de crer; *Dgyn-mi* exige a fé, e repousa na autoridade. Porém, dirão alguns, em *Dhâranâ* houve até uma missa Budhista!

Digamos que de fato se tratasse de uma *missa* Budhista!... responderemos: para alcançarmos a meta desejada, tivemos que lançar mão, nessa ocasião, do *Buddhismo*, com dois *DD*, pois isso se fazia necessário.

Tudo quanto de divino nascimento para ter estabilidade na terra, exige no começo (prestaí atenção no começo apenas), de *sólidas bases* para manter firme o edifício de "pedra e cal". É a coluna de pedra de que falamos; é o próprio homem ou o pote de argila, conservando no seu seio a divindade - o Espírito.

Isso não pode nem deve ser estranho aos teosofistas e verdadeiros ocultistas, porquanto é do domínio de todos que, os Mestres de Sabedoria, inclusive Aquele a quem dão o nome de Rakowski, lançam mão das "melhores e mais perfeitas correntes" (aliás, por não encontrarem coisa melhor no mundo), com o fim de guiar diretrizes para o alvo ou fim a que se destina o Seu Trabalho na ocasião.

Assim, do Catolicismo, servem-se Eles das matinas, etc, etc. Do mesmo modo, da Maçonaria e de outras Sociedades Secretas, sem falar na Teosofia propriamente dita, que é o Foco Central de onde emanam todos os Raios de Luz!...

As abelhas preparam em primeiro lugar o cortiço, para depois então fazerem o mel tão útil à elas como aos próprios homens!...

Foi o que nós outros fizemos... para hoje termos o direito de distribuir um pouco do Mel, um tanto fraco e, embora imperfeito entre os famintos e perdidos no estéril deserto de *Avidya*!...

Enquanto assim procedíamos, era tal a nossa confiança no Mestre ou na Voz do Silêncio, que escrevíamos a um dedicado irmão e amigo nosso, dizendo: "que através a Maya Buddista (com dois DD, portanto), acabaríamos implantando a verdadeira Religião-Sabedoria!"

Sem a "maya" religiosa enraizada nos profanos, como *impor a Verdade* de todos os tempos?

Como poderíamos, de outro modo, conhecer os sinceros e em harmonia com a Obra... que escolhemos nesta existência?

E daí, as deserções em massa... e até mesmo, a decantada campanha de difamação que aliás, para os demais transfugas da Obra, que naquela não tomam parte, foi uma bela prova de honradez e sinceridade, demonstrando com semelhante proceder que, se não estavam em harmonia com a Obra, possuíam, no entanto, educação bastante para silenciar diante de um enigma que não podiam decifrar, quanto mais julgar !!! ...

É, ainda, H.P.B. quem na Doutrina Secreta diz: "Muitas das idéias do primitivo Budhismo (não o de Gautama) (8) podem encontrar-se no Brahmanismo. Os teólogos budhistas ilustrados, insistem em que o culto do Budha, possui *multíssimos mais títulos de antiguidade* (o grifo é nosso), que qualquer das deidades brahmânicas dos Vedas, aos quais chamam os brâhmanes de literatura secular. Os ditos sábios budhistas demonstram que os brâhmanes vieram de outros países e estabeleceram a sua heresia sobre as deidades populares já admitidas, conquistando previamente o país com a espada e logrando sepultar a verdade, ao mesmo tempo que edificavam uma teologia própria, sobre a ruína da mais antiga Budha, a qual havia prevalecido durante séculos. Eles admitem a divindade e a existência espiritual de alguns deuses vedantinos, porém como no caso da hierarquia angélica cristã, crêem que todas essas deidades estão em alto grau subordinadas até aos Budhas encarnados. Tampouco reconhecem a criação do universo material, ao que consideram que existiu sempre espiritual e invisivelmente durante toda a eternidade, e foi feito visivelmente somente aos sentidos humanos. Quando o universo apareceu pela primeira vez, foi chamado do reino invisível ao do visível pelo impulso do Adi-Budha - a "Essência". Contam eles, ainda, com outras vinte e duas aparições análogas do Universo, governadas por outros tantos Budhas, e outras tantas destruições do mesmo modo pelo fogo e a água, em sucessões regulares.

Depois da última destruição pelas águas, para conclusão do ciclo precedente, cuja cifra exata é secreta, o mundo, durante a presente Kali-Yuga, foi regido sucessivamente por quatro Budhas, o último dos quais foi Gautama, o "Santo". O quinto, Maytréia-Budha, ainda está por vir e é o esperado Rei Messias cabalístico, o Mensageiro de Luz, o Sosioh, o Salvador persa que virá em um cavalo branco (9). É também o segundo Advento cristão de que se fala no Apocalipse. Nem Adi nem os outros cinco Dhyani-Budhas se encarnaram jamais, e suas cinco emanções são outros tantos Avatares.

Sobre Budhismo, ainda, nos serviremos das palavras de uma personalidade que "o mundo teosófico" tem o dever de respeitar. Trata-se do Maha-Chohan (10), ou melhor, de sua carta no ano de 1891 e da qual extraímos alguns trechos que vêm corroborar o já tivemos ocasião de dizer... "É esta a razão porque o Cel. Olcott, que trabalha somente para reviver o Budhismo, pode ser considerado como um que labora no reto trabalho da Teosofia (o grifo é nosso), mais do que outro qualquer, cujo objetivo é a recompensa de suas próprias aspirações fervorosas para obter o conhecimento oculto (11). *O Budhismo despiado de superstições, é a verdade eterna, e aquele que luta por ele, está lutando pela Theosophia, a Sabedoria, a qual é sinônimo de Verdade.* Para que nossas doutrinas influam sobre os chamados códigos morais ou sobre as idéias de sinceridade, pureza, sacrifício, caridade, etc, temos que popularizar o conhecimento da Teosofia. Não é ela o firme propósito individual de chegar ao Nirvana, a culminância de todo conhecimento e da sabedoria absoluta, o que, depois de tudo nada mais é do que um egoísmo exaltado e glorioso; o que constitui o verdadeiro teósofo, é a consecução abnegada dos melhores meios para encaminhar os nossos semelhantes pelo verdadeiro caminho, é fazer que o maior número possível de nossos vizinhos desfrute dos benefícios que ela (Teosofia) traz".

"A parte intelectual da humanidade parece estar agrupando-se em duas classes: uma que se prepara, inconscientemente, para largos períodos de aniquilamento temporal ou estado de inconsciência, devido a deliberada rendição do intelecto a seu aprisionamento nos estreitos sulcos da superstição e do fanatismo - um processo que não pode deixar de produzir uma completa deformação do princípio intelectual; outra, dando gosto irrestritamente às suas inclinações animais, com a deliberada intenção de submeter-se a morte pura e simples, em caso de fracasso, a séculos de degradação depois da dissolução física. Estas "classes intelectuais", influenciando sobre as massas ignorantes as quais atraem, e que alçam seus olhos para as primeiras, como exemplos nobres e adequados a seguir, degradam e arruinam moralmente aqueles a quem deviam proteger e guiar. Entre a superstição degradante, ainda, materialismo brutal, a branca pomba da Verdade, apenas tem sitio onde descansar seus pés fatigados e mal acolhidos". (12)

Continua Ele, ainda, na mesma carta: "Em vista do crescente triunfo e ao mesmo tempo do mau emprego do livre pensamento e da liberdade (o reino universal de Satan, como lhe teria chamado Eliphas Levi), como há de ser restrito o instinto natural combativo do homem, para que não cometa crueldades jamais ouvidas e barbaridades, tiranias, injustiças, etc, etc, se não for por meio da sedativa influência da fraternidade e da aplicação prática das doutrinas esotéricas de Budha? porque, como se sabe, a emancipação total do governo desse poder, onipotente e único, que é a lei e ao que chamam Deus os sacerdotes, e *Budha, Sabedoria Divina, Iluminação, Teosofia* (o grifo é nosso), os filósofos de todas as idades - significa também a emancipação da lei humana.

Uma vez desligadas e libertadas do peso-morto das interpretações dogmáticas, nomes pessoais, conceitos antropomórficos e sacerdotes assalariados, as doutrinas fundamentais de todas as religiões provarão ser idênticas em seus significados esotéricos. Osiris, Krishna, Budha, Cristo, aparecerão como nomes diferentes para o mesmo e único caminho real que conduz à beatitude final: NIRVANA.

O Cristianismo Místico, isto é, o que ensina a redenção própria por meio de nosso sétimo princípio - este libertado Param-Atma (Augoides), chamado por alguns o Cristo, por outros Bhuda, e que equivale à regeneração ou renascimento em espírito, verificar-se-á que é igual verdade a que expressa o Nirvana do Budhismo.

Todos nós devemos desembaraçar-nos de nosso próprio Eu em uma vida transcendental e divina. Mas se quisermos não ser egoístas, devemos envidar todos os esforços para que outros vejam esta verdade, reconheçam a realidade do Eu transcendente, o Budha, o Cristo ou Deus de todo pregador. É por isso, ainda, que o Budhismo

Exotérico (com dois *DD*, dizemos nós), pode conduzir os homens para a verdade esotérica e una (ou Budhismo com um *D*, apenas).

Continua Ele: "Que nós outros - os devocionais seguidores do espírito encarnado do absoluto sacrifício, na filantropia, bondade divina e todas as virtudes alcançáveis sobre esta terra de dor - *o homem dos homens*, Gautama, o Budha, poderíamos admitir que a S.T. fosse a encarnação do egoísmo (isso em referência aquela época, isto é, em 1881, quando à sua frente se achavam o Cel. H.S.Olcott e H. P. Blavatsky)... o refúgio de uns poucos sem pensamentos para os demais, é uma idéia curiosa, meus irmãos. Entre os poucos vislumbres obtidos pelos europeus no Thibet, e acerca da Hierarquia mística dos "Lamas perfeitos" (13), há um que foi compreendido e descrito "nas encarnações do Bodhisatwa *Padma-Pani* ou *Avaloktesvara* e de Tsong-ka-pa e de Amitabha, renunciaram eles na hora da morte a obtenção da Budheidade, isto é, o "sammum bonum" de beatitude e de dita pessoal, afim de poderem renascer uma e outra vez para beneficiar a humanidade. Em outras palavras, afim de submetendo-se à miséria, ao aprisionamento na carne, com todas as dores da vida, repetido através de largos e fatigantes séculos, possam eles procurar a salvação e a felicidade no futuro de um punhado de homens escolhidos entre as muitas raças humanas".

Por sua vez, H.P.B. falando dos iniciados, diz: "Cristos, como uma unidade, é somente uma abstração, uma idéia genérica que representa a agregação coletiva das inumeráveis entidades espirituais, que são as emanações diretas da infinita, invisível e incompreensível *Causa Primeira* - os Espíritos individuais dos homens, erroneamente chamados "alma", os divinos filhos de Deus, dos quais só vislumbra alguma coisa a generalidade dos mortais. Alguns deles permanecem para sempre convertidos em Espíritos planetários, e outros - a mais escassa minoria, se unem durante a vida a alguns homens. Assim, esses tais Seres, semelhantes a Deus, como: Gautama Budha, Jesus, Tissoo, Krishna e outros poucos, estiveram permanentemente unidos com seus Espíritos, passando assim unidos à condição de deuses da Terra. Outros, tais como Moisés, Pitágoras, Apollonio, Plotino, Confúcio, Jamblico e alguns santos cristãos, por haverem estado assim unidos, a intervalos, tomaram na História a categoria de semi-deuses e dirigentes da Humanidade. Uma vez separados de seus tabernáculos terrenos, livres desde então suas almas e unidas para sempre com seus espíritos, voltam a unir-se a toda a hoste luminosa, à qual estão ligadas pela mais perfeita solidariedade de pensamento e de ação, sendo chamados "os ungidos". Daí, a significação dos gnósticos, que dizem que "Cristos" sofreu espiritualmente pela Humanidade, o que quer dizer que foi o seu Divino Espírito quem principalmente sofreu (Isis, II, cap. IV). Estas e ainda mais elevadas eram as idéias de Marcião, "o grande heresiarca", como lhe chamam seus contrários Epifânio e Ireneu".

Do mesmo modo o erudito teósofo Dr Roso de Luna, na sua maravilhosa obra iniciática "La Esfinge", diz: "O Cristo passional atormentado de todas essas lutas prévias e indispensáveis para aquela formação, começa assim a transformar-se no Christos, que triunfante e gloriosíssimo há de ressuscitar em seu dia, porque, como diz a Mestra no seu *Glossário Teosófico*, este termo foi empregado no século V (antes de J.C.), por Ésquilo, Heródoto e outros.

Os *manteumata pythocresta*, "oráculos transmitidos por um deus Pitio", por intermédio de uma pytoniza, são mencionados pelo primeiro (Esquilo, Cap. 901); e *pythocrestos*, é derivado de *chrao*. Chresteron, não é somente o testemunho de um oráculo. *Chrestes*, é o que explica oráculos, um "profeta e adivinho". E *Chresterios*, aquele que serve a um oráculo ou a um deus. O primeiro escritor cristão, Justino, o mártir, em sua primeira Apologia, chama aos seus correlegionários *crestians*.

"Ao chamarem-se os homens a si mesmos cristãos, só é devido à ignorância", diz Lactancio (Livro IV, Cap. VII). Os termos Cristo e cristãos, escritos originalmente *Chrest Chrestians*, foram tirados do vocábulo do templo dos pagãos. Chrestos, significava naquele vocabulário "discípulo posto à prova"; candidato que aspirava a dignidade de hierofante, quem logo havia alcançado por meio da iniciação, largas provas e sofrimentos, depois de ser ungido (isto é, "untado com azeite, como o eram os iniciados e ídolos dos deuses, segundo a prática da última cerimônia do rito), se transformava em *Cristos*, o "purificado", em linguagem esotérica ou misteriosa.

Realmente, em simbologia mística, Christes ou Cristos, significava que o caminho, "a vereda" havia sido percorrido e alcançada a meta; que os frutos do trabalho penoso para unir a *personalidade* de barro passageira com a indestrutível individualidade, transformavam-na no Ego imortal. No termo do caminho se encontra o Christes, o purificador; e uma vez a união levada a cabo, o Chrestos, o "homem da dor" convertia-se em *Cristos* mesmo. Paulo, o iniciado, sabia isso e referia-se principalmente ao assunto, quando o obrigam a dizer em uma má tradução"... padeço de dores de parto até que seja formado Cristo em vós outros (Galatas, IV, 19), cuja verdadeira interpretação é "até que forméis o Cristo dentro de vós. Porém os profanos que sabiam unicamente que Chrestes estava de algum modo relacionado com os sacerdotes e profetas, ignorando o significado oculto de *Cristos*, insistiram, como o fizeram Lactancio e Justino, o mártir, em ser chamado *chrestãos*, ao invés de *cristãos*. Todo ser bom pode, portanto, falar ao Cristo em seu "homem interno", segundo expressão de S.Paulo (Ephesos, III, 16 e 17), seja judeu, muçulmano, hindu ou cristão".

E a maior asserção de tudo quanto já dissemos a respeito de religião (crença), inclusive de que a Igreja Católica Apostólica Romana, como nenhuma outra pode ser considerada como a Verdade Una, citaremos, ainda, um grande erudito, aliás pertencente à primeira, ou seja Frei Domingos Vieira, quando no seu "Dicionário Português", pág. 830, tratando do significado da palavra BUDHISMO (por sinal que escreve com um *D* só), diz entre outras coisas: "No Cristianismo encontram-se vários traços do Budhismo na sua formação". Nem podia deixar de ser assim, quando o Budhismo é muitíssimo superior ao Cristianismo.

Outro não menos erudito, e também da mesma religião - o revdo. Pe. Huc, autor das maravilhosas obras *Dans le Thibet*, *Dans la Tartarie*, *Dans la Chine*, ou sejam as descrições das viagens que o mesmo fez naqueles países, em companhia do Pe. Gabet - que aliás lhe valeram uma excomunhão e expulsão da Academia Francesa, por ter sido sincero e demonstrado ao mundo as grandes maravilhas que "de visu" pôde assistir nos lugares onde esteve, principalmente no Tibet. É que o Pe. Huc, pertence ao número dos poucos que preferem sofrer e até mesmo morrer na fogueira... do que trair a vós na consciência!...

"*Quos vult perdere Jupiter? Dementat!* Aos jesuítas, seus algozes, cabe bem a frase latina que eles encontram aplicação para aqueles que, livres, independentes, alçam o vôo às regiões sublimes da Verdade... sem as pesadas cadeias com que eles, jesuítas, se acham ligados na terra, a esta outra frase: *Perinde ac cadaver!!!!*" Sim, porque este

poder oculto, sombrio, misterioso, tal como já dissemos, formou-se fora da *Liberdade*, não admitindo as Constituições, nem reconhecendo os "Direitos do Homem".

Conquistas da Revolução Francesa. os jesuítas não tem pátria e desprezam as leis. Somente reconhecem os Estatutos de sua ordem... "que aliás, acrescentamos nós, é um dos muitos "passaportes" que se conhecem neste mundo de dores, que dão franco e livre ingresso nas tremendas regiões da "Segunda Morte" ou a "Oitava Esfera", lugar dos *"magos negros ou irmãos da sombra*, e de outros tantos que preferem perder toda a vitalidade espiritual de seu Eu divino, como "entidades negativas" que são, segundo palavras do Mahatma Koot-Hoomi".

Em referência ainda ao Padre Huc, vejamos as suas palavras exaradas nas pág. 45 e seguintes da sua obra "Dans le Thibet": "Por mais superficialmente que se examinem as reformas do Tsongka-pa, no culto lamaico, *não se pode deixar de notar as semelhanças com o catolicismo* (o grifo é nosso). A croça, a mitra, a dalmática, a capa ou pluvial, que os grandes lamas usam em viagem, nas cerimônias fora dos templos, o ofício a dois coros, a psalmodia, os exorcismos, o incensório (turíbulo), sustentado por cinco correntes (os 5 tatwas, diremos nós), podendo abrir-se e fechar-se à vontade; as bênçãos dadas pelos *lamas*, estendendo a mão direita sobre as cabeças fiéis. O rosário, o celibato eclesiástico, os jejuns, o culto dos santos, os retiros, as procissões, as litanias, a água benta. Eis aí as relações do culto que os budhistas tem conosco. Nós pensávamos que fossem os missionários cristãos do século XIV que aí estiveram e que tivessem trazido essas inovações. Mas... não encontramos nem tradições, nem nos monumentos do país, uma só prova positiva dessa influência". Convém notar que o Padre Huc não fez tais viagens sozinho; mas sim acompanhado de outro sacerdote de nome Gabet.

Embora as excomunhões e expulsão da Academia Francesa, todas as edições de suas obras são imediatamente esgotadas...! Em resumo, pelo que ficou dito, qual das duas *religiões* imitou a outra? O Catolicismo, está entendido, pois somente 600 e tantos anos depois foi que teve nascimento, como teremos ocasião de demonstrar, após outras ponderações de mais importância.

Sentimo-nos contrafeitos quando temos que citar alguém que já não pertença ao plano físico, e que por isto mesmo, não possa defender-se de certas acusações, ou melhor, de uma crítica um tanto severa e sob fundamento de certa ordem. Porém, a pena magistral da "divina rebelde" H.P.B. já teve ocasião de dar a devida resposta a aquele a quem nos referimos, isto é, o Senhor Marquês de Mirville, provando dentre muitas coisas, que ele havia *escravizado* a pêso de ouro... a sua não menos valiosa pena, aos jesuítas de sua época.

No 2o. volume da "Doutrina Secreta", pág. 132, ed. francesa, além de outras muitas coisas ela diz: "Um nobre Marquês escrevia há 25 anos atrás, seis grossos volumes, ou como ele os chamava, seis grandes *"Memórias à Academia Francesa"*, cujo fim único era provar que o Catolicismo era uma fé inspirada e revelada. Forneceu como provas, fatos sem número, tendendo todos a demonstrar que todo o mundo antigo, desde o dilúvio, tinha com auxílio do diabo, sistematicamente *plagiado* os ritos, as cerimônias e os dogmas da futura Santa Igreja, que não devia nascer, senão, muitos séculos depois".

Continua ela: "Como o dogma, a liturgia e os ritos professados pela Igreja Apostólica Romana em 1862 foram descobertos nos monumentos e escritos nos papiros e cilindros de uma data posterior ao dilúvio, parece impossível negar a existência de um primeiro Catolicismo (Romano) pré-histórico, do qual o nosso não é, senão, a fiel continuação... Mas, enquanto que o primeiro era o "sumum" da imprudência dos demônios e da necromancia goética... o último é divino". Nos dias atuais, poderíamos nós, míseros discípulos seus, acrescentar:... que os *senhores jesuítas* aos quais o eminentíssimo Marquês de Mirville vendeu a sua pena, esqueceram de insinuar-lhe um ponto importantíssimo na Teologia, onde se afirma que "Satan, o ilustre e Grão Senhor das caldeiras de Pedro Botelho, não possui o direito de ler o pensamento humano". Assim sendo, como poderia ele e seus prosélitos descobrirem que de futuro uma Santa igreja viria salvar a Humanidade das *penas do inferno*?

To be or not to be!...

Pobre humanidade, até quanto chega a tua ingenuidade em matéria religiosa!! E desse modo não logrou o honrado Marquês consertar as grandes fendas, que já na sua época se abriam no Edifício de Roma... com hoje outros tantos não logrão fazê-lo. E... por dizer verdades como essas, foi que por sobre a cabeça da "divina rebelde" H. P. Blavatsky, desabou a enormíssima avalanche de intrigas e traições que a fizeram a "mártir do século XIX", ou aquela que tudo vendeu em benefício da Humanidade, de acordo com as suas próprias palavras: "Aquele que vive para a Humanidade faz muito mais do que aquele que por ela morre".

A obra maquiavélica de seus inimigos, ou melhor, dos inimigos da Verdade una, ainda subsiste por toda parte, inclusive em um folheto indigno de ser lido por pessoas de critério e que se oculta sob as iniciais sagradas do S.I. (Superior Incógnito), mas onde imediatamente se reconhece a mão traiçoeira da Companhia de Jesus...!

O ouro continua a ser derramado com fartura!... mas, desgraçado daquele que lhes cair nas garras aduncas de feras em corpos humanos!... Preferível mil excomunhões e outros tantos anátemas, sem contar a graciosa dádiva que eles nos fazem do título, que de direito lhes pertence, ou seja: o de *"magos negros"* ou praticantes de artes diabólicas!... (14)

Quando chegar a nossa vez, teremos que perguntar à Roma de todas as épocas, o que deveremos fazer de duas Bênçãos, oferta de S.S. Leão XIII, aos pais do signatário desta - bênçãos que se estendem até a terceira geração - *se é que uma só não seja suficiente para anular a maldição terrível que lhe vai cair sobre a cabeça*, já que agora, a Revolução... e o poder infalível da evolução humana, amputaram um dos braços à Dama Igreja, outrora tão longos e perigosos, que atingiam nos confins do mundo, o homem que ousasse pensar em ser livre... e que ela procura - na sua hipocrisia de sempre - apagar a nódoa do passado, erguendo das cinzas da fogueiras, toda essa corte de santos homens, inclusive a virgem de Orleans... como se isso fora bastante para desafrontar tão cruéis quão ignominiosos crimes!... E Jean Huss, e Savonarolle, e Giordano Bruno e os milhares de cadáveres carbonizados, que até hoje clamam vingança, o que fareis de todos eles, *ó Santa Madre Igreja?!...*

Quanto aquele que vos dedica esta parte da sua Mensagem, não cogita, absolutamente, do que lhe possa advir desse seu gesto maduramente refletido, porquanto ele ouve a "Voz do Silêncio", quando fala: "Segue a roda do dever para com a tua raça e os do teu sangue, para com o amigo e o inimigo, e fecha a tua mente aos prazeres como a dor. Esgota a lei da retribuição cármica. Adquire *siddhis* para o teu nascimento futuro".

- (1) Lida em conferência pública realizada na sede central, em 13 de Abril de 1928.
Preferimos reunir em uma só parte o Catolicismo e o Protestantismo pela má interpretação que ambos dão à palavra *Cristianismo*.
- (2) Além das palavras dos Mahatmas Koot-Hoomi e Morya, e do *divino Maha-Chohan*, serviram-nos, ainda, para consultas e citações, as seguintes obras: *História Universal* de Cesar Cantu; *Doutrina Secreta* de H. P. Blavatsky (aliás escrita sobre o controle do Mahatma Koot-Hoomi); *LA ESFINGE* de Mario Roso de Luna (obra iniciática recomendável aos estudantes de Teosofia e Ocultismo); *Les premiers enseignements des Maitres* (transcrição das cartas dos Mestres de Sabedoria) de C.Jinarajadasa; *Au Seuil du mystère* de Stanislas de Guaita (um dos valiosos escritores de Ocultismo... e de uma sinceridade a toda prova. Foi dos poucos que souberam render homenagens ao verdadeiro valor de H. P. Blavatsky).
- (3) Trechos da alocução proferida pelo Presidente da S.T.B. no dia 10 de Agosto do corrente ano, em comemoração ao 4o. aniversário da mesma.
- (4) Os Budhistas do Norte chamam ao Eu reencarnante o Homem Eterno, que se torna, em união com seu ser superior - um Budha. É o mesmo que transformar-se em Cristo... Mithra, Osiris, Krishna, Budha, Cristo, etc, simbolizando do mesmo modo o Homem perfeito.
- (5) Longe de nós querermos avocar um título a que não temos direito, ou seja, o de "profeta". Quando aqui afirmamos que o ano atual e vindouro decidirão grande parte do destino político, social e religioso do mundo, nos servimos apenas dos "métodos dedutivos", empregados por outros tantos homens que enxergam através de um prisma - muito diferente do empregado vulgarmente pela maior parte dos homens.
- E obediente a tal método, foi que o Dr Buchmann, por exemplo, pôde prognosticar a "conflagração européia" para 1914, e outros tantos fatos já realizados, só faltando um - que aliás não está longe, ou seja; "que tudo desaparecerá da face da terra, até mesmo a *religião*".
- Aquele que ousar sair dessa apatia mórbida em que vive a maior parte dos homens, e acompanhar com interesse os horrores acontecimentos desenrolados nestes últimos tempos no mundo, compreenderá a razão de ser das nossas palavras.
- Por exemplo, façamos uma ligeira estatística do número de mortos e inválidos da guerra e das catástrofes dos últimos tempos: Guerra de 1914/1918... 12.000.000 de mortos e imprestáveis ou ainda aleijões que ainda amaldiçoam o grande crime contra as leis divinas; Epidemia da gripe 6.000.000 (esta, como consequência, talvez, da própria guerra, já pela atmosfera empestada pelos cadáveres insepultos, etc, já pela deficiência nervosa em que ficou a maior parte da raça humana, pelos sobressaltos, incertezas e perdas dos seus entes queridos); a fome do Volga, na Rússia - 7.000.000. Execuções levadas a efeito pelo Soviet 3.000.000). Que mais poderemos adicionar a essa tremenda estatística? As inúmeras vítimas dos terremotos do Japão, as inundações por toda parte, inclusive na América do Norte, que tantas vítimas fizeram, sem falar nos 22.000 atropelamentos da estatística americana, por automóveis e outros veículos, e o mesmo fato em todos os países do mundo - nas suas grandes cidades?
- Acrescentemos a tudo isso, a tuberculose, a sífilis e todas as moléstias inerentes ao *progresso dessa formidável civilização*, prestes a ser devorada por seus próprios vícios e costumes contrários à todas as leis... como; a cocaína, a morfina, o ópio, o álcool, etc, e o maior de todos os crimes, hoje tão em voga, principalmente na classe dos protegidos da sorte - o Malthusianismo, com o fim único de evitar os sagrados laços que prendem todas as mães no santuário de seus lares... e assim, livres, independentes, poderem melhor entregar-se as tentações do deus Maya - o deus enganador das ilusórias manifestações das coisas terrenas, a que a ignorância humana denomina de prazer, alegria, felicidade, etc, etc! Em questão religiosa, preferível seria silenciar!
- A Igreja Romana, por exemplo, compreendendo a sua decadência nesses últimos tempos decorridos... lança mão de todos os meios imagináveis - mesmo os mais contrários à religião, atirando irmãos contra irmãos, intrometendo-se em assuntos políticos - embora não seja o sacerdote considerado um cidadão, como bem exprime a nossa constituição, isentando-o do serviço militar obrigatório... e até mesmo porque "este poder oculto, sombrio, misterioso, formou-se fora da *Liberdade*, não admitindo as Constituições, nem reconhecendo os "Direitos do homem" (Conquistas da Revolução Francesa), e finalmente, concorrendo para a grande derrocada humana - ou por ignorância ou propositalmente ocultando a Verdade una aos sedentos de Luz, matando portanto a Fé nas consciências que ainda poderiam despertar do "letargo amargurado em que vivem até os nossos dias!"
- Outrora, Agostinho de Brescia (1627 - 1696), constituiu-se em Roma chefe de uma Sociedade de fanáticos chamados "Cavaleiros do Apocalipse" (nenhum nome mais apropriado ao simbólico dos Quatro Devastadores do Mundo), e que se diziam associados para defender a igreja contra o anti-cristo, já quase a ser adorado. Com certeza, nos dias atuais, esse anti-cristo (sem alusão aos inúmeros que por aí perambulam), de quem a Igreja se defende, não é outro senão "a *ânsia extraordinária que se nota por toda a parte*", de liberdade, de fraternidade, para que em um vôo mais amplo, mais afastado dessas exterioridades culturais que nada exprimem, possa a "alma humana" elevar-se às regiões sublimes da Verdade, afim de que uma Nova Aurora de Paz, Amor e Justiça possa raiar para o mundo... o que ela, Igreja, não pode admitir, para que não se acabe com o domínio da confusão e da ignorância estabelecido no mundo... e que é a *fonte mais rendosa de uma honesta profissão com as coisas divinas!*...
- Tudo quanto pudéssemos dizer a respeito, respondem os últimos acontecimentos do México, relatados por todos os jornais... ou melhor, as últimas palavras de um condenado ao dizer: "Se eu cometi um crime, Deus me perdoará". E, referindo-se à alma da vítima, diz: "Provavelmente ela se salvará porque F... era um bom homem e eu estou dando a minha vida pela sua (?)"... E... com promessas de céus fantásticos outras "mayas" semelhantes, são arruinadas vidas, enlutados lares até então felizes, sem falar na Pátria que perde um de seus filhos... pois hoje não havendo mais fogueiras armadas em praça pública, existem os seus substitutos que nada lhes ficam a desejar; as

guilhotinas, as cadeiras elétricas, as forcas, os fuzis... e todos esses meios de destruição, com que o homem-demônio afastado do Homem-Deus, emprega contra si próprio... porquanto destruindo a seu irmão em humanidade... e até mesmo um pobre animalzinho que seja - partículas do Grande Todo - comete um *suicídio* contra a sua verdadeira individualidade!...

Contras as nossas palavras dirão, por exemplo, os mais avançados - os teosofistas: Tudo isso é devido ao karma coletivo, ou melhor, sujeito a Kali-Yuga ou Idade Negra... Longe de nós querermos contrariar tão judiciosas palavras!

Porém, se *inermes* e *inertes* quais fanatizados yoghis de terceira classe ou faquires, como lhes chama o vulgo, continuarmos de braços cruzados, assistindo "de palanque", a derrocada humana, até quando se prolongará esse interminável período da Idade Negra, que no entanto, para Aqueles que se acham à nossa vanguarda, já se transformou no período áureo da Satya-Yuga?

Não, absolutamente não! É contra essa falta de senso comum, desídia, ignorância ou o que quiserem, que nos revoltamos e fazemos uso de palavras um tanto duras, mas sinceras e fraternas, porque não são oriundas do ódio, mas do amor que deve existir entre todos os homens, para que de uma vez para sempre se ponha termo a uma situação difícil, para não dizer impossível, de ser suportada por mais tempo!...

Outros tiveram linguagem muito mais severa... e ninguém achará hoje, depois de tanto tempo passado, que ela *ultrapassou as raias concedidas pela verdadeira espiritualidade!*

H.P.B. ou a divina rebelde como é chamada, usou de linguagem violentíssima porque assim exigia a época, ou melhor, a missão que trazia ao mundo. Se recorrermos à própria Bíblia, encontraremos um Moisés indignado contra seu povo... despedaçando as tábuas da Lei... e usando dos mais severos meios para refrear a turba fanatizada!

O meigo Nazareno, que perdoa a bofetada... mas que, no entanto, vergasta os vendilhões do templo de seu Pai. Nós, míseras criaturas, pobres e humildes discípulos, mas cuja missão na terra é esta, queiram ou não os que não nos compreenderem, temos o dever de silenciar ante a ofensa pessoal - como já demos provas sobejas - mas nunca, absolutamente nunca, quando isso afete a Obra em que estamos empenhados, o que importa dizer, quando afete o Bem que procuramos fazer à Humanidade!

Quem não pensar desse modo, não há como provar o contrário!...

"Todas as vezes, ó filho de Bharata, que Dharma, a lei justa declina, e que Adharma se levanta, eu me manifesto. Para restabelecimento da Lei, eu nasço em cada Yuga (Bhagavad Gita)".

Sim, ele nasce, não em corpo físico mas, tal como Ele próprio o afirmou, "o meu espírito pairará sobre o mundo"... manifestado portanto nesses períodos de Renascimento tão necessários ao progresso ou evolução dos povos que habitam a terra.

É o momento em que ninguém possui privilégios... e até mesmo aqueles aos quais discordamos do seu "modus operandi", concorrerem para um só e mesmo Trabalho.

Sim, se tal fato não tiver acontecimento, então, assistiremos a realização de uma das muitas profecias do Rei do mundo, ou seja, aquela em que Ele promete vir a face da Terra com seu povo"... isto é, com os Elias, os Ben-Jokais, os Simeões... e outros tantos iluminados ou "Jinas", outrora arrebatados deste mundo nas chamas do Fogo Sagrado de Daiva-Prakriti!

E... eis porque, alguns seres já podem perceber em longínquas distâncias - qual sopro de brisa leve, ou o arpejo mavioso da "Vina sagrada" - uma voz tristonha murmurar: "Desperta, Enock, desperta, Hermés!"

(6) A Encíclica de Pio X foi lançada por versos jornais nossos e do estrangeiro, quando da Conflagração européia.

(7) Leia-se "A Verdade no Vaticano", discurso em pleno concílio negando a infalibilidade do papa, pelo bispo Strossmayer.

(8) Com o devido respeito que nos merece a memória de H.P.B. devemos dizer que, nos formidáveis momentos em que a sua mente, embora sem grandes recursos, produzia esses gigantescos monumentos que se chamam de *Ísis sem Véu*, Doutrina Secreta, etc, etc, não só pelos seus múltiplos afazeres, como também pela moléstia que a minava há bastante tempo, sem falar na crítica mordaz dos "pseudo-sábios" da sua época, que não a deixavam em paz... e ainda o receio de morrer de uma hora para outra, sem haver realizado a sua missão no mundo.. muita coisa se encontra em suas obras, principalmente na *Doutrina Secreta*, que a primeira vista parece errôneo... e aliás foi o motivo principal dos que só enxergam a letra morta, a difamarem e criticarem tão desajuizada e desapiedadamente...!

É seu próprio Mestre - o Mahama Koot-Hoomi, quem diz (Leia-se "Les premiers enseignements des Maitres, pág. 92): "Ainda um belo exemplo da desordem habitual na qual Madame H.P.B. deixa o mobiliário de seu mental. Ela fala de "Bardo" e nem ao menos explica aos seus leitores o sentido dessas palavras"... E assim por diante.

Somente os que conhecem o que seja "o aspecto mahatmico dos Mestres" podem compreender o valor dessa bondosa repreensão do Mahatma Koot-Hoomi, para com a *sua discípula eleita*...

Na nossa opinião, quando H.P.B. no artigo acima fala em "as idéias do primitivo Budhismo (não o de Gautama), etc", devia tê-lo escrito com um D apenas - a não ser que o tradutor espanhol não houvesse copiado o original tal como foi escrito - porquanto é ela mesma quem, detalhadamente explica essa diferença na "Chave da Teosofia" pág. 10, ed. esp.

(9) O Kalki-Avatar, décimo e último (no atual ciclo), representa Vishnú (Maha-Vishnú ou Bija, a semente dos Avatares, Adi-Budha), manifestado num aspecto humano. É o quinto da síntese da quinta raça ariana.

A nossa maneira de pensar nesse assunto importantíssimo e bastante velado, discorda por completo do que é ensinado por aí, aliás, como muitas outras coisas.

Assim, para nós, Maytréia é de fato o quinto Budha, síntese da quinta Raça Ariana. Cada raça é formada por um deles, preparado no ciclo anterior (7 Bodhisatwas = 1 Budha). O Budha síntese de uma raça será a semente da seguinte. Quatro raças já se foram, ou 4 sementes e 4 sínteses = 8, com a semente da 5a. temos: 4+4+1=9, acrescentando o que deve vir no fim desta raça, isto é, na sétima sub-raça aryana 10 (ou os dez Avatares de Vishnú).

Demais, o próprio símbolo deste Avatara - o cavalo branco cavalgado por um guerreiro o explica. O cavalo é o quaternário inferior, e o Guerreiro, é o símbolo arcaico do 5o. Princípio (Veja-se "Luz no Caminho" de Mabel Colins).

É o quinto Princípio - o humano - dominando os quatro já desenvolvidos dentro dos limites da quarta-ronda. O guerreiro armado com uma espada (Espada do Conhecimento), é coberto pelo Escudo da sua perfeição, tal como simboliza o "Espada nas corridas de touros" (antiga cerimônia iniciática atlante (Vide "La Esfinge" de Mario Roso de Luna), que auxiliado da capa vermelha (o véu de Maya), vence e aniquila o touro - o quaternário inferior - os baixos instintos. Representado também na Idade Média, pelos Cavaleiros andantes, que iam pelo mundo afora, destruindo o Mal e auxiliando o Bem. Isso, quando o cavaleiro já havia sido ordenado, ou melhor, recebido as "esporas de ouro", símbolo da sua iniciação; e tomava então, o nome de Cavaleiro.

O rei Arthur e seus símbolos da iniciação, ao redor da Távola Redonda (o Zodíaco), simbolizavam: Arthur lido à semítica Sutra, ou o "fio de ouro" (Sutratma), que liga as personalidades; ou o 5o. princípio unido à "dupla mônada" (Atma-Budhi). Daí, vemos que o grande rei e guerreiro, outro não era senão o Mestre. Do mesmo modo se entende a simbologia de S.Jorge matando o dragão (o quaternário inferior), como outros tantos vitoriosos guerreiros.

Em certa *lamaseria* tibetana (mosteiro lamaísta), existem os diversos Bodhisatwas em lindas esculturas. No fundo de um corredor, em forma de claustro, encontram-se duas de "Maytréia", ou Aquele que o Lamaísmo espera um dia vir à Terra encarnado na forma de um novo Budha.

O que mais admira ao visitante que puder iludir à vigilância dos soldados do Dalai-Lama, é que *Maytréia*, muito ao contrário dos demais Bodhisatwas, tem *olhos azuis e cabelos louros*. Diz a lenda sagrada que Ele virá no Ocidente... isto, quando o Teshu-Lama resolver encarnar-se nesta parte do mundo. Daí o motivo dos cabelos louros e olhos azuis, para provar que não se trata de um corpo hindu.

Na 6a. parte desta Mensagem, dedicada à Teosofia, citaremos muitos outros motivos para provar a não razão de ser da vinda de um Budha... e muito pior ainda, no meio de uma raça.

Mesmo que se tratasse de um Instrutor de Hierarquia inferior, segundo a dedução de qualquer homem, por menos inteligente que seja, não se sujeitaria ao domínio de terceiros, como costuma acontecer ao *pretensso Instrutor da atualidade*, que jamais abandona um número de pessoas que não o deixam livre de ação, tornando-o automato dos desejos e vontades alheias... sem falar na prova provada de sua procedência divina, que até hoje se tem manifestado de uma maneira toda forçada, como sejam: a necessidade de freqüentar Academias, de viver acompanhado de pessoas de muito maior ilustração (autores de obras, etc, etc)... quando é sabido que outros de menor idade, como um Tun Tyne, de Rangoon que apenas com a idade de cinco anos admira as massas, quando em qualquer lugar onde se ache, sobe a um caixão ou tronco de árvore e começa a discorrer sobre assuntos transcendentais, principalmente Budhismo... e no entanto, jamais teve ocasião de dizer que fosse ele um Instrutor.

H.P.B., Ossendowski, o Pe. Huc e outros valiosos escritores, citam vários casos de crianças de menos idade, ainda, que no Tibet, além de falarem com elevada inspiração, citam e demonstram o seu passado... e como tal, são imediatamente reconhecidos como Lamas e Budhas vivos anteriores, por aqueles que com eles conviveram. "Conhecem-se os bons frutos pelas boas árvores...!"

Não se pode admitir que um Iluminado, seja Ele quem for, não conheça a sua procedência divina... e necessite que outros lhe venham dizer tal coisa, como aconteceu com o jovem Krishnamurti... e pior do que isso, a Índia, berço de *rishis e arhats* e de todos esses "deuses" que a história nos ensina, não fosse Ela a mãe carinhosa, que erguesse com seus braços a "criança privilegiada", como em todos os tempos para mostrá-la ao mundo... esperando que estrangeiros lhe fossem apontar qual dos seus filhos era o Maytréia há tanto tempo esperado! ! !

Deixemos o nosso estudo crítico nesse sentido, para a parte que se aplica à Teosofia.

Sobre a palavra "Maytréia", lê-se nos "Fragmentos extraits du Kandjour" (Annales du Musée Guimet, tomo V, pág. 84) o seguinte: "*Maytréia*" (ou do amor, *Maytréia* ou Maitri Samadhi). Em tibetano *Byams-pa* Ting-ge hdzin. Ting-ge hdzin, é o samadhi ou contemplação. *Byams-pa*, significa compaixão ou complacente, e corresponde a *Maitri* e a *Maytréia*. *Maitri*, é o amor universal. Burnouf o traduz por caridade; é o amor distribuído entre todos os seres. Maytréia, é o nome do Budha que deve aparecer quando acabar o período assinalado à "*Çakya-muni*".

"Quando Budha, o Espírito da Igreja, ouvir soar a hora, Ele enviará Maytréia Budha, após o qual o mundo será destruído" (Doctrines Secrètes, V, vol. pág. 178, ed. fr.).

Como já dissemos acima, sobre o "mistério dos Budhas paira um véu bastante espesso, que só é dado desvendar aos adeptos mais avançados; razão porque a própria H.P.B. evitou alongar-se sobre o assunto. Talvez, quem sabe? Agora que são decorridos 37 anos que ela nos deixou, se viva fora, ousasse falar mais claramente!...

Nós outros, míseros discípulos seus, tateando ainda nas trevas da ignorância, apenas podemos acrescentar: que um Budha equivale a 7 Bodhisatwas, tal como já foi expandido acima; e que uma evolução completa (uma Ronda), é composta de 7 Budhas e 49 Bodhisatwas. Os Tatwas ou forças sutis da Natureza, e sub-tatwas; os "chakras" ou centros de força, e os shaktis (os 49 fogos de Kundalini... ou Agni e seus 49 filhos); as 49 letras (exotéricas) do alfabeto sânscrito; as raças e sub-raças; as cadeias planetárias, etc, etc, estão em relação simbólica com o grande "mistério" dos Budhas. Ao falarmos nesta anotação em duas personalidades um tanto desconhecidas (o Dalai-Lama e o Teshu-Lama), convém dar algumas explicações necessárias.

O Dalai-Lama é o regente do Tibet e Sumo-Sacerdote do Lamaísmo (Budhismo Tibetano). Embora certos dotes de que é portador, no entanto, é simplesmente o poder temporal.

O Teshu-Lama que outros também chamam de Taichu-Lama, é uma entidade de maior categoria espiritual. Entretanto, não se deve confundir com outro nome semelhante, e que pertence a uma hierarquia mais elevada. Refiro-me ao Teshu-Lama que habita o "Retiro Privado" de Tjigad-jé - atual Avatara de Tsong-ka-pa do Kookoonoor, ou Amitabha. É Ele o fiel Guardião do Tesouro Sagrado da Sabedoria, conservado há milênios por todos os seus antecessores... e vedado ao mundo profano.

(10) *Dhyan-Chohan* (Espírito de Luz). Entidades espirituais elevadas análogas aos arcanjos. Espíritos criadores em número de sete (H.P.B. Doctrines Secrètes, III, 59). Assim sendo, *Maha-Chohan* quer dizer: *Maha* (grande) e *Chohan* (luz), isto é, Luz ou a luz mais elevada.

Diz-se que Ele tem a mesma categoria de um Manú ou Bodhisatwa... e que representa o papel do "Espírito Santo", segundo o Cristianismo.

O atual Maha-Chohan (?) é o Supremo Dirigente da Confraria Branca dos Bhante-Yaul (ou Banthe-Jaul, que é a mesma coisa).

Existiu no Egito, um Colégio sacerdotal, cujo título era de Java-Al Elohim. Porém, o seu verdadeiro nome P... e do Colégio G... eram simbolizados na "Montanha Primordial" (Al Bordi), a que se refere Hermés.

H.P.B. na Doutrina Secreta (ed. francesa), pág. 462 do III vol, diz: Quinhentos anos, mais ou menos, da época da narração, os sacerdotes do Egito mostraram a Herodoto as estátuas dos seus Reis Humanos e deuses Pontífices-Pirônias, os Arqui-Profetas ou Maha-Chohans dos templos "saídos um do outro", sem intervenção de mulher, que tinham reinado antes de Menés seu primeiro Rei "humano".

"Cada *Maha-Chohan* tinha a sua história; e o número das estátuas era de 345. Foram os Reis Divinos que precederam os humanos".

(11) Tal como já dissemos em outro lugar desta Mensagem, entre o Budhismo com um *D*, e que melhor seria dizer Bodhismo, e Teosofia, não existem linhas divisórias. Existem sim, quando em se tratando do Budhismo (com dois *DD*), completamente modificado pelos sucessores de Gautama - "seus pretensos discípulos" - tal como acontece no Cristianismo, no Judaísmo, etc, etc, que com isso perderam o verdadeiro *sentido* que lhes quiseram dar os seus Instrutores - os diversos iniciados do passado, pregadores da Verdade Una, embora adaptada à evolução dos povos de sua época.

De fato, Olcott muito trabalhou a favor do Budhismo, procurando até unir as duas Escolas - a do Norte (a *Mahayana* ou a "grande barca de Salvação", como é chamada), com a do Sul, a que ele pertencia (a *Hinayana*, a "pequena barca da Salvação").

O sentido que os Budhistas querem dar, chamando as duas escolas de "grande e pequena barca de Salvação", é o mesmo que deram os egípcios "barca de Osiris" ou a "barca da Imortalidade". Do mesmo modo é o Mercabah (o Carro) da Kaballah hebraica (prática)... por intermédio da qual Ben-Jchal fez tantas maravilhas...!

(12) Quando o Maha-Chohan diz: "... com a intenção deliberada de submeter-se à morte pura e simples, em caso de fracasso, a séculos de degradação depois da dissolução física", refere-se à "segunda morte" ou à Oitava Esfera, que tanto fogem de falar certos ocultistas.... Nós pensamos de modo completamente diferente, isto é, de acordo com H.P.B., Mario Roso de Luna e pouquíssimos outros, que tomam como dever provar a existência de semelhante fato, para que a humanidade não se iluda com vãs promessas de céus, purgatórios e outros lugares onde não se fazendo jús a eles (embora como estados de consciência apenas), é de todo modo impossível o seu alcance.

Citaremos um pequeno trecho de "El Libro que mata a la muerte" - a "maravilha das maravilhas" do genial teósofo Dr Mario Roso de Luna, Cap. V, pág. 84: "*No Ritual funerário egípcio*, a alma boa ou purificada, juntamente com seu espírito superior ou *incriado*, é mais ou menos vítima no outro mundo, da negra influência do dragão *Apophis*."

Se logrou o conhecimento final dos mistérios celestiais e infernais - a gnosís, ou seja, a completa reunião com o espírito, triunfaria de tal inimigo; ao contrário, não pode a alma livrar-se de sua *segunda morte*.

Esta morte consiste na dissolução gradual da forma astral em seus elementos primitivos; porém, esse tremendo destino pode evitar-se mediante o conhecimento do "Nome Misterioso Inefável", a "Palavra Perdida", dos Cabalistas, ou seja, a Iniciação."

Triste é dizer que o número que nem alma possuem na terra, é muito maior do que se pensa. "A todo instante, nas artérias das cidades, nos acotovelamos com eles"... assim disse a grande e inigualável H.P.B., assim dizem os Seres de Sabedoria, inclusive o Mahatma Koot-Hoomi, conforme se poderá verificar nas suas Cartas (Vide "Les premiers enseignements des Maitres"), e que de modo algum podem ser contestados por pseudo-sábios, muitos deles fazendo parte do número dos "sem almas"... e até desses míseros kamalokas que se apresentam com o rotulo de santidade, nas sessões de Animismo ou Psiquismo doentio, simples bûthas ou melhor, "larvas do astral" tão temidos pelos hindus, e que sem nenhuma responsabilidade (pois nada mais são do que formas vitalizadas, única e exclusivamente por pensamentos e atos de vivos e de mortos)... e que afirmam os maiores absurdos... desgraçadamente tomados como artigos de fé, por uma "doutrina tão repreensível no emprego da mediunidade provocada, como respeitável em sua filosofia e em suas manifestações "expontâneas através da História", como disse Roso de Luna, na sua obra "El Libro que mata a la muerte".

Ainda podem servir de exemplo as poucas palavras que se seguem, extraídas de "Les premiers enseignements des Maitres" (1881 - 1883), ou as "célebres cartas dos Mestres de Sabedoria" aos primeiros membros da S.T. de Adyar: "Esta centelha em combustão sob um montão de imundícies contrabalançará, não obstante a atração da oitava Esfera, onde não caem senão entidades absolutamente *negativas*, os falhos (os que não conseguiram o menor vislumbre de imortalidade, dizemos nós) da natureza, afim de se sujeitarem a uma remodelação completa, cuja Mônada divina separou-se do quinto princípio durante a vida, ou mesmo antes da última vida ou algumas vidas anteriores, como já tivemos ocasião de citar este caso, e que viveram em seres humanos desprovidos de alma (Vide Isis, vol. IV, pág. 29. A palavra alma significa, bem entendido, a alma espiritual; é a sua partida deixando uma pessoa privada de alma, que determina a queda do quinto princípio - alma amável, na Oitava Esfera).

Dessas pessoas abandonadas pelo seu sexto princípio enquanto que o sétimo, tendo partido seu veículo, não pode mais existir de uma maneira independente, o quinto ou alma animal, cai naturalmente no abismo sem fundo..."

Somente a posse da Sabedoria, ou melhor, a compreensão do "eu" e do "não eu" pode evitar ao homem esse horrível processo de "dissolução gradual da forma astral em seus elementos primitivos". São esses os vitoriosos que "souberam matar a morte", como diria Roso de Luna, e portanto se tornaram imortais.

(13) Rhys Davies.

(14) Em defesa aos ataques que fazem os católicos e protestantes aos Teosofistas, Ocultistas e Maçons, teríamos muitíssimo que dizer. Preferimos citar, ainda, as palavras de H.P.B. - quem conhecia sobejamente até que ponto pode

chegar a miséria humana - alguns outros escritores de nomeada, e... até mesmo um caso entre milhares, e que figura nos arquivos da Polícia Parisiense, pelos quais o leitor inteligente poderá avaliar da importância e gravidade dos demais.

Como já tivemos ocasião de afirmar, não é a este ou aquele a quem desejamos ferir... mas, ao Mal por demais perdurável que vem infelicitando os homens. Assim, salvaguardaremos os católicos e protestantes - inclusive alguns dos seus sacerdotes, que não por serem dessas religiões... mas, pela virtude que caracteriza as suas almas evoluídas, são incapazes de qualquer ofensa a um seu irmão em humanidade.

Começemos por citar alguns trechos V vol. da *Doutrina Secreta*, pág. 38, ed. esp. Assim se expressa H.P.B.: "A seu parecer (da Igreja Romana) se nisso a magia é santa, meritória e divina. A tanto alcança a fé cega.

Por isto mesmo é que quando respeitáveis pessoas de elevada posição social nos tem assegurado que há bem organizadas Sociedades de sacerdotes católicos que com pretexto de espiritismo e mediunidade, celebram sessões com o fim de converter determinadas pessoas, por sugestão, já direta, já à distância, respondemos: sabemos-lo.

E quando ainda se nos informa que quando os sacerdotes hipnotistas desejam adquirir ascendência sobre algum indivíduo, cuja concessão lhes interessa, retiram-se a um subterrâneo destinado especialmente a isso, ou melhor, à cerimônias mágicas e, postos em círculo, lançam as combinadas forças de sua vontade para a pessoa escolhida, e repetindo o processo, acabam por subjugar a sua vítima; respondemos de novo, mui provavelmente, com efeito, sabemos que tais são as cerimônias de feitiçaria, já se pratiquem em Stonehenge, já em outras partes.

Sabemo-lo, por experiência pessoal; e também porque vários dos melhores e queridos amigos nossos, ingressaram no "benigno" seio da Igreja romana, atraídos por semelhantes meios.

Mais adiante, diz ela ainda: "Há em Roma e por toda América e Europa, cabalistas muito mais profundos do que se pode imaginar. De modo que as públicas "Irmadades" de adeptos "negros", entranham pelos países protestantes maior perigo, por seu poder, que uma hoste de ocultistas orientais".

Em outros lugares: esses são os monges e clérigos católicos romanos que, desde a Idade Média decifraram a maior parte dos escritos hieráticos e simbólicos.

São muito mais eruditos que jamais o seriam os orientistas, em simbologia secreta e religiões antigas; e como personificação da astúcia e da manha, cada um de tais adeptos retém fortemente a chave em suas cerradas mãos, e cuida de que se não divulguem os segredos, enquanto possam impedir tal coisa".

Com certeza, essas "correntes mágicas" a que se refere H.P.B. outras não são senão as mesmas de que fala Mr Josephin Péladan, no *Istar*, Paris, 1888, 2o. vol. pág. 130, com as seguintes palavras: "Logo que for necessário ferir ao inimigo da Igreja, e por isso mesmo, seja preciso o duplo assentimento do Sacro Colégio cardinalício e do Colégio Gnóstico dos vinte e dois... reunir-se-ão duzentos monges e freiras (?), cem de cada sexo; eles se ligarão pelas mãos; no momento em que o padre eleva a hóstia, eles unirão a sua vontade com o oficiante; este então elevará a hóstia contra o condenado, que cairá morto, não importa o lugar do mundo em que esteja".

"Segundo a soma de força nervosa de cem vontades bissexuais, representa um movimento elétrico de uma determinada força e que o oficiante é, ao mesmo tempo, o ponto convergente e excitante elétrico, ele projetará uma corrente de uma presteza enorme, e do poder de centelha de uma pilha excitável a vinte metros". Isso é pura física; em hiperfísica, representa bem outra coisa..."

À tais "correntes" Mr Josephin Péladan dá o nome de "Condenações capitais".

Dizemos nós: Todos esses meios ultra-religiosos de que dispõem os "Irmãos da Sombra"... só podem atingir os não iniciados nos Sagrados Mistérios... ou aqueles que "por indolência ou ignorância, preferem seguir as religiões de seus pais", ao invés de procurarem decifrar o enigma contido nas sublimes palavras do Templo de Delphos: "Nosce te ipsum".

Convidamos o leitor interessado a ler o prefácio e a vida de santos homens que a Igreja Romana excomungou e levou à fogueira inquisitorial, na obra "Les Secrets Merveilleux" do Abade Houssay, ou melhor, cujas virtudes ainda se podem ler nas gloriosas páginas da História Francesa, e que tudo deu em prol dos deserdados da sorte.

Por estes seus versos, se pode avaliar a grandeza de sua alma.

*"... Il est un autre amour, auguste et pur flambeau,
C'est l'amour du Grand Dieu, seul Bon! seul Vrai seil Beaul!
Quand le ciel est a moi, que m'importe la terre?
Mais je n'aime pas Dieu, si je n'aime mon frère:
J'imite mon Jesus, je calme la douleur
Je donne la santé!... Pour mon frère ou ma sœur
Toujours brûle d'amour mon ame inassouvie,
Et pour l'Humanité, je donnerais, ma vie...
Ah! c'est ainst qu'on aime au céleste sejour!
Toi seul et vrai, Divin Amour!"*

O Abade Julio abandonou a Igreja Romana, revoltado contra os seus erros e... crimes, e fundou uma Igreja a parte. Era procurado pelos infelizes e principalmente pelos doentes, aos quais ele curava. Os seus "milagres" são abençoados por centenas de seres que ainda vivem. O Abade Julio morreu como Arcebispo metropolitano de França. Escreveu várias obras, algumas delas de parceria com o erudito escritor francês J.G.Bourgeat. Foi bastante perseguido pelo clero... e Roma amaldiçoou essa alma grandiosa que a França até hoje pranteia.

São suas, ainda, estas palavras: "*Hors de Rome ne veut pas dire Hors de l'Eglise catholique; c'est absolument le contraire. Être dans l'Eglise catholique, c'est être hors de Rome, et être de l'Eglise Romaine, c'est l'heure actuelle, être hors de la vraie Eglise de Jesus-Christ*".

Continuemos ainda demonstrando a quem cabe a pecha de "magos negros", se a nós outros - teósofos, maçons, ocultistas... ou se aos que em nome de Jesus ou "AD MAJOREM DEI GLORIAM" vem cometendo os maiores absurdos e desatinos no mundo. Transcrevamos, portanto, o Tomo 10. págs. 198 e seguintes, dos Arquivos da Polícia Parisiense: "Monsenhor, o abade d'Auvergne, príncipe e cardeal de Bouillon, era herdeiro do Marechal de Turenne.

Infelizmente, o Marechal não havia deixado nenhuma fortuna. Porém, o abade d'Auvergne que não podia admitir uma tal indigência para um tão grande nome e elevados cargos, concluiu que o Marechal havia deixado um tesouro, mas que tendo tido morte repentina, não havia podido indicar o lugar onde o havia escondido. Desse modo, ele foi procurar La Voisin (uma feiticeira da época), tendo o cuidado de disfarçar-se para não se reconhecer, e propôs-lhe que o fizesse sabedor do lugar onde deveria estar oculto o dito tesouro. As primeiras palavras de La Voisin ao "grande esmolero de França", ao ouvir semelhante proposta, foram: "se seu cérebro estava perfeito!"...

Porém, o abade d'Auvergne insistiu de tal modo à célebre feiticeira e adivinha, taxando suas práticas de inúteis... e prometendo-lhe cinquenta mil libras se ela evocasse o fantasma do Marechal de Turenne... e duzentas mil se ele indicasse o lugar onde jazia o tesouro, que tudo isso pareceu tão grandioso a La Voisin, que esta acabou cedendo à sua primeira recusa, dizendo que a causa não era impossível e que se comprometia a evocar o fantasma do "vencedor das Dunas", caso o abade lhe quisesse dar a metade em mãos de uma terceira pessoa que lhe faria entrega depois da evocação.

O abade l'Auvergne aquiesceu ao seu pedido. La Voisin então pediu-lhe quinze dias de espera, pois tinha necessidade desse tempo para preparar a conjuração. Depois havia condições, sem as quais, ela declarava, nada podia fazer.

Para começar, a cerimônia devia ser secreta e debaixo de absoluto mistério. Em seguida, três pessoas somente, deviam assistir a essa conjuração: ela, o padre Lesage e o abade l'Auvergne.

Porém, a esta cláusula o abade protestou, dizendo que desejava ter consigo dois gentís-homens há muito devotados à sua casa; um era o capitão do regimento de Champagne, sobrinho do Marechal de França - Gassion; o outro, de quem não se soube o nome, ocupava junto ao "grande esmolér", o mesmo emprego que ocupava o cavaleiro de Lorraine, junto a Monsenhor. La Voisin acedeu ao seu desejo, e ficou resolvido que esses dois gentís-homens assistiriam à evocação.

Enfim, a terceira cláusula sobre a qual não se soube o motivo da sua escolha, foi o lugar onde deveria ser feita a evocação. Ela escolheu a basílica de Saint-Denis (?) dizendo, sem querer dar outra explicação, que a conjuração falharia, se fosse em outro lugar. Essa cláusula seria difícil para qualquer outro que não fosse o cardeal, grande esmolero de França; porém a um prelado tão altamente colocado, tudo era fácil; sem pistolas (moeda antiga de valor variável), uma vez dadas e uma dádiva à grande esmolaria, pareceram suficiente recompensa para o sacristão que se encarregou, mediante essa retribuição e a promessa de introduzir o cardeal e seu séquito na Igreja da abadia, onde dizia o contrato, *eles tinham feito voto de passar a noite em preces* (o grifo é nosso).

Foi preciso esperar uma sexta-feira que caísse ao mesmo tempo a 13 de um mês; mas, isso encontrou-se mais depressa do que era de esperar, de sorte que, os quinze dias pedidos por La Voisin, bastaram perfeitamente, para que na data precisa se pudesse proceder à conjuração.

No dia marcado, o cardeal, seus dois gentís-homens, os dois padres (?), La Voisin, sua camareira Rose (de quem se soube todos esses detalhes), e um negro portador dos apetrechos mágicos, puseram-se a caminho às 4 horas da tarde; eles deviam chegar a Saint Denis antes de serem fechadas as portas.

Esperava-os o sacristão... que logo tratou de ocultá-los na torre. Ao soar das onze, os sacrílegos saíram de seu esconderijo e entraram na Igreja. O dois sacerdotes deviam dizer a missa negra, isto é, a missa às avessas.

Acenderam-se as velas de cera negra, uma espécie de altar foi armado, os livros santos foram colocados contrariamente à ordem que ocupam no sacrifício divino, que se ia parodiar, o crucifixo foi virado de cabeça para baixo. Os dois sacerdotes passaram a sua casula invertidamente.

O acaso (?) fez com que nesta noite, uma terrível tempestade desabasse sobre a cidade, como se essa profanação irritasse o céu, e que Deus fizesse ouvir a sua voz retumbante, para advertir aqueles que o ofendiam... e que era tempo, ainda, de retroceder.

La Voisin havia prevenido os assistentes que, segundo toda probabilidade, o fantasma fenderia o altar pelo meio e apareceria no momento da consagração. Entretanto, a tempestade parecia aumentar desde que a missa negra começou.

À medida que se aproximava o momento da consagração, o trovão tornou-se mais violento e os relâmpagos mais lívidos e mais freqüentes. Enfim, no momento em que o padre Lesage elevava a hóstia invocando a Satan, em lugar de invocar a Deus, ouviu-se um grito agudo; uma lage do coro entreabriu-se e um fantasma apareceu sacudindo a sua mortalha. Então tudo emudeceu: missa negra, tempestade vingadora; os assistentes caíram de face em terra e uma voz estranha assim se fez ouvir: "Miseráveis! Minha casa que tantos heróis ilustraram vai, doravante, decair e aviltar-se; todos aqueles que levarem o nome de Bouillon serão, antecipadamente, deserdados de minha glória, e antes de um século estará extinta; o tesouro que eu deixei foi a minha reputação, foram as minhas vitórias; não sejam procurados outros tesouros; indignos que sois".

A essas palavras o fantasma desapareceu.

Como é conhecido, La Voisin era uma célebre adivinha que praticava o "envotamento". Associada à Vigourex, outra feiticeira afamada, e a dois sacerdotes católicos chamados Lesage e d'Avoux, praticava toda espécie de sortilégios... Era procurada pela alta roda parisiense, inclusive a Marquesa de Montespan, que com o seu auxílio se tornou a favorita de Luiz XIV, rei de França (1641-1707). La Voisin foi condenada a ser queimada viva e tal fato teve acontecimento em 2 de Fevereiro de 1688.

Mas... aos sacerdotes Lesage e d'Avoux, inclusive Monsenhor d'Auvergne, grande esmolér de França, o que lhes teria acontecido? O mesmo de sempre: a beatífica proteção de Roma, quando outros por muito menos, e até por praticarem a caridade, eram enviados às fogueiras armadas em praça pública... além de uma "excomunhão-passaporte"... para as *"caldeiras de Pedro Botelho"*.

Em referência aos nossos irmãos protestantes, que não nos amam, pelo simples fato de não pertencermos à sua religião... e que cognominaram os teósofos, maçons e ocultistas de *"Os desastrosos feitos de Satanás"* (Vide

artigos de "O Jornal", com o título de Evangelismo), hão de perdoar-nos a franqueza das palavras que se seguem: Consideramos ao Protestantismo, nas suas múltiplas subdivisões de *evangelistas*, *metodistas*, *anabatistas*, *batistas* e dezenas outras, sem falar naqueles pobres "*Quakers*" que recebiam o divino Espírito Santo, por meio de *baileados epiléticos*, e do *Puritanismo* que transformou a *Joyce England* na *Old England* atual... e a *ultra-evangelizadora* KU-KLUX-KLAN... nada mais nada menos do que - segundo a matemática - "derivadas de segundo grau", para não dizer *reformas de outra reforma*, que é o Catolicismo.

Certa vez ao folhearmos a "A Notícia" de 10. de Fevereiro de 1926, deparamos com um artigo de um patricio nosso que se acha em Nova York, cujo nome é Marcial Rossel.

Dizia ele: "Existe a liberdade religiosa nos Estados Unidos?" Para ele mesmo responder: "Sem dúvida Lorde Baltimore e os católicos de Maryland criaram-se e ela tem sido com sorte varia segundo a intransigência protestante, uma das conquistas da democracia deste país. O Ku-Klux-Klan, é a contradição da liberdade religiosa, porém, os klans são protestantes. Daí..."

Em seguida o Sr Marcial conta-nos o caso do pedido que Mr Francis D. Gallatin, Inspetor de Jardins, fizeram C. Jandon e Fernand Guerroy, em nome de cerca de uma duzentas mil pessoas (?) que na América do Norte professam as doutrinas do Budhismo: erigir num recanto do Central Park de Nova York, um monumento à Budha, à *sua fabulosa divindade* (é nosso o grifo).

E acrescenta: "A resposta do Inspetor de Jardins foi negativa em nome da liberdade religiosa proclamada pela Constituição dos Estados Unidos da América". E, logo após ele transcreve, a propósito do assunto, a opinião dos *leaders* dos vários credos professados na América do Norte.

Diante da judiciosa opinião do Inspetor de Jardins, o leitor verá o contraste, na dos representantes dos credos, que excluindo-se a ignorância de todos eles a respeito da personalidade e da denominação de Budha, aparece a *cristianíssima* opinião do pastor *metodista* Mr Cristian (?) F.Reisner, de que: "Uma estátua à Budha, no Central Park, era uma coisa ridícula (também nós o achamos, principalmente pelo que aí se pratica, embora toda a severidade da polícia americana!... Bem culpados foram os budhistas americanos, fazendo semelhante pedido!...) por ser a América do Norte uma terra cristã (cúmulo da ignorância!...) e *Budha um papalvo que há séculos permanece sentado no fundo de um país embrutecido* (o grifo é nosso).

Um outro membro da Congregação Anabatista,, manifestou assim o seu *doutíssimo* parecer: "Seria ridículo que enquanto enviamos missionários à China para dissipar as *absurdas doutrinas do budhismo*, consentíssemos que em lugar público de recreio se levantasse um monumento a essa *ficção religiosa*, da qual nos rimos com desdém e pena.

Ignoram ou fingem ignorar tão virtuosos *homens - pastores de almas*, que nos países verdadeiramente budhistas, não há necessidade de "leis secas" para refrear o vício do álcool, imprescindível entre um povo que, nem mesmo com essa lei, infringe a todos os regulamentos (cremos que podemos excluir os budhistas americanos dessa contravenção), e que não possuindo domínio próprio ou força de vontade bastante para dominar tal vício que, qual cancro minaz, corroi lentamente vidas, lares, honra e tudo o mais - carrega toda espécie de bebidas dentro de suas bengalas, carteiras, etc, etc, como um artigo imprescindível à vida... tal como os seus próprios *films* nos servem de porta-voz.

E, ainda que nos países ou lugares onde se venera e se procura seguir os códigos de moral "desse papalvo que há séculos permanece sentado no fundo de um país embrutecido" - principalmente em se tratando de Budhismo do Norte da Índia, do Sul e do Tibet, onde nenhum pastor pôde arregimentar prosélitos para as suas fileiras... não se ergue um altar improvisado ao moderno deus Moloch - que tem o nome de cadeira elétrica e onde... com toda *cristandade* se cose lentamente os cérebros de dezenas de criaturas, anualmente!...

Esses amáveis pastores nos fazem lembrar uma das muitas cartas do Mahatma Koot-Hoomi, de onde podemos extrair o seguinte trecho: "No que concerne ao ensinamento da "moral mais elevada", nós temos não longe de minha residência um Shaman Dugpa que é um homem verdadeiramente notável - pouco poderoso como feiticeiro, mas bêbado, ladrão e mentiroso, embora *distintíssimo orador*.

Nesse último papel, ele poderia ultrapassar, com vantagem, os Senhores Gladstone, Bradlaught e até mesmo o Reverendo H. Ward Beecher, o *mais eloquente pregador moralista e o maior transgressor dos mandamentos do Senhor que possui os Estados Unidos*.

Esse lama Shapatung, quando tem sede, pode fazer espalhar por entre um enorme auditório de leigos "boné amarelo" toda a sua reserva anual de lágrimas, contando-lhes pela manhã os seus arrependimentos e dores e depois embriagar-se a noite e... esvaziar os bolsos de todos os habitantes da aldeia, depois de os ter mergulhado num sono profundo, por meio do mesmerismo. Pregar e ensinar a moral com um objetivo interesseiro, não possui valor algum".

De fato, eis aí onde se oculta o mistério dessa luta interminável entre os diversos credos, principalmente entre católicos e protestantes: o temor à concorrência... pois cada um deles vê nos seus *antagônicos*, uma barreira tremenda que lhe pode dificultar o negócio tão lucrativo quão pouco trabalhoso! ! !

Responde ainda por tudo quanto pudéssemos dizer a esses nobres irmãos que não nos suportam, alguns trechos do escritor L. Batalha, quando na sua obra "O Japão por dentro", págs 357 e seguintes, diz: "Oriundos do extremo ocidente, os portadores da lei do Cristo apresentavam-se como missionários humildes que só vinham em serviço de Deus, resgatar almas para a felicidade".

Havia, portanto, a promessa de bem-aventurança; o objetivo era afastar da terra o sofrimento. Esta doutrina pareceu mostrar-lhes o "nirvana búdico". Chegou a pensar-se que o Cristianismo era uma seita dissidente do Budhismo, tanto mais que em alguns lugares, os missionários favorecem a ilusão trajando de *bonzos*.

Espalharam-se pelo país inteiro. As suas tradições ainda se conservam no Satrumsa, em Bunzem e no Hirado, em Kioto e no Azuchi, em Cagoxima, Funai, Yamaguxi e em outras partes do Império. Muitos fazendo lembrar os *modernos protestantes* (o grifo é nosso), que vendem algodões ao mesmo tempo que distribuem Bíblias, os missionários católicos do século XVI introduziram no país nipônico as *luzes do Evangelho e as negruras do comércio usurário*.

Compreendendo que a sugestão do interesse aplaina e predispõe, distribuía bugigangas de prata e ouro ao povo, com o que adquiriam direito e gratidão, e inspiravam confiança para serem aceitos nos seus negócios e acreditados no Kerixilan, etc, etc.

Até nos dias atuais eles empregam o mesmo processo, vestindo-se com as roupas dos sacerdotes de outras religiões orientais, para confundir a massa ignorante (aliás, a única que os acompanha), que a *nova religião que se lhes oferece*, pouca diferença faz da outra. E daí, para maior *confusão*, para não dizer "vistas largas", Roma arranjar um cantinho confortável no reino do Céu para o célebre filósofo Kung-fu-tsen, hoje S. Confúcio!... Não há como agir desse modo para... um MAIOR QUINHÃO NA TERRA!

E para que não se diga que esse proceder só é para com os povos orientais, vejamos o que eles fazem com os nossos pobres silvícolas, nas suas fertilíssimas fazendas de Mato Grosso e outros lugares.

Citaremos uma carta de nosso ilustre patrício Sr Alipio Bandeira, no "O Combate", de 24 de Agosto de 1927:

"Há 15 anos que se prova com documentos irrecusáveis que os salesianos exploram indignamente os nossos índios, habituados à escravidão (com os selvagens nunca tiveram eles o mínimo contato); que os maltrataram; que os caluniaram, como o fizeram os padres Aquino, Colbachini e Malan chamando-os "feras, bandidos, ladrões e vís assassinos", em livros que correm mundo; que os difamam para emprestar às chamadas missões um cunho de abnegação e coragem que nem por sombra existiu jamais, e que para tudo isto recebem fartos recursos do Tesouro Nacional e da caridade pública com o maior escárnio pela felicidade de um e pela ingenuidade da outra.

No ano 1919, em conferência realizada na Biblioteca Pública desta capital e posteriormente tirada em livro, depois de haver escrito numerosos artigos mostrando tudo isto e mais que os salesianos nada ensinam aos índios nem de ofícios, ou indústrias, nem de religião; que os apresentam como portadores das mais atrozes maldades para dar aqui fora, a impressão de que eles, salesianos, vivem cercados de perigos quando a verdade é que vivem regaladamente em fazendas magníficas, nas quais possuem verdadeiros arsenais de armas de fogo e das quais retiram apenas para alimentação das suas vítimas, cana e macaxera; quando é certo que atiram de rifle nos índios que já não pertencendo às suas fazendas, atrevem-se a pescar em algum ribeiro delas, como fez em 1912, por ordem do padre Rogogna, o padre Bulla, então irmão leigo e logo depois ordenado, etc, etc, o autor destas linhas apelou para o governo que mandasse verificar tudo quanto de mal tem dito dos salesianos em suas feitorias indígenas.

Se, feita a verificação se provasse haver ele proferido uma só inverdade aplicasse-lhe o governo todos os castigos que quisesse, inclusive o de publicar por toda parte que ele era mentiroso, mas que suspendesse as consignações feitas pelo Tesouro àqueles padres sob o falso pretexto de catequese de índios, desde que ficasse provado que o autor só dizia a verdade. Voz clamante no deserto.

Os salesianos tem protetores nas salas como nas cozinhas. Um dia chegou ao Rio de Janeiro, a notícia de haver sido assassinado o padre salesiano Tannhuber.

O autor destas linhas, sem saber do que se tratava, pelo simples conhecimento dos processos habituais dos salesianos, nesse mesmo dia, em carta à "A Noite", afirmou que esse assassinio devia ter sido o resultado de alguma extorsão salesiana a índios ou a pobres lavradores vizinhos.

Poucos dias depois, em nova carta ao "A Noite", com o próprio jornal oficial de Mato Grosso, provou a sua aparentemente infundada asserção.

Os salesianos, depois que se descobriram fontes de águas termais no sítio há mais de cinquenta anos pertencente à família conhecida pelo nome de paulista e composta de pretos agricultores, resolveram apossar-se daquela propriedade.

Requereram-na, sucessivamente a todos os governos que se iniciaram posteriormente em Mato Grosso. Como era natural, diante da clamorosa injustiça de esbulhar alguém de uma propriedade maior de 50 anos, nada obtiveram, até que foi nomeado presidente de Mato Grosso o bispo salesiano Aquino Corrêa.

Este logo cedeu as terras dos paulistas ao seu próprio secretário de Estado o padre salesiano, hoje bispo (pudera) Manoel Gomes de Oliveira, à razão de 1.000 réis o hectare, e para serem incorporadas ao patrimônio da ordem, congregação ou o que quer que seja. E pretendem tais homens fazer acreditar que eles temem Deus ou o inferno!

Na ocasião em que Tannhuber procedia à demarcação do sítio extorquido, um dos paulistas (que provavelmente ainda purga no cárcere o seu feito), matou-o. Comentando então o fato dizia textualmente o autor dessas linhas: "Eu, porém, à vista do que sei de salesianos, ousou asseverar, senhor redator, que daqui a 25 ou 30 anos, simples questão de tempo, o padre Tannhuber, aliás alemão, será mártir brasileiro da catequese religiosa de índios em Mato Grosso".

Cinco anos depois estava eu na margem do Taquary, quando de uma senhora minha colega de estudos na infância, que conhecia toda a questão e que é mil vezes mais católica do que todos os salesianos reunidos porque é, de fato, católica, recebi um número do "Estado de São Paulo", no qual fazendo-se a apologia das missões salesianas, dizia-se que o padre Tannhuber havia sido mártir da sua dedicação à causa indígena. Os salesianos não recuaram nem diante da própria acusatória!

Imediatamente escrevi àquele jornal transcrevendo tudo quanto saíra em "A Noite", e servia para provar a desenvoltura salesiana, mas o "Estado de São Paulo", para quem apelei mostrando que se a sua intenção era informar honestamente o público não podia a apologia anterior, ficar sem retificação, deixou de publicar o meu artigo escrito, aliás em linguagem comedida e como sempre verdadeira e decorosa.

Os salesianos tem protetores por toda parte. Tive de recorrer ao "COMBATE", valente folha republicana que prontamente satisfaz ao meu pedido e fê-lo decerto com prazer, por estar dentro do seu programa de verdade e justiça, sempre ativas e sempre aplicadas à defesa dos interesses nacionais.

Mas devemos dizê-lo: o terreno está tão minado que bem poucos jornais no Brasil teriam aceitado essa repressão às desmoralizadíssimas explorações salesianas.

Será também muito difícil evitar que os duzentos contos requeridos entrem para os cofres das fazendas desses pseudos padres.

Rio, 11 de Agosto de 1927

Alipio Bandeira

(Do "Combate", de 24 de Agosto de 1927)

Citemos ainda H.P.B. quando na sua obra "Por las grutas e selvas del Indostán", pag 72 (comentada pelo erudito teósofo Dr Mario Roso de Luna), diz: "Alguns passos mais aquém da estação da Estrada de ferro, contemplamos uma modestíssima procissão católica, formada por um punhado de párias (o grifo é nosso), recém-convertidos e alguns portugueses indígenas. Na liteira, sob um docel, baloiçava-se uma imagem da Madona, com um argolão no nariz e levando nos braços o santo menino, com um turbante encarnado brahmânico e pijamas amarelos por vestes. - Hari, hari, devaki! (Glória à Santa Virgem!) - exclamavam os noveis conversos, incapazes de estabelecer em sua ignorância a linha diferencial entre a Madona católica e Devaki, a mãe de Krishna.

Excluídos aqueles párias de todo templo brahmânico, por não pertencerem à nenhuma das castas hindus, acontece ser admitidos nos templos, graças aos *padres*, nome derivado do *padre* português, e que é aplicado indistintamente aos missionários de toda seita européia.

Outro escritor de nomeada - Mr Louis Jacolliot, em sua maravilhosa obra "La Bible dans l'Inde", onde ele demonstra que a vida de Jesus Cristo não passa de um plágio da vida de Izeus Krishna, que viveu 3.000 anos antes da nossa era, *encontrar-se-á* nas páginas 382, 383 o seguinte: "Os reverendos padres Jesuítas, Franciscanos, das Missões estrangeiras e outras corporações, se unem em um tocante acordo, na Índia, para cumprir uma obra de vandalismo, que é bom assinalar ao mundo sábio e aos orientistas.

Todo manuscrito, toda obra sânscrita que lhes cai nas mãos, é imediatamente passada pelas chamas. Inútil dizer que a escolha desses senhores visa de preferência as obras que remontam à mais alta antiguidade, e cuja autenticidade possa parecer incontestável.

Com que fim este ato de intolerância é inépcia? É para preservar os raros cristãos da Índia, da leitura dessas obras? Não. Eu afirmo que nenhum de seus adeptos (saídos das castas mais ínfimas), está em condições de compreender a velha língua sagrada da Índia, que hoje é, apenas estudada por brahmânes sábios.

Daí então, a resposta que é bem simples: Destroi-se o livro porque se o teme e... para não ter de combatê-lo mais tarde! Ó! Eles sabem perfeitamente, e os jesuítas sobretudo, o valor das obras que destroem.

Cada novo recém-chegado, recebe ordem formal de agir desse modo, sobre tudo quanto lhes venha cair às mãos. Felizmente que os brahmânes não lhes abrem, de modo algum, os depósitos secretos de suas imensas riquezas literárias, filosóficas e religiosas.

Essa mania de destruição produziu seus frutos, e daí ser bem difícil, a menos que não haja muita intimidade, de se fazer conhecedor de qualquer das obras sagradas dos templos brahmânes.

O sacerdote hindu que conhece a sua influência sobre as massas, que é obedecido por um simples sinal, tanto pelo grande como pelo pequeno, não pode conceber que o padre católico não tenha o mesmo direito sobre os seus compatriotas. Que desejais fazer com este livro? responde ele quase sempre; este livro não foi escrito para vossa nação, e vós não m'o pedis, sem dúvida, senão para levá-lo à missão.

E daí a razão porque a sociedade asiática de Calcutá não pode recolher por completo os Vedas, e que não esteja bem segura das cópias que possui e nas quais numerosas interpolações feitas à vontade, tem sido descobertas. Que desejais? Já há dois séculos que esta destruição estúpida e bárbara já dura, e os hindus possuem o direito de ser desconfiados. Vejamos, nossos bons padres, que pretendeis, pois, queimando o pensamento, agora que não mais podeis queimar o corpo? Extinguir a Luz? Ela se fará um dia, mesmo contra a vossa vontade, podeis estar certos disso, apesar das vossas tenebrosas e inconfessáveis obras.

Fatos semelhante narra outro escritor francês - Mr Ernest Bosc, dentre eles o seguinte, extraído da sua obra "La Doctrine E'soterique", págs 156, 157: "... Assim, um jesuíta, o Pe. Sicard, fez em um pequeno porto do Egito, em Ouadan, um auto de fé com antigos papiros egípcios, pretendendo pois, que nada compreendia de seus símbolos, que eram livros de Magia, por conseguinte, obras do demônio.

Savary, em suas *Cartas sobre o Egito*, conta o fato, e nós não o conheceríamos por este escritor, mas pelo próprio Pe. Sicard, que escreve na pág. 53, em suas *Cartas edificantes* (muito edificantes mesmo): "Avisaram-me um dia que havia no pombal de uma aldeia um maço de papeis cobertos de caracteres mágicos, comprados à alguns religiosos coptas e schismáticos; eu fiz o uso que devia fazer, e plantei em seu lugar, uma cruz de Jerusalém que os coptas veneram com grande devoção".

Eis aí pois um ato de vandalismo inconcebível, que nos privaram, talvez, de tesouros esotéricos. E são esses nossos irmãos, pobres lázaros cobertos de chagas morais... que ousam criticar-nos, difamar-nos e repudiar-nos... como se fôramos nós outros, os empesteados pela doença fatal da ignorância e da maldade!...

Chamam-nos eles de "magos negros" ou praticantes de artes diabólicas, nós que respeitamos a memória de alguns dos seus santos homens - não de serem católicos romanos... mas "por haverem encontrado o Cristo em seu homem interno", tal como diz S.Paulo.

E se lhe perguntássemos a que classe de magia pertencem as efetuadas por S.Cipriano, o rei dos feiticeiros conhecidos, e cujo nome figura no "Flos Sanctorum" ao lado de outros tantos não menos feiticeiros? E ainda as práticas de envotamento que fazia o grande Thomaz de Aquino, sobre as ferraduras de cavalos, para que estes não o incomodassem passando diante de sua porta?!!!

O que poderíamos ainda dizer sobre um Antonio de Pádua... em êxtase diante da Virgem Maria (a Maya católica)... e até de uma Thereza de Jesus, que queimava seu corpo para... aplacar o amor ardente que tinha por Jesus... se não fora o recato exigido nas colunas desta revista?!!!

E, finalmente, dessa corte de vampiros que, mesmo depois de mortos continuam a sua obra nefasta de "sugadores de seres"... e por isso mesmo, conservam intactos os seus corpos físicos, dando-lhes por esse motivo, a *sua religião*, o nome de santos e bem-aventurados, quando a casos semelhantes ocorridos com pessoas de credos diferentes... a mesma religião os considera como obras de magia negra e faz-lhes atravessar os corpos por espedaques de madeira, afim de jorrar sangue, e com isso terminar a obra maléfica do vampirismo?!!!

Façamos ponto final aqui, tomando como exemplo as palavras do genial teósofo Dr Roso de Luna, quando na Introdução de sua magistral obra "El Tesoro de los lagos de Somiedo", pág. XXV, diz: "A HIGIENE MODERNA IMPEDE DESENTERRAR CADÁVERES. DEIXAI AO PASSADO QUE SEPULTE OS SEUS MORTOS".

Sabemos que o período que atravessamos da Kali Yuga, comporta fatos semelhantes. Porém, o dever daqueles que assumiram uma responsabilidade perante a sua própria consciência é de concorrer por todos os meios, para que esse período possa terminar o mais rápido possível para o mundo... mesmo porque, para muitos ele não mais existe e, portanto, usufruem as delícias de uma nova era, ou seja, o período da Satya-Yuga ou Idade de Ouro.

E eis porque sendo a época de construção - como deve ser sempre e sempre para os obreiros do Grande Edifício Humano- estando o mundo fora da Lei justa (Dharma), exige, por sua vez, a destruição.

E assim, essas duas forças conjugadas ocasionarão a harmonia mágica dos dois triângulos invertidos e entrelaçados, que a Cabala simboliza nestas misteriosas palavras: "Daemon est Deus inversus".

Daí também a razão de ser das mayálicas palavras que se seguem, e que tanto podem pertencer a este como aquele adepto... e até mesmo a nenhum, porquanto jamais foram pronunciadas, nem escritas: Eu sou a Voz de Deva Vani que se faz ouvir dos paramos do Infinito aos aspirantes à Imortalidade... Venho para fazer cumprir a Lei, embora não me compreendam aqueles que d'Ela se achem afastados!

Trago uma espada de dois gumes: um que ama e outro que fere! De há muito que venho destruindo, não só os falsos ídolos como a era daninha que viceja por sobre as cumiadas do Mal!... para depois então reconstruir com outros tantos que me seguirem, a obra valiosa do passado, executada pelos Filhos dos Reis Divinos!

Abrirei um sulco de lágrimas por toda a superfície do globo... cujo murmúrio, é o eco ou a súplica plangente da grande dor que avassala o mundo!... mas que, dia virá, pelo divino metabolismo do Amor, da Sabedoria, do Sacrifício, da Renúncia e da Justiça, transformar-se-á em um lago imenso de puras e tranqüilas águas, cobertas de Lótus brancos e azuis, em adoração ao Sol - a mais elevada *de todas essas Flores simbólicas*... pelo mistério que o seu seio encerra!!!

Os meus tesouros materiais? Jazem no esquecimento do passado, através as múltiplas gerações que já se foram; porque hoje, mendigos que somos dessa grande dor que aflige o mundo, para nós outros não podem haver tesouros, nem glórias, nem recompensas que se possam comparar à Eterna Morada dos Budhas, ou o lugar d'Aqueles que a tudo renunciaram... menos o Seu Amor pela Humanidade - o Nirvana!

Notas do autor da Mensagem

A MINHA MENSAGEM AO MUNDO ESPIRITUALISTA III E IV
(Dhâranâ No. 37 - 1929)

(CRISTIANISMO)

(Conclusão)

"Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?!
Em que mundo, em que estrela te escondes
Embrado nos céus?
Há dois mil anos te enviei meu grito,
Que desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...

(Vozes da África - Castro Alves)

Seria o fato de, nos tornarmos um insensato ou orgulhoso, querendo definir a *personalidade divina*! E por isso mesmo, a Sabedoria nos recomenda que não abordemos essa questão, senão com a maior reserva e... mesmo assim, servindo-nos das palavras dos chamados Maiores ou Aqueles que por todos os princípios, se acham à vanguarda da Humanidade.

Vejamos por exemplo, o que diz um deles a quem nós, querendo plagiar a Sra. Helena Petrovna Blavatsky, chamaremos de Koot-Hoomi: "A nossa filosofia não crê nem nós tampouco, em um Deus, principalmente em um Deus cujo pronome exige uma maiúscula. Nossa filosofia responde à definição de Hobbes; ela é antes de tudo, a ciência dos efeitos por suas causas e a ciência das causas por seus efeitos. E como ela é igualmente a ciência das causas deduzidas dos primeiros princípios, segundo a definição de Bacon, somos obrigados, antes de admitir um novo princípio, de o conhecer, sem mesmo ter o direito de admitir a sua probabilidade (15). Toda a vossa explicação está baseada sobre uma só e única admissão, concebida como fins de argumentação em Outubro último.

Nosso saber vos foi dito, era limitado ao sistema solar: *ergo* para filósofos, desejando permanecer dignos desse nome, não mais podíamos negar, mas sim afirmar a existência além dos limites do sistema solar, de um determinado Ser, por vós chamado Supremo, Onipotente e Inteligente.

Porém, se uma existência semelhante não é absolutamente impossível, nós mantemos - a menos que a uniformidade das leis naturais não seja compreendida além desses limites - que ela é extremamente improvável.

Repelimos portanto, com a maior energia, a atitude tomada nesse sentido pelo agnosticismo; e no que concerne ao sistema solar, nossa doutrina é intransigente: ou ela afirma ou nega, porque ela não ensina, senão, o que ela sabe ser a verdade. Eis aqui a razão pela qual negamos a Deus, ao mesmo tempo como filósofos e como Budistas.

Sabemos que existem Planetários e outros seres espirituais; sabemos ainda, que não existe em nosso sistema nada que se assemelhe a um Deus pessoal ou impessoal. Parabrahm não é um Deus, mas a Lei absoluta e imutável. *Ishvara* (16), é o efeito de *Avidya* e de *Maya*: a ignorância filha da grande ilusão.

A palavra "Deus", foi inventada para designar a causa desconhecida, efeitos que o homem admirava ou receava, sem os compreender; ora, do momento que pretendemos e que somos capazes de provar nossa pretensão, isto é, o conhecimento dessa causa ou dessas causas, temos o direito de sustentar que não existe nenhum Deus atrás dela.

A idéia de Deus é uma noção adquirida, não inata e, por isso mesmo, temos com os teólogos um ponto comum - nós revelamos o infinito. Mas enquanto atribuímos a todos os fenômenos procedendo do espaço, da duração e do movimento infinitos e ilimitados, causas materiais, naturais, sensíveis e conhecidas, por nós ao menos, os teístas atribuem-lhes causas espirituais, sobrenaturais, ininteligíveis e desconhecidas. O Deus dos teólogos é simplesmente um poder imaginário, um "lobisomem", como diz Hobbback, um poder que jamais se manifestou. Nosso fim principal, é livrar a Humanidade deste pesadelo, de ensinar ao homem a praticar a virtude por si mesmo e a caminhar na vida contando com seus próprios meios, em lugar de apoiar-se na muleta teológica, causa direta, durante idades sem conta, de quase toda a miséria humana. Podem-nos chamar de panteístas; agnósticos, nunca.

Se se consente em aceitar e conceber como Deus nossa "Vida Una", imutável e inconsciente em sua eternidade, poderão fazê-lo; no entanto, deixa a conservar ainda um termo prodigiosamente falso: somente é preciso dizer com Spinoza que, esse termo não existe e que não podemos conceber outra substância, senão Deus; ou como esse famoso e desventurado filósofo se exprime em sua décima quarta proposição - *Praeter Deum neque dare, neque concipi potest substantia* - e assim tornar-se panteístas. É preciso ser um teólogo nutrido do sobrenaturalismo mais absurdo, para imaginar um ser existente em si, necessariamente infinito e onipresente, além do Universo, manifestado e ilimitado. A palavra infinito é uma simples negação excluindo a idéia de limites. É evidente que um ser independente e onipresente, não pode ser limitado por causa alguma que lhe seja exterior e que possa existir fora dele - nem mesmo o vácuo. Onde colocar, então, a matéria? Porque um se manifesta apesar da limitação do outro. Perguntamos aos teístas: Vosso Deus é o vácuo, o espaço ou a matéria?" Eles nos responderão que não e, no entanto, eles sustentam que Deus sem ser ele próprio a matéria a penetra.

Falando de nossa "Vida Una", dizemos igualmente que ela penetra muito mais; que ela é a essência de todo átomo de matéria e que, por conseguinte, ela não só tem correspondência com a matéria, como também todas as suas propriedades, etc; finalmente, que ela é material e *matéria mesma*. Como pode a inteligência proceder ou emanar da não inteligência? Me haviéis perguntado o ano passado. Mas, se abordarmos este assunto, por minha vez, também posso perguntar: Como os idiotas de nascimento, os animais privados de razão e o resto da criação poderiam ter sido criados pela sabedoria absoluta ou dela saído por evolução, se essa Sabedoria é um ser pensador, inteligente, autor e monarca do universo? Como se exprime o Dr Clarke em seu exame da prova da existência de Deus: "Deus que fez o

olho, não veria? Deus que fez o ouvido, não ouviria?" Mas para aceitar esse gênero de raciocínio, era preciso admitir que, criando ele o idiota, por sua vez ele fosse um idiota; que tendo ele feito tantos seres privados de razão, tantos monstros físicos e morais, deva ser privado de razão. Nós não somos *Advaitis* (17), mas a nossa doutrina concernente à "Vida Una", é idêntica a do Advaiti, quanto a Parabrahm; idêntica em todos os pontos com a vida e a alma universais. O macrocosmo é o microcosmo, etc. O Advaiti sabe que não existe Deus exterior a si mesmo, nenhum criador; nenhum ser. Tendo achado a Gnose, não lhe podemos dar as costas, tornando-nos agnósticos. Se fosse preciso admitir que mesmo os Dhyans-Choans mais elevados são susceptíveis de ilusão, não haveria verdadeiramente para nós nenhuma realidade e a ciência oculta seria uma tão grande quimera como Deus. Se é absurdo negar o que não conhecemos, mais extravagante é citar leis desconhecidas.

A lógica definiu o termo *nada*; porque tudo pode ser verdadeiramente negado e nada verdadeiramente afirmado. A idéia de um nada que seria finito ou infinito, resulta uma contradição. Portanto, segundo os teólogos, "Deus, o ser existente por si mesmo, um ser muito simples, imutável, incorruptível, sem partes nem formas, nem movimento, nem divisibilidade, nem nenhuma propriedade semelhante àquelas que encontramos na matéria, porque a própria noção de todos esses atributos, resulta em limitação e não pode, absolutamente, concordar com a infinidade completa". Assim o Deus proposto a adoração no décimo nono século (como no vigésimo, dizemos nós), não apresenta nenhuma das qualidades sobre as quais a inteligência humana possa basear nenhum julgamento. Finalmente, não é ele um ser de quem nada se pode afirmar que não seja imediatamente contestado? Sua própria Bíblia, sua revelação, destroem todas as percepções morais de que a sobrecarregam; a menos, evidentemente, que não se chame de perfeições as qualidades denominadas pela razão e o bom senso de todo outro homem, imperfeições, vícios odiosos e maldade brutal".

Direi mais: O leitor de nossas escrituras budhistas, feitas para as massas supersticiosas, não encontrará um demônio tão vingativo e injusto, tão cruel e estúpido quanto o tirano celeste a quem os cristãos prodigalizam seu culto servil e os teólogos, as perfeições acumuladas, contraditórias em cada página de sua Bíblia. De fato, vossa teologia não criou seu Deus, senão para o reduzir a pedaços; vossa igreja é um Saturno fabuloso que não gerou filhos, senão para os destruir. E é justamente a esse Deus inexistente a quem o inspirado poeta Junqueiro se refere na "Velhice do Padre Eterno", quando diz:

*"E muito embora a vossa igreja se contriste
E a excomunhão papal nos abrase e destrua
A análise é feroz como uma lança em riste
E a verdade cruel como uma espada nua.*

*Cultos, religiões, bíblias, dogmas, assombros,
São como a cinza vã que sepultou Pompéia.
Exumemos a fé desse montão de escombros,
Desentulhemos Deus dessa aluvião de areia.*

*E um dia a humanidade inteira, oceano de calma
Há de fazer na mesma aspiração reunida,
Da razão e da fé, os dois olhos da alma,
Da verdade e da crença, os dois pólos da vida.*

*A crença, é como o luar que nas trevas flutua;
A razão, é do céu o esplêndido farol:
Para a noite da morte é que Deus nos deu lua...
Para o dia da vida, é que Deus fez o Sol.*

Pelo que fica exposto, pergunta-se: para que perder tempo em dirigir preces à uma pura abstração? O incognoscível só pode entrar em relação consigo mesmo; porém, não admite relações finitas. A existência e os fenômenos do universo visível, dependem de suas formas ativas e suas leis e não da oração. E eis porque H.P.B. diz na "Chave da Teosofia": "Não cremos na eficácia da oração quando composta de palavras que se recitam verbalmente, ainda mais, como súplica externa dirigida a um Deus desconhecido, como fizeram os judeus e popularizaram os fariseus.

Cremos, sim, na oração da vontade que é mais uma ordem ou mandamento interno do que pedido; e feito ao nosso Pai que existe em segredo e não a um Deus extra-cósmico e, portanto, finito. O "Pai" está no próprio homem".

Chamamos "Pai no Céu", a deífica essência que reconhecemos em nós, em nosso coração e consciência espiritual e que nada tem a ver com o conceito antropomórfico que possamos formar em nossa imaginação.

Não sabeis que sois o Templo de Deus e que em vós habita o seu Espírito? A oração não é um pedido, é um mistério; um processo oculto pelo qual os pensamentos e desejos condicionados e finitos, incapazes de se assimilarem no espírito absoluto, que é incondicionado, se transformam em desejos espirituais, na vontade.

Chama-se este processo "transmutação espiritual".

Mais adiante ainda, diz ela: "Não oremos a seres *criados* e finitos, como deuses, anjos, santos, etc, porque o tomamos como idolatria; nem podemos rezar ao Absoluto, pelas razões já expostas. Assim, substituímos a oração estéril pelas boas obras".

O grande gênio de nosso século - o Dr Mario Roso de Luna - aconselha em uma anotação, à pág. 32 de sua maravilhosa obra iniciática "*La Esfinge*": "Não deve esquecer o teósofo: "devoção" vem de "devas" e "man" de "manú" o "homem", vem da radical sânscrita "manas" o "pensamento" e, portanto, só exercitando a sua própria mente com o estudo e não impetrandos favores de ninguém, por excelso que seja, poderá o homem chegar a ser um "welsungo", um "divino rebelde", em suma: um "Prometheu".

De fato, a oração aniquila a confiança em si próprio. E foi por esse motivo que Gautama, o Budha, ensinou: "a mente humana iluminada, é maior do que um anjo e um Deus; a razão intuitiva está acima do sacerdote e da revelação; o domínio de si mesmo é melhor que o jejum, que a mortificação e a prece; a caridade, maior que o sacrifício e o culto".

Seu lema era *justiça* e de seus ensinamentos se deriva com maior clareza, a lei do *Karma* ou seja: causa e efeito, ação e reação, distribuição e retribuição, através das encarnações da alma em diversos corpos humanos.

Quando Jesus disse: "Qualquer coisa que peçais em meu nome (o do Cristo), eu o farei". Considerando essa citação em sentido literal, parece argumento contrário.

Porém, se descobrirmos o significado esotérico do "Cristos", que para nós é Atma-Budhi-Manas, ou seja, o Eu, veremos que o único Deus a quem temos de pedir, ou melhor, com quem tem de agir de acordo, é o espírito que mora em nosso corpo.

Assim, acrescentamos: De que serviria fazer um pedido do qual não temos merecimento algum para alcançá-lo? Seria desconhecer a lei do *Karma*, ou a *Suprema Lei do Universo*, fonte das demais da Natureza, a lei infalível que nos planos físico, mental e espiritual do ser, ajusta o efeito à causa.

"Assim como não há causa sem efeito, desde a perturbação cósmica até o movimento de nossas mãos; e do mesmo modo que cada coisa engendra sua semelhante, assim também o *Karma* é aquela lei infalível e desconhecida que, *sábia, inteligente e eqüitativamente*, ajusta cada efeito à sua causa e leva esta ao seu produtor", de nada serviria interpormo-nos à sua vontade, tal como diz "A Voz do Silêncio". "Nada desejes.

Não te irrites contra o *Karma*, nem contra as leis imutáveis da natureza. Luta, somente, contra o pessoal, o transitório, efêmero e mortal" (18).

Proxada a inexistência desse Deus aceito pela Igreja, e por isso mesmo a ineficácia da oração a ele dirigida, ipso facto cai do mesmo modo por terra a concepção que ela faz do Diabo ou *Satã*. Tal como já foi dito, Deus é o Absoluto, etc.

Assim sendo, pergunta-se:

O absoluto existe sem o relativo? Não.

O infinito existe sem o finito? Não.

O amor existe sem o ódio? Não.

O mal pode existir sem o bem? Não.

Como se poderia compreender o bem se o mal não existisse?

A luz não pode existir sem as trevas.

Um quadro não ressaí sem as sombras.

Como se poderia saber se há vida se nenhum ser morresse?

Existe pois um princípio de morte, de treva, de mal, que é figurado por *Satã*.

Deus é princípio de vida.

Satã é princípio de morte.

Deus é princípio de beleza.

Satã é princípio de fealdade.

Deus é princípio de amor.

Satã é princípio de ódio.

Por toda a parte, pois, onde exista a fealdade, o erro, o ódio, vós encontrareis o Diabo ou *Satã*. O assassino encarna o demônio do assassinio; o mentiroso, o demônio da mentira; e assim por diante. Mâra, o tentador e destruidor, é o "príncipe deste mundo", personificado em *Satã* (Sat-Om), que melhor deveria ser chamado de ASAT, o falso ou contrário de SAT, a existência abstrata ou *Parabrahm*.

Suas manifestações sobre o plano físico se traduzem pelo instinto que leva a fazer o mal, pelas doenças mais ou menos estranhas que ferem os homens e os animais, pelas decepções inexplicáveis, as perseguições atroz, as cadeias os cadafalsos, as cadeiras elétricas, etc, etc, e até mesmo pela queda do ser humano no abismo, queda que conduz ao terror da segunda morte (19); sendo que a causa principal desse fato é *Avidya* ou a ignorância, pela ilusão dos sentidos ou em linguagem profana; a falta de conhecimento no homem, do seu verdadeiro papel na escala evolutiva dos seres, ou ainda, da sua procedência divina, tal como diz Santo Agostinho: "Vimos de Deus e para Ele havemos de ir", e que ainda encontra explicação na parábola do "Filho Pródigo".

O homem, tal como diz Plutarco, possui 3 princípios: "O Espírito ou Inteligência (nus); a alma (psiquê) e o corpo físico (soma). Da união do Espírito com a alma, nasce a razão; da união da alma com o corpo, nasce a paixão. Daqueles três, a Terra deu o corpo; a Lua deu a alma e o Sol deu o Espírito; pelo que, o Homem justo, consciente de todas essas coisas, é ao mesmo tempo, durante a sua vida física, um habitante da Terra, da Lua e do Sol.

Três princípios constituem Deus (o Absoluto): o princípio ativo, figurado pelo que a Igreja chama de Pai; o princípio passivo, pelo que ela chama de Filho e, finalmente, o princípio equilibrante, pelo que ela chama de Espírito Santo.

O universo considerado como o tudo, é composto de três princípios que são: a natureza, o homem e Deus (o Absoluto), ou melhor, segundo os hermetistas: o Macrocosmo, o Microcosmo e o Arquétipo. Portanto verificamos: três princípios no homem que formam a sua unidade; três princípios em Deus (o Logos na sua tríplice manifestação) (20), que reunidos formam a sua unidade; três princípios no Universo que formam a sua unidade. Reunindo essas três unidades - Universo, Homem e Deus, acharemos o... Absoluto!

Quanto ao diabo ou *Satã*, se nós representarmos a Deus por um triângulo equilátero, cujo cume esteja no alto, ele será representado por outro igual, entrelaçado no primeiro e cujo cume esteja para baixo, tal como nos ensina a Cabala: "Daemon est Deus inversus".

Poderá ainda servir-nos de exemplo sobre o que seja *Deus* e o *Diabo* ou *Satã*, uma das belas passagens do Bhagavad-Gîta, quando o avatar Krishna se apresenta em toda a sua imponente majestade a Arjuna e diz: "Eu sou a

bondade do bom e a maldade do perverso; a luz do Sol e a treva do Abismo; o vagido do recém-nascido e o suspiro do moribundo; o bálsamo e o veneno; o frio e o fogo; o visível e o invisível; o infinito e o ínfimo... a soma total de todos os contrários, esses contrários que, com a sua eterna oposição dual, mantém o equilíbrio do mundo".

O próprio Pasteur, no seu discurso de recepção na Academia francesa, diz: "Os antigos haviam compreendido o misterioso poder do avesso das coisas". E melhor ainda, Giordano Bruno: "Non est umbra tenebrae, sed vel tenebrarum vestigium in lumine, vel luminis vestigium in tenebris".

Os sacerdotes católicos costumam lançar o seguinte exorcismo contra Satã - o chamado "espírito maligno": "Vade retro Satanás". E ainda: "Sunt mal quae libas. Ipse venena bibas", quando o toma pela "serpente do mal"...

Nós outros poderíamos também dizer: "Para trás, Mîrâ - deus da falsidade, das exterioridades mundanas, eterno tentador, filho de Kama ou das paixões... deixa-nos alcançar a alta espiritualidade ou o divino Ser que dentro em nós habita... *bebendo tu mesmo o veneno* que destilas! Porquanto, Verdade és, apenas, para aqueles que não souberam ainda vencer as paixões terrenas, dominando a sua parte *animal ou infernal*. Para o verdadeiro iniciado, tu não passas da "maya" mais ridícula que Avidya - a ignorância - oferece, como provas a vencer, a todos aqueles que ousam palmilhar a Vereda da Iniciação, afim de que possam dizer tal como no "Ritual funerário egípcio: Estendo o braço como senhor do diadema. Estendo as pernas como corredor e levanto-me ornado do *uroeus*"... sim, do *uroeus* mágico - a víbora olho, que doravante ornará a sua frente, para afirmar a sua onipotência na *divina região inferior*, porquanto sendo ele de procedência divina, tem que dominar ou escravizar tudo quanto nele é infernal ou inferior.

E quanto ao mito da "Virgem Maria" - a chamada "Imaculada Conceição" ou aquela que esmaga a cabeça da "serpe venenosa", outra coisa não representa para nós outros, do que o símbolo da "Isis vitoriosa" - Sophia ou Verdade, sobrepujando a ignorância, causa de quase todos os males que afligem a Humanidade; como também o compreendemos através de outras tantas *Mayas* ou *Marias*, que são as "virgens-mães" de todas as religiões, como: *Adha-Nari*, a hindu; *Astarté* ou *Haschthoreth*, a siria; *Afrodite*, a grega; *Vesta*, a romana; *Herta*, dos germânicos; *Ina*, da Oceania; *Iza* a japonesa; *Ching-Mu*, a chinesa, e outras muitas, inclusive a que o nosso "TUPI" denomina de *Jacy* - a mãe dos frutos, a LUA, etc, pois como é sabido, Maria é *Mare* - o mar (simbolicamente, a grande ilusão).

Daí, a mãe de Mercúrio (Budha, Thot, Hermés, etc), ser Maia como o foi a do próprio Gautama - *Mayâ*. Essa mesma idéia se encontra no Egito: Mût, que em certo sentido significa "Mãe" e mostra o lugar que lhe é assinalado na Tríade desse país. "Ela era, ao mesmo tempo, a Mãe e a Mulher de Amon e um dos títulos principais do Deus, era o de "Marido de sua Mãe" (21).

Assim é que a deusa Mût, como as demais, é invocada pela Igreja, com o nome de "Nossa Senhora, Rainha do Céu e da Terra".

Seria fastidioso citar o nome de todos os autores que demonstram o plágio feito pela Igreja, não só de outras religiões mais antigas, como também do "Livro de Enoch" e de outros livros sagrados do Oriente e que no entanto, ela apresenta como coisa sua.

Porém, nenhum melhor do que H.P.B. quando na *Doutrina Secreta* - a futura Bíblia da Humanidade - destrói por completo os frágeis alicerces em que está edificada a Igreja Romana.

E a prova disso, foram as terríveis perseguições que lhe moveram os "jesuítas" receosos do mal que lhes poderia advir com "a venda dos olhos da maior parte da Humanidade", ser arrancada pelas valorosas mãos daquela mulher titã, a quem até hoje amaldiçoam o nome.

No número anterior desta revista, onde demos início a esta parte de nossa Mensagem dedicada ao *Cristianismo*, citamos entre muitos, o nome do escritor francês Louis Jacolliot, quem prova aos olhos do mundo, ser a vida de Jesus um mito extraído da de Sri Krishna (melhor dito Kristna), passada 3.000 anos antes de J.C. como também o Padre Huc (católico romano) revelando através de suas viagens ao Tibet, etc, fatos que demonstram o plágio da sua própria Igreja, tirado do Budhismo (por sua vez, anterior a 600 e tantos anos da vida de J.C.) - já se vê expulso da Igreja e até da Academia francesa, por obra da "mão nefasta" dos "jesuítas" de seu tempo, por ter tido a devida coragem de agir de acordo com a sua consciência de Homem honrado, não querendo sujeitar-se, portanto, às cadeias férreas do "perinde ac cadaver", nem tampouco ao "ad majorem Dei gloriam"... fora de todas as constituições do mundo.

De extraordinário valor o que diz o afamado arqueólogo alemão Heinrich Schlimann, na sua obra "Antiquités troyennes": Aí o descobridor das várias Troyas soterradas e que encontrou na segunda o célebre tesouro de Priamo, relata haver achado várias cruzes do tipo denominado Suástica, a maior parte.

Consultando o célebre sancritista Burnouf, este respondeu-lhe ser essa cruz um símbolo religioso védico e muito anterior ao Cristianismo, pelo menos de mil anos e representando o meio de se obter o fogo; por isso mesmo, altamente religiosa. Achou ainda, Schlimann além da suástica, uma outra com quatro braços iguais e retos, larga, com um círculo no centro e quatro pontos semelhantes a pregos nos quatro braços.

Segundo as pesquisas do erudito sábio, concluiu que essa cruz com o nome de "en", "esti", era dos símbolos religiosos no tempo em que os Germanos, Hindus, Pelasgos, Celtas, Persas, Slavos, Iranios, formavam uma única família e falavam uma única língua, na Bactriana e nos vales do Oxus.

Encontrou ainda esta cruz na cadeira de Santo Ambrósio em Roma (o que prova que naqueles tempos não era, ainda, considerada pela Igreja como símbolo satânico, como mais tarde o foi; porém, venerada como símbolo que deu origem à atual cruz cristã). Nas catacumbas de Roma encontram-se centenas. Do mesmo modo, ele a achou repetida sessenta vezes em três linhas de vinte cada uma, em uma antiqüíssima urna funerária céltica.

Segundo Burnouf, cuja opinião é corroborada pelo sábio Schlimann: "A suástica representa dois pedaços de madeira, que para não se moverem, são cravados com quatro pregos e na junção dos braços da cruz passa uma corda, que pela fricção produz fogo.

O Pai do Fogo Sagrado - Agni - é o divino Carpinteiro, Tuashtri, que prepara a cruz e o Pramantha (aparelhos destinados a produzir fogo pela fricção), que devia gerar o filho divino. A Mãe do Fogo Sagrado é a divina Mayâ, ou a Maria - cristã. Quando o pequeno Agni nasce, é colocado em um berço entre animais e ao lado fica a Vaca mugidora (Vach em sânscrito tem ainda o sentido de Verbo Sagrado, Palavra Criadora ou o Logos de Platão).

O Sacerdote toma-o e coloca-o sobre um altar, espalhando manteiga clarificada sobre ele (será daí ainda que a Igreja copiou os santos olhos?); então ele toma o nome de "ungido" - *akta*, em sânscrito - e "cristos" em grego. Ele torna-

se então resplandecente e tudo ilumina. As trevas desaparecem, os maus demônios fogem espavoridos ante a sua luz cintilante.

Ele é o Gurú dos Gurús, o Mestre dos Mestres e toma o nome de Jâtavêdas ou "Aquele em quem a Sabedoria é inata". Como se vê, a lenda do Cristo, de Maria e José ou Yosef - o carpinteiro - se encontram nos Vedas.

Assim termina Burnouf, e nós juntamos: Quem não só é um símbolo religioso este mito solar do Cristos, como alegórico das revoluções e ciclos solares. Tuashtri ou Vishvakarman, o divino Arquiteto ou constutor, crucifica Sûrya (o sol da mitologia védica), no seu torno ou cruz suástica e aí fixo com os quatro pregos, Sûrya é despojado da oitava parte dos seus raios. Assim obscuro, com uma verdadeira "coroa de espinhos", toma o nome de Vikarttana". Vemos claramente aqui o simbolismo astronômico, mas ainda tem outras seis interpretações místicas, sendo que a mais elevada se relaciona a um mistério da mais alta iniciação, segundo nos refere H.P.B. na *Doutrina Secreta*.

O interessante é que todo esse simbolismo de Agni, a cruz, os pregos, a coroa de espinhos, o carpinteiro, Maria, a manjedoura, a cerimônia da unção, a crucificação, etc, que nos impinge o Novo Testamento, está melhor relatado e com um simbolismo claro nos Vedas, que tem milhares de anos de existência!...

A Igreja nada mais tem feito do que se apropriar das alegorias sábias dos mistérios antigos, sem mesmo dar-se ao trabalho de disfarçar a espoliação, modificando o simbolismo. Quando estava repleta, destruía a fonte onde saciara a sede para que outros ali não fossem buscar as origens dos dogmas que ela apresentava rígidos aos seus adoradores. Então, aqueles deuses pagãos que lhe serviram de modelo, passaram a ser obra do eterno perseguidor do homem, a "grande serpente antiga", o *Satã* mítico da idade média - outro símbolo pagão tão desvirtuado pelos doutores cristãos. Bem razão se tem em dizer que, os "deuses de nossos pais são os nossos demônios".

Vejamos rapidamente mais algumas cópias: Em cada nação antiga, havia um templo iniciático que era superior a todos demais. Ali residiam os grandes sacerdotes chefiados pelo Supremo Hierofante - o Guardiã da Palavra Perdida. Na Índia é denominado "Bramâtma" e é o chefe do Colégio Sacerdotal Brahâmico. Usa uma mitra na qual estão cruzadas duas chaves simbolizando as que fecham o cofre onde se encontram os pergaminhos sagrados e o cofre que guarda a "Palavra Sagrada". Somente na hora da morte Ele revela esta Palavra ao seu sucessor. Este passa a usar, então, os símbolos sagrados. Na Caldéia, este Ser era denominado Java Aleim; no Egito o "Pontífice Pironiis" e no Tibet é o "Maha-Chohan". Este Chefe Supremo de uma Religião existiu sempre entre todos os povos: no México era "Quetzalcohuatl" - a "serpente alada" (assim preferimos traduzir, em lugar de "serpente com penas"). É o Votan dos Tzentals; o Kucumatz dos Quichuas primitivos e o Inca dos Peruanos, etc.

E o que fez a Igreja para copiar mais essa tradição? Cria o Sacro Colégio dos Cardeais, simbolizando o Colégio Iniciático desses povos a que nos referimos e elege dentre eles, um Chefe que conserva nas suas mãos as duplas chaves de S. Pedro... Do mesmo modo, usa a mitra Sagrada, as vestes brancas, o nome de Supremo Pontífice e de Santidade (os pagãos tinham o tratamento de Divino), etc, etc. (22)

É ou não uma cópia servil do passado que no entanto a Igreja renega com tanta ingratidão? *Traduttore, traditore!*...

Poderíamos ainda acrescentar que aqueles seres a que nos referimos, moravam em uma Cidade Sagrada, denominada "Cidade dos Deuses", como: *Shamballah*, no Tibet; *Gran-Eden*, na Caldéia; *Tulla* ou *Tollan*, *Tenochtlan* (Cidade do Sol), no México; *Chicomoztoc* (o lugar das sete cavernas) e *Aztlan*, dos Astecas; *Na-chan* (casa da serpente, entre os Tzentals; *Mayapan*, entre os Maias, etc.

Daí a origem de Roma ou a Santa Sé, hoje para todos os efeitos, mais do que até há bem pouco, "Cidade do Vaticano", por obra e graça do padre polaco L... - o geral dos jesuítas, que tão sorrateiro e manhosamente soube tecer a teia de malhas sólidas e... de valor inestimável (pois que para certas coisas... não se mede preços!...) junto a um "factotum reinante" ou ditador e... que não nos perdoaria, jamais, uma "dose de óleo de rícino", se a lei infalível de Karma não nos houvesse dado a grande felicidade de possuímos uma missão que exigia por todos os princípios, o nosso nascimento em um país, cuja Constituição permite falar-se livre e independentemente, não só de "religião", como também de tudo quanto possa concorrer para a felicidade material e espiritual de todos os povos, sem distinção alguma, pese isso ao célebre adágio de que "cada povo tem o governo que merece".

"Qui nescit dissimulare, nescit regnare!"

Por existirem homens no mundo com coragem bastante para dizer tais coisas, é que do mesmo modo, surgem de quanto em vez escritores de nomeado, mas de caráter duvidoso (por venderem a sua consciência a bom preço), tal como um Marquês de Mirville, por exemplo, que escreveu seis grossos volumes, segundo ele chamava, seis grandes "memórias à academia francesa", cujo fim único era provar que o Catolicismo era uma fé inspirada e revelada. Forneceu como provas, fatos sem número, tendendo todos a demonstrar que todo o mundo antigo, desde o dilúvio, tinha com o auxílio do diabo (?), *plagiado* sistematicamente os ritos, as cerimônias e os dogmas da futura Santa Igreja, que não devia nascer, senão, muitos séculos depois. O que importa dizer que graças ao seu conhecimento futuro, ele ou eles (diabos) anteciparam os acontecimentos, porque haviam descoberto "os segredos dos Anjos".

Assim sendo, transformaram por completo a Lei Universal, demonstrando, portanto, possuir muito maior poder do que o Deus antropomórfico da própria Igreja Romana!

To be or not to be...!

E a maioria dos homens que só pendem para o lado da Balança onde o peso já é bastante grande - o da "lei do menor esforço", fica "in nomine", com o deus indolente, ignorante e sem nenhum poder e, "francamente", com o diabo *poderoso, ativo, inteligente* e que *facilita todas as coisas*... assim como diz o adágio popular: "acendendo uma vela a Deus e outra ao Diabo!"

E daí o motivo pelo qual as fileiras dos "Irmãos da Sombra" - os eternos inimigos dos Nirmanakayas - vão engrossando e dificultando a ação lenta, mas contínua e eficaz dos "Irmãos da Luz" - "Os Magos Brancos" - pois que estes só trabalham de acordo com a Lei Universal, que não dá saltos nem produz "maravilhas", a menos que se tome como tal, tudo quanto existe de "maravilhoso" na evolução de homens e coisas!...

"Quem veio primeiro, a ave ou o ovo?" Eis o enigma de que se servem como escudo frágil os nossos antagonistas, na expectativa de fazer-nos calar com tão pouca coisa!

Porém, em questões de ovo... não seremos nós que ficaremos a *chocar* eternamente, dentro de um mísero "ovo teológico", sem termos jamais, o direito de lhe quebrar a casca e com isso, alçar um vôo amplíssimo às regiões

sublimes da Verdade, onde não alcançam os que vivem ocupando o espaço limitado da concretização do divino no terreno - ou do Sat no Asat; o Real no Ilusório!

Assim, procuremos ouvir o que diz um dos mais antigos livros conhecidos - o "Livro do Dzryan": "As trevas irradiam a luz e esta deixa cair um raio solitário nas águas, na profundidade da mãe; esse raio penetra o ovo virgem, fê-lo estremecer e deixa cair o gérmen periódico que se condensa no ovo do mundo". O raio solitário que cai nas profundezas da mãe, significa que a inteligência ou Pensamento Divino fecunda o Caos. O gérmen periódico contém em si a promessa e o poder - a fecundação de todo o Universo.

"Este símbolo do ovo, exprime um fato ensinado pelo Ocultismo, que a forma primordial de toda coisa manifestada é esférica (o ovo, portanto); esta forma existindo sempre em toda parte, isto é, entre todos os povos e em todos os tempos - o símbolo do infinito - é o Ourobouro, a serpente mordendo a ponta da cauda". (23)

Daí a serpente ovípara tornar-se o símbolo da sabedoria e o emblema dos Logoí, ou dos nascidos de si mesmos. No tempo de Philae, no alto Egito, preparava-se artificialmente um ovo com argila misturada com diversos perfumes. Ele partia-se por um processo especial e dele saía um cerasto, ou víbora de cornos. Do mesmo modo, nos templos das Índias, pela cobra. O Deus criador emerge do ovo que sai da boca de Kneph, sob a forma de uma serpente alada, porque a serpente é o símbolo da sabedoria absoluta. Entre os hebreus, a mesma divindade é representada pelas "serpentes ardentes" ou voadoras de Moisés no deserto; e entre os místicos de Alexandria, ele tornou-se o Orphio-Cristos, o "Logos dos Gnósticos".

De fato, o Ovo do mundo é um dos símbolos mais universalmente admitidos, já no sentido espiritual, já no sentido cosmológico, já no sentido fisiológico; todas as teogonias do mundo o mostram quase sempre associado ao ourobouro, que é, por sua vez, o símbolo do Infinito, da Eternidade, da Regeneração e da Sabedoria. O ovo virgem é o símbolo do microcósmico do Protótipo macrocósmico da Virgem-Mãe - o Caos ou o Abismo primordial.

O criador macho (Osiris, Brahmâ, ou o nome que lhe quiserem dar), faz nascer da Virgem Imaculada, ainda que frutificada pelo Raio solitário ou Pensamento Divino, e desde logo que o ovo gerado dá nascimento ao Cosmos. O ovo de ouro está cercado dos sete elementos naturais, dos quais quatro aparentes (éter, ar, fogo, água), e três secretos.

Diz H.P.B. à pág. 384 da Doutrina Secreta (ed. fr.): "O ensinamento secreto explica a veneração pelo simbolismo das raças pré-históricas. No começo, a "causa primeira", não tinha nome. Mais tarde, ela foi representada na imaginação dos pensadores por um pássaro sempre invisível e misterioso, deixando cair no caos um ovo que se tornou no Universo. Eis porque Brahmâ foi chamado Kâlahansa, o "Cisne no (Espaço e) Tempo". Tornando-se o Cisne da Eternidade, Brahmâ põe no começo de cada Mahâmanvantara, um ovo de ouro que representa o grande Círculo, ou que é ele próprio um símbolo do Universo e de seus corpos esféricos". A idéia de que o Universo existia no começo sob a forma de um ovo, era geral e, como diz Wilson::

"Uma narração semelhante da primeira agregação dos elementos sob a forma de um ovo, é dado aos *Purânas*, com o epíteto habitual de Haima ou Hiranya "de ouro", como se encontra no Manú, I, 9 (*Vishnu-Purâna*, 1, 39)". Do mesmo modo, o grande letrado hindu - Swâmi Dayanand Sarasvati:

"A Inteligência (mahât)...aí compreendidos os elementos grosseiros (não manifestados), formou um ovo... e o Senhor do Universo o habitou ele próprio, sob o aspecto de Brahmâ. Neste ovo, ó Brahmana, se achavam os continentes, os mares e as montanhas, os planetas e as divisões dos planetas, os deuses, os demônios e o gênero humano".

Acrescentaremos a tudo quanto temos citado sobre a questão do ovo primordial, o que diz Mr Ernest Bosc, na sua obra "La Doctrine Ésotérique". (24)

"O sábio Florentin Redi, membro da Academia del Cimento, anunciou em seu seio, em 1668, que os vermes nascidos nas carnes são produzidos por moscas e não pela putrefação das carnes; e para demonstrá-lo, cobriu simplesmente com uma gaze de seda, carnes em putrefação e que nessas condições nada nasceria nelas, enquanto que o véu que as cercava estava coberto de ovos depositados pelos insetos, atraídos pelo cheiro da carne. E Redi tirou deste fato a seguinte conclusão: *Omne vivum ex ovo*. (Nenhuma vida sem precedente vida). É a doutrina denominada nos dias atuais - *Biogenese*.

Desde 1745, Needman, membro da Sociedade Real de Londres, sustém como primeiro, a tese contrária: a geração espontânea ou *Abiogenese*. Ele afirmou que se a putrefação não gera insetos, como diz Redi, ela dá, não obstante, nascimento à miríades de animalículos microscópicos, e publicou sobre o assunto uma obra que teve muita repercussão no mundo científico.

Em 1750, Buffon expôs um novo sistema, dita das Moléculas orgânicas, no qual ele combateu valorosamente em favor da heterogenia; o ilustre autor chega mesmo a dizer: "Afirmar-se-á mesmo que essa maneira de geração, é não somente a mais freqüente e a mais geral, como a mais antiga, isto é, a primeira e mais universal.

Segundo a hipótese de Buffon (as moléculas orgânicas), a vida seria a propriedade de certas moléculas materiais que existiriam nos corpos vivos, e possuiriam uma atividade própria que a distinguiria da matéria não dotada de vida". Isso não nos parece admissível, diz Bosc; pois que as experiências de Flourens sobre a renovação dos ossos, o contradizem. Sabe-se perfeitamente que pais privados de tal ou qual parte de seu corpo, podem perfeitamente produzir filhos completos ou perfeitos.

A ciência renunciou, pois, a hipótese de Buffon e passou a *Epigenese*, que nós resumiremos assim: "O desenvolvimento de cada organismo efetua-se por uma série de formações novas e, seja no ovo, seja nos espermatozoides, não existe o menor traço das formas definitivas do organismo. Daí o ovo não conter um ser todo formado, mas somente os materiais do ser.

Hoje parece demonstrado, pelo que se vê, que tudo nasce de um ovo, e mesmo pela sua composição, que tudo provém de um protoplasma primordial, uniforme e eminentemente plástico. E o que é o ovo? Foi ele que produziu o primeiro animal ou o animal que o produziu antes?!... O ovo contém a vida, desde que o óvulo penetrou na matriz; é um fato indiscutível, porém, ele contém também todas as teorias de vida e é esse o grande problema que vamos tentar resolver.

Vê-se pelo que precede, que o estudo dessa pequena *semente de vida* abre ao espírito do pensador, perspectivas consideráveis sobre os mais graves problemas da vida, o mesmo estudo tem para o anatomista, o

fisiologista e o patologista, grandíssimos atrativos. Mas, esse atrativo é, sobretudo, considerável para o filósofo, porque o ovo é a representação microscópica de um mundo, ou se quiser, um microcosmo: um pequeno mundo.

A *Ovogenia* ensina-nos bastante de onde provém o ovo, e a *Embriogenia*, no que ele se torna, mas... é tudo o que conhecemos; de sorte que hoje, não podemos melhor definir o ovo, senão por esta bela expressão de nosso Mestre fisiologista, Claude Bernard: *O ovo é um Porvir!* Tudo vem do ovo, tudo se reproduz pelo ovo, tudo confina no ovo; é o alfa e o omega de toda existência, seja o que for; é o anel da série das existências; ele toma uma parte da vida àquele que o criou e a dá àquele que vai chegar. Nós acabamos de dizer que o ovo é um *Porvir*, porém é um *Porvir* que já existe, que tem sua própria vida, sua própria existência, e que é, por assim dizer, uma personalidade, uma individualidade, talvez. Se tomarmos um pedaço de hulha, uma gotazinha de água, essas duas substâncias são, por sua vez, *Porvires* (por ventre) do mesmo modo que o ovo.

Que encerra o bloco de hulha? Calor, luz, as mais brilhantes cores, a vida, a saúde, mas também a morte.

A gota d'água, segundo o meio ambiente, pode tornar-se cristal ou vapor, fonte de vida ou de destruição, enquanto que o ovo é criado pela reprodução e somente para esse fim; e, coisa interessante, ele reproduz toda sorte de animais, bem que composto sempre dos mesmos elementos: albumina, glicogênio, corpo gordo, invólucro, uma certa dose de calor e de oxigênio.

E essa composição sempre uma, sempre idêntica para todas as espécies produz, segundo seu criador, um avestruz ou um pequeno pássaro, e até um mosquito; e o mesmo ovo, da mesma composição, produz igualmente uma abelha ou um verme, uma borboleta, um peixe ou um crocodilo, um pássaro ou uma serpente, uma tartaruga ou uma lagarta, actínias, esponjas, corais brancos ou vermelhos, etc, etc.

Com Flourens, nós poderemos muito bem dizer: *"Todo ovo é composto do mesmo modo"*, mas não poderíamos ajuntar: *"e o resultado de sua criação é sempre o mesmo"*.

Com efeito, o resultado é sempre um animal, uma existência, porém não é o mesmo animal. Podemos pois concluir do que precede, que tudo provém de um "protoplasma" primordial, uniforme, instável, eminentemente plástico, onde o poder criador traçou, em primeiro lugar, as grandes linhas da organização, depois as linhas secundárias e descendo do geral ao particular, todas as formas atualmente existentes, que são as nossas espécies, nossas raças e nossas variedades.

Esta grande síntese, resultado direto do princípio de continuidade, corresponde nas ciências morfológicas, à hipótese de Laplace em Astronomia. Como esta última, ela demonstra a passagem gradual do homogêneo ao heterogêneo, do informe ao figurado, do simples ao múltiplo, da organização mais elementar à organização mais complicada; demonstra-nos ao mesmo tempo, a integração crescente da força evolutiva, à medida que ela se divide nas formas produzidas e o decrescimento proporcional da plasticidade dessas formas, à medida que mais se afastam de sua origem e que são melhormente sustidas. É afirmar que houve para o conjunto do mundo orgânico, um período de formação, onde tudo era mutável e móvel, uma fase análoga à vida embrionária e na infância de cada ser particular. Nessa idade de mobilidade e crescimento, sucede um período de estabilidade, ao menos relativa, uma espécie de idade adulta, durante a qual a força involutiva tendo cumprido a sua obra, não mais se ocupa, senão em mantê-la e sem produzir um novo organismo.

Limitada em quantidade, como todas as forças em jogo num sistema sideral inteiro, esta força não pode cumprir senão um determinado trabalho, trabalho este limitado; e, do mesmo modo, que um organismo animal ou vegetal não cresce indefinidamente, e para em proporções, que nada lhe pode fazer prosseguir; do mesmo modo, o organismo inteiro da natureza parou em um estado de equilíbrio, cuja duração, segundo toda aparência, deve ser muito mais longo que o da fase de desenvolvimento e crescimento.

De acordo com o que diz H.P.B. na *Doutrina Secreta* (págs. 232 e seguintes da ed. francesa): "A Mônada é uma gota d'água tirada do Oceano sem margens que está além do plano da diferenciação primordial, ou mais correto, neste plano. Ela é *divina* em seu estado superior e *humana* em seu estado inferior - os adjetivos "superior e inferior" são empregados por falta de outros melhores - porém sempre uma Mônada, salvo no estado nirvânico, em todas as condições e sob todas as formas exteriores. Do mesmo modo que o Logos reflete o Universo no Mental Divino e que o Universo Manifestado se reflete em cada uma de suas Mônadas, como o explica Leibnitz reproduzindo um ensinamento oriental, do mesmo modo a Mônada deve, durante o ciclo de suas encarnações, refletir-se em cada *forma-mãe* de cada reino.

Os cabalistas se exprimem corretamente pois quando dizem que "O Homem é uma pedra, uma planta, um animal, um homem, um espírito e, finalmente, um Deus", cumprindo assim seu ciclo ou circuito e voltando ao ponto de onde partiu em qualidade de Homem Celeste, sendo que por "Homem" aqui se entende a Divina Mônada e não a Entidade Pensante e muito menos seu corpo físico.

Os sábios de hoje, recusando admitir a existência da alma, procuram encontrar os traços de sua passagem através uma série de formas e animais, desde a mais baixa até a mais alta, enquanto que em verdade toda a fauna atual descende dos monstros primordiais de que falam as Estâncias. Os animais - os rastejantes e os que vivem nas águas e que precederam o homem durante a Quarta Ronda atual, do mesmo modo que aqueles que eram contemporâneos da Terceira Raça e mesmo os mamíferos que são posteriores às Terceira e Quarta Raças - são todos *fisicamente* e de uma maneira direta ou indireta, o produto mútuo ou correlativo do Homem. É uma verdade dizer que o Homem deste Manvantara, isto é, das três Rondas precedentes, passaram por todos os reinos da Natureza, que foi "uma pedra, uma planta, um animal", porém, essas pedras, plantas e animais eram os protótipos, os espécimes rudimentares daqueles da Quarta Ronda e mesmo os do começo da Quarta Ronda eram as sombras astrais, como dizem os ocultistas, das pedras, das plantas e dos animais atuais. Do mesmo modo, nem as formas, nem os gêneros dos homens, dos animais ou das plantas, eram o que se tornaram mais tarde. Assim, os protótipos astrais dos seres inferiores do reino animal da Quarta Ronda, que precederam os Châyâs dos Homens, eram os invólucros consolidados, bem que ainda muito etéreos, das formas ou modelos mais etéreos ainda, produzidos no fim da Terceira Ronda sobre o Globo D, como se expõe no Budismo Esotérico: modelos tirados "dos resíduos" da substância; da matéria proveniente dos corpos mortos de homens e (de outros) animais (desaparecidos) da Roda precedente ou Terceira Ronda, precedente - como ensina a Shloka 28. Assim, enquanto que os "animais" não descritos que precederam o Homem

Astral sobre nossa Terra, no começo deste ciclo de Vida, eram ainda, por assim dizer, a progenitura do Homem da Terceira Ronda, os mamíferos da Ronda atual devem, em larga escala, sua existência ao Homem também. Demais "o antepassado" do animal antropóide atual, do macaco, é o produto direto do Homem ainda desprovido de mental, que degradou a dignidade humana em se colocando fisicamente sobre o mesmo nível que um animal. (25)

O ponto sobre que mais insistem os evolucionistas, é que a "história do embrião é um resumo do da raça". Que: Cada organismo, em seu desenvolvimento a partir do ovo, passa por uma série de formas, pelas quais seus antepassados tinham atravessado, na mesma ordem, durante o longo curso da história da Terra. A história do embrião... é um quadro, em ponto pequeno, um modelo, do da raça. Esta concepção constitui a base de nossa lei biogenética fundamental, que nós somos obrigados a colocar à frente do estudo da lei fundamental do desenvolvimento orgânico.

Todo teósofo sabe que uma Mônada começa na vida pelas mais baixas categorias do reino mineral; porém, é certo que a dita Mônada, passa pelas formas mais inferiores, de tal modo ínfimas, que não as conhecemos... O reino mineral, tal como toda outra ordem de existência, possui sete divisões correspondentes a cada um dos seus princípios.

A Mônada atravessa cada uma das suas divisões, desenvolvendo em si o princípio correspondente a cada uma dessas divisões, até chegar a última categoria da existência mineral. A seguir, essa Mônada vai a um outro planeta para passar a uma existência vegetal. O longo estágio ou ciclo da Mônada em um reino já percorrido, essa Mônada mineral depois de ter passado por uma dupla evolução nos diversos graus do plano astral, cai na última divisão (a sétima) do reino vegetal. Nesse reino, ela desenvolve, igualmente, os sete princípios que compõem sua nova fase de existência; depois ela passa ao mundo animal, mas somente depois de ter esgotado todos os graus compatíveis com as formas da vegetação; enfim, seguindo a mesma sucessão de mutações, ela chega à animalidade, e do mesmo modo à tornar-se uma Mônada humana (26).

Assim, pensamos ter respondido, tanto quanto possível, à célebre pergunta: "*Quem veio primeiro, o ovo ou a ave?*"

E com isso, terminaremos esta parte de nossa Mensagem dedicada ao Cristianismo (agnóstico), onde o dever se nos impôs demonstrar que tal como acontece às demais religiões, ele está edificado sobre fragilíssimas bases, por serem falsas ou alheias e, mesmo assim adulteradas; como do mesmo modo, apontar os seus crimes contra o direito e integridade das gentes - como a própria história o subscreve; embora reconheçamos que dele surgiram verdadeiros titãs, não apoiados à falsa muleta de uma "religião", como as demais, criada por homens escravos de inertes dogmas - todas elas, tal como disse H.P.B. "róseos contos infantís e objetos de exploração e domínio" e as suas revelações "duplos véus lançados sobre a Sabedoria Iniciática das Idades, que foi antes de tudo ciência, uma CIÊNCIA perfeita, que é mistér descobrir" - mas sim, por haverem encontrado o Cristo em seu "homem interno" e, portanto, verdadeiros Lotos saídos da lama de um lago infecto para a Luz do Sol da Verdade.

É, portanto, a esses sábios e santos Homens, a quem dedicamos estas últimas linhas, como uma pálida homenagem de quem tem a pretensão de querer seguir as mesmas pegadas, embora preferindo o nome de Teósofo.

Vitam impendere vero !

H.J.SOUZA - Presidente da S.T. Brasileira

(15) Notas do Mestre Koot-Hoomi sobre um capítulo preliminar intitulado "Deus", por A.O.Hume, escrito para servir de prefácio a um exposto da "Filosofia Oculta". Veja-se Les premiers enseignements des Mestres, pág. 280.

A Bíblia, que nada mais é do que um "plágio confuso" do Livro de Enoch e outras tradições antigas, inclusive a Cabala (que em si já quer dizer "tradição"), dá dez nomes para especificar a Deus, a saber: *Ehyeh* (eu sou); *Jah-Jehovah* (aquele que foi e será); *Elohim* (Deuses); *Elohah* (Deus); *Elohim-Jehovah*, *Jehovah* - *Tsabapth*; *Elohim* - *Tsabaoth*; *Elohah* (meu Deus); *Adonai* (meu Senhor). Segundo a Cabala, esses dez nomes correspondem aos atributos ou *Sephirot* de Deus.

(16) *Ishvara* (Sânscrito: Senhor). O Ser Supremo, o Logos de onde são emanadas todas as individualidades; é o centro de consciência imutável que existe no seio da existência única. É o Logos solar, o espírito cósmico, Atmã.

(17) *Advaiti* (Sânscrito: sem segundo). Principal seita vedantina não reconhecendo senão o Absoluto e considerando toda manifestação como ilusória; fundada por Sancharacharya (Vide Vedanta e seis sistemas).

(18) *Tanhâ* ou "o desejo não satisfeito de existência", a sede de viver; o desejo da vida física, causa dos renascimentos. Tendo feito o ser aquilo pelo qual deve ser recompensado ou castigado no futuro, e tendo *Tanhâ*, terá um renascimento pela influência de *Karma*.

Segundo o Budismo, aquilo que nasce é um novo agregado de *Skandhas* ou de personalidade, produzido pelo último pensamento fecundo da pessoa que morre. As *Skandhas* são cinco, a saber: *Rûpa*, *Vedanâ*, *Sañña*, *Samkhârâ* e *Viñûâna*.

Rûpa, as qualidades materiais; *Vedanâ*, a seção; *Sañña*, as idéias abstratas; *Samkhârâ*, as tendências da mente; *Viñûâna*, os poderes mentais ou consciência. Pelas *skandhas* se tem consciência da existência; e por elas nos comunicamos com o mundo que nos cerca.

O *Karma* amadurecido pelo indivíduo em seus precedentes nascimentos, dá causa às diferenças na combinação dos cinco *Skandhas*, que fazem que cada indivíduo defira de todos os outros.

Tanhâ, a vontade de viver, é a força ou energia que opera sob a guia de karma para produzir o novo ser. Em um sentido, é um novo ser; em outro, não. Em *pâli*, é a "nacha aña", que significa que não é o mesmo nem outro. Durante esta vida, as *Skandhas* estão modificando ou cambiando constantemente (fisiologicamente falando, o corpo do homem se transforma completamente de sete em sete anos); e enquanto que o homem Fulano de tal, de quarenta anos, é idêntico a respeito da personalidade, ao jovem de igual nome, de dezoito anos, entretanto, pelo contínuo gasto e reparação de seu corpo e a transformação de mentalidade e caráter, é um ser diferente.

Porém, o homem ancião colhe justamente a recompensa ou sofrimento conseqüentes aos seus pensamentos e ações em cada prévia etapa de sua vida. Assim, o novo ser de um renascimento, sendo o mesmo indivíduo que antes,

porém com forma mudada ou uma nova agregação de skandhas, colhe justamente as conseqüências de seus atos e pensamentos na anterior existência.

Não temos recordações das vidas anteriores, porque a memória faz parte dos *skandhas*; e havendo transformado ou mudado os *skandhas* com cada nova encarnação, desenvolve uma nova memória, arquivo dessa existência particular. Entretanto, o registro ou reflexo de todas as vidas terrenas passadas, deve sobreviver; pois quando o príncipe Sidhârta se converteu em Budha, viu a plena seqüência de seus prévios nascimentos. Se seus diversos incidentes não houvessem deixado sinal, isto não poderia ter ocorrido, pois nada existiria que ele pudesse ver. E qualquer que alcance o quarto estado de Dhyâna (conhecimento profundo interno), pode seguir assim a linha de suas vidas.

Todas essas séries de transformações ou mudanças, tende para um só e único ponto: o Nirvana. *Catecismo Budhista* de H.S.Olcott.

(19) *Avitchi* (Sânscrito). A "Oitava Esfera", o inferno considerado como um estado e não como um lugar, e podendo existir na própria Terra. É o estado dos que matam em si a vida espiritual e... são projetados "para fora da corrente". É a segunda morte dos "magos negros" e de todos aqueles que fazem o mal por simples amor ao próprio mal. (Dic. Rhéa).

(20) *Logos* (Grego: Verbo). Da causa sem causa desconhecida, provém a causa que aparece como tríplice: Vontade, Sabedoria, Atividade. Se se considera seu papel ativo, chama-se o Demiurgo ou ainda, Viswakarma o Deus arquiteto, construtor do universo; sob qualquer nome que Ele seja apresentado, é sempre o Deus com atributos Brahma-Saguna, proveniente da Divindade abstrata sem atributos - Brahma-Nirguna. (V. Reynand).

(21) O simbolismo das "Virgens-Mães" ainda se relaciona com as célebres Profecias de Ezequiel. É a Sétima Trombeta ou "O Gênio Religioso da Mulher" - o grande pentáculo da Lua refletida sobre os atributos da Lua e da Mulher.

Pena é que nem todos possam compreender o sentido puríssimo de tal simbolismo e... desgraçadamente, resvalam para o terreno da animalidade - mui principalmente esses doentes psíquicos que desprezam o poder de uma mente iluminada pelo "místico devocionalismo" erótico, como acontece a muitos que conhecemos, sem falar em certos "santos" da Igreja Romana, como: um Antonio de Pádua, com demonstrações sensuais (é ele próprio quem o confessa com outras palavras que não desejamos repetir...) diante da Maya ou Maria Santíssima; como também, uma Thereza de Jesus, que supliciava suas carnes de jovem com um ferro em brasa "afim de aplacar seu ardente amor por Jesus", seu esposo mítico dado pela Igreja!...

Porque ciliciar assim o corpo, se a consciência não lhe acusava nenhum pecado, até mesmo por pensamento? Esta é a prova mais racional de que algo lhe apontava a falta cometida! E como não acontece fatos tais a pobres seres que vivem enclausurados, sem ar puro, sem luz suficiente, sob as mais terríveis mortificações por jejunus forçados e tudo mais quanto aniquila à vida humana? Até que ponto podem levar o Fanatismo e a Superstição, filhos da ignorância?! Já basta que até hoje esta pobre Humanidade não soube resolver o "problema do sexo" e, por isso mesmo, vive sujeita às verdades contidas nas célebres "teorias de Freud! !"

E eis a razão das palavras do Budha: "Uma mente iluminada vale mais do que o jejum, a mortificação e a prece...", pois que todos nós possuímos um princípio de morte e um princípio de imortalidade. A morte é a besta; e a besta produz a bestialidade. O Espírito Divino se chama o espírito da *Inteligência*; como pode o homem, sua criatura, ser diferente dele?

(22) Na *Doutrina Secreta*, H.P.B. demonstra com documentos irrefutáveis, ter sido Paulo e não Pedro o verdadeiro fundador do Cristianismo. Entre muitas outras coisas, diz ela o seguinte: "Paulo foi o único apóstolo que compreendeu as idéias subjacentes nos ensinamentos de Jesus, embora nunca tivesse andado com ele.

Resolvido a implantar uma nova e ampla reforma, que abrangesse a humanidade inteira,, encarnou suas próprias doutrinas sobre a sabedoria dos tempos passados e sobre os mistérios antigos e a final revelação dos *Epoptae*. Para demonstrar que Pedro nunca foi um iniciado, diz ela:

"Outra prova de que Paulo pertencia ao círculo dos "Iniciados", temo-la em que se tonsurou em Ceneza, onde foi iniciado Lucio (Apuleio) porque havia feito um voto. Os nazarenos (postos a parte), como vemos nas Escrituras hebréas, não cortavam os cabelos nem consentiam navalha em sua cabeça, até o dia de sacrificar a sua cabeleira no altar da iniciação. E os nazarenos representavam uma classe de caldeus teurgos ou iniciados".

Declara S.Paulo: "Segundo a graça de Deus que se me há dado, lancei o cimento *como mestre de obras judicioso* (I, Coríntios, III, 10). A palavra *mestre de obras*, aparece *uma vez* apenas em toda a Bíblia; porém, na boca de S.Paulo pode considerar-se como uma completa revelação. A terceira parte dos mistérios se chamava *Epopteia*, que quer dizer revelação ou entrada no segredo; porém, essencialmente, significa o supremo e divino estado de clarividência... embora que o significado real da palavra seja "vigilante" (do grego, que quer dizer "me vejo").

A palavra *epopteia* compõe-se de *epi*, sobre e *optomai*, mirar; isto é, vigiar, inspecionar, como fazem os mestres de obras. O título de mestre maçom da Franco-Maçonaria, se deriva disto, no verdadeiro sentido dos mistérios. Portanto, quando Paulo se chama a si mesmo "mestre de obras", emprega uma palavra eminentemente cabalística, teúrgica e maçônica, não usada por nenhum outro apóstolo. Desse modo se intitula *adepto*, com direito de iniciar a outros.

Se buscarmos nesta direção guiados experientemente pelos mistérios gregos e a Cabala, acharemos facilmente o secreto motivo porque Pedro, João e Santiago perseguiram e detestaram a Paulo. O autor do Apocalipse era um cabalista de pura origem e alimentava hereditário ódio contra os mistérios pagãos. É desnecessário advertir que o *Evangelho segundo S.João*, o escreveu um gnóstico ou um neo-platônico e não João. Em vida de Jesus teve João ciúmes até de Pedro e pouco depois da morte de seu mestre comum, vemos aos dois discípulos (dos citados apóstolos, o primeiro usou a mitra e o petaloon dos rabinos judeus), defender ardentemente o rito da circuncisão. Aos olhos de Pedro, era Paulo um mago, porque o havia vencido intelectual e reconhecia sua superioridade em conhecimentos de filosofia e erudição gregas; daí a lhe chamarem Simão o mago, por analogia e não por apodo, considerando-o contaminado com a "Gnosis", a sabedoria dos mistérios gregos.

Em outros lugares, ela, H.P.B. citando vários autores eminentes que procuraram demonstrar que Pedro não teve a menor parte na fundação da Igreja latina; que o suposto nome *Petra* ou *Kiffa*, assim como tudo quanto concerne a seu oposto lado em Roma, são simples incubações derivadas da palavra que, em uma ou outra forma, significa em todos os países, Hierofante, ou intérprete dos mistérios; e por último, que longe de morrer martirizado em Roma, onde segundo parece jamais esteve, morreu em Babilônia, em idade muito avançada.

No antiqüíssimo manuscrito hebreu intitulado *Sepher Toldoth Jeshu*, cujo mérito está testemunhado pelo zelo com que os judeus o ocultam aos cristãos, se fala de Simão (Pedro) como de um fiel servo de Deus, cabalista e nazareno, que levou vida austera e contemplativa em Babilônia, "no alto de uma torre, compondo hinos e pregando a caridade, até a sua morte ali acontecida".

(23) Ourobours (grego). Diz-se da serpente simbólica que morde a cauda. Embora que serpente linear represente o indivíduo, a circular mostra a volta do indivíduo à unidade sintética de que o círculo é a imagem; é a reintegração da Unidade e a solidariedade cósmica. Este símbolo refere-se à nona letra hebraica *Teth*, do *Theta* grego, do número nove latino, hierático egípcio, persa, armênio, birbano, tibetano, etc, e ao novo *Tchy* dos chineses, em relação com a idéia de feixe, apanhado e ligadura.

(24) O erudito escritor francês Mr Ernest Bosc, de quem nos servimos para citar vários trechos de sua obra "La Doctrine Esotérique", foi um tanto injusto para com H.P.B. embora nesta mesma obra lhe teça rasgados elogios, como se pode verificar às págs. 5 e 6, onde diz "esta obra notável", etc. Assim julgamos dever aclarar alguns pequenos pontos obscuros ou mal entendidos pelo mesmo em sua supradita obra. Por exemplo, na pág. 217 (Cap. X), em continuação ao *Livro dos Mortos*, fazendo um estudo crítico do Cap. LXXXVIII da *Doutrina Secreta*, diz ele: "Assim, a propósito do Cap. LXXXVIII nós lemos na Doutrina Secreta de H.P.B. coisas curiosas, para não empregar uma expressão malsoante para um autor já falecido".

Não temos certeza de que, por sua vez, o estimado escritor francês já seja um "autor falecido"; porém em qualquer caso as nossas intenções, para consigo, são as melhores possíveis, como prova citamos palavras suas.

Entre outras considerações, o autor de *Doctrine Esotérique* implica com o termo "interchangeable" de que se serviu H.P.B. dizendo em uma anotação: "Este termo denota um pouco a indústria americana; ele não é usado senão em técnica".

Antes de tudo, devemos dizer que Mr Bosc com toda a sua perspicácia não pode descobrir que, nem sempre era a H.P.B. "*mulher gorda, extravagante e feia*"... quem dizia tais coisas; pois como deveria saber, foi ela própria quem disse a *Doutrina Secreta* não ser propriamente sua, mas dos Mestres que a ditaram, esses mesmos Mestres aos quais Mr Bosc tece rasgados elogios e, portanto, lhe merecem toda fé.

Assim sendo, dar-se-á o fato que um autor tão valioso não houvesse feito a leitura de "O Mundo Oculto" de A.P.Sinnett e a pág. 151 (ed. por. por exemplo) encontrado que o Mahatma Koot-Hoomi - um daqueles mesmos Seres de sua inteira confiança - houvesse empregado em uma de suas "cartas precipitadas" dirigidas àquele teósofo, o termo *skepticismo* ao invés de *scepticismus*, por exemplo, com o que implicaram alguns e cujo fato H.P.B. teve de explicar que não se tratava de americanismo, mas de um capricho filológico da parte de K.H. ... quando ela poderia ter dito o mesmo que nós dizemos agora, que a palavra "skepticismo" por ele empregada, provém da palavra grega "sceticismo" do latim "scepticismus". Daí, não dever causar admiração a sua preferência por uma língua com a qual estava mais relacionado.

Não seria o mesmo fato com o "interchangeable" com que tanto implicou o ilustre escritor francês? O que haverá nisso de errôneo para desmerecer o valor de alguém ou ser prejudicial a isso ou aquilo? Por acaso teria a Terra se desviado de seu eixo? Os homens melhorado ou piorado? Os rios e os mares secado? A Kali Yuga terminado por completo ou voltado ao seu início?

Se Mr Bosc fizesse tal crítica em uma obra sobre etimologia, havia razão de ser o fato; mas, em se tratando de uma completamente diferente, isto é, sobre "esoterismo", é resvalar de um terreno firme para um outro alagadiço...!

Não seria de admirar que o mesmo autor, cujas obras demonstram uma mentalidade desenvolvida, também achasse que a autora da *Doutrina Secreta* tinha o *gravíssimo defeito* de não se trajar "à la parisienne", preferindo quase sempre uns vestidos negros e pesados, muito fora de moda, quer no inverno quer no verão, e por isso mesmo não tinha o direito de escrever corretamente o inglês e, muito menos, o francês!! Tableau!

Vamos adiante, na pág. 22 da mesma obra, diz ele ainda: "Tudo isso é engenhoso, porém de modo algum justificável; assim, é a primeira vez que nós vemos Osiris chegando ao mundo invisível, no além túmulo, com uma cabeça de crocodilo".

O ilustre autor de *Doctrine Esotérique* ignora, talvez, que H.P.B. quis referir-se a Osiris N e não Osiris Pai (o espírito planetário que se encarnou no início da Ronda, tal como diz o Mestre Koot-Hoomi, Vide pág. 244 de "Les premiers enseignements de Maitres").

O "Livro dos Mortos", diz: "O adepto transformado em Deus mumiforme com cabeça de crocodilo, etc", isto é, o adepto experimentou os poderes do mal, afim de nunca ceder a eles. Portanto, H.P.B. deu a verdadeira interpretação quando diz que "Osiris chega no mundo invisível com cabeça de crocodilo".

No entanto, muito mais sujeito à crítica estaria aquele que afirma em sua obra "*Belisama ou l'Occultisme celtique*", que todos os povos tiveram a sua origem céltica.

Isso, além de estar em discordância com tudo quanto dizem aqueles Mestres a quem Mr Bosc acredita e respeita, também com muitos outros escritores não menos nomeados, inclusive compatriotas seus, como por exemplo, o grande Camille Flammarion, quando na sua obra "Pluralidade dos Mundos habitados", a pág. 17, diz o seguinte: "Os celtas-gauleses, nossos antepassados e em particular os Eduanos, que certos arqueólogos de *nossa raça*, por demais patriotas, talvez, consideram como o povo primitivo do Globo (Habitantes do Éden), etc, etc..."

Mr Ernest Bosc, muito ao contrário, deveria pensar com outro escritor francês - Mr Louis Jacolliot - quando diz na *Bible dans l'Inde*: "É tempo já de abandonar essa imensa bagagem de tímidas credulidades e, deste modo, chegarmos a povos ocidentais, a nós que somos os últimos chegados, pretender fixar a origem do mundo, apagando de uma só penada, a civilização e a história dos povos orientais que nos hão precedido muitos milhares de anos na superfície da terra.

Muito mais lógicos que nós, esses povos, que bem poderiam contentar-se com a sua própria antiguidade, colocam sua origem em outros povos mais antigos que os precederam e que uma série de cataclismas semelhantes ao de que guardam memória todas as nações atuais, fizeram desaparecer de sobre a face da terra".

E é ele, ainda, que assim fala dos europeus na mesma obra: "Todos os conhecimentos adquiridos na Europa, de nada servem para aprofundar a antiga Índia; é preciso começar como uma criança que aprende a ler e mesmo assim, a colheita está muito longe para as fracas coragens".

(25) Trata-se do fato acontecido nos fins da 3a. raça - a Lemuriana - ou seja, um cruzamento entre homens e animais, de onde a afirmativa do Ocultismo de que "os macacos antropóides são os últimos descendentes daquele cruzamento". Essa teoria põe por terra a de Darwin.

(26) *Mônada* (do grego: um, unitário). Uma Mônada é um centro de consciência: centelha na chama, ela participa das qualidades do Todo, de onde é parte integrante onisciente onipotente no seu próprio plano. A Mônada é limitada nos seus meios de ação, pelos veículos de que se serve para agir nos mundos inferiores. Ela é o grande Eu - o Purusha - o Espírito no homem. Ela ganha pouco a pouco o Eu-Consciência, graças à evolução da matéria que se adapta progressivamente aos fins do Espírito, que não faz, senão, desenvolver as responsabilidades ilimitadas que nele vivem por toda a eternidade. (V. Reynaud).

Todas as notas do autor.

A MINHA MENSAGEM AO MUNDO ESPIRITUALISTA V, VI, VII
(Dhârânâ No. 71 - 1932)

ESPIRITISMO, OCULTISMO, TEOSOFIA E MAÇONARIA

Preâmbulo

I

Quando assumimos a responsabilidade de lançar esta Mensagem ao mundo espiritualista - Mensagem que teve o seu início em um número desta revista relativo aos meses de Setembro a Dezembro de 1927 e nos que o sucederam até Janeiro a Dezembro de 1929 - pensávamos dedicar cada uma das Sete Partes de que a mesma se compõe, à determinada corrente com que se manifesta o Neo-Espiritualismo em nosso meio.

Porém, razões de várias naturezas - inclusive as que mencionamos nas linhas abaixo - concorreram para que tomássemos a deliberação de reunir em uma só parte as três que ainda faltavam para completar esta Mensagem - três, porque não fazemos distinção entre o Ocultismo propriamente dito, e a Teosofia (1).

Como se sabe, tal Mensagem deixou de ser publicada durante esse período de 1929 até hoje - embora que por motivos superiores, como por exemplo as duas vezes que fomos obrigados a deixar a Sede Central da S.T.B. (1930/1931) em missão especial à determinada localidade do interior brasileiro, sem falar em dois meses e dias que estivemos entre a vida e a morte, em fins de 1930 e começo de 1931.

Nesse lapso de tempo o mundo sujeitou-se, do mesmo modo, às naturais transformações da sua própria evolução - pouco importa se algumas delas, aparentemente para pior, já que continuamos no domínio férreo da Idade Negra (Kali-Yuga) e por isso mesmo, as grandes dores (Karma) que o afligem agora mais do que nunca (2).

Do mesmo modo aconteceu com as diversas correntes que se manifestam no mundo espiritualista - principalmente no Brasil, por serem as que mais de perto nos interessam - onde tais *transformações* representam uma verdadeira balbúrdia (3) não nos permitindo distinguir tais correntes umas das outras; por isso mesmo, exigindo de nossa parte ou de outros bem intencionados - que se queiram dedicar, como nós, a tão árdua quão dignificante tarefa - de apontar as inúmeras incorreções existentes nas mesmas, não só para evitar aos sedentos de Luz que se embrenham por uma trilha muito mais dificultosa do que deveria ser; como também em prol da integridade moral daqueles que se acham à sua frente, trabalhando - com verdadeira abnegação e heróicidade - para minorar os humanos sofrimentos, causados justamente por ignorância (Avidya) dos Conhecimentos Divinos, ou sejam, os únicos que libertarão a Humanidade de sua escravidão neste planeta de dores e lutas sem conta, onde a mesma veio adquirir *experiência*, segundo o próprio encadeamento ou evolução natural das coisas! (4) Ou em outras palavras, segundo o dito de S. Agostinho de que "vimos da Divindade e para Ela havemos de ir"; e até, segundo o verdadeiro sentido da "Parábola do Filho Pródigo" que volta à "Casa Paterna..." depois de sua longa peregrinação - através de múltiplas existências, em busca da Experiência ou Consciência plena de sua estirpe divina.

E outra não é a razão porque dizem os Elohim: "Multiplicarei tuas dores; com dor parirás os filhos. Maldita seja a Terra em sua obra; espinhos e abrolhos ela produzirá..." (*Genesis*, III, 16 e 17). (5)

"E esta alegórica maldição, diz H.P.B. em *Isis sem Véu*, à pág. 107 (ed. franc.) durará até que a mais diminuta partícula de matéria terrena haja percorrido seu ciclo evolutivo e por sucessivas transformações chegue a integrar a *alma vivente*, de modo que esta alcance o *ponto terminal* do arco ascendente do ciclo e se identifique com seu *metraton*, ou espírito redentor, (5) no mais elevado degrau dos mundos espirituais, de volta já a primeira morada de onde emanou. Mais adiante se abre o *abismo* sem fundo e... começa o mistério.

Convém recordar que todas as cosmogonias reconhecem uma Trindade criadora formada pelo Pai (Espírito), a Mãe (Matéria) e o Filho (Universo manifestado), procedente de ambos. Cada um dos astros de que é constituído o universo passa sucessivamente por quatro idades ou épocas análogas às da vida humana e assim possuem a sua infância, juventude, virilidade e velhice. Essas *quatro épocas*, com as *três pessoas* da Trindade criadora, compõem de novo o sagrado Sete".

"Muito mais difícil é julgar do que ser julgado"... E daí a má compreensão que sempre as nossas palavras encontram por parte dos que não podem admitir se aponte erros em fatos ou coisas onde estejam envolvidos - esquecendo que em jogo se acha a própria felicidade humana.

Ao terminarmos esta Mensagem, o nosso proceder será bem outro no ponto de vista de nos intrometermos em "seara alheia". Cada qual que faça o que quiser e, por isso mesmo, se sujeite às conseqüências kármicas que daí lhe advierem. Nós faremos como Pilatos: "lavaremos as mãos pelo sangue do justo" (que... continua sendo sacrificado), que outro não é senão a própria Humanidade. Ficando cientes os que nos tomam como *intolerantes e desrespeitosos*... que depois de nós, virão outros que talvez o sejam muito mais do que temos sido! *Bésoin oblige!*...

E como não queremos passar por Super-Homens ou Seres a quem não podemos nem ao menos "desafivelar as suas sandálias", tudo quanto apresentarmos ao mundo, está por sua vez sujeito à crítica severa e judiciosa de outras pessoas mais entendidas em assunto tão transcendente. Nunca poderemos esquecer o que nos ensina o Oráculo: "*As almas grandes se iniciam por si mesmas e com a sua própria e natural rebeldia: - Estas almas se salvam!*"

E assim, mais uma vez se repete a célebre frase da sibila de Cumes, explicando à Enéas a grande dificuldade que há em se sair dos infernos, ou melhor, de "in-fera" (lugares inferiores ou este baixo mundo), isto porque os que se dão em holocausto pela Humana Causa não mais podem sair do ambiente terreno, antes que a última alma irmã tenha contemplado a Luz face à face, tal como aconteceu a Moisés. E eis porque um Rama-Krishna, por exemplo, proferiu: "Nascerei tantas vezes quantas forem necessárias para salvar um só homem"...

Quando uma das estâncias de Dzian nos diz que "Deus se divide para realizar o supremo sacrifício", nos ensina que todas as Mônadas ou "egos encarnantes" são partículas do Grande Todo, assim como se disséssemos que são peças da mesma máquina, dedos da mesma mão, filhos do mesmo Pai, etc, etc.

Assim, aqueles que conscientemente são forçados a apontar erros prejudiciais à própria evolução dos seres - principalmente em um momento excepcional como é aquele que ora atravessamos, ou o fim de um Ciclo para começo

de outro - sofrem do mesmo modo, pelos motivos já expostos, isto é, por serem um simples elo dessa incomensurável cadeia que liga todos os seres entre si - já que a "Unidade se manifesta na diversidade"...

Levamos ao conhecimento de nossos amáveis leitores que, no decorrer desta Mensagem seremos forçados a repetir vários assuntos já por nós abordados em conferências e artigos anteriores - inclusive o que tem por título *Que é Teosofia?*, publicado no número desta revista referente a Abril de 1930 a Junho de 1931.

Do mesmo modo que - por uma deferência toda especial para com os verdadeiros Teósofos e Ocultistas que nos honrarem com a sua leitura, por isso mesmo, em condições intelectuais de nos poderem melhor compreender do que outros quaisquer - faremos várias citações dos nossos *Livros de Revelações*, escritos exclusivamente para os Irmãos Maiores da S.T.B. - já que, infelizmente nem todos se acham em condições de receber, não só estas, como também as que de nenhum modo ousaríamos trazer a público.

Haja vista o mau uso que a Humanidade tem feito do pouco que a chamada ciência positiva lhe tem oferta - aliás, como simples vislumbre do que a Oculta ou Esotérica conserva, ainda, como Tesouro inviolável no misterioso Seio das Fraternidades ou Escolas Iniciáticas do Oriente e raríssimas do Ocidente.

E com isso nos sentimos no dever de saudar a todos os Núcleos de caráter verdadeiramente espiritualista, não só pelos seus inestimáveis serviços prestados à Humana Causa (pouco importa se isoladamente), como também pelo que disso resulta em proveito da Obra em que a S.T.B. se acha empenhada, já que se trata de um movimento *oculto* em que todos os homens - principalmente os nascidos nesta parte do Globo - consciente ou inconscientemente - emprestam uma parcela mínima ou máxima de tudo quanto de espiritual realizam na face da Terra.

Seja a Paz com todos os seres !

H.J. Souza
Pres. da S.T.B.

(continua)

(1) O Teósofo pode não se intitular de Ocultista, porquanto já o é de fato. Porém, o Ocultista que não for Teósofo, não tem o direito de se apresentar como tal; é um simples adepto de *Ciências Ocultas* - coisa que difere do primeiro caso porque um possui a teoria contida na Sabedoria Antiga ou "Doutrina Secreta", como religião universalmente espalhada no mundo antigo e pré-histórico (melhor dito, Religião da Natureza); e o outro, nada mais é do que um praticante de tais Ciências, isto é, do que a verdadeira defende ou proíbe que se traga para o mundo profano; a prática dos poderes psíquicos latentes no homem e que - na maioria dos casos - tal ou tais práticas o conduzem à Magia Negra, embora que a Força ou Lei seja uma só... mas a intenção quem ocasione a natureza ou espécie de Magia.

Por isso mesmo é que H.P.B. dizia "que entre a mão direita e a esquerda... existe um tênue fio de teia de aranha"!

Do mesmo modo, todos os Seres Superiores proibiram tal coisa aos seus discípulos, para que estes servissem de exemplo aos demais.

O próprio Budha dizia: "Esgota a lei de retribuição kármica. *Adquire sidhis* (poderes psíquicos) para teu nascimento futuro". E não: "desperdiça os *sidhis* que já possues, pois com isso estariam impossibilitados os seus discípulos de adquirirem novos nas existências futuras.

Aquele que se enfraquece psiquicamente, isto é, perdendo os seus *sidhis* - já, quando se envereda pelo campo da fenomenologia, já quando por excessos praticados na sua vida diária (daí o esgotamento - caminho para a loucura, se não for logo tratado desde o começo) - está irremediavelmente perdido, não só para aquela, como para a sua futura existência.

Os que não ficam loucos (*psicopatas*... o próprio termo o diz!) levam uma parcela mínima de *sidhis* para tal existência, e por isso mesmo são os tais que possuem uma vida sempre cumulada de doenças, ou melhor, de um mal único: *Karma patológico*. A palavra *Alma* (*Anima* em latim, *Psiquê* em grego, etc.), nos ensina que é ela quem anima o corpo físico.

Como pois destruir os princípios anímicos ou psíquicos que nos garantem a vida física? Esse fato está corroborado na própria vida dos poucos "mediuns verdadeiros" que o mundo tem tido - como uma Miss d'Esperance, por exemplo - que perderam a saúde e chegaram a ter emoptises depois das tais sessões de materialização, etc.

Existe uma outra palavra que define perfeitamente o caso, ou seja: *mentecapto* (*mens-capta*, isto é, captado ou colhido pela mente).

Ora, se ao invés de cuidar das coisas da Mente (caminho para o Espírito), o homem prefere as da Alma (*Anima*, *Psiquê*, etc), não pode deixar de ser colhido pelo Mental, isto é, o Mental o abandonará e ele viverá *automaticamente* do Astral; o mundo das mentiras e das ilusões. Por isso mesmo, as divagações imprecisas ou falsas com que se manifestam os loucos! E é por isso que na *Voz do Silêncio* se encontra: "O nome do segundo é Vestíbulo da Instrução (Instrução probatória, dizemos nós).

Nele tua alma encontrará as flores de vida, porém, debaixo de cada flor uma serpente enroscada", isto é, a região astral, o mundo psíquico de percepções supersensíveis e de visões enganadoras - o mundo dos mediuns. É o mundo da Grande Ilusão!

Daí o terceiro Vestíbulo ser "o da Sabedoria, além do qual se estendem as águas sem ondas de AKSHARA, a fonte inesgotável de Onisciência, isto é, a região da plena Consciência Espiritual, onde acima dela não mais perigo algum existe para aquele que a alcançou".

Nos Contos Infantis - que tanto nos embalaram e seduziram no início de nossa vida - encontram-se vários contos ou histórias que nos iniciam em tudo quanto acabamos de dizer. Por exemplo: aquele que a Fada oferece 7 dons ou privilégios (os 7 estados de consciência no homem; os 7 centros de força, chakras, etc), ao pequeno órfão perdido na *negra floresta* (floresta que outra coisa não é senão a de *Avidya* ou da ignorância, melhor dito, falta dos conhecimentos divinos), para que o mesmo possa vencer todas as dificuldades do caminho e... que ele os desperdiça

com coisas de pouca monta e... ao chegar no último, não tendo mais nenhum para lançar mão, justamente quando os verdadeiros obstáculos se apresentam no seu caminho, sucumbe por falta de defesa, é dos muitos que condizem perfeitamente com este nosso aviso aos incautos, que trilham a espinhosa Vereda da Vida, melhor dito, da Iniciação do gênero humano, à caminho da Meta desejada!...

Além disso, tais poderes psíquicos representam o estado de consciência de uma raça anterior à nossa (por isso o dito de "poderes latentes no homem", ou melhor, veste usada sob a que hoje trazemos: a do Mental) de onde qualquer homem esclarecido deduzirá, desde logo, que em se fazer uso de um grau de consciência abaixo do que hoje desenvolvemos, é involuir, ou melhor, cair em degradação.

Excetuam-se apenas os casos superiores, isto é, de Seres conscientes de sua missão no mundo e, por isso mesmo, senhores já de todos os estados de consciência (como Homens do fim da Ronda e até de outras vindouras) e que lançam mão de tais processos para demonstrar à pessoas de sua inteira confiança (discípulos seus, por exemplo), não só os mistérios contidos em a Natureza e no Homem, como também para provar os perigos que de tais práticas decorrem.

Do mesmo modo, quando estão à frente de certos Núcleos de caráter verdadeiramente oculto ou teosófico, que para poderem ser implantados na Terra necessitam de "tais credenciais", para não dizer do *vernís* exigido pelas humanas criaturas vernís a que elas dão os nomes de *transcendentalismo*, *fenômenos psíquicos*, *milagres* e outros mais.

Tal fato aconteceu com a S.T. de Adyar (Vide, por exemplo, a pág. 15 da obra do Sr C.Jinarajadsa - "Lettres des Maitres de La Sagesse" - cujas cartas teremos que comentar no decorrer desta Mensagem, já que até hoje os seus comentadores nada mais tem feito senão prejudicar o próprio nome de H.P.B. e, por isso mesmo, os alicerces ou fundamentos da S.T. de Adyar por ela construídos - o que se diz nesse sentido: "Quando o The Miracle Club" desapareceu, a S.T. nasceu. H.P.B. escreveu com efeito "*Ordens* recebidas da Índia, prescrevem (melhor dito, exigem) a constituição de uma sociedade *filosófico-religiosa*, com a escolha de um nome a lhe dar, do mesmo modo que a escolha de Olcott. Julho 1875").

Assim aconteceu com a S.T.B. no Brasil. No seu começo, com o nome de "Dhâranâ" (assunto já debatido em inúmeros artigos desta revista e que tornaremos a falar no decorrer desta Mensagem, para que alguém não queira criticar aquilo que já fomos forçados a fazer e hoje condenamos nos outros!!!), os fenômenos mais incompreendidos (constatados pela própria Imprensa do País... e outros, cujos palpáveis vestígios ainda conservamos no Arquivo oculto da S.T.B.) alicerçaram o Edifício que hoje estamos dando os últimos retoques, à custa de nosso mental e... de sacrifícios e lutas sem conta; do mesmo modo que, fenômenos de outra natureza se deram desde a infância do Presidente da S.T.B.!

Quando o tempo foi chegando... todos esses fenômenos cessaram como por encanto. Eles são a veste interna da Obra, ou melhor, se acham esmagados ou confundidos nos seus próprios alicerces, entre o cascalho ou toda a argamassa de que nos servimos para a sua primitiva construção.

Todos quanto acompanham a vida desta Sociedade, devem estar lembrados (mesmo que não estejam, os números atrasados desta revista aí estão para avivar a memória dos interessados!...) de que no seu início ela teve um caráter puramente budista.

E assim sendo, só pela Maya-Budhista (*Maya-Vada* ou Doutrina da Ilusão, a todo instante citada pelo imortal Roso de Luna, nas suas obras iniciáticas...!) se poderia escolher a boa semente, que hoje está produzindo bons frutos, isto é, os que resistiram a todas as provas que lhes foram exigidas, enquanto outros - não as compreendendo e... querendo ser "mais realistas do que o rei"... se fizeram os transfugas da Obra.

E era, ainda, a razão porque "Dhâranâ" (hoje S.T.B.) pregava o Budismo do Norte e não do Sul (completamente alheio a tais processos iniciáticos).

Do mesmo modo que alguns dos Seres ligados à vida de H.P.B. se diziam "lamas" (sacerdotes lamaístas) mas, "lamas perfeitos" ou os célebres "Goros do Rei do Mundo", a que tanto se refere Ossendowski em Bêtes, Hommes et Dieux (obra de muito maior valor do que pensam alguns dos que a tem lido e... não compreendido).

Dos vários livros que tratam da *Maya-Budhista*, sobressai o de Jean Marqués-Rivière - *A l'Ombre des Monastères Thibétains*, onde o autor cita o caso justamente semelhante ao nosso e até do de H.P.B. (melhor dito, da S.T. de Adyar).

"Logo o discípulo se acha de posse de todos os conhecimentos psíquicos (poderes psíquicos desenvolvidos) e depois de ter dado provas do seu valor (fazendo chover, desencadear-se tempestades, etc, etc.), seu Mestre lhe diz: "Tudo isso foi apenas para o teu próprio bem espiritual; doravante não mais aplicarás os teus poderes para coisas tais.

Guarda-os para outras necessidades mais elevadas, principalmente para a tua próxima encarnação, etc..."

Na Índia também lhe dão o nome de *Maya-Yoga* (Yoga da Ilusão) e era em referência à mesma, que Olcott dizia que tais e tais fenômenos não passavam da *Maya-Hipnótica* de H.P.B. (aliás, com impropriedade, porque não era propriamente ela quem os provocava... mas outros!...)

No próximo número, além dos comentários que vamos fazer a respeito de todas essas coisas - explicaremos com toda clareza *Quem, como e porque* se procurou trazer o Espiritismo de um passado longínquo da Humanidade, novamente, para a face da terra (embora que na Índia alguns centros o conhecessem e aplicassem - como se pode constatar no *Agrouchada-Parikchai*, contrariamente ao que ensinam Seres de outras categorias); que papel teve *Allan Kardec* em tudo isso e a missão de H.P.B. na América do Norte, quando se encontrou com Olcott e o seu combate tenaz contra as práticas espiritistas, melhor dito, anímicas, muito em voga naquela ocasião.

É assunto que há de interessar aos verdadeiros discípulos de Ocultismo ou de Teosofia, porquanto se trata de coisa inédita, embora que provada como se costuma dizer, por A mais B. Isso também explicará a razão porque nos "metemos em seara alheia...! Do mesmo modo que teremos de retrucar várias vezes o Sr René Guénon a respeito da sua obra "L'Erreur Spirite" - como citá-lo outras tantas, em assuntos em que ele se saiu maravilhosamente bem, ou melhor, onde está com a razão.

Nas poucas palavras com que Roso de Luna termina sua maravilhosa obra - *El Libro que mata a la muerte ó libro de los jinas* (que ele reputava como "a melhor de todas as suas obras e... onde tinha sempre coisa nova a aprender"...), há um mundo de verdades que só podem ser comentadas por quem as possa enxergar com os olhos

espirituais. São estas suas palavras finais: "Quanto ao Espiritismo - doutrina tão repreensível no emprego da mediunidade provocada, como respeitável na sua filosofia e em suas manifestações "espontâneas através da História" - é um arquivo de "fatos jinas", merecedores de um estudo científico imparcial, no sentido que temos insinuado ou esboçado nos numerosíssimos do presente livro".

(2) Segundo a doutrina dos *kalpas* ou ciclos, que são a chave das pasmosas e astronômicas cronológicas brahmanicas - isto é, os dias e noites, idades, vida e morte do Criador do Universo (Brahmã), o *Maha-Kalpa* ou *Maha-Yuga* dura 4.320.000 anos e é a soma de quatro yugas menores que se sucedem na seguinte ordem: *Idade de Ouro ou de Paz e Verdade* (Satya-Yuga) 1.728.000 anos; *Idade de Prata* (Treta-Yuga) com 1.296.000 anos; *Idade de Bronze* (Dvipara-Yuga), com 864.000 anos e *Idade de Ferro ou Negra* (Idade da Dor), na que o Bem e o Mal lutam com forças quase iguais (senão iguais, dizemos nós) - a chamada Kali-Yuga, com 432.000 anos. Este último período, que é um múltiplo de outros menores reconhecidos pela Astronomia Ocidental como "ciclo de precessão equinocial", "ciclo de mudança ou variação do periélio" e "ciclo de excentricidade da órbita terrestre", se torna um *módulo* ou unidade de medida para as cronologias brahmânicas, como se verá no lugar correspondente. Por isso o *Kali* é a metade do *Dvipara*, o terço do *Treta*, o quarto do *Satya* ou *Krita* e o décimo do *Maha-Yugas* - pois como se viu, por exemplo, o *Maha-Yuga* (ou Grande Idade), é de 4.320.000 anos (razão porque o *Kali* é de 432.000 anos ou décima parte daquele).

"Nossa atual Idade (Kali-Yuga) começou há uns cinco mil anos atrás, quando se deu a morte do Avatara Krishna e, como todas as idades grandes e pequenas da História, ela tem a sua epopéia, resumo de suas glórias, a saber: o *Mahabharata* de Vyasa ou canto da "Raça Solar" (filhos dos Pitris). A epopéia da Idade de Bronze (Dvipara-Yuga) é o *Ramayana* de Valmiki, com as façanhas da "Raça Lunar". Raciocinando por analogia, é possível que existam outras duas epopéias mais gigantescas ainda, para as outras duas Idades; porém, não as conhecemos ainda. As *quatro idades* ou o Ciclo da Precessão Equinocial, eram reproduzidas em miniatura do Ciclo de Iniciação".

Pelo que se vê, faltam ainda 427.000 anos para acabar a Kali-Yuga.

À medida que os seus pequenos ciclos forem acabando, menos será a intensidade de sua ação dolorosa sobre o mundo.

O desconhecido autor do *Vishnú Purana* faz ao Instrutor Maytréia a seguinte profecia sobre as sombrias influências do Kali-Yuga: "Reinarão seres de gênio violento, falsos e perversos, de coração ruím...; seu poder será limitado (constitucionalismo?); suas vidas curtas e seus desejos insaciáveis... A riqueza e a piedade diminuindo de dia em dia. Somente a propriedade conferirá a posição; e a riqueza, o ideal único. A simples paixão, não o amor puro, unirá os sexos; a mulher degenerará em mero instrumento de prazer; a falsidade (melhor dito, injustiça) resolverá os litígios; as exterioridades (o único distintivo nas ordens da vida); o dolo (um meio geral de subsistência); a debilidade, causa de dependência; a ameaça e a presunção substituirão a sabedoria; o mero consentimento, o matrimônio...; se um homem é rico, terá reputação de puro, e a lei do mais forte é que prevalecerá... O povo, oprimido, se refugiará nos vales, e a raça se aproximará da sua extinção..."

Juntem-se estas palavras às do "Rei do Mundo", tantas vezes reproduzidas nas páginas desta revista (Vide *Bêtes, Hommes et Dieux* de Ossendovski, quando ele fala nas "Profecias do Rei do Mundo", págs. 261 a 263) e consulte o leitor a sua consciência se não são os fatos tristíssimos por que vem passando o mundo, já há tanto tempo.

Diante dessas verdadeiras eternidades que se acham atrás dos nossos dias atuais e outras tantas que se acham à nossa frente, que se pode dizer quando alguns sábios modernos e até *famosos oculistas* (como o que há bem pouco prognosticou semelhante asneira por intermédio de conhecido vespertino carioca) ousam anunciar o "Fim do Mundo para breve"? Nada melhor do que um simples sorriso de desdém! É que muita gente confunde cataclismos com "Fim de Mundo"! Assim sendo... podemos dizer que ele (mundo) já teve *vários fins* e, no entanto, cá estamos vivendo nele - embora que se diga "que esta vida é um sonho" - para desmentir os que prismam em alarmar esta pobre humanidade, que faz questão de não largar uma *miserável pele* que a cobre durante um período de 80 anos, no máximo, quando a Terra já passou e há de passar por idades, que são verdadeiras eternidades, estando, portanto, o que se conhece como Humanidade, presente à todas elas!

E para que se possa avaliar, ainda, das incertezas e dores naturais ao presente Ciclo, iniciado aos 3.000 anos antes de J.C. e, por isso mesmo, com 5.000 anos de *domínio férreo* sobre a terra, vejamos o que diz H.P.B. à pág. 195 da ed. francesa de sua monumental *Doutrina Secreta*: "A Humanidade civilizada - por mais cuidadosamente amparada que esteja por seus Invisíveis Guardiões - os *Nirmanakayas* - (os Grandes Instrutores do Plano Nirvânico, que guiam a evolução da Humanidade, acrescentamos nós), que velam sobre as nossas raças e sobre as nossas nações, se acha, entretanto, devido ao seu Karma coletivo, terrivelmente submetida à influência dos tradicionais adversários dos *Nirmanakayas* - os "Irmãos da Sombra" - encarnados e desencarnados (razão, dizemos nós mais uma vez, para se temer o que é tido como necessário e verdadeiro nas chamadas sessões espiritistas mas nunca, nas teóricas ou de estudos e as que só tomam como prática a caridade ou amor entre os homens...); e esta situação, como já dissemos, durará até o fim do primeiro ciclo da Kali-Yuga (1897) e mesmo alguns anos mais (concordando com o que já dissemos sobre a atenuação que a referida Idade vai tendo, a medida que terminarem os pequenos ciclos em que a mesma se divide), à espera que o pequeno ciclo obscuro se transborde no grande (à guisa do entrechoque ou encontro das águas dos rios com as do oceano, dizemos nós). Assim, a despeito de todos os esforços, terríveis segredos serão muitas vezes revelados à pessoas *completamente indignas*, graças aos esforços dos "Irmãos da Sombra" e a sua ação sobre os cérebros humanos. Isso, devido unicamente ao simples fato que em certos organismos privilegiados, as vibrações das verdades primitivas, postas em movimento pelos Seres Planetários, se põem - por sua vez - em atividade sob a forma daquilo que a filosofia ocidental chamaria de "idéias inatas" e o Ocultismo, "lampejos de gênio".

Uma idéia desse gênero, baseada sobre uma verdade eterna, vive no ar, e... tudo o que podem fazer as Potências que velam, é de impedir sua completa revelação".

Podemos asseverar que o primeiro Ciclo da *Kali-Yuga* terminando em 1897, teve o impulso natural das grandes projeções cósmicas e, por isso mesmo, sujeitou-se ao que disse H.P.B. sobre o seu "transbordo" no seguinte alguns anos mais... E foi por isso que já dissemos em outro artigo que, de 1897 para 1932 são decorridos 35 anos (número cabalístico de grande mistério! simbólico dos 35 Tirtankaras ou dos $7 \times 5 = 35$, concordes com as 5 Raças-Mães, multiplicadas pelas suas 7 Sub-Raças. (Dos nossos "*Livros de Revelações*") - pese isso a opinião do Sr René

Guénon que Eles são 24, por querer compará-los aos "Anciãos do Apocalipse"... Não nos poderá demonstrar o Sr R Guénon, nenhum número que multiplicado por 7 nos possa dar a soma 24.

Sem querermos entrar em perigosos detalhes... citamos apenas algo um tanto conhecido de alguns: "Um *Kalpa* compreende 14 *Manvantaras* (melhor dito, *Manu-Antaras*); *Vaisvaswata*, o presente *Manú* é o sétimo deste *Kalpa*, chamado *Shri-Shaveta* - *Varâna* - *Kalpa* ou "Era do Javali Branco". - Um fato curioso, também é aquele afirmado pelos Judeus, isto é, quando dão à Roma o nome de *Edom*. Ora, a tradição fala também de Sete Reis de Roma e o segundo deles se chamava *Numa* (a 14a. letra do alfabeto hebreu é o *Num*, que além de outros significados, possui o de Involução, isto é, "*O Espírito desce na Matéria...!*"), é considerado como o legislador da cidade e... cujo nome em forma anagramática nos dá, por inteiro, a palavra *Manú* e que, ao mesmo tempo se assemelha com a grega *nomos* - "lei". Até certo ponto de vista, "os 7 Reis de Roma", nada mais são do que uma representação particular dos sete *Manús* para determinada civilização; do mesmo modo que, os "Sete Sábios da Grécia" estão nas mesmas condições e, até dos *Sete Rishis* em que está sintetizada a sabedoria do Ciclo imediatamente anterior ao nosso.

Se o Sr René Guénon tivesse tomado esse nosso ponto de vista como "raiz", ou melhor, fundamento, alicerce, etc, da sua construção simbólica a respeito dos *Tirtankaras*, não teria fatalmente encontrado o número 24 para eles, mas sim o que lhe damos de 35, segundo várias escolas - inclusive a Tibetana.

E é justamente estribado noutra maneira de dedução das coisas, que dissemos em outros lugares que, os primeiros 35 anos depois de terminado o 1o. Ciclo da Kali-Yuga (5.000 anos), eram muito expressivos, por cada um deles simbolizar um dos *Tirtankaras* referentes às 5 Raças multiplicadas pelas suas 7 respectivas Sub-Raças. Por isso mesmo, o atual ser um (?) ano misterioso e... cheio de surpresas para as humanas criaturas. Não queiram outros mais entendidos dizer que "as duas últimas sub-raças do ciclo ariano não podem ser incluídas em tal conta, por não terem feito, ainda, o seu aparecimento", pela razão lógica e precisa de existirem Seres trabalhando por elas na face da Terra (além dos primeiros rebentos que já são anunciados até por eméritos etnólogos, embora que profanos em matéria oculta ou secreta), e quem diz ação, esforço, trabalho, etc, diz concepção, mentalização anterior, etc, etc, por isso mesmo, uma harmonia perfeita com a Mente Universal. Não há como querer provar o contrário!

(3) A balbúrdia ou confusão no campo espiritualista, já data de longo tempo. No entanto, ao invés de ter sido atenuada em algumas de suas correntes e completamente desfeita em outras - ela se manifesta, cada vez mais, em toda a sua virulência.

No campo propriamente dito religioso, inútil qualquer comentário! A nossa opinião está exarada nas Terceira e Quarta partes desta Mensagem (dedicadas ao Catolicismo e Protestantismo na sua multiplicidade de linhas); do mesmo modo que, em nosso artigo intitulado *Ontem e Hoje* ou *Poder Temporal e Poder Espiritual* e, até quando procuramos desvendar aos olhos de todos, os seus maquiavélicos manejos para se apoderarem do segundo Poder (o temporal) nas nações onde ambos predominam.

No do Ocultismo - que aliás deixa de ter razão o nome para o de Ciências Ocultas, como explicamos na anotação 1 - a confusão é indescritível! Ninguém pode saber ao certo o que são, de fato, os Centros ou Associações que se apresentam com semelhante rótulo. Neles se rezam missas (em vernáculo!...); administra-se a *Eucaristia*; evocam-se as *almas dos mortos*; hipnotizam-se pobres pacientes (automatizando-se-lhes, portanto, a vontade...); *fazem-se curas*, ao mesmo tempo que se erigem horóscopos e... permitindo crianças no meio de toda essa confusão (se é que o Juiz de Menores não tomou ainda as providências que o caso exige). E depois... não se queira que lancemos uma *Mensagem ao mundo espiritualista*, procurando com isso, a sua própria defesa moral perante os olhos das "classes intelectuais", ou melhor, de homens mais ajuizados, porquanto nas próprias classes chamadas "intelectuais"... existe até quem freqüente baixos "canjerês ou macumbas", embora que pertencentes a esta ou aquela religião! Questões de interesses pessoais, onde o espírito religioso desaparece no mesmo instante!... E a prova de que essas baixas demonstrações de Ciências Ocultas já se enraizaram no espírito público, está em que no Carnaval deste ano (não porque fossemos assistir a esta reminiscência das Saturnais e Bacanaís romanas!... mas, os seguidos) não se ouviu outra coisa senão cantigas de "Macumba ou canjerê!..."

E ainda há quem queira contestar o nosso dito de "que estamos no fim de uma raça apodrecida e gasta, para começo de outra, com aspirações mais puras, mais elevadas, isto é, caminho para o Espírito!" No do espiritismo - do qual vamos falar mui detalhadamente no próximo número desta revista - está nas mesmas condições do anterior, no ponto de vista prático, porquanto no doutrinário e nas obras de caridade que distribui as mancheias, tem sido (sem nenhum favor), ao lado da Teosofia e da Maçonaria, um dique tutelar contra as águas invasoras do materialismo brávio que ameaça destruir a tudo e a todos! É nele onde a classe humilde - esmagada por todas as dificuldades resultantes da imprevidência dos homens que nos tem governado, encontram arrimo e proteção aos seus males físicos e morais! Aí está, por exemplo, um Abrigo Teresa de Jesus, que acolhe uma multidão de crianças, antes atiradas à sarjetas das ruas de nossa capital - esse mesmo Abrigo estigmatizado por S.E. o Sr Cardeal brasileiro, quando lançou um Edital ou coisa que o valha, às suas ovelhas para que não contribuíssem com um ceitil, sequer, a seu favor - esquecendo que o meigo Nazareno, quando pregava a caridade não fazia distinções de espécie alguma.

No campo da Teosofia, as coisas caminham para a pureza natural dos seus princípios ou melhor, de acordo com o próprio termo "Sabedoria Divina", isto é, dos Super-Homens ou Homens-Deuses, "já que deuses fomos e nos temos esquecido", como dizia a cada instante o imortal Roso de Luna... e para eles havemos de ir, porquanto a Humanidade inteira evolui ou caminha para o mesmo ponto de onde partiu. Isso mesmo já dizia S.Agostinho: "Vimos da Divindade e para ela havemos de ir", do mesmo modo que os sábios da Índia: *Tat Twan Asi*, ou melhor, *Eu sou Ele, Eu sou Brahma*... porque de fato *Brahma* é *Tudo* - pouco importa os vários nomes com que as religiões e as filosofias procuram definir o *Ser* existente em todas as coisas!

Quanto a Maçonaria, passou - por sua vez - por uma grande crise, aliás, natural da época; as cisões internas, o fanatismo religioso predominando no seu seio, tal como já dissemos naquele mesmo artigo intitulado *Ontem e Hoje* ou *Poder Temporal e Poder Espiritual* - a ponto de sabermos de uma de suas Lojas que possuía, logo à porta, um S.Antonio iluminado por uma lâmpada de azeite.

Nota-se por uma certa efervescência no seu meio e... é provável que desta vez "as folhas de Acácia mirradas sobre os túmulos dos heróis do passado", se rejuvenesçam e vivifiquem como o símbolo grandioso daquela que em todos os tempos foi a Mãe protetora dos fracos e dos oprimidos!

Teosofia e Maçonaria se completam, ou melhor, se fundem em uma só, porque ambas representam no mundo Humano, o eco da Voz dos Adeptos que vivem no Seio das verdadeiras Fraternidades Secretas, como Guias e Instrutores ocultos da Humanidade.. Elas são, portanto, a Ponte (daí a palavra *Pontífice* tão mal interpretada pelas religiões) que conduzem o homem ao outro lado da vida, isto é, ao mundo da Verdade ou do Espírito!

Esta anotação é, portanto, a síntese de tudo quanto vamos dizer no decorrer desta parte de nossa Mensagem. Se Karma nos levasse antes de a termos finalizado, já os homens de boa vontade, ou aqueles que nos compreendem, poderiam deduzir ou compreender para onde estão gisadas as nossas diretrizes quando a lançamos ao "Mundo Espiritualista"; assim, até certo ponto de vista, partiríamos tranquilos para o Além...!

(4) Nada mais claro para explicar o que se disse a respeito da "Humanidade adquirindo *experiência* no mundo", do que as palavras do Hierofante, proferidas no *Templo de Delfos*, aos assistentes:

"Saúdo a todos que vieram para renascer, após as dores da terra e que renasceis neste instante. Vinde beber a luz do templo, vós todos que saís da noite, mistos (*mystos*), mulheres, iniciados. Vinde alegrar-vos, vós que sofrestes; vinde repousar, vós que lutastes. O sol que eu evoco sobre as vossas cabeças, *não é o sol dos mortais* (o grifo é nosso); é a luz pura de Dionísos, o grande Sol dos Iniciados. Pelos vossos sofrimentos passados, pelo esforço que vos traz, vós vencereis e, se acreditardes nas palavras divinas, então já sois vencedores".

"Porque após o longo circuito das existências tenebrosas, vós saíreis finalmente do círculo doloroso das gerações, e todos vos encontrareis, como um só corpo, como uma só alma, na luz de Dionísos!"

Só este final sintetiza tudo quanto se disse na anotação anterior a respeito da volta ao Divino ou à Unidade primitiva! Vejamos as outras palavras do Hierofante: "A centelha divina que nos guia sobre a terra, existe em nós; ela torna-se facho no templo, estrela no céu. Assim, engrandece a luz da Verdade! Escutai vibrar a Lira das sete cordas (a dos "sete estados de consciência" que a Humanidade tem de adquirir através das Sete Raças-Mães e suas respectivas sete sub-raças, etc, dizemos nós...), a Lira de Deus!... Ela faz mover os mundos. Ouvi bem; que o som vos atravesse (o Som dos sete transformando em "três", como é composta a palavra sagrada... e que se faz **Um** depois de pronunciada... segundo as regras ocultas, dizemos nós)... e abrir-se-ão as profundezas dos céus!"

"Socorro aos fracos, consolação aos que sofrem, esperança a todos! Mas, *desgraça aos maus, aos profanos!* Eles serão confundidos, porque no êxtase dos Mistérios, *cada um vê até ao fundo a alma do outro*. Ali os maus são feridos pelo terror e os profanadores pela morte".

E agora que Dionísos luziu sobre vós, eu invoco *Eros* celeste, o todo poderoso. Que ele seja em vossos amores, em vossos choros, nas vossas alegrias. Amai; porque tudo ama, os Demônios do Abismo e os Deuses do Éter. Amai; porque tudo ama; mas amai a luz e não as trevas. Lembrai-vos do fim durante a viagem.

Quando as almas volteiam na luz, elas trazem como manchas sujas, sobre o seu corpo sideral, todas as faltas da sua vida (as tendências ou ações, as paixões provenientes das modificações do pensamento e da imaginação, isto é, tudo quanto de prejudicial à sua própria evolução, pratica o homem... dizemos nós)...

E para as apagar, é necessário que expiem e que regressem à terra... (eis aí a teoria da *reencarnação*, que as religiões ocidentais não admitem, para não acabar com as missas "pro-defunctis" e tudo mais com que fazem negócio, como verdadeiros "vendilhões do templo", que são...) Mas os puros, os fortes, vão para o sol de Dionísos.

E agora cantai o Evohé! (melhor dito *Hé, Vau, Hé*, ou o grifo sagrado de todos os Iniciados do Egito, da Índia e da Fenícia, da Ásia Menor e da Grécia. O *Iod-Hé-Vau-Hé* representa *Deus* na sua fusão eterna com a Natureza, etc). "Evohé! gritavam os arautos aos quatro cantos do templo. Evohé! repetiam os cimbalos. Evohé! respondia a assembléia entusiasta agrupada sobre as escadas do Santuário... E o eco do apelo sagrado à renascença, à vida espiritual, rolava no vale, repercutindo nas montanhas. Até os pastores selvagens do Ossa, suspensos com os seus rebanhos, ao longo das florestas, perto das nuvens, respondiam: *Evohé!*"

O deus *Eros* - invocado pelo Hierofante (Orfeu) - é o mesmo "deus Cupido", tão mal interpretado pelos poetas, que o cantam como "deus do amor puramente sexual" quando Ele simboliza, justamente, "O Amor Universal", ou aquele que deve existir entre todos os homens. É o brilhante *Augoeides* dos Neo-platônicos, o Eu-Divino, o 7o. Princípio ou *Atmã* dos Teósofos - o mesmo Princípio ou estado de Consciência que a Humanidade inteira tem que alcançar na Terra (já que 5 foram por ela alcançados, de acordo com as 5 Raças decorridas, cada uma delas representando um dos 7 estados de Consciência). Por isso mesmo, os poucos Homens que já o alcançaram terem direito ao título de "Seres Superiores", "Super-Homens", etc, etc, por estarem justamente à vanguarda da atual Humanidade. É o mesmo Espírito Santo que baixou sobre Jesus, tornando-O Cristo (no simbólico batismo do Jordão por João Batista, "cuja iniciais nos dão as J e B das duas colunas do Templo de Salomão". Do nosso 4o. "*Livro de Revelações*") desde aquele momento; é o *Avalokiteshvara* (o Logos manifestado, segundo o Budismo do Norte); o *Kwan Shi-Yin*, ou "o Senhor que é visto", do chinês etc, etc. E é por isso que tanto vale dizer Jesus, o Cristo, como Gotama, o Budha, porquanto ambos exprimem a mesma coisa: O ILUMINADO!

Quão doloroso se torna - para quem conhece tais verdades - ouvir um cristão ridicularizar a um Budhista, como este (o que é raríssimo!) ridicularizar a um cristão! ! É que bem poucos sabem interpretar o que está expresso nestas tão claras quão preciosas palavras do *Rig-Veda*. "Há uma só Verdade, embora os homens lhe dêem nomes diferentes".

É erro pensar-se que Jesus, Buda ou outro qualquer dos Iluminados que a este mundo tem vindo, fosse o "Messias Prometido" ou o "Redentor do Mundo", anunciado desde o começo da 5a. Raça (a Arya, em cuja 5a. sub-raça se acha a Humanidade atual), porém, partículas ou fragmentos do verdadeiro "Redentor do Mundo", que só poderia vir no fim... de tudo e de todos os demais, como Síntese que é, da vitória da Humanidade sobre os seus princípios inferiores. Daí a tradição do "Kalki-avatara" ou aquele em que o "Guerreiro virá cavalgando um Cavalo branco" - símbolo dessa mesma vitória, isto é, em que a Humanidade cavalgará ou estará a cavalo sobre os quatro princípios inferiores (simbolizados nas 4 patas do referido animal). É o *Maitréya* das tradições trans-himalaias, adorado e venerado nos templos lamaístas do Tibet e da Mongólia, em estátuas de transcendente beleza - desafiando as que se fazem no Ocidente. O próprio Pe. Huc - quando da sua viagem ao Tibet, através da Mongólia, tão assombrado ficou com a obra incomparável desses artistas tibetanos, que encomendou um Cristo e levou para a França, como coisa rara (Vide "Dans le Thibet" Pe. Huc).

Nenhuma pessoas inteligente poderia dizer que esta pobre Humanidade - cada vez mais sofredora, qual *Prometeu acorrentado*, à espera de *Epimeteu libertador* - esteja redimida ou libertada de suas culpas. Ela tem que se

redimir por si mesma, fazendo-se uma com Aquele que só virá (como dizem as mesmas tradições) na Satya-Yuga ou "Idade de Ouro", cujo nome exprime perfeitamente que não mais sofrimentos existirão na face da terra.

Ora, a Kali-Yuga (a que atravessamos) com 5.000 anos, apenas decorridos (quando o seu ciclo completo é de 432.000 anos, como já se viu), essa "Era da Redenção Humana" imensamente longe se acha dos nossos dias!

Pelo que vê, os seus Precursores (melhor dito, os seus vários pedaços ou partículas), nada mais fazem do que preparar a Humanidade para aquela sua época de redenção, isto é, despertando a sua Consciência para o grande Dia anunciado desde milênios atrás até hoje, pela boca dos grandes Profetas, das sibilas e até do próprio Virgílio, e outros mais! Todos aqueles que desde já adquiriram semelhante estado de "Consciência" (da qual o verdadeiro Redentor é a Síntese), ipso-fato são Cristos ou Budas (Iluminados) e, por isso mesmo, usufruem as graças dessa apregoada Era ou Ciclo! E sem que ninguém Lhes possa retirar tal direito, Guias ou Instrutores da Humanidade na espinhosa Vereda da Iniciação do gênero humano a caminho da Meta desejada, pouco importa as várias categorias que definem tais Seres!

Em número atrasado desta revista (Terceira e Quarta partes da presente Mensagem) demonstramos o significado da palavra Cristo, citando Roso de Luna, H.P.B., etc. Porém, como já são passados alguns anos que foi feita tal publicação, repetimo-la neste lugar, para que os nossos leitores de hoje fiquem melhor elucidados a respeito:

H.P.B. falando dos iniciados, diz: "Cristo como uma unidade é somente uma abstração, uma idéia genérica que representa a agregação coletiva das inúmeras entidades espirituais, que são as ameaças diretas da infinita, invisível e incompreensível *Causa Primeira* - os Espíritos individuais dos homens, erroneamente chamados "alma", os divinos filhos de Deus, dos quais só vislumbra alguma cousa a generalidade dos mortais.

Alguns deles permanecem para sempre convertidos em Espíritos planetários e outros - a mais escassa minoria, se unem durante a vida a alguns homens. Assim, esses tais Seres semelhantes a Deus, como: Gotama, o Budha, Jesus, Tissoo, Krishna e outros poucos, estiveram permanentemente unidos com seus Espíritos, passando assim unidos à condição de deuses na Terra.

Outros, tais como Moisés, Pitágoras, Apolonio, Plotino, Confúcio, Jamblico e alguns santos cristãos, por haverem estado assim unidos, a intervalos, tomaram na História a categoria de semi-deuses e dirigentes da Humanidade. Uma vez separados de seus tabernáculos terrenos, livres desde então suas almas e unidas para sempre com seus espíritos, voltam a unir-se a toda a hoste luminosa, à qual estão ligadas pela mais perfeita solidariedade de pensamento e de ação, sendo chamados "os ungidos".

Daí a significação dos gnósticos, que dizem "Cristos", sofreu espiritualmente pela Humanidade, o que quer dizer que foi o seu Divino Espírito quem principalmente sofreu (Isis, ti, II, cap. IV). Estas e ainda mais elevadas eram as idéias de Marciano, "o grande heresiarca", como lhe chamam seus contrários Epiphânio e Ireneo.

Do mesmo modo, o erudito teósofo Dr Roso de Luna, na sua maravilhosa obra iniciática "La Esfinge", diz: "O Cristo passional atormentado de todas essas lutas prévias e indispensáveis para aquela formação, começa assim a transformar-se no *Cristo*, que triunfante e gloriosíssimo há de ressuscitar em seu dia, porque, como diz a Mestra no seu *Glossário Teosófico*, este termo foi empregado no século V (antes de J.C.), por Ésquilo, Heródoto e outros.

Os *manteumata pythocresta*, "oráculos transmitidos por um deus Pitio", por intermédio de uma pitoniza, são mencionados pelo primeiro (Ésquilo, Cap. 901); e *Pythocrestos*, é derivado de *chrao*. Chresteron não é somente o testemunho de um oráculo, mas um oferecimento ao oráculo, Chrestis, é o que explica oráculos, um "profeta" e adivinho". E *Chresteros*, aquele que serve a um oráculo ou a um deus. O primeiro escritor cristão, Justino, o mártir, em sua primeira Apologia, chama aos seus correligionários *crestians*.

"Ao chamarem-se os homens a si mesmos cristãos, só é devido a ignorância". diz Lactancio (Livro IV, cap. VII).

Os termos Cristo e cristãos, escritos originalmente *Chrest Chrestians*, foram tirados do vocabulário do templo dos pagãos. Chrestos, significava naquele vocabulário "discípulo posto à prova"; candidato que aspirava a dignidade de hierofante, quem logo a havia alcançado por meio da iniciação largas provas e sofrimentos, depois de ser ungido (isto é, "untado com azeite como o eram os iniciados e ídolos dos deuses segundo a prática da última cerimônia do rito), se transformava em *Christos*, o "purificado", em linguagem esotérica ou misteriosa. Realmente, em simbologia mística, Christes ou Christos, significava que o caminho, "a vereda" havia sido percorrido e alcançada a meta; que os frutos do trabalho penoso para unir a *personalidade* de barro passageira com a indestrutível individualidade, transformavam-na no Ego imortal.

No termo do caminho se encontra o Christos, o purificador; e uma vez a união levada a cabo, o Chrestos, o "homem da dor" convertia-se no próprio Christos. Paulo, o iniciado, sabia isso e referia-se precisamente ao assunto, quando o obrigam a dizer em uma má tradução: "padeço de dores de parto até que seja formado Christo em vós outros" (Galatas, IV, 19), cuja verdadeira interpretação é "até que forméis o Christo dentro de vós. Porém, os profanos que sabiam unicamente que Chrestes estava de algum modo relacionado com os sacerdotes e profetas, ignorando o significado oculto de *Christos*, insistiram, como o fizeram Lactancio e Justino, o mártir, em ser chamados chrestãos, ao invés de *christãos*.

Todo ser bom pode, portanto, falar ao Cristo em seu "homem interno", segundo expressão de S. Paulo (Ephesos, III, 16 e 17), seja judeu, muçulmano, hindu ou cristão), dizemos nós.

Não é demais que nesta anotação acrescentemos o seguinte: Quando o Espiritismo diz que todo homem é "medium" e, por isso mesmo necessita desenvolver as suas faculdades mediúnicas, tanto está certo como está errado.

No seu ponto de vista, ou seja, do "desenvolvimento" para receber entidades astrais, por isso mesmo tornar-se autônomo da vontade alheia - pouco importa se de entidades com o rótulo de "Espíritos Superiores" - quando o próprio Kardeek diz que de "cem comunicações, noventa e nove por cento são falsas" - não é apenas um erro, mas um crime contra a evolução da própria pessoa, que ao invés de se tornar um "sujet", paciente ou passivo, deveria tornar-se consciente de sua evolução, isto é, alcançar a Meta desejada por esforços próprios - de acordo com tudo quanto já explicamos até agora... e o dito atribuído a Jesus: "Faze por ti, que eu te ajudarei".

Quanto a aparições, ordens, etc, quando naturais, isto é, espontâneas, o caso é outro; cessa a responsabilidade da pessoa, que não procurou contrariar as leis naturais das coisas. Motivos superiores... assim o exigiram!...

Sim, porque a Natureza tem as suas leis, que devem ser estudadas por todos, mas não contrariadas por ninguém - principalmente a maioria da Humanidade, ignorante de tais leis e por isso mesmo, semelhante à criança que

se queima com o fogo, por ignorar o mal que lhe poderia causar em brincar com ele; do mesmo modo que o desconhecedor da química, quando entra em um laboratório para fazer experiências.

Essas leis que regem a Natureza, por sua vez, vivem no homem. E, por isso mesmo é que a Esfinge diz: "Ou tu me decifras, ou eu te devoro". Aprendendo portanto o homem a dominar a si próprio, dominará a Natureza.

E foi por essa mesma razão que dissemos no final de nossa palestra pelo rádio: "Quando o homem chegar a dominar-se conscientemente, dominará também a Natureza, porque, conhecendo e obedecendo às suas leis, a Natureza - submissa e escrava - obedecerá às suas ordens. Porém, enquanto imperar o egoísmo entre os homens, os elementos transbordados serão tão caprichosos e cruéis como a humana natureza".

No nosso ponto de vista, está certo o dito de que "o homem deve desenvolver as suas faculdades "mediúnicas", isto é, psíquicas ou atinentes à alma (Psiquê) mas, para servir - como já dissemos em outros lugares - para a sua existência futura.

O homem é, de fato, um "medium" - melhor dito, veículo, por cujo intermédio o seu Espírito (sua Consciência, seu Cristo, etc) há de manifestar-se um dia em toda a sua plenitude! A própria palavra "pessoa", ou *per-sona*, exprime com clareza a questão, isto é, "*per-sona*" ou aquilo por onde o som se manifesta.

O som provém do Éter Sonoro ou Akhashico (*Akasha*: "causa psíquica e espiritual do Som". Significa ainda: "a matéria plástica primordial). E, mais além do *Akasha* vive o Espírito em todo o seu esplendor!

E é isso que encontrareis nas escrituras Indianas: "Aquele que ultrapassa o AKASHA é fonte de toda riqueza (que aqui se concebe como pureza). É um Keshara (um Yogui que pode trabalhar em sua forma astral.

Nem podia deixar de ser assim se ele já venceu os princípios inferiores e, por isso mesmo, ultrapassou o *Akasha*, ou é o próprio Logos manifestado, a união de Brahmã, Shiva e Vishnú (as 3 pessoas da Trindade cristã), como ainda, a combinação das 3 qualidades: *Satwa* - a Harmonia; *Rajas* - a Atividade e *Tamas* - a Obscuridade.

Tudo isso está explicado ainda, na célebre frase atribuída a Jesus: "O meu Pai e o vosso" - e não o nosso "Pai". Sim, porque de fato cada um tem que se unir, como dissemos em outros lugares, a seu Pai, a seu Cristo, etc, (ou a "alma humana unida à Divina, segundo a lenda grega de Psiquê em busca de seu esposo, que outro não é senão o Espírito.

Além disso era o próprio Jesus quem dizia: "Não evocarás as almas dos mortos", e Moisés castigava aos que faziam evocações, por considerá-las como obra de "Magia Negra". E ninguém ousará dizer que nas sessões de Espiritismo não se evocam seres astrais quando todo Ocultista sabe perfeitamente que, estando várias pessoas reunidas, em torno ou não de uma mesa, a corrente magnética se estabelece e, portanto, a evocação está feita no próprio ritual - sem falar no complemento que é o silêncio ou concentração, a luz mortíça e... os próprios "mediuns", que ali não vão para outra coisa.

Em resumo: com a pureza de coração (formação de caráter pelas boas obras e bons pensamentos) e a Sabedoria - que só se alcança por esforços próprios, com a leitura dos livros santos (*Vedas*, da raiz *vid* "saber"; *Puranas* "antigo", etc, representando o tesouro inestimável deixado à posteridade pelos antigos *Rishis* e *Arhats* da nossa mãe Índia; do mesmo modo que, os do velho Egito, inclusive o famoso "Livro dos Mortos", de cujas vertentes se derrama sobre o mundo o que se conhece como "livros teosóficos e ocultistas"), o homem despertará, fatalmente, tudo quanto jaz adormecido em seu seio, como experiência do passado das raças (inclusive o seu) e, finalmente, seu verdadeiro Eu (seu Ego ou Tríade Superior: Atma-Budhi-Manas, que sendo três se faz um...), seu Cristo ou seu Deus, ou melhor, a Divindade de onde proveio. "Desejar a verdade é aspirar à Divindade, principalmente a verdade relativa ao que se refere aos deuses.

Este desejo é como que uma admissão às coisas santas; ela nos incita a instruir-nos nelas e a procurá-las e os dirige, assim, para uma atividade mais santificadora que toda purificação e que toda função sacerdotal. "Plutarco - *Isis e Osiris*, 2.

"A mente humana iluminada é maior do que um anjo e um Deus; a razão intuitiva está acima do sacerdote e da revelação; o domínio de si mesmo é melhor que o jejum, que a mortificação e a prece; a caridade, maior que o sacrifício e o culto", *Gotama, o Budha*.

Do mesmo modo, o imortal Roso de Luna: "Não deve esquecer o teósofo, "devoção" vem de "vas" (anjos, categoria inferior aos homens, dizemos nós, pese isso a opinião contrária de outros!...

O próprio Koot-Hoomi explicou o assunto) e "man", "manú", o homem, vem da radical sânscrita "manas", o pensamento, e portanto, só exercitando sua própria mente com o estudo e não impetrando os favores de ninguém, por excelso que seja, poderá o homem chegar a ser um "velsungo", um "divino rebelde", em suma: um Prometeu (o mesmo dizemos nós, que "roubou o Fogo Celeste" para animar os homens primitivos, simbolizando com isso que o homem deve fazer a mesma coisa, isto é, roubar o "Fogo da Sabedoria Divina" para animar a si mesmo e aos seus irmãos em humanidade, até que Ele - Fogo - viva perenemente no coração de todos).

(5) A Igreja Romana - como em tudo mais - interpreta erroneamente o dito: "Multiplicarei as tuas dores; com dor parirás os filhos", pensando tratar-se da mulher propriamente dita, sem se preocupar com o restante do versículo: "Maldita seja a Terra em sua obra; espinhos e abrolhos ela produzirá".

É, portanto, em referência à Terra, ou lugar onde as "mônadas" vêm em busca de experiência, a que se refere todo o versículo.

A palavra "*angústia*", que é sinônimo de dor, sofrimento, etc, provém de *Angor* (medicina antiga), usada por Hipócrates, como sinônimo, por sua vez, de *Útero*. Daí a dizer-se que o "Crestos" é o homem da "dor" ou da "angústia".

A própria Igreja o chama de "Senhor dos Martírios", "Senhor das Angústias", isto é, com a coroa de espinhos na cabeça, atado e com a cana entre as mãos. Razão ainda porque S.Paulo dizia "que sofria de dor de parto" justamente porque todos os *Crestos* - antes de em *Cristus* se tornarem, terem de "caminhar na estreita ou *angustiosa* vereda do Útero da Terra"... ou dos reinos inferiores (*in-fera*, inferno, etc, etc), por isso mesmo padecendo todos os males de que sofre essa pobre Humanidade, por falta de Luz ou - como já dissemos - por não encontrar "o Cristo em seu Homem interno", segundo o próprio dito de S.Paulo (em *Ephesus*, III, 16 e 17).

A "*angustiosa Vereda*" outra não é senão a mesma que a Igreja dá os vários nomes de "*Via Crucis*", "*Via Sacra*", etc, etc, copiando assim os mitos e tradições muito anteriores à ela.

A mais, as escrituras sagradas do Oriente e até mesmo a Cabala (Kaballah), repetem várias vezes o termo "Útero da terra", etc. (Toda a anotação 5a. foi extraída do nosso 4o. "*Livro de Revelações*").

**A MINHA MENSAGEM AO MUNDO ESPIRITUALISTA V, VI, VII
(Dhânâ No. 72 - 1932)**

ESPIRITISMO, OCULTISMO, TEOSOFIA E MAÇONARIA

A "MAYA-BUDHISTA" E A "RELATIVIDADE"

II

Antes de abordarmos o assunto que prometemos na anotação 1a. desta parte de nossa Mensagem, ou seja, quando nos propusemos a demonstrar Quem, como e porquê se procurou ressuscitar de um passado já morto da Humanidade, aquilo que hoje se conhece com o nome de *Espiritismo*, tomamos como dever preparar o mental de quantos se interessam pelas nossas humildes palavras, por meio de um estudo - embora sintético - das várias etapas percorridas pela mesma (Humanidade) pois, só assim se poderá compreender os motivos que nos levaram a soerguer o denso véu que encobre há tanto tempo um assunto tão transcendente - embora que fartamente discutido, mas quase nada esclarecido - principalmente sob o novo aspecto que lhe queremos dar por meio da seguinte pergunta: Tendo a Humanidade vencido - na sua longa ascensão para o Divino - o estado de consciência em que se acha atualmente - pouco importa se longe ainda do término de experiências por que tem de passar até a sua completa redenção - é admissível que a mesma continue agindo segundo os graus de consciência alcançados em épocas remotíssimas de sua História - embora que todos eles afins ou harmônicos com a infância de sua vida? (6)

Trata-se de uma questão dentro da "lei da relatividade", porquanto não se pode admitir que o estado atual de consciência humana seja igual ao de épocas que a própria História está longe de conhecer; do mesmo modo que, na vida de cada indivíduo (a menos que se trate de um degenerado psíquico e fisiológico), ninguém pode julgar os seus atos de hoje por aqueles que o mesmo praticava há anos atrás e muitas vezes no dia anterior.

Tal como as células orgânicas, o homem evolui ou se transforma a cada instante de sua vida.

E como um exemplo entre muitos, citamos o que diz respeito à nossa promessa de há noventa dias atrás que hoje, em outras condições mentais - pouco importa se *relativamente* inferiores as de outros Homens mais evoluídos - ousamos contrariá-la ou modificá-la, na expectativa de podermos fazer algo de mais proveitoso em prol dos que não encontrando, de momento, algo de mais valioso buscam agasalhar-nos à sombra de tão pequena quão mirrada árvore, como é a nossa.

O grande gênio de nosso século que teve o nome de Mario Roso de Luna, diz no Cap. XXX e último de sua maravilhosa obra *El Libro que mata a la muerte*: "Um filósofo que, como bom filósofo, é polígrafo e como tal, conhecedor de física, de matemática e outras coisas mais, depois de haver vaticinado intuitivamente a valiosíssima questão do peso da luz", lançou valentemente a sua teoria da *Relatividade* - teoria que bem entendida e generalizada outra não é senão a *antiquíssima da Maya-budhista* (o grifo é nosso), reproduzida a seu modo por Schopenhauer, ao considerar (no *O Mundo como vontade e representação*) a tudo quanto nos cerca, como simples representação ou projeção, que dista verdade, da objetividade, quanto nossa mente finita dista da Mente infinita de onde emanou o Universo.

Esse filósofo benemérito - cujo intérprete espanhol vem sendo o catedrático Don Blas Cabrera, é o grande Einstein - nome que por si só representa - segundo palavras daquele nas suas conferências na América e no Ateneu de Madrid - "a vitória dos métodos filosóficos de raciocinar sobre os estritamente científicos; do mesmo modo que, assinala uma era nova, finalizadora do ciclo mental que Newton, ou melhor, Cartesio iniciou". (7)

Já nos temos ocupado, por várias vezes, dessa "Maya-budhista" de que tanto fala Roso de Luna nos seus valiosos trabalhos literários, como a mesma de que se servem as várias Escolas do Oriente - principalmente o Budhismo do Norte, ou a *Mahayana* - através os seus vários significados de "Grande Barca de Salvação", "Larga Vereda", "Grande Caminho", etc, etc - em oposição ao Budhismo do Sul, ou a *Hinayana*, do mesmo modo, com os vários significados de "Pequena Barca de Salvação", "A Estreita Vereda", etc, etc.

Esses termos de "grande e pequena barcas de salvação" estão estreitamente ligados aos da misteriosa "Barca de Osiris", que navegava no "mar da Imortalidade" e outras tantas barcas de que falam as antigas tradições, e de onde a Igreja se serviu para chamar a si mesma de "a barca de S. Pedro", o que importa dizer que aquelas escolas iniciáticas do oriente empregando tais termos, nada mais queriam dizer senão que os seus ensinamentos eram aqueles que conduziam o homem à *salvação* ou redenção, de vis mortais na terra, para uma outra condição superior ou de *ligação* ou *união* (lembremo-nos do mesmo modo da palavra Yoga, que não significa outra coisa) com os mundos divinos!...

Como reminiscência, ainda, das iniciações do velho Egito, encontramos-las na Franco-Maçonaria - embora que duplamente "mayávicas" ou ilusórias, nas *provas* exigidas aos neófitos que dão entrada em seu seio. Dizemos "duplamente mayávicas", porque as primeiras se passavam no mundo psíquico ou Astral, enquanto que as segundas se passam no mundo físico, por meio de simples encenações.

Umas e outras tem por fim iniciar os homens nos segretos mistérios da vida - a começar pelos inúmeros obstáculos que os mesmos encontram a cada passo no seu caminho e que é mistér vencê-los por esforços próprios.

Outra coisa não nos ensina a Esfinge com estas 4 simbólicas palavras: *Saber - Ousar - Querer - Calar*, de cuja posse estando o homem, é prova bastante de que dominou a sua natureza e por isso mesmo, os *quatro elementos* (Ar, Fogo, Água e Terra), que a própria Esfinge representa. E foi por isso que terminamos a nossa palestra pela Rádio, com as seguintes palavras: "Quando o homem chegar a dominar-se conscientemente, dominará também a Natureza, porque conhecendo as suas leis, a Natureza submissa e escrava - obedecerá às suas ordens.

Porém, enquanto imperar o egoísmo entre os homens, os elementos transbordados serão tão caprichosos e cruéis como a humana natureza".

E é assim que tudo neste mundo de *ilusões* não passa de uma "maya" - budhista ou não - como *malhas* de uma rede que, envolvendo o homem por todos os lados, faz-lhe tomar, muitas vezes, "uma nuvem por Juno" - já que no concernente à sua vida particular, é ele mesmo quem a tece - bem ou mal - para recosê-la de novo - qual "Sisypho, mitológico, condenado a rolar eternamente o seu rochedo" (o Karma individual) - até que tal rede, tela ou teia possua

todas as suas *malhas* perfeitamente harmônicas entre si e... com isso possa ele (homem) finalizar o seu exaustivo trabalho na terra...

Daí se concluir, desde logo, dos motivos ocultos que levaram o imortal Roso de Luna a comparar a "Relatividade Einsteiniana" com a "Maya-budhista" - no seu transcendentalismo aspecto - já que a Verdade é concebida por cada homem na razão direta, ou melhor, *relativamente* ao grau de consciência pelo mesmo alcançado através de uma série sucessiva de experiências, melhor dito, tendências ou "skandas" adquiridas nas suas múltiplas encarnações!

Até mesmo no campo espiritualista - segundo a nossa *concepção do momento* - não só o que se conhece como Religiões - principalmente as ocidentais - como o *Espiritismo* (no seu aspecto mais em voga de Animismo ou o que lhe retira o direito ao título, do mesmo modo, incluindo as Ciências Ocultas - que já explicamos não ser o mesmo que Ocultismo, pois um é a violação das leis ocultas do Universo e o outro, a posse completa dos seus conhecimentos, sem a sua transgressão...) e, finalmente, a Teosofia (ou um dos muitos nomes com que em todos os tempos se procurou expressar a Verdade, na sua original pureza com: *Gupta - Vidya, Sanatana - Dharma, Religião - Sabedoria*, Doutrina Secreta e mil outros termos) se manifesta a "Lei da Relatividade" ou a misteriosa "maya-budhista" porquanto, o grau de consciência dos seus prosélitos está na razão direta dos reais valores dos mesmos (ramos do Neo-Espiritualismo) para não dizer, das várias modalidades com que a Verdade se manifesta em cada um deles.

Se se queixe fazer um estudo comparativo (ou de relatividade) entre tais Ramos do Neo-Espiritualismo com os 3 mundos da teoria de Plutarco, acharíamos que as religiões (ocidentais, porque as orientais cogitam de coisas transcendentes, como: Reencarnação, Karma, etc, sobressaindo entre todas, o Budhismo) quase que se pode afirmar, não saem das raias do *Mundo físico* porque os seus valores são puramente terrenos - mesmo quando prometem "a salvação eterna" - pois o fazem por processos puramente físicos (para não dizer, condenáveis pelo próprio Ser de cujo Nome se servem), como sejam: missas pagas por bom preço (esquecendo a passagem bíblica dos "vendilhões do templo"), indulgências, santos que se *trocam* por dinheiro (*trocam* para não serem profanados com o termo "vendem" - embora que o Vaticano tivesse colocado as suas efígies nas moedas pelo mesmo cunhadas ultimamente, enviando uma coleção aos governos dos diversos países do mundo...!) - processos esses, dizemos nós, que nada tem de filosóficos, muito menos de científico-religiosos... mas, dignos de figurar na conhecida obra do Pe. Antonio Vieira, que tem por título "Arte de furtar" - pois como é sabido, só por esforços próprios o homem alcançará a sua salvação na terra, porquanto, contrariamente seria algo assim como era permitido fazer-se outrora em algumas países, onde o sorteado pagava a outro para servir em seu lugar...!

Quanto ao espiritismo, é a Ponte misteriosa que conduz o homem à outra margem da vida, para que o mesmo possa banhar-se nas puras e tranqüilas águas da Imortalidade - à guisa daquelas tradicionais "barcas de salvação" de que já nos ocupamos. Porém... aí daquele que teimar em ficar estacionário sobre a referida Ponte! Passará pela desilusão de a ver transformada em um mísero *Pontilhão de dormentes carcomidos*, que oscilando debaixo de seus pés acabará por ceder, deixando o fatigado peregrino da Vereda da Vida, cair exangue nas profundezas do abismo, sobre o qual estava edificada a mesma Ponte...!

Ninguém pode alcançar os andares superiores de um edifício qualquer, sem tocar nos (andares) inferiores! Por isso mesmo, como Passagem de um mundo para outro, tal ponte é uma necessidade imposta a todos os seres - embora que a mesma se reflita no seio de cada homem como conquista de um passado longínquo da evolução dos seres (referimo-nos aos poderes psíquicos latentes no homem, para não dizer *esmagados com a vitória do Mental*, por ser um estado de consciência imediatamente superior... e que é aquele ora em desenvolvimento pela Humanidade, a caminho do Espírito); mas para nela viver perenemente... é como encetar uma longa caminhada e deixar-se desanimar no meio... embora que, divulgando no Horizonte à sua frente, o término da mesma jornada; a Terra promissora onde iria descansar, uma vez para sempre, das grandes investidas para alcançar a outra margem da Vida, tentadas nas suas várias encarnações...!

E daí o Espiritismo sendo harmônico com o mundo psíquico, anímico ou Astral, nada ter com as questões do Espírito, que só podem ser encontradas num mundo imediatamente superior (8).

Haja vista o que nos ensina *A Voz do Silêncio* (este incomparável tesouro literário extraído do *Livro dos Preceitos de Oiro*, para uso exclusivo dos *Ianús* ou discípulos): "O nome do *Segundo* é Vestíbulo da *Instrução* (probatória, dizemos nós).

Nele a tua alma encontrará as *flores da vida*; porém, debaixo de cada flor uma serpente enroscada. Essa região não é outra senão a do Astral ou o mundo psíquico de percepções super sensíveis e das visões enganadoras...!

Na mesma *Voz do Silêncio*, encontram-se mais estas palavras repletas de um saber transcendente: "As sementes da Sabedoria não podem germinar e crescer no espaço sem ar. Para viver e colher experiência, o espírito precisa de âmbito e profundidade, além de pontos que o guiem para a Alma de Diamante (*Vajradara*, o Senhor de todos os mistérios). *Não procures* (todos os grifos são nossos) *esses pontos no reino de Maya*, mas, *ergue-te acima das ilusões; busca o eterno e imutável Sat* (a única realidade e verdade eterna), *desconfiando das falsas sugestões da fantasia*".

"Porque a mente é como um espelho; cobre-se de pó ao mesmo tempo que reflete. É preciso que as *ligeiras brisas da Sabedoria da Alma venham limpar o pó das nossas ilusões. Procura, ó principiante, fundir a tua mente com a tua alma!*"

Só essas últimas palavras bastariam para iluminar o assunto posto hoje no tapete da discussão!... "Afasta-te da ignorância e também da ilusão. Volve o rosto às decepções do mundo; desconfia dos teus sentidos; eles mentem. *Mas dentro de teu corpo* - escrínio das tuas sensações - procura no *impessoal o Homem eterno*. E tendo-o procurado, olha para dentro; tu és Budha". (9)

Daí o *Terceiro Vestíbulo* (ou aquele que se acha logo acima do anímico, psíquico ou astral), ser o da *Sabedoria* sobre o qual se estendem as águas sem ondas de AKSHARA, a fonte inesgotável de Onisciência, ou a *região da plena Consciência espiritual*, onde não mais perigo existe para aquele que A alcançou", justamente por não estar mais sujeito à "mayas-budhistas" ou às "leis de relatividades", mas, a da *Vida Una*... que resolve todos os problemas!...

Finalmente, a *Teosofia* é algo assim como a "Estátua viva da Liberdade ou Redenção da Alma entregue ao Espírito", por isso mesmo, de braços abertos do outro lado da *Ponte*, para receber do Irmão carinhoso e Amigo, que é o

Espiritismo, todos quantos, vitoriosos, atravessaram a Ponte sem cair no abismo das ilusões dos sentidos, ou das falsas *miragens* que se apresentam no Deserto árido da Vida! (10)

Daí o afirmarmos que as religiões ocidentais representam o corpo físico o *Espiritismo*, a Alma em ânsias de Redenção e a Teosofia, o Espírito, como Sede da Sabedoria.

Todos eles, roseiras, com maior ou menor quantidade de espinhos, já que em mãos de humanas criaturas - segundo o "errare Humanum est" - sujeitos estão às melhores ou piores interpretações dos homens, tal como a que acabamos de fazer neste momento, do mesmo modo que, obedecendo à questão que serve de título a este Capítulo de nossa Mensagem, ou seja: *A Maya-budhista e a Lei da Relatividade!*...

H.J.Souza

Presidente da S.T.B.

(6) O próximo capítulo desta Mensagem será um estudo teosófico sobre as raças anteriores, com citações dos mais afamados escritores, sobre a Atlântida ou o último Continente desaparecido, como um preparo mental para os leitores desta revista poderem ajuizar da resposta que vamos dar à nossa própria pergunta feita no presente Capítulo.

No entanto, o que hoje apresentamos já é material bastante para uma perfeita concepção daquele e outros estudos futuros - sem falar nas anotações como comentários às fotografias da "Montanha Sagrada", do mesmo modo publicadas no presente número.

E por falarmos na "Montanha Sagrada", não podemos deixar de aproveitar a ocasião para instruir - tanto quanto nos permite o pouco que sabemos - à algumas pessoas que, tendo recebido o número anterior desta revista, ousaram criticar o termo "sagrado", que demos a um lugar para nós merecedor de outro (termo) mais valioso ainda, se é que ele existe.

Culpado, porém, foi aquele que transgredindo ordens superiores de "só ser a mesma revista distribuída entre pessoas e Associações de "elite", ou melhor, *relativamente* em condições de compreender o que nela se divulga, o fez - em ânsias fraternais de auxiliar o próximo - esquecendo, ainda, aquele mui apropriado dito que se atribui ao Nazareno, de que "não deveis atirar pérolas aos porcos" - embora que fosse o mesmo que ensinou por meio de símbolos e parábolas - tal como o fizeram os demais - porquanto tais símbolos e parábolas não são mais do que "mayas-budhistas" e "relatividades" com que se iniciam os homens - aquela parábola do "Bom Semeador", maravilhosamente aplicada no caso da S.T.B. segundo o seu lema "Spes messis in semine" ou "A Esperança da Colheita reside na Semente". Sim, porque se contarão aos milhares as sementes que não germinarão, "caindo em terreno árido", mas algumas (pouco importa o número), das que caindo em terreno fértil, germinarão e darão bons frutos no futuro!...

E era por isso que um Ramakrishna, por exemplo, dizia: "Nascerei tantas vezes quantas forem necessárias, para salvar um só homem que seja!..."

Assim é que fomos taxados de "malucos e fanáticos", sem que os nossos amáveis juízes tivessem se dado ao trabalho de lançar os olhos para a capa interna desta revista onde se trata do Programa e meios de ação da S.T.B., principalmente quando se fala no "combate intensivo ao analfabetismo, aos vícios e maus costumes sociais, a *superstição*, ao *fanatismo*, à mentira e ao erro, pouco importa a maneira pela qual se manifestem"...desde que são os maiores obstáculos à evolução humana, embora saibamos "que a Natureza não dá saltos", mas a própria Lei que a rege, exige que alguns Homens mais distanciados da maioria (não nos referimos à nossa humilde pessoa, mas Àqueles a quem servimos!...) apontem as dificuldades da Vereda da Vida... mesmo porque, todas as coisas necessitam ter o seu começo, a fim de marcharem, normalmente ou não, segundo as "mayas-budhistas e relatividades" naturais ao mundo da objetividade.

Assim aconteceu com a Verdade impulsionada pelo Planetário no "começo da Ronda", Verdade que se apresenta com várias modalidades em tudo quanto existe na face da terra, como já tivemos ocasião de dizer, e... que para voltar à sua prístina integridade, exige que nós e outros muitos nos sujeitemos à toda espécie de sofrimentos - inclusive passarmos como "fanáticos e malucos" pelos que possuem a Verdade fragmentada e com o potencial de 3 ou 4, por isso mesmo sem a *relatividade* necessária para que os que A possuem com o potencial 7, por exemplo, pouco importa se longe ainda da Verdade por inteiro ou na sua original pureza!

E foi por esse motivo que, embora com ar de gracejo, mas com muita propriedade, Einstein - o descobridor da Relatividade - proferiu: "Não se pode conceber *relatividade* em um cérebro grande com inteligência curta". E como exemplo, poderíamos citar o nosso incomparável Ruy Barbosa, cuja cabeça era relativa à sua *formidável* potência mental! Baiano como nós, mas sem a devida *relatividade* entre as duas capacidades intelectuais, porquanto era incomensurável a distância que separava uma da outra.

No entanto, não nos aflige a falta de *relatividade* entre a nossa cabeça e o que podemos produzir de valioso para o mundo, porquanto ambas as coisas são pequenas: cabeça e valores intelectuais!

Voltando à nossa condição de "Réu" (confesso) perante *um tão provecto Tribunal*, por estarmos incurso no "Art. 777 do Código do Manú" da Sétima sub-raça, ou seja, o que só permite falar-se em "Montanhas Sagradas" e *outras coisas mais*, diante de pessoas que não estejam por sua vez incursas no "Art. 666 do Código das velhas Raças que se foram"... - dizemos que muito mais "malucos e fanáticos" seríamos pois, aí sim, estaríamos sujeitos à "pena máxima", ou de morte - embora que, naturalíssima - tal como tem acontecido com outros Seres muito mais evoluídos do que nós - por se terem excedido nas suas revelações ao mundo profano.

E assim, na opinião de nossos *ilustres e severos juízes*, todas as Montanhas Sagradas" ou iniciáticas, de quem falam os antigos códices, como: *Monte Sinai*, *Monte Gólgota*, Tabor, Merú, Al-Bordi e dezenas de outras, não tem direito ao sub-título de "sagrada" - do mesmo modo que não deveriam ter o *Pavilhão nacional*, quando em forma poética e do mais acrisolado civismo (a parte as estúpidas idéias "xenófobas", como contrárias ao mais belo dos ideais - a Fraternidade Humana) se diz "*O Sagrado Pavilhão de Nossa Pátria*"; ou até mesmo quando nós outros da S.T.B., referindo-nos ao papel grandioso que cabe ao Brasil (juntamente com as demais nações sul-americanas), dizemos: "O Brasil, cujo nome simbólico define perfeitamente o seu papel maravilhoso de conservador do "Fogo Sagrado", etc.

Para o mais exigente desses nossos amáveis Juízes, são apenas *sagrados* os "*santos de sua Igreja*" - embora que o seu tão apregoado *Jesus* houvesse proibido "a adoração de ídolos!" *Sagrada* era ainda a *Santa Inquisição*, até

mesmo quando queimava nas suas fogueiras armadas em praça pública, os que não concordavam com tão fantástica ou "mayávida" *santidade!* *Sagradas*, ainda, as larvas astrais, cascões ou almas dos defuntos (*kama-rupas*: veículos de desejos e paixões), que se apresentam nas sessões de Animismo que o mesmo frequenta - já que se trata de um "anfíbio espiritualista" (perdoem-nos o termo), ou "Uma nau temerosa de mau tempo" que se serve de duas amarras: Catolicismo e Espiritismo!...

Não é possível fazermos - numa simples anotação - um estudo desenvolvido sobre a palavra "louco". Diremos apenas que a mesma provém do termo sânscrito "loka", que quer dizer, "lugar" - já que a loucura não é mais do que um estado de consciência relativo a determinado *lugar* ou plano em que se colocou o indivíduo. Por isso mesmo, aquilo que é uma realidade para quem esteja nesse grau de consciência, se torna confuso, incompreensível ou ilusório para os que vivem em outro lugar ou plano. Com isso, mais uma vez se prova a "lei da relatividade" e, até mesmo da "maya-budhista".

No entanto, *louco* chamava-se a si mesmo S. Paulo; *loucos* tem sido para os homens vulgares, todos os grandes Iniciados que a este mundo vieram; loucos foram *Galileu*, *Newton*, *Beethoven*, *Wagner* e outros tantos gênios, que apresentavam pela primeira vez, coisas que o mundo não conhecia, mas logo depois as adotava como belas e necessárias; *loucos*, são ainda os que falam de *Montanhas Sagradas*, de *Mahatmas*, gênios ou "jinas" - como Seres de uma "Hierarquia Oculta" - e outras coisas mais, que a Humanidade, na sua ignorância crassa, ousa contestar e até ridicularizar... como se alguma vez na vida tivesse empregado as suas atividades mentais na solução de tão transcendentes problemas - porque, do mesmo modo, são *loucos* os que se acham em lugares tão elevados que as mentalidades vulgares não os podem atingir... *Maluco*, é provável que sejamos; mas, "mentecapto", nunca! Porque "maluco" é uma corruptela dos dois termos "mau" e "louco", o que importa dizer que não somos *bem ou muito* loucos, mas sim, pouco loucos. *Bastante* ou bem louco, nesse caso, só poderia ser quem se arvora em juiz de coisas que não conhece! !! É o mesmo fato que se dá quando alguém, falando de uma casa assombrada, prefere chamá-la de "mal assombrada"; assim sendo, ninguém deveria temê-la - já que ela não é *bem* ou muito assombrada!...

Toda e qualquer pessoa que dê a outra os títulos de "maluca", "fanática" e outras coisas mais, pelo simples fato de chamar à uma "Montanha" de *sagrada*, dá direito a que se lhe devolva tais títulos, por serem exclusividade sua. Vê-se no caso vertente - onde se conta o milagre sem apontar o *santo ou santos*... (da corte terrestre) que se trata de pessoas ignorantíssimas em matéria oculta, ou melhor, em *Simbologia Arcaica* e... ao mesmo tempo, sem nenhuma vigilância dos sentidos. Senão, porque razão admite chamar-se de "lar sagrado" - ao seu, por exemplo? Do mesmo modo, quando um dos seus credos (a face católica e não a espírita) usa os termos "sacra ou sagrada Família", em referência a trindade mítica Jesus-Maria-José (da qual nos vamos ocupar em um dos futuros capítulos desta Mensagem); da "santa eucaristia" (copiada do Santo Graal, pela sua Igreja), ou quando em forma poética se diz "os sagrados laços do matrimônio" e a tudo mais quando se considera como *são*, *santo ou perfeito*?

Porque razão, ainda, a *sacra mentalidade* de nosso queridíssimo irmão (não em tom pejorativo, mas porque de fato o é, quer queira ou não), não critica a Medicina quando chama de "região sacra", àquela que corresponde ao "osso sacro", colocado na parte inferior da coluna vertebral e que se articula com os ossos íliacos, para formar a bacia? E que outra não é senão a que simboliza o *sacrossanto* mistério da criação dos seres - mas que, desgraçadamente, deixou se ser "sacra" para ser motivo de gozo ou prazer por parte dos degenerados psíquicos de todos os séculos - desde que a Humanidade se separou em sexos?

Muito pior ainda... os que abusam de tal região por meio de vícios contra a Natureza, cuja consequência funesta - na maioria dos casos - é a que faz os "mentecaptos" (mens-capta)... que por aí existem, pelo fato, justamente, do abuso de tal região que, em sentido oculto, se acha vis-à-vis ao centro de força (chakra) colocado no frontal - já que pela "lei de relatividade" ou da célebre fórmula hermética de que "o que está em baixo é igual ao que está em cima" - ocasionar o enfraquecimento do superior e daí... a loucura!...

No número anterior desta revista, explicamos o verdadeiro sentido do termo "mentecapto", que aliás possui um duplo sentido - como tudo na vida (exotérico ou esotérico) ou seja, de "mente captada" por alguma coisa e "mente" que abandona o indivíduo aos seus impulsos... passionais, psíquicos, etc, etc.

Nas escrituras teosóficas encontra-se a cada passo, "a luta entre o Eu e o Não-Eu", ou melhor, entre a Alma humana e a Alma Divina. Como nenhum outro autor explica muito bem o caso - na sua incomparável linguagem - o imortal Roso de Luna: "A Besta vive em sua carne; o Pensador, em seu Pensamento e o angélico Augoides, em supremas esferas, onde tudo é amor, harmonia, verdade e ordem, e tudo mais quanto por divino reputamos aqui em baixo, já que o Homem, com maiúscula, é de divina estirpe, segundo Pitágoras, David e demais Iniciados nos místicos segredos dos céus e da terra".

A luta entre os gladiadores romanos, por nossa vez, dizemos - tal como as touradas e outras coisas, mais que ainda se fazem nesta mísera terra... - nada mais é do que uma reminiscência das provas iniciáticas da velha Atlântida.

Um dos lutadores trazia uma rede (lembrai-vos do que se disse a respeito da rede, tela ou teia de Maya por tecer e recoser de novo...), com a qual procurava, a todo custo, *colher ou captar* o adversário. Ao lograr o seu intento, punha a espada na garganta daquele que tinha sido colhido na rede (de Maya, a ilusão dos sentidos) e esperava atento o sinal do Cesar (simbólico de Karma) para decepá-la de um só golpe.

Enquanto isso, a assistência gritava: "O peixinho foi colhido na rede; dá-lhe o castigo que merece"!... Esse termo "peixinho na rede" se relaciona com o signo de Saturno (*Piscis* ou Peixes), cujo verdadeiro sentido é-nos vedado revelar de público!...

Assim é que o gladiador vitorioso simboliza o Mental Superior e o vencido, o Mental Inferior... colhido nas bem tecidas malhas (ou mayas) da rede de Maya!... Razão porque o verdadeiro sentido oculto de "mentecapto" (mens-capta) seja, de que o indivíduo foi colhido ou vencido pelo Mental, por ter justamente preferido as coisas de um mundo ou estado de consciência inferior aquele: o Astral ou mundo das ilusões dos sentidos. E uma das razões... porque somos forçados a bater na mesma tecla sempre - embora que isso desagrade a muita gente... mas a quem lembramos que ninguém procura sofrimentos pelas suas próprias mãos!... Por isso mesmo, "muito mais difícil é julgar do que ser julgado". Acontece que o sofrimento é muito maior para quem tem de apontar o erro... do que mesmo para quem errou, quase sempre por ignorância! Assim sendo, que façam o mesmo conosco, segundo o que já ensinava a Mestra H.P.B.:

"A crítica mútua é a política mais sadia e ajuda a estabelecer regras finais e definitivas na vida prática, não meramente teórica". E acrescentava: "Temos tido teoria de sobra"...

Quanto ao termo "fanático", a nossa linguagem "*desassombrada*", o nosso Programa, meios de ação e... até os fenômenos naturalíssimos que se deram no começo da Obra em que estamos empenhados - fenômenos para *assombrar* pessoas ignorantes, ou que desconhecem as leis ocultas da Natureza - respondem "quae-farte" se merecemos tal título!...

E, finalmente por se tratar de um caso todo especial ou de ordem privativa, transformado em profano pela intromissão indébita de um Juiz ou autoridade sem competência para julgar casos tais, nos servimos de preceitos ou idéias novas de defesa, embora que taxadas de "chicana" por novos juizes que se apresentarem, cristalizando os cânones fundamentais do direito penal moderno "nullum crimen sine lege", "nula paena sine lege", "nula paena sine crime", como o preceito constitucional do art. 72 # 15 - "que ninguém será sentenciado senão por autoridade competente, etc"!...

Leiam os que quiserem e interpretem... os que puderem!

(7) Em continuação ao que citamos de Roso de Luna, na sua monumental obra *El Libro que mata a la muerte*, encontra-se: "É certo que anteriormente a Einstein a Relatividade já estivesse admitida desde o século XVIII com as descobertas das geometrias não *euclidianas*, de que fizemos menção no primeiro capítulo; porém, graças a Einstein, tais descobertas tomaram outro caráter na mecânica e na física, apagando dois postulados que antes eram tidos como infalíveis, a saber: a absoluta rigidez dos sólidos percorrendo o espaço e a independência filosófica dos dois conceitos ou *categorias* de Tempo e Espaço, postulados que a ciência pode explicar nos dois enigmas da física *newtoniana*, que se chamam encurvamento do raio luminoso ao passar pela borda dos campos celestes e a interpretação mecânica da rotação do periélio de Mercúrio, que os astrônomos Eddington e Cromwells comprovaram em um dos últimos eclipses. Ademais, seria absurdo que a relatividade regesse em matemática, em mecânica, em física, etc, e *não regesse na manifestação suprema e contínua das leis dessas ciências que constituem o fenômeno da Vida* (todo o grifo é nosso).

E se a Vida é uma idéia como todas, relativa, a idéia contrária de Morte também tem que ser *relativa*, porque os chamados ciclos vitais das formas não se manifestam senão, a custa da morte de outras vidas, que assim encerram um curso evolutivo, e tão relativo e fugaz é um como outro em boa filosofia".

(8) O erro está no Espiritismo conceber o Astral como tudo quanto se acha acima de nosso mundo físico, taxando-o apenas como: Astral Superior e Astral Inferior, quando de fato o Astral possui, como os demais planos, sete sub-planos ou qualidades de matéria e por isso mesmo, não sendo errôneo, no ponto de vista teosófico, encontrar nele algo que se possa chamar de Astral Superior, do mesmo modo que Astral Inferior.

Porém, onde ficam outros estados subtilíssimos de matéria, impossíveis portanto de misturar-se até mesmo com o Astral Superior? Da mesma maneira que o azeite não se mistura com a água, assim, essas várias qualidades de matéria - ora de uma só e mesma procedência - tal como as cores do espectro solar (vide por exemplo o arco-íris, que nos apresenta sete cores distintas e uma só verdadeira, que é ele próprio, em sua síntese; do mesmo modo que as sete notas da gama musical que sendo diferentes ou com vários tons, se transformam em harmonias extraordinariamente belas, por isso mesmo resolvendo o magno problema da "unidade da diversidade"...

Chamamos a atenção do leitor para o que dizemos neste sentido, em a nossa palestra pela Rádio, publicada no presente número desta revista, enquanto não chegue o capítulo da presente Mensagem, onde seremos forçados a tratar do assunto com maiores detalhes.

(9) Ser-se Budha e até mesmo Cristo - segundo o dito da *Voz do Silêncio*, não implica em que ninguém se transforme nos Seres que o vulgo pensa terem possuído tais nomes, embora que, segundo a mais cristalina de todas as Verdades "de que tudo tende para a Unidade", fosse admissível semelhante suposição.

Este assunto está sobejamente explicado nas págs. 45 e 46 do número anterior desta revista, por isso mesmo desnecessário de ser aqui repetido. Dizemos apenas que o *Budha* vem do termo sânscrito *Bodhi*, que quer dizer: Sabedoria perfeita ou estado de *Samadhi*, isto é, em que foi realizado o mais alto grau de consciência espiritual. E Cristo, como já se viu em número anterior, é o Ungido, o Iluminado, etc, o que tanto vale pelo primeiro termo. Assim é que, tanto se poderia dizer Jesus, o Budha; como Gotama, o Cristo; do mesmo modo que Jesus o Cristo e Gotama o Budha.

A famosa "Árvore de Bodhi", debaixo da qual o Senhor Gotama, pela meditação, resolveu os mais complicados problemas da Vida, outra coisa não significa senão a "Árvore do Conhecimento" (de que o *Banian* é apenas um símbolo) e sob a qual todos os homens devem acolher-se. A mesma coisa exprimem todas as "Árvores simbólicas das tradições antigas", inclusive a da "Ciência do Bem e do Mal" (que a Bíblia aponta como existente no "Paraíso terrestre", o que é errôneo segundo a interpretação dada pela Igreja, mas certo, na de que os conhecimentos divinos são adquiridos no "mundo físico" ou "Paraíso terrestre").

Já tivemos ocasião de dizer em outros artigos nossos, que os conhecimentos são de duas espécies: esotéricos ou secretos, para os eleitos ou pessoas capazes de compreender a linguagem velada dos "Grandes Mistérios da Vida" e exotéricos ou revelados (duas vezes velados) para os profanos.

E era por isso que o Mahatma Morya dizia a respeito do Livro de *Kiu-té*: "O conhecimento pode ser de dois gêneros: real (*Dgyn*) e irreal (*Dgyn-mi*). *Dgyn* ocupa-se das causas primárias e das verdades eternas; *Dgyn-mi* somente dos efeitos ilusórios (*mayávicos*, dizemos nós). *Dgyn* não depende absolutamente do que o homem crê ou deixa de crer; *Dgyn-mi* exige a fé e repousa na autoridade".

E por falar em Budha, não podemos deixar de fazer aqui uma ligeira crítica a respeito de uma obra espírita que tem o título de *Revelações dos Papas* que, seja-nos permitido dizer, deveria desaparecer da coleção de obras desse gênero, por ser uma desmoralização à própria doutrina espírita.

Trata-se da obra de *afamado* "medium espírita" do Rio, como compilação de várias comunicações espíritas de homens célebres da História, inclusive Papas e até o próprio Senhor Gotama... que, como *Jesus*, condenava as evocações e tudo quanto se relacionasse com as almas dos mortos! Tais comunicações vinham por intermédio do próprio autor.

Para não dispendermos tempo e papel com semelhante obra, basta dizer que nela se encontra uma comunicação do Senhor Gotama, onde o mesmo pede perdão à todas as pessoas presentes e promete-lhes (cúmulo da

profanação - para não dizer mistificação vergonhosa!...) que, na "sua próxima vinda ao mundo será como espírita!..."E dizer-se que *Espíritos Superiores* ignoram quem foi Gotama, o Budha, para O desprezar e ridicularizar dessa maneira, enquanto que a Jesus que nem ao menos possuiu tal nome, pois em *arameu*, que foi a sua língua natal, ela não existe, como também nenhuma outra palavra, que traduzida para as demais línguas do mundo pudesse ser essa - é o Nome mil vezes repetido por todos eles (Espíritos Superiores, que se apresentam na maioria das sessões de Animismo!...)

Já temos dado explicações de sobra para que não nos queiram tomar como "inimigo do Espiritismo", do mesmo modo que não o somos de ninguém, nem de nenhuma coisa, a não ser de todo e qualquer erro que possa prejudicar a evolução humana! Em todo o caso, se houver alguém capaz de nos julgar como tal, aqui estamos para aclarar as idéias ou desmanchar confusões!...

Ao contrário, no "mundo espírita", contamos com um grande número de amigos - alguns até honrando-nos com uma confiança que não merecemos, em tomar-nos conselhos sobre a magna questão que interessa tanto a Teosofia como o Espiritismo - qual seja a do progresso espiritual da Humanidade; do mesmo modo que favores de inestimáveis valores à S.T.B. - na sua (dele, Espiritismo) ânsia incontida de praticar o Bem, onde o mesmo se faça necessário! Com tudo isso, embora o Dever que nos foi imposto, ou melhor, nos impusemos a nós mesmos, está acima dos deveres sociais e de outras naturezas, por mais que eles tenham calado de maneira excessivamente carinhosa, dentro de nosso coração!

Como poderíamos, por exemplo, condenar alguém por ter nascido com poderes psíquicos *transbordantes* - para não dizer, desenvolvidos - quando sabemos que isso só tem acontecimento com aqueles que trazem missão especial ao mundo? Ou melhor, por "skandhas" (tendências) de outras vidas passadas, que lhes permitem tal missão kármica?

Não condenamos, tampouco, os que procuram desenvolver tais poderes latentes (em todo homem), desde que, depois de adquiridos não os desperdicem com assuntos que não são da sua alçada ou missão - mesmo porque se o fossem, segundo a própria "lei da relatividade" e até mesmo da Lei Universal, que não é falível em nenhum caso, o Karma incumbir-se-ia de lhes dar congênitos! Todo aquele que contraia a Lei se torna vítima dessa mesma Lei!...

Entre os possuidores de poderes psíquicos *transbordantes* ou excessivos, figura, por exemplo, um Francisco de Assis, que era o primeiro a admirar-se dos *milagres* que fazia, a ponto de ajoelhar-se e orar a *Deus*, pedindo-lhe perdão por aquela graça alcançada, mas para a qual ele, Francisco de Assis, não tinha empregado a menor parcela de esforço, o que vem comprovar o que afirmamos de "ser um crime a provocação de fenômenos dessa natureza"...

E foi por isso mesmo que o Senhor Budha (não o que apareceu nas sessões do autor de "Revelações dos Papas"... mas o verdadeiro!), quando o rei de Prasenajit - seu protetor - Lhe pediu que fizesse alguns milagres, ter respondido: "Grande Rei, não ensino a Lei aos meus discípulos, dizendo-lhes: Ide, ó santos e aos olhos dos brahmanes e dos pais de família, fazei - graças aos vossos poderes sobrenaturais - milagres superiores àqueles que outro qualquer pudesse fazer. Ao contrário, digo-lhes quando ensino a Lei: "Vivei, ó santos, ocultando vossas boas ações e mostrando os vossos pecados".

Com franqueza, se o nosso estado de consciência fosse *relativo* à qualquer das religiões existentes outra não adotariamos senão o Budhismo, por ser a única que conserva maiores traços da Religião-Sabedoria, pregada pelos nossos Pais ou antepassados; os fundadores dessa grande "família espiritual", que se chama Humanidade! Porém, não o Budhismo do Sul mas o do Norte.

O primeiro, por superior que seja à qualquer das outras religiões (basta a sua crença nas sábias leis da Reencarnação e Karma para provar superioridade!...) acabou sob o domínio férreo da superstição e do fanatismo, tal como aconteceu com as demais religiões do mundo!...Algo de semelhante se encontra nas doutrinas de Confúcio, no Norte e de Lao-Tzé no Sul da China, ambas como traços das de Sakia-Muni (Çahya-Muni), partidas do Tibet e invadindo a China. Do mesmo modo, quanto às origens do Cristianismo, como se pode verificar na definição de Budhismo (por sinal que escrito com um *D* apenas). que dá o erudito Frei Domingos Vieira, no seu Dicionário da Língua Portuguesa: "No Cristianismo existem vários traços do Budhismo na sua formação"...

Além disso, já o Pe. Kc declarava a mesma coisa ao mundo (embora indiretamente... mas que Lhe custou a sua excomunhão e expulsão da Academia Francesa) através das suas valiosas obras: *Dans le Thibet*, *Dans la Tartarie*, etc. O erro está em se pensar que Krishna, Budha e outros Iluminados foram os criadores das religiões que levam seus nomes. Interpelado certa vez a tal respeito, respondeu o insigne Teósofo espanhol Roso de Luna: "Todos Eles foram Seres Superiores que nos deram doutrinas eficazes para que nós, com os nossos próprios esforços nos redimíssemos. Nenhum deles fundou a religião confessional que se lhes atribui (todos os grifos são nossos).

Quem logo fundou todas elas, foi o imperialismo de seus pretensos discípulos, os quais escravos do inerte dogma que criavam, esqueceram que "religião" - não "crença" - não é senão a dupla "ligadura" (ligação, se o quiseram) de fraternidade entre os homens, segundo a sua própria etimologia latina.

Sim, imperialismo psíquico, sucessor fatal de todo imperialismo físico. Ao império romano sucedeu o império psíquico papal; ao império físico espanhol, o império psíquico jesuíta. Em Mahoma os dois imperialismos se apresentaram juntos.

A mesma H.P.B. considerou as religiões como "róseos contos infantis e meios de exploração e domínio"; e as suas "revelações como duplos véus (ou "mayas", dizemos nós neste artigo tão a propósito) lançado sobre a Sabedoria Iniciática das Idades, que foi antes de tudo, Ciência: uma Ciência perdida que é mistér descobrir".

Voltando ao Budhismo do Sul, alheio - por completo - às grandes verdades que conserva ainda o do Norte, citaremos - entres muitos - um fato conhecidíssimo do "mundo teosófico", comprovante do que dissemos acima, a respeito do fanatismo e superstição que no mesmo imperam: Indo H.P.B. visitar um Templo Budhista existente no Ceilão, um dos seus sacerdotes apresentou-lhe um rico estojo contendo enorme dente, que é conservado com todo respeito e veneração, como tendo pertencido ao Senhor Gotama.

Interpelada H.P.B. se não acreditava que tal dente tivesse pertencido ao Bhagavad (Bem-aventurado), ela respondeu (com a possível seriedade que se pode guardar em casos tais): "Sim, do tempo em que o mesmo foi pantera"...!

Do mesmo modo, quanto à uma concavidade existente em uma das rochas da localidade, que se assemelha a um enorme pé, e que é tida como uma "pegada do Senhor Gotama" que dizemos nós agora, não poderia ser nem

mesmo se tempos remotíssimos da vida humana, que a própria História desconhece - Ele tivesse um dos mais gigantescos lemurianos...!

Quanto ao Budhismo do Norte (Índia) e com o nome de Lamaísmo, por todo Tibet e Mongólia, principalmente o que é conservado em certas Fraternidades secretas (porquanto nessa espécie de Budhismo, como em tudo mais, não faltam fanáticos e supersticiosos) dizemos em tais Fraternidades lamaístas secretas, é onde se encontram os maiores traços da Verdade primitiva pregada pelos nossos Pais ou antepassados.

Verdade que, como disse H.P.B. em palavras por nós citadas em outros lugares desta anotação, é hoje "uma Ciência perdida, que é mistér descobrir" (trabalho esse a que se propõe a Teosofia no mundo, pouco importando as suas várias escolas ou modalidades, desde que a "Verdade é uma só, embora que os homens lhe dêem nomes diferentes, como diz o *Rig-Veda*). Vide o que se tem dito do Teshu-lama no Tibet, etc, em outros números desta revista.

Sem podermos entrar em certos detalhes, já que são de ordem privativa da S.T.B., dizemos apenas que a Obra em que estamos empenhados teve por ponto de partida ou origem, tais Fraternidades secretas. E a prova está na "maya-budhista" do seu início... por meio de fenômenos, cada qual mais desconcertante, afim de poder ser feita a escolha ou "separação do bom trigo do joio"... e logo a Obra implantada na Terra, a suspensão imediata de tais fenômenos (como tivemos ocasião de falar em uma anotação das fotografias da "Montanha Sagrada"). Tais fatos, que o vulgo teima em chamar de "milagres", embora naturais, por serem regidos pelas Leis da Natureza... tiveram acontecimento quando esta Sociedade era ainda portadora do nome "DHÂRANÂ" e... por isso mesmo imediatamente modificado para o que ela é portadora na atualidade... E paremos aqui!

O mesmo fato se deu com a S.T. fundada por H.P.B. e o Cel. Olcott, como se pode verificar por exemplo, a pág. 15 da obra *Lettres des Maitres de la Sagesse*, quando diz: "Quando o Miracle Club desapareceu a S.T. nasceu". H.P.B. escrevia naquela ocasião: "Ordens recebidas da Índia, exigem a constituição de uma Sociedade filosófico-religiosa, com a escolha do nome a lhe ser dado e também a de Olcott. Julho 1875".

Ambas Associações - embora com missões completamente distintas - tal como tem acontecido com um número limitado de núcleos espiritualistas criados no mundo - tiveram a mesma origem, isto é, o que se preferiu chamar até hoje de *Hierarquia Oculta* (composta de Membros não só daquelas referidas Fraternidades secretas do Tibet, etc, como de outros lugares da Terra).

E foi uma das razões da Teosofia, logo que H.P.B. a transplantou para o Ocidente - ser encarada como uma nova forma do Budhismo (*Neo-budhismo*, como o chamaram e chamam ainda algumas pessoas desconhecedoras do assunto).

No entanto, segundo a maneira pela qual se queira interpretar esse termo tanto ele pode estar certo como errado.

No ponto de vista da Teosofia que H.P.B. trouxe para o Ocidente ser o eco das antiqüíssimas doutrinas do Oriente, ou melhor, a *Sabedoria Iniciática das Idades*, está errado. No ponto de vista de sua missão, ou melhor, das origens desse novo movimento espiritualista, alicerçado em 1875 com a fundação da S.T., isto é, segundo Ordens recebidas de seus Mestres (na maioria pertencentes àquelas Fraternidades secretas do Budhismo, que se diferenciam das da mesma localidade como Budhismo escrito com dois **DD**), está certo.

E se quiserem ainda em ambos os casos está certo, porque como já foi dito, é naquelas Fraternidades trans-himalaias onde se conservam "os imensos tesouros da Verdade, hoje perdida para o mundo profano" (e que a Teosofia de todas as épocas, principalmente de Amonio Sacas até H.P.B. e desta para cá, se propõem descobrir...).

E, assim sendo, a Teosofia de H.P.B., que é a mesma nossa, está na razão *direta* ou na *relatividade* precisa com o Budhismo escrito com um **D** só.

Este fato já foi explicado por ela - em forma "mayávida", como se iniciam os homens - na sua *Chave da Teosofia* (pág. 10 da ed. esp.) quando daquela confusão estabelecida entre Teosofia e Budhismo (com dois **DD**) e motivado no título da obra de Mr A.P.Sinnett, isto é, *Budhismo Esotérico*.

Dizia ela: "Nasceu o erro de não se interpretar bem o sentido do título da excelente obra de Sinnett - *Buddhismo Esotérico* - porque para expressar a sua idéia o autor devia ter escrito a palavra buddhismo com um **D** apenas ao invés de dois, ou seja, Sabedoria (*Bodha, Bodhi*, "Inteligência", "Sabedoria"), ao invés de *Buddhismo* que significa a filosofia religiosa de Gotama, o Budha. A da Teosofia, como já disse, é a Religião da Sabedoria".

E com isso provamos o nosso dito da "forma mayávida" que ela usou para explicar o caso, porquanto Teosofia e Neo-Budhismo, escrito com um **D** apenas, ao contrário da negação formal por parte da mesma (que aliás não negou porque disse que Teosofia não era o mesmo que Buddhismo escrito com dois **DD**, muito ao contrário, achou que o erro estava em Sinnett não ter dado o título de Budhismo com um **D** só), são uma só e mesma coisa, na nossa humilde opinião, razão porque dissemos em outros lugares que se tivéssemos de adotar uma religião, etc, outra não seria senão o Budhismo...!

Ademais, a "filosofia religiosa de Gotama", não foi mais do que uma nova face com que a Verdade-Síntese se apresentou naquela época (mais ou menos há 2577 anos atrás) pois tal Doutrina data de 645 anos antes da nossa era - a chamada "Era Cristã" - e não que fosse Ele o fundador dos "duplos véus lançados sobre a mesma doutrina, pelos seus pretensos discípulos (apóstolos, sacerdotes, etc), do mesmo modo que com o "*Gnosticismo* de outrora (*Gnose*: conhecimento) para o pretense Cristianismo de hoje, ao qual se poderia chamar de Agnosticismo. E por essas e outras afinidades espirituais entre ambas Associações - reconhecidas por limitadíssimo número de pessoas no mundo, com um Roso de Luna, por exemplo até há bem pouco à frente - é que fazendo o papel de alguém que preza demasiadamente a outra e lança mão de todos os meios quando a vê na iminência de fracassar ou morrer (já que no caso vertente se trata da Obra grandiosa da Mestra H.P.B. cuja vida de martírios infindáveis, valeu-lhe o título de "a mártir do século XIX", pelo seu maior defensor e comentador no mundo - o inesquecível Roso de Luna) dizemos, forçados a lançar mão muitas vezes de uma linguagem violentíssima - que nos fez, talvez, sofrer muito mais do que aos próprios por ela visados...!

Praza aos céus que tais "laços espirituais que as unem entre si", possam ser melhormente compreendidos, ao menos pelos teosofistas brasileiros - servindo de égide para essa compreensão, as próprias iniciais da Mestra - H.P.B. ou, Hoje pelo Brasil - já que a Obra em que estamos empenhados é um codicilo do seu valioso testamento espiritualista deixado a favor da Humanidade. Do mesmo Modo que, perdoadas as nossas exigentíssimas palavras, nos momentos

em que tudo ameaçava fracassar tal como na ocasião das más interpretações dadas às idéias expendidas pelo Sr J. Krishnamurti (não foram poucos os que já achavam inútil a vida da S.T.) por esta mesma revista, indicamos a nosso modo, "que tal Edifício deveria continuar de pé, custasse o que custasse"!!! Como perdão, ainda, desejamos obter sem que nos envergonhe dizê-lo de público - mesmo porque somos livres e independentes das nossas ações - por parte daqueles que, consciente ou inconscientemente se fizeram obstáculo em nosso caminho e... por motivos ocultos... fomos forçados a atacá-los, já que em jogo se achava a missão em que a S.T.B. está empenhada nesta parte do Globo, missão em que os mesmos "mayálicos" ou ilusórios inimigos (já que realmente não o poderiam ser!... e todos os brasileiros estão envolvidos sem o que Karma, na sua "relatividade" para cada indivíduo e para a coletividade, não os teria feito nascer em tão privilegiado lugar...!

A um outro Núcleo de caráter teosófico estamos, do mesmo modo, ligados por indissolúveis laços espirituais que é o "Ateneu Teosófico" de Madrid, por ser a Síntese de todas as grandiosas criações de Roso de Luna nesta sua última trajetória por este Planeta de misérias, onde adquire experiência através de múltiplas encarnações, à guisa das várias contas de que se compõe um só e mesmo colar.

Sim, porque em nossa pobre condição de Homem pouco evoluído, não deixou de ser uma imensa felicidade termos encontrado no Caminho de nossa atual existência, tão valioso quão incompreensível Ser...! Bendita pois a sua excelsa memória!...

Voltando à questão primitiva ou da parte condenável da fenomenologia - que transforma o Espiritismo em Animismo - temos mais a acrescentar: que não desconhecemos as razões que obrigam à esta ou aquela pessoa nascer em determinadas posições geográficas - principalmente o que diz respeito à linha equatorial e imediações (tal como no Brasil: Amazonas, Pará, etc) porque, como tudo na vida, o dedo do *deus* Karma foi quem assim o quis, por isso mesmo, portadores de poderes psíquicos desenvolvidíssimos (pouco importa que outros não o tivessem dito anteriormente, pois nem sempre vivemos "parasitariamente" da mentalidade alheia!...)

E como prova, temos o fato dos mais conspícuos membros do Espiritismo na Capital da República - principalmente o seu maior baluarte - não encontrando maiores novidades ao seu redor, vai ao Pará em busca de "materializações", inclusive de sua filha, e outras coisas mais... merecedoras de estudo por parte dos que estejam passando sobre aquela Ponte de nossas simbólicas interpretações!

E dizemos mais: porque toda linha equatorial, além de outras razões ocultas, que não nos é permitido dizer, abrange, ou melhor, é *relativa* à zona imensa que compreendia o antigo Continente atlante, cujo estado de consciência não era outro, como teremos de explicar no próximo capítulo desta Mensagem, cuja afirmativa de nossa parte pode ser comparada com as seguintes palavras de Roso de Luna, no seu formidável trabalho intitulado *Os Ensinos Orientais e a Geologia* (Os três Continentes: Hiperbóreo, Lemuriano e Atlante), transcrito em o número desta revista relativo aos meses de Janeiro a Março de 1930: "Desde então, acreditou-se que o afundamento atlante afetou apenas a extensa região do Oceano de seu nome. Nós, todavia, suspeitamos (uma suspeita de Roso era uma certeza para outro qualquer...!), que *tamanho fenômeno geológico afetou à toda zona equatorial da Terra, etc*". (o grifo é nosso).

(10) O Teósofo, como "livre pensador" que é, não está sujeito aos vãos curtos de uma inteligência fanatizada, ou melhor, suggestionada pelo que percebe na matéria grosseira de que se acha envolvida, por isso mesmo, concebendo as coisas ilusórias como reais ou verdadeiras.

Os seus vãos (do Teósofo) não tem limites!

Quanto mais alto ele se eleva, maiores desejos possui de subir sempre... em busca da Verdade que, todos apreçoam como sua, embora que até certo ponto tenham razão, principalmente no que ensina o Rig-Veda de que "A Verdade é uma só, embora os homens lhe dêem nomes diferentes", mas sujeita às várias modalidades ou "véus" (de Mayá) com que os tempos decorridos e as falsas e interesseiras interpretações dos sacerdotes das várias religiões e filosofias A envolverem impiedosamente!...

Do mesmo modo, o Teósofo sabe que alçar o vôo a longínquas paragens, não passa de expressões simbólicas da ascensão sempre crescente, que tem o Ego para o Divino, ou ponto de onde partiu.

Por isso mesmo busca tal Verdade dentro de si mesmo, fiel às palavras do Templo de Delfos: Nosce te ipsum (melhor dito, Gnosce te ipsum, do grego *Gnothi seauton*).

A Teosofia adota o "método analógico" por ser o único que produz bons frutos, como provam todos os louros colhidos pelas Ciências profanas, com hipóteses como: a do éter, a da gravitação universal, a da *relatividade*, etc, todas elas fundamentadas na "lei de Analogia ou de Harmonia", contida na famosa "Tábua esmeraldina" de Hermés Trimegisto, quando diz que "o que está em cima é igual ao que está em baixo", para realizar o mistério da Harmonia, que é a união do Vario no Uno.

Sim, porque a época atual, como disse o incomparável Roso de Luna, exige uma nova orientação de síntese porque, descoberta a unidade da Matéria no Cosmos, pela análise espectral; a da Força pela gravitação universal e a da Vida pelos estudos biológicos, ter-se-á que procurar o meio de melhor conhecer e praticar a lei da Evolução, de Causalidade e da Finalidade do Cosmos, como síntese de todos os conhecimentos.

Buscá-la, dizemos, até onde a nossa Ciência atual o permita e, ainda mais além "com a Mística tradicional das escolas religiosas - aparentemente opostas", tendo presente as infinitas possibilidades que a mente humana abre a sentença pitagórica ensinada por Jesus (?) de que o "Homem é de estirpe divina", de que "deuses sois e vos tendes esquecido", até a de S. Agostinho: Vimos da Divindade e para Ela havemos de ir...! (Vide tudo quanto se diz sobre Teosofia no número desta revista, relativo a Abril de 1930 a Junho de 1931).

E eis porque todas as Associações de cunho teosófico existentes no mundo, principalmente as que seguem a orientação "blavatskyana", tenham por princípios os mesmos que servem de base à Sociedade por Ela, H.P.B., criada na América e logo depois transplantada para às Índias Inglesas (Adyar, Madras), ou sejam: **Primeiro** Criar o Núcleo de uma Fraternidade Universal (?) da Humanidade, sem distinção de raça, sexo, credo, casta ou cor, com vistas aos ideais de "última hora" que desejam impor tal fraternidade pelas guerras, revoluções e... todo o seu cortejo funesto de dores: o saque, o incêndio, a desonra dos lares, etc, etc; **Segundo** Estudar crítica e comparativamente as religiões, ciências, artes e filosofias, tanto do Oriente como do Ocidente; **Terceiro** Investigar acerca das leis (investigar não é praticar... de público) desconhecidas da Natureza e dos poderes latentes no homem, como exige a Lei de Evolução.

Todas as anotações do autor da Mensagem.

A MINHA MENSAGEM AO MUNDO ESPIRITUALISTA V, VI, VII
(Dhâranâ No. 73 - 1932)

ESPIRITISMO, OCULTISMO, TEOSOFIA E MAÇONARIA
O Mistério dos Números, dos Sons e das Cores
IV

*"A Evolução é a lei da Vida. O número é a
lei do Universo. A Unidade é a lei de Deus".*

Princípios Pitagóricos

A Ciência dos números e a arte da Vontade, já diziam os sacerdotes de Menfis, são as duas chaves da Magia., que abrem as portas do Universo. O número não era considerado pelos antigos iniciados como uma quantidade abstrata, mas como a virtude intrínseca e ativo do Um Supremo - origem da harmonia universal. A Ciência dos números era a das forças vivas, das *faculdades* divinas em ação nos mundos e no homem, no macrocosmo e no microcosmo.

De fato, se partirmos da "Unidade para a diversidade" - segundo nos ensina uma das *Estâncias de Dzyan*, isto é, de que "Deus se divide para realizar o supremo sacrifício" - logo deparamos com a sua tríplice manifestação, já com os nomes que lhe dão as várias escolas filosóficas e religiosas, como por exemplo: Vontade, Sabedoria e Atividade; Pai, Filho e Espírito Santo, as Três Pessoas dos Cristãos; a Trimurti do Esoterismo Hindu, *Brahmã*, o criador *Shiva*, o destruidor, ou melhor, transformador, e *Vishnú*, o conservador; como forças centrífuga, centrípeta e equilibrante, e até nas Três Normas ou Parcas mitológicas - Clotho, Lachesis e Atropos, cuja primeira sustinha a roca, a segunda fazia girar o fuso e a última, cortava o fio.

Essa Causa Una e Trina, Deus ou Logos das principais religiões, é adorada como Ishwara ou *Pratyagatma* na Índia (o Ser Supremo de onde emanaram todas as individualidades; centro de existência imutável, que vive no seio da Existência Única, como Logos Solar, Espírito cósmico, Atmã, etc); como Tetragrammaton (Jod, Hé, Vau, Hé) na Cabala. Considerado em seu papel ativo, é chamado o Demiurgo (o criador do mundo, entre os gnósticos), ou ainda, *Viswakarma*, o Deus arquiteto, construtor do Universo.

Pouco importa o nome que lhe derem, é sempre o Deus com atributos, *Bramã-Saguna*, proveniente da Divindade abstrata sem atributos - *Bramã-Nirguna*. Com essa tríplice manifestação, tudo evolui através o Setenário, produzindo os refinamentos infinitos da matéria imponderável, razão portanto, da multiplicidade das coisas e, desde logo, o fenômeno dos sons e das cores, tal como na arte musical: Harmonia, Melodia e Ritmo através das sete notas da escala.

De fato, nos números, nos sons e nas cores estão contidos os grandes mistérios da Vida. É como se disséssemos que números, sons e cores nada mais são do que um fenômeno transcendentalíssimo produzido pela repercussão ou eco (vibração, portanto) da Palavra ou Verbo, através dos vários estados de matéria, cada vez mais densos, até chegar a que conhecemos com o nome de "matéria física", ou mundo que lhe é correspondente. (11)

Tal mistério está contido na doutrina do "Verbo-Luz" ou Palavra universal e da evolução humana através dos sete ciclos planetários", seguida daquela outra da "tríplice natureza do homem e do Universo, do microcosmo e do macrocosmo, coroada pela Unidade Divina"; como ainda, na que nos ensinam os Puranas: "O Grande Arquiteto do Mundo dá o primeiro impulso ao movimento rotatório de nosso sistema, *caminhando alternadamente sobre cada planeta e sobre cada corpo*", cujos planetas, como se sabe, são SETE! (12)

No homem por exemplo, através dos seus três corpos com os quais tem que atravessar, por meio da experiência adquirida em múltiplas estâncias, os sete estados da matéria que no caso vertente, melhor será dito, os sete estados de consciência da escala evolutiva dos seres. (13)

O grande Iniciado que foi São Paulo, quando fala de sua Epístola 1 aos coríntios, refere-se à existência de um corpo material, um corpo espiritual (o "perispírito" dos espíritos) e um espírito", embora que as religiões vulgares confundam, "com o seu típico materialismo", como disse o genial teósofo espanhol Roso de Luna, como um só, os dois distintos termos de "Alma e Espírito".

Por sua vez, Plutarco nos diz que o "homem se compõe de três corpos: o Físico, o Astral ou anímico e o Espiritual".

E acrescenta: "Erram grandemente os que confundem o Espírito ou Inteligência (*nous*) com a Alma (*Psyquê*).

Não menos, os que confundem a Alma (*Psyquê*) com o Corpo (*Soma*). Da união do Espírito com a alma nasce a Razão; da união da Alma com o Corpo nasce a Paixão.

Daqueles três Elementos, a Terra deu o corpo; a Lua deu a alma e o Sol deu o Espírito; de onde se conclui que o Homem justo e consciente de todas essas coisas é, ao mesmo tempo, durante a sua vida física, um habitante da Terra, da Lua e do Sol".

Os antigos sábios hindus comparavam o homem a uma flor de Loto: "Sua raiz corpórea está no fundo do lago; suas folhas psíquicas, no seio tranqüilo e "lunar", das águas; enquanto a sua corola, que é a alma já livre da escravidão terrena e seu perfume, como o próprio Espírito, se banham sob os vivificantes raios do Sol".

O Loto é, de fato, o místico emblema da serenidade bhudica... porque é a planta simbólica que em sua incomparável alegoria, consta de sete talos.

Quatro (tal como os quatro princípios inferiores do *Budhismo Esotérico*) sustém as respectivas folhas em um plano horizontal, determinado pelo nível das águas; dois mais elevados sustém outras duas folhas no ar, formando os dois vértices inferiores de um triângulo, em cujo vértice superior resplandece a Flor Sagrada, isto é, a "Tríade Superior", conhecida com o nome de *Atma*, *Budhi* e *Manas* - verdadeiro *Eu* de cada homem, para não dizer, os pequenos *Eus* de que é formada a Humanidade inteira, como partículas do grande Eu ou Consciência Universal!

Tudo isso se harmoniza, ainda, com as três forças principais que agem através dos "sete chakras" (centros de força) existentes no homem, porque de fato, elas são oriundas daqueles três "Aspectos do Logos"; como as "Três Cordas da Vina de Shiva" ou melhor, as "três *gunas*" ou qualidades de matéria, conhecidas com os nomes de: *Rajas*, a

atividade, a energia, a força centrífuga; *Tamas*, a inércia, a obscuridade, a força centrípeta e *Sattva*, o ritmo ou equilíbrio que daí resulta, de onde: Verdade, Pureza e Luz, ou Beleza, Verdade e Bondade, como querem outros, mas, de qualquer modo, divinamente expressas nas exigências musicais de *Harmonia, Melodia e ritmo...*!

E é partindo desse princípio, especialmente do que era ensinado nos Colégios iniciáticos do antigo Egito, que a Franco-Maçonaria adotou os Três graus de *Aprendiz, Companheiro e Mestre*; do mesmo modo que se acha maravilhosamente expresso nas "Três Veredas ou Caminhos" das iniciações brahmanicas, isto é, *Jnana*, o conhecimento; *Bhakti*, a devoção e *Karma*, a ação, sendo que os dois caminhos laterais condizem perfeitamente com as duas "Colunas do Templo de Salomão" (Jakim e Bohaz) e até...com o de uma famosa Fraternidade trans-himalaia, conhecida como dos "Banthe-Jaus" (B e J portanto), da qual as velhas tradições afirmam ser seu Dirigente o divino "Maha-Chohan". (14)

Até mesmo no processo respiratório, ainda hoje desconhecido da ciência oficial, como muitas outras coisas mais, vemos que é feito através os três seguintes nadis (canal, conduto, etc); *Ida*, narina esquerda ou lunar; *Pingala*, narina direita ou solar e *Sushumna*, ambas as narinas (melhor dito, respiração central ou andrógina), por isso mesmo, o momento em que os verdadeiros *Yogis* procuram comunicar-se, ligar-se, unir-se, tal como o significado do termo *Yoga*: união, ligação, etc, com o seu Eu divino, seu Pai, seu Cristo ou seu Deus, como querem outros. Como se viu, a função respiratória ou do "Sopro de Vida" no homem, obedecendo ao transcendental problema do ternário divino, isto é, através de três condutos ou canais (nadis), sujeita-se, no entanto, ao princípio metafísico do quaternário, porquanto o processo respiratório obedece a quatro tempos, a saber: período de inspiração, período de conservação do ar nos pulmões, de expiração e finalmente, da conservação do ar fora dos pulmões. Assim acontece com a *respiração* das marés; *enchente preamar, vazante e baixamar*; do mesmo modo que nos períodos ou fases lunares de *nova, crescente, cheia e minguante*, sendo que neste caso, cada período é de sete dias ou de vinte e oito para os quatro, cujo número (28) encerra grandes mistérios que não podem ser ditos de público (15).

A cabala, por sua vez, nos fala de três mundos manifestados e um não manifestado, relacionados com os três sóis *físico, psíquico e espiritual* e mais um oculto, cuja síntese maravilhosa está expressa no Tetragramaton sagrado, isto é, no *Iod* ou *Jod*, como princípio ativo; o *Hé* como princípio passivo; o *Vau* como equilibrante ou Espírito Santo e a repetição do *Hé*, nada mais do que a quarta fórmula de tão sublime operação mágica, como se disséssemos, a volta ou retorno à Unidade!... (16).

A Tríade ou "Lei do Ternário" é, pois, a lei constitutiva das coisas e a verdadeira chave da vida, já que a mesma se nos apresenta em todos os graus da escala da existência, desde a constituição da célula orgânica, até a constituição hiperfísica do homem, do *Universo e de Deus* - tal como uma Luz Eterna que transpassa as coisas para tornar mais claras ou transparentes, como mui bem expresso se acha em um oráculo de Zoroastro:

O número três rema por toda parte no universo
E a Mônada é o seu princípio.

Do mesmo modo que, nos Versos Doirados de Pitágoras:

A Tríade Sagrada, imenso e puro símbolo
Fonte da Natureza e modelo dos deuses.

Assim é que, partindo da Unidade - como dissemos no começo deste estudo, logo encontramos o número Três e a seguir o Sete, perfazendo aquele misterioso número que é o 137... de que os Livros sagrados evitam falar aos profanos, quanto mais quem de tal mistério nada conhece.

E com isso terminamos o presente capítulo, que só teve por fim preparar as mentes dos nossos mui caros leitores, para o que vamos tratar no seguinte, pois além de ser uma explanação mais clara do Um, do Três e, mui especialmente do SETE - através o mistério das Raças e suas respectivas sub-Raças - cada uma delas representando um dos Sete graus de consciência que a humanidade é forçada a alcançar durante a sua peregrinação neste planeta - é ainda a resposta àquela pergunta que fizemos no fim do capítulo publicado no número anterior desta revista (17).

H.J.SOUZA

Presidente da S.T.B.

(11) Dizem as escrituras que "o mundo foi criado em sete dias, pelo poder do Verbo", isto é, da Palavra, do SOM. Foi, portanto este que deu causa à formação do Universo. E não foi outra a razão porque o grande vidente do século XVIII, Emmanuel Swedenborg já afirmava que "a lei mais essencial da Natureza é a da vibração. Um ponto morto, um ponto imóvel é absolutamente impossível dentro do nosso sistema. Os movimentos sutis, que chamamos de vibrações ou ondas; os mais vigorosos, que chamamos de oscilações; as trajetórias dos planetas, que chamamos de órbitas; as épocas da História, que conhecemos como ciclos; tudo, enfim, é um movimento ondulatório cíclico de ondas no ar, no éter, na água, na aura, na terra, por nebulosas, pensamentos, emoções de todo o imaginável, etc".

O próprio termo PESSOA ou PER-SONA nos indica que é "aquilo pelo qual o SOM se manifesta".

A palavra *Som* procede do sânscrito *swanas*, cujo radical *swan* quer dizer: ressoar, retinir, etc. *Swan* quer dizer, ainda, cisne ou a "ave sagrada", que ao morrer entoa um canto misterioso (tal como fazem outras aves)... como despedida da vida. Foi daí que nasceu a frase muito usual de "o canto do cisne na hora da morte". Mozart afirmou que o seu *Réquiem* "era o seu canto de cisne..."

O *Hamsa* é o cisne védico que cria os Universos, como veículo do Som eterno, o **OM** sagrado das tradições.

Este SOM é o Logos platônico, os trovões do Apocalipse, as trombetas das visões de Ezequiel, a "Voz Divina" ou o "Akasha-Vani" dos Hindus, o *Vach* (de onde proveio o termo "vaca sagrada", tão mal compreendido por muitos fanáticos da moderna Índia), que se manifesta como *Sarasvati*, a deusa da Palavra e da Eloquência.

É ainda representado no *Swan-Yin* dos chineses, ou "A Voz Melodiosa", a Mãe da Sabedoria, de onde procederam os nomes *Lohans* ou *Sohans*, que tinham os seus sacerdotes - nome também dado aos primitivos *Arhats* budistas, pelos belos hinos que entoavam. Na mesma razão estão os "11 Dhâranis" ou "mantrans", usados nas escolas trans-himalaias (de acordo com os "Senhor das 11 Faces!...")

A própria palavra *Lohengrin* (*Lohan-grin* ou *gwin*, *jim* ou *jina*, etc) de que se serviu o grande gênio inspirador da Humanidade - que foi Wagner - é originário do *Swan-Ritter* brabantino do "Cavaleiro do Cisne", etc, etc.

Nunca se deve esquecer que "a música é a arte de sentir e de pensar em sons", daí ser cognominada de "divina arte", por ser na Terra o reflexo incomparável da "harmonia das esferas".

Dizem os livros sagrados: "Entre as cores e sons descansam as chaves para os resultados objetivos dos processos ocultos do pensamento. Não só por eles se produzem os efeitos diretos, como também por seu uso - consciente ou inconsciente - os poderes elementais da Natureza podem ser captados e guiados pela Vontade!

Toda a Magia dos antigos consistia em se dirigirem eles aos seus deuses nas suas próprias linguagens, isto é, segundo os ensinamentos ocultos de que a linguagem dos homens não pode atingir aos Senhores. "Para dirigir-se a tão elevados Seres, mistér se faz empregar a linguagem de seu elemento respectivo... "E sobre a natureza da linguagem de tais elementos, são eles ainda que nos ensinam: "Ela é composta de SONS e não de palavras; de Sons, de números e formas. Aquele que souber servir-se dessas três coisas conjuntamente, atrairá a resposta do poder dirigente, isto é, do deus, do gênio ou força regente do elemento especial de que tem necessidade.

É a mesma linguagem, pois das encantações ou dos mantrans, como são chamados nas Índias. O SOM é, com efeito, o agente mágico mais poderoso e eficaz e a primeira das chaves que abrem a porta de comunicação entre os mortais e os Imortais.

Nos *Upanishads* se encontra: "No Svava estão os Vedas e os Shastras, e no Svava está a música. Toda a gente está no Svava: Svava é o próprio espírito". A verdadeira tradução da palavra Svava é *a corrente da onda de vida*.

"Esse movimento ondulatório, diz o grande sanscritista Rama Prasad, na sua obra "As forças sutis da Natureza", é que provoca a evolução da matéria cósmica não diferenciada no universo diferenciado, e a involução deste no estado primitivo da não diferenciação, e assim por diante, para todo o sempre.

De onde vem esse movimento? Esse movimento é o próprio espírito".

A mesma palavra *Atmã*, contém a raiz *at*, movimento eterno; pode-se observar, de maneira significativa, que a raiz *at* se relaciona com as raízes *ah*, sopro e *as*, ser, que não é outra coisa senão uma variante dele. Todas as raízes tem por origem o som produzido pela respiração dos animais.

Na ciência do Alento, o símbolo técnico da inspiração é *sa* e o da expiração, *ha*. É fácil de ver como esses símbolos estão ligados às raízes *as* e *ah*. A corrente da onda da vida pré-citada chama-se tecnicamente *Hansachasa*, isto é, o movimento de *ha* e *sa*.

A palavra *Hamsa*, de que se faz tanto uso em muitas obras sânscritas e que se emprega para significar Deus, não é senão uma representação simbólica dos dois processos eternos de vida, *ha* e *sa*.

A corrente primordial da onda de vida, diz ele ainda, é, pois a mesma corrente que no homem toma a forma dos movimentos de inspiração e expiração dos pulmões e é a fonte da evolução e da involução do Universo, fonte que penetra tudo.

Foi o Svava que deu uma forma às primeiras acumulações das visões do universo; o Svava causa a involução e evolução; o Svava é o próprio Deus, ou melhor, o Grande Poderio (*Maheshvara*).

Pelo que se vê, Svava, ou aquilo que se pode chamar de "O Hálito de *Brahmã*", não é nem mais nem menos do que a inteligência abstrata, ou se tal expressão for mais compreensível, o movimento inteligente. É por isso que no mesmo livro se encontra: "No Svava estão pintados e representados os Vedas e os Shâstras, no Svava, os mais elevados *Gandharvas* e no Svava, todos os três mundos; o Svava é o próprio *ATMÃ*".

(12) Maior mistério se oculta no 3 e no 7 a respeito dos Sons e das Cores! Diremos que, segundo é sabido, as cores do espectro solar são 7, de acordo com os 7 raios de Luz, simbolizados nos Arcanjos, *Elohim* ou *Dhyans-Chohans*... onde cada um possui a sua tônica natural. Simbolizam ainda, os Sete estados de consciência pelos quais a Humanidade tem de passar para alcançar a sua evolução completa na Terra, dos quais os 3 primeiros são *Atma-Rudhi-Manas* e os 4 outros são os chamados "4 Princípios Inferiores", que um dia serão esmagados, ou melhor, cavalgados pela própria Humanidade redimida, segundo a tradição antiga do "Kalki-avatara" ou o "Guerreiro descido das nuvens, cavalgando um cavalo branco".

Como é sabido, as Sete cores do prisma tem como matrizes ou cores primárias: o amarelo, o azul e o encarnado; as outras quatro são complementares, ou melhor, nuances daquelas três primeiras. Assim é que, o magno problema da vida, comparado ao mistério das 7 cores do espectro solar, está em se fazer desaparecer as cores complementares, que são nuances, mistura ou falsas colorações das 3 cores primárias, ou melhor, da Tríade Superior - *Atmã-Budhi-Manas* - afim de que esta volva à sua original pureza e luminosidade... É o que se pode chamar a posse completa da Consciência universal, já que a Tríade Superior nada mais é do que manifestação da Unidade-Síntese, cuja cor é o branco para a maioria... mas, para os conhecedores dos altos mistérios da Vida, é outra muito diferente... (dos nossos "Livros de Revelações").

O número Sete é profundamente venerado pelos que conhecem o mistério de tudo quanto se manifesta no universo, inclusive entre os brahmanes, em cujas escrituras se encontra, por exemplo, o seguinte:

Sapta-Richis, os sete sábios da Índia;

Sapta-Pura, as sete cidades celestes;

Sapta-Dwipa, as sete ilhas santas (continentes e também globos das cadeias planetárias, já que uma coisa é sombra da outra, segundo a teoria hermética de que o que "está em baixo é igual ao que está em cima"... Os continentes, segundo os Puranas são sete: Jambu, Plaksha, Salmali, Kusha, Kraunka, Shaka e Pushkâra);

Sapta-Saamudra, os sete mares;

Sapta-Nady, os sete rios sagrados;

Sapta-Par atta, as sete montanhas santas;

Sapta-Arania, os sete desertos sagrados;

Sapta-Vrukcha, as sete árvores celestes;

Sapta-Cula, as sete castas;

Sapta-Loka, os sete mundos superiores e inferiores, etc...

Segundo os brahmanes, o número sete encerra em seu sentido místico, uma representação alegórica do Deus irrevelado, da Tríade inicial e da tríade manifestada: Zyaus, o Deus irrevelado - germe imortal de tudo o que existe; *Tríade inicial*, *Nara-Nari-Viradj*, porque Zyaus, tendo dividido seu corpo em duas partes (o Pai-Mãe das escrituras santas), macho e fêmea - *Nara* e *Nari*, produziu *Viradj*, o Verbo Criador. Tríade manifestada, *Brahma*, *Shiva* e *Vishnú* (são as três deusas da Mitologia grega: *Cloto*, *Lachesis* e *Atropos*, uma que fiava, outra que tecia e outra que cortava o fio. Do mesmo modo que *Brahma* é o Criador, *Shiva* o destruidor, ou melhor, transformador e *Vishnú*, o conservador).

A Tríade inicial puramente criadora transforma-se em Tríade manifestada uma vez o Universo saído do Caos para criar perpetuamente, conservar eternamente e consumir sem cessar. Devemos lembrar como um sinal indelével de origem, como os Judeus deram, igualmente, um sentido misterioso ao número sete.

Segundo a Bíblia:

O mundo foi criado em *Sete* dias;

As terras devem repousar todos os *Sete* anos;

O ano do jubileu sabático, volta todas as *sete* vezes, *sete* anos;

O grande lustre de ouro do templo, tem *sete* braços, cujas *sete* chamas representam os *Sete* planetas (melhor dito, "corpos físicos" dos 7 Planetários!...)

Sete sacerdotes fazem ressoar *sete* trombetas durante *sete* dias em volta de Jericó e as muralhas dessa cidade se desmoronam no *sétimo* dia, depois que o exército Israelita deu *sete* voltas em torno da mesma.

Encontra-se no Apocalipse de João:

As *sete* igrejas (as *sete* religiões, embora a de Roma queira ser a única);

Os *sete* candelabros;

As *sete* estrelas;

As *sete* lâmpadas;

O *sete* selos (sinetes, símbolos, etc)

Os *sete* anjos (Michael, Gabriel, Samael, Raphael, Sachiel, Anael e Cassiel. Seus nomes esotéricos são bem outros);

Os *sete* vasos;

As *sete* chagas.

Do mesmo modo, o profeta Isaías querendo dar uma idéia do brilho da auréola, que cerca Jeovah, diz: "Que ela é *sete* vezes maior do que a luz do Sol e semelhante à luz dos *sete* dias reunidos".

A religião Católica, que é uma cópia infiel de tudo isso, pois foi onde arrecadou todos os retalhos de que se compõe, também fala em Três Pessoas distintas e um só Deus verdadeiro, reproduz o que dizem os judeus, etc, etc, fala nas *Sete* profecias de Ezequiel e até possui os candelabros de *sete* velas, que ela própria ignora ser um símbolo dos *Sete* Elohim, Arcanjos, etc.

Sem falar em Jesus, Maria e José, que nunca foram entidades viventes ou pessoas, como ela (Igreja Romana) o julga; do mesmo modo que copiou o Padre-Nosso, Ave-Maria e Salve-Rainha, etc, etc, do Kodisk hebreu, como também dos textos hindus - como provaremos no decorrer de nossa "Mensagem ao Mundo Espiritualista".

E como acabássemos de comemorar o centenário de Goethe, repetimos aqui estas suas palavras: "Para atingir a perfeição na arte do colorido, o artista deve coordenar os *efeitos morais* (o grifo é nosso) das cores, os seus efeitos fisiológicos, a sua natureza técnica, enfim, a influência que sobre elas exercem as circunstâncias exteriores.

As cores atuam sobre a alma; podem excitar-lhe sensações, despertar-lhe emoções - idéias que nos tranqüilizam ou nos agitam e que, ou provocam a tristeza ou as alegrias". E é por isso que dizemos: e como "gostos e cores não se discutem", foi que *gostamos* ou *preferimos* a TEOSOFIA, por ser a Cor Síntese de onde as demais cores - as religiões e filosofias - se derivaram!

Repetimos esta anotação publicada no número anterior desta revista, no artigo intitulado "Iniciando pelo Rádio", porque... "água mole em pedra dura...", pese isso à opinião de muita gente que implica com repetições, inclusive o jesuíta L. Franca, que chega a dizer nas suas *Noções de História das Filosofias*: "Salvo exceções (graças a Deus que existem "exceções"!...) a literatura budhista é quase sempre escrita "no mais insuportável dos estilos" (citando Barth, mui propositadamente, por ser favorável à sua Igreja) e acrescenta por sua conta: "estilo derramado, prolixo, enfadonho e repisado em inúmeras repetições"...Se com todos esses defeitos o Budhismo não foi compreendido (se é que não foi... pois acima da Consciência está o "Perinde ac cadaver"...!) pelos Franca (sinônimo de lealdade, sinceridade, franqueza e outras grandes virtudes), Barth e outros mais, que dirá se a linguagem obedecesse ao estilo "não derramado..." desses críticos do Ocidente, que se fizeram "filhos espúrios do Oriente" ou o lugar de onde procede toda a Luz que se "derrama" (aí, sim, é que tem razão o *derramar*!) ou reflete por sobre a Humanidade inteira!... Mas é que o jesuíta Franca, por exemplo, ignora ou finge ignorar o que disse um outro mais sincero de sua Igreja - que foi Frei Domingos Vieira, à página 845 do seu *Dicionário da Língua Portuguesa*, quando fala do termo Budhismo: "No Cristianismo existem vários traços do Budhismo na sua formação".

Diante disso, se não presta o Tronco, que fará o resto da árvore a não ser que desta só existam "as parasitas" (ou "os parasitas", se quiserem, como outorgadores ou vampiros da "Árvore de Bodhi" de onde provém o termo Budhismo ou Bodhismo, isto é, "Iluminação, Sabedoria perfeita, etc). Não há como dizer: *Traduttore, traditore!*":

(13) Muita gente confunde corpos com estados de consciência. Daí o negarem a existência de 3 corpos e afirmarem que são 7.

Rosa de Luna em *La Esfinge* (obra que recomendamos aos estudantes de Teosofia, por ser a mais sintética de quantas se conhece), falando das classificações das várias escolas filosóficas, diz, a respeito do *Homem séptuplo*: "As duas classificações de yogis e vedantinos são no fundo o precedente histórico da chamada classificação setenária teosófica, que foi dada pela primeira vez ao mundo ocidental na famosa obra de Sinnett *O Budhismo Esotérico*, o qual, seguindo os ensinamentos de então, dividiu o homem em um Ternário ou Tríade Superior.

Como diriam os pitagóricos, a saber: Espírito, alma espiritual e mente superior ou abstrata "Atmã-Budhi-Manas", ligada pela mesma mente ao Quaternário Inferior "kama-manas" ou mente animal e seu invólucro kamarúpico: "linga-sharira"

ou corpo astral perispírito dos espíritas, corpo glorioso (como diria S. Paulo), "prana" ou vida e "sthula-sharira" ou "corpo físico".

Isso importa em dizer que nesse quaternário inferior (os quatro elementos: Sthula-sharira, Prana, Linga-sharira e Kama-rupa, está o corpo físico, logo sustentado pela Alma, em Manas e pelo Espírito, em Budhi e Atmã. Na Vedanta, o Sthula-sharira corresponde a Anna-maya-kosha; Prana, Linga-sharira e Kama-rupa a Prana-maya-kosha; parte de Kama-rupa (daí a teosofia falar em Mental inferior e Mental superior) e Manas, correspondem a Mana-maya-kosha, Vijñāna-maya-kosha; Budhi e Atmã a Ananda-maya-kosha e Atmã.

Na Taraka-raja-yoga, os quatro princípios inferiores correspondem a Sthula-upadhi; Manas a Sukshma-apadhi e Atmã a Atmã. Extraído do quadro de correspondências dos elementos do Homem, segundo as várias escolas, da D.S. de H.P.B.).

Pelo que se viu, esses elementos são o sustentáculo dos três corpos, ou melhor, os veículos que ligam os mesmos entre si. Em outro capítulo explanaremos melhor o caso, principalmente o que resta post-mortem; que é o que se apresenta nas sessões de espiritismo; que é o verdadeiro "ego" ou parte encarnante no homem, etc.

Agora diremos apenas que esse quaternário inferior é o esforço das quatro Raças que já apareceram... (residentes ainda na conformação de nosso organismo) e a Tríade Superior, a parte divina que age interna e externamente no homem... porquanto, a raça ária, a que pertencemos, vem desenvolvendo o Mental, isto é, apurando as imperfeições de Manas inferior para Manas superior, afim de que o mesmo seja banhado por Budhi (digamos, na 6a. Raça-Mãe, muito longe de nossos dias, ainda) e finalmente, na 7a. por Atmã, ou melhor, redimindo a Humanidade do seu quaternário inferior.

Daí a tradição do "Kalki-avatara" ou Cavalo Branco, isto é, "o guerreiro que cavalga o cavalo branco" (Atmã, Budhi-Manas cavalgando o quaternário inferior, etc).

No próximo capítulo, falando do passado, do presente e do futuro da Humanidade até o final da Ronda, abordaremos o assunto com maior amplitude.

(14) Daí, ainda, a razão porque muitos iniciados adotaram por nome oculto aquele onde figurassem as duas letras misteriosas: J.B. José Bálamo, por exemplo (Cagliostro) representando a Maçonaria egípcia, não podia deixar de possuir um nome esotérico nessas condições.

Os próprios termos Jerusalém e Belém (nascimento e morte hipotéticos de *Jeoshua Ben Pandira*, o chamado Jesus pelos ignorantes da vida de tal Ser) se relacionam ao caso.

Do mesmo modo, Yokanan ou o mítico João Batista (J.B. portanto), como *predecessor* do "Messias prometido" - já que todo aquele que falar na Redenção Humana - através dos seus "Sete Redentores" ou melhor, "partículas do Redentor-Síntese", que só virá no final da evolução humana, como a própria Humanidade salva ou redimida, por seus próprios esforços, dizemos, tal ou tais Yokanans (ou João Batista), são o símbolo das colunas laterais (J. e B., ou melhor, das duas Veredas ou Caminhos, cujo terceiro - o do meio ou Karma - é Ele o chamado Messias (o Messiah ou Sosioh persa, o Maitréya das tradições trans-himalaias, ao qual se tem erguido tantas estátuas no passado e até no presente, cuja vinda será no Ocidente", como dizem tais tradições. Tudo isso está ligado ao próprio nome de Shamballah, ou País do Ocidente, de que teremos de falar em outro capítulo).

O Caminho central ou de Karma, é o de todos os Crestos ou "homens da dor", que em Cristos se hão de tornar, quando houverem alcançado a meta desejada, isto é, o fim de tal caminho; a consciência plena de si mesmo!...

Afora as definições de Burnouf e de outros grandes sanscritistas a respeito da palavra Maitréya, encontra-se em "Fragments extraits du Kaudjour" (Annales du Musée Guimet, tomo V, pág. 84) o seguinte: "Maitréya (ou do amor, Maitréya ou Maitri-samadhi).

Em tibetano *Byams-pa*, *Ting-ge-hdzin*, é o samadhi ou contemplação. *Byams-pa* significa compaixão ou complacência e corresponde a *Maitri* e a Maitréya. Maitri é o amor distribuído entre todos os seres.

Maitréya é o nome do Budha que deve aparecer quando acabar o período assinalado a Sakya-Musi".

Todas essas definições não deixam de possuir o seu valor. Porém, acrescente-se esta de hoje: *Maitri* provém de *Maya* (matéria ou ilusão) e *tri* (três), que traduzido ao pé da letra, seria "três vezes ilusão", ou três ilusões, se o quiserem; mas no seu verdadeiro sentido oculto é: aquele que venceu as três qualidades da matéria (digamos os três corpos, os três mundos, etc, etc).

É portanto, "o senhor dos três mundos" - o Rei dos Reis, cujo símbolo está maravilhosamente expresso no do "Rei do Mundo", entre seus dois Ministros ou Colunas laterais (J. e B.) e representado ainda, por tudo quanto já se falou acima - inclusive os 3 Caminhos ou Veredas, etc.

Como ainda nos "Três Reis Magos", que a Igreja pensa terem sido reais ou verdadeiros, do mesmo modo que alguns ocultistas e até teósofos eméritos.

Esse símbolo envolve o maior de todos os mistérios, ou seja, o do Pranava ou Palavra Sagrada (o AUM), sujeita a sete transformações, algo assim, como já se falou neste capítulo a respeito do Ternário, através do Setenário...! Em número atrasado desta revista, tivemos ocasião de explicar como tal Palavra deve ser pronunciada e os seus grandes valores ocultos.

Porém, sem esquecermos de acrescentar que todos esses valores são nulos, quando semelhante processo é feito (como muito bem disse o Mahatma K.H.), por pessoas de caráter mal formado - principalmente querendo fazer mau uso da mesma em benefício próprio, por isso mesmo, em detrimento do próximo (que pela Lei das coisas, é a própria pessoa operadora. "Não faças aos outros o que não queres que te façam".

"Ama ao teu próximo como a ti mesmo"... São frases por demais expressivas para serem aqui comentadas).

(15) O verdadeiro mês lunar é de 28 dias, isto é, 7 dias para cada uma das 4 fases lunares. Nenhuma outra ocasião melhor para a reforma do Calendário do que o ano de 1933, pois começa em um Domingo e no primeiro dia da Lua Nova.

Tudo se ajustava perfeitamente! Mas, como os anos tivessem de ser de 13 meses, assombrou os adeptos de Gregório XIII - o autor da reforma do antigo Calendário!... E assim, tal reforma ficará para... "as calendas gregas" (de onde provém a palavra Gregório)!...

(16) São as "Quatro Cabeças", os 4 sóis Nahoas, os 4 sóis da Cabala, etc. Myer's, na sua incomparável Cabala diz: "Aziluth: o nome com que se designa o mundo dos Sephirot, chamado mundo das emanções. *Olam Aziluth*.

Azyluth, é o Grande Selo Sagrado, por meio do qual se copiaram todos os mundos que tem em si impressos a imagem do selo. E como este grande selo compreende três graus, que são os três sures (protótipos) de:

1o. - *Nephesh* : a alma vital.

2o. - *Ruah* : alma racional.

3o. - *Neshamad* : alma suprema, assim os selados receberam também três sures:

1o. - *Briah*,

2o. - *Yetztrah*,

3o. - *Ásiah*,

Sendo estes três sures um só no selo.

Aziluth : o supremo dos quatro mundos da Cabala, relaciona-se unicamente com o puro Espírito de Deus.

O mistério do Ternário que se faz quaternário para fundir-se novamente no Um, está ainda contido nas "Três Faces Cabalísticas" (em hebreu : *Partzuphim*), que são:

1o. - *Arikh-Anpin* : o Face Larga,

2o. - *Seir-Anpin* : o Face Curta,

3o. - *Resha-Hivrah* : o Cabeça ou Face Branca.

Essas "3 Cabeças" estão numa só cabeça, isto é, três mais um, igual a quatro, mas expresso numa só coisa... que tem o nome de *Attikah Kadosha* - Santos antigos e as Faces.

Quando tais faces olham uma para outra, os "Santos antigos" em três cabeças ou *Attikah Kadosha*, recebem a denominação de *Arikh Appayem*, ou seja, "Caras Largas".

(17) Tal pergunta foi: Tendo a Humanidade vencido - na sua longa ascensão para o Divino - o estado de consciência em que se encontra atualmente - pouco importa se longe ainda do término de experiências por que tem de passar até a sua completa redenção - é admissível que a mesma continue agindo segundo os graus de consciência alcançados em épocas remotíssimas de sua História, embora que todos eles, harmônicos ou afins com a infância da sua vida?"

Todas as palavras sânscritas, hebraicas, etc, conservamos na sua verdadeira grafia.

ESPIRITISMO, OCULTISMO, TEOSOFIA E MAÇONARIA (Conclusão)

À Guisa de Prefácio a dois Insignificantes Capítulos

Pelos motivos já expostos em nosso artigo *Explicações necessárias* e tudo mais quanto vem explanado no que lhe serve de complemento, ou seja, *O Governo Oculto da S.T.B.* - ambos publicados no número anterior desta revista - só em 1935 voltaremos a colaborar nas colunas, de Dhârânâ, caso a Lei assim o permita.

Por isso mesmo, os dois capítulos finais desta *Mensagem* passam a ser ligeira Síntese de um trabalho mais desenvolvido que pretendíamos fazer sobre assunto tão complexo, como é aquele que serve de título à última parte da mesma Mensagem.

Mas é que, um Dever de ordem mais elevada anulou por completo o primeiro, dando razão de ser à velha sentença de que "o homem põe e... a Lei dispõe". E como tal Dever só tivesse razão de ser do começo do ano vindouro em diante, aproveitamos o presente número, não só para concluir tal Mensagem, inúmeras vezes paralisadas por motivos ou "deveres" quase semelhantes ao atual, como para responder àquela pergunta que fomos o primeiro a fazer no final do Segundo Capítulo, ou aquele que tem por título: *A Maya Budista e a Relatividade*.

No entanto, uma colaboração indireta continua de pé: a tradução do último trabalho literário - que foi bem um "canto de cisne" - do genial Teósofo e eminente polígrafo espanhol Mario Roso de Luna que, para nós, além dos seus valores intrínsecos possui o estimativo, porquanto foi a última de todas as provas de amizade e consideração que nos dispensou tão bondoso quão ilustre mestre e amigo - principalmente quando o oferece "para ser publicado na querida língua de Camões", embora que impiedosamente massacrada por quem ousou levar avante tão difícil empreendimento.

Referimo-nos a O Tibet e a Teosofia, ora no seu *sétimo capítulo* e figurando sempre em primeiro lugar nesta revista, como humilde homenagem da S.T.B. aquele que foi, de fato, o Arauto do excelso Trabalho em que a mesma se acha empenhada. Resta-nos apenas pedir desculpas a todos quantos nos tem honrado até hoje com alguns momentos de atenção, por qualquer falta que por acaso tenhamos cometido - embora que involuntariamente - desejando-lhes ao mesmo tempo, todas as felicidades que merecem, a começar pela principal, que é a espiritual.

* * * *

Antes de darmos início ao capítulo V desta parte de nossa Mensagem, devemos dizer que o anterior não teve outro fito senão preparar o mental de nossos prezados leitores, principalmente os que não possuem grande soma de conhecimentos *esotéricos*, ou melhor, Teosóficos, para uma nítida e perfeita compreensão do assunto que íamos tratar no seguinte (que é este). E, já se vê, de acordo com os "métodos analógicos" ou de Harmonia, mui bem expressos na famosa sentença da Tábua esmeraldina de Hermes Trimegisto, ou o que afirma que "o que está em cima é como o que está em baixo". Assim sendo, a leitura de tal capítulo sem a do anterior - pouco importando os conhecimentos que se possa ter do assunto nele desenvolvido, através da ciência oficial, ou aquela que termina justamente onde a Teosofia começa - se torna incompleta, para não dizer, aumenta as possibilidades da descrença em um assunto relativamente pouco conhecido, já que a Humanidade prefere preocupar-se com outros aos quais julga de maior importância (18).

V

O SETENÁRIO DIVINO

Empregando uma "filosofia barata", para não dizer, uma comparação infantil em assunto tão transcendente - já que é o melhor meio de se poder dar uma idéia perfeita de coisas que pairam acima dos conhecimentos até hoje adquiridos pela humanidade - a evolução completa da "mônada" em cada Ronda, é tal como se tivéssemos de cursar durante 7 anos em uma Academia, 49 matérias, isto é, 7 matérias para cada ano.

Sim, porque cada Ronda se compõe de *Sete Raças* com as suas respectivas sub-raças, ou 7 para cada uma delas. E até, se quiser: Dentro de cada raça há *sete raças* sub-divisionais e em cada uma destas sub-divisões, sete ramais de raças. Façamos um resumo de tudo isto, embora já o tivéssemos feito (de modo mais resumido) na segunda parte desta Mensagem.

A primeira raça *humana* foi governada pelo planeta Sol e seu estado de consciência achava-se sob o nível *Átmico*. Compunha-se de seres considerados como "filhos dos deuses", ou melhor, da Yoga, porquanto eram projeções dos *Châyas* (19) dos Pitris (Pais, antepassados, etc), enquanto mergulhados na meditação da Yoga; como ainda de autogerados ou não procedentes de pais humanos. A sua aparência nada mais era do que formas (Bhûtas) frustas, filamentosas, sem sexo, quase protistas (20) *saídas do corpo etéreo* de seus progenitores. Quase sem consciência; tanto podiam viver de pé, como caminhar, correr ou voar, mas, em suma, nada mais eram do que *Châyas* ou sombras.

O sentido da *audição* é desenvolvido na primeira raça e esta corresponde aos impactos do *Fogo*.

A reprodução é feita por cissiparidade (tal como o desenvolvimento de certas plantas e a reprodução dos protozoários). A princípio, dividiam-se em duas metades iguais; mais tarde em porções desiguais, produzindo descendentes menores que cresciam, por sua vez, e produziam, pelo mesmo processo, novos filhos.

Na primeira Raça não existiram sub-raças definidas, embora se possa dizer que *sete* gradações ou estádios se manifestavam em tal crescimento.

Depois de terríveis catástrofes e gigantescas convulsões terrestres, o primeiro continente que apareceu foi a ponta do *Monte Merú*, ou melhor, o cabo do Pólo Norte. Foi o nascimento da Terra Sagrada Imperecível, ou "aquela que nenhum cataclisma pode destruir"... Pouco a pouco esse continente emergiu das ondas efervescentes do globo e *sete grandes promontórios* apareceram no ponto de junção que se dá o nome de *Pushkara*. (21)

Durante o período da segunda raça, formou-se o segundo continente chamado Hiperbóreo ou *Plaska* ("*ficus religiosa*" é o significado desta palavra sânscrita), cujo continente ocupava o norte da Ásia, juntando a Groelândia ao Khamtchatka, limitado ao sul pelo mar, onde ainda rolavam sob as suas águas, as areias do deserto do Gobi.

Compreendia o Spitzberg uma parte da Suécia, da Noruega e das Ilhas Britânicas. Clima tropical, vegetação luxuriante cobria as planícies banhadas pelos raios do sol.

O estado de consciência da segunda Raça é o *Búdrico*, ou melhor, *Atmâ* ligado a *Budhi*. E a prova é que se achava sob os impactos dos dois elementos: *Ar* e *Fogo*... O sentido desenvolvido foi o do *tato*, que se juntou ao da *audição* da primeira raça.

De acordo com o tempo já avançado para esta segunda raça, os "espíritos da Natureza" constroem em torno dos *Châyas*, *moléculas mais densas da matéria*, formando uma espécie de escama exterior, e assim o *Châya exterior da primeira passa a ser* o interior da segunda, para não dizer, seu duplo etérico, algo assim como se dissesse em linguagem vulgar, que uma roupa nova foi vestida por cima da velha.

Tal raça possuía uma cor amarelada de tons doirados, suas formas de brilhantes reflexos eram filamentosas, arborescentes, com aparência ora semi-animais, ora semi-humanas.

A reprodução obedecia a dois tipos: 1o. - os assexuados ou aqueles que se multiplicavam tal como na primeira raça; 2o. - os nascidos do suor, com uma vaga indicação dos dois sexos, onde o apelido de andróginos latentes.

Na 2a. raça os mamíferos desenvolveram-se gradualmente, com os germens abandonados por esses pseudo-homens. Os animais inferiores aos mamíferos foram formados pelos espíritos da natureza, por meio de tipos elaborados durante a 3a. Ronda. A 2a. raça nasceu sob a influência de *Júpiter*.

A 3a. raça ou *Lemuriana* teve lugar na Lemúria, ou melhor, em *Shalmali* (22). A imensa cadeia do Himalaia emerge do oceano, e mais ao sul os continentes se elevam para Leste do Ceilão, da Austrália até a Tasmânia e as Ilhas de Páscoa; para Oeste, até Madagascar. Uma parte da África emerge igualmente.

Dos continentes precedentes, a Lemúria conserva a Suécia, a Noruega e a Sibéria.

O estado de consciência da terceira raça corresponde a *Atmâ*, *Budhi* e *Manas* e responde aos impactos do *ar*, do *fogo* e da *água* (este último veio juntar-se aos dois primeiros). Do mesmo modo, o sentido da *visão* juntou-se aos da *audição* e do *tato*.

Durante as 1a. e 2a. sub-raças a linguagem consistiu apenas em gritos de dor e de prazer, de amor e de ódio; na 3a. sub-raça, a linguagem tornou-se monossilábica.

A reprodução fazia-se por três tipos principais: **1o.** (na 1a. e 2a. sub-raças), nascidos do suor. Os sexos são apenas desvendados na 2a. sub-raça; criaturas nitidamente andróginas, tendo distintamente o tipo humano; **2o.** (3a. e 4a. sub-raças), nascidos do ovo.

Na 3a. sub-raça produziram-se hermafroditas bem desenvolvidos desde o nascimento e capazes de se moverem ao sair do ovo. Suas formas serviram de veículos aos senhores de Vênus (23). Na 4a. sub-raça, um dos sexos começou a predominar sobre o outro e pouco a pouco começaram a sair distintamente do ovo, machos e fêmeas; os filhos exigem maiores cuidados e nos fins desta sub-raça eles já não podem caminhar sós ao sair do ovo; **3o.** (5a., 6a. e 7a. sub-raças). Na 5a. sub-raça são sempre nascidos do ovo, porém este é pouco a pouco retido no seio materno; o filho nasce fraco e incapaz de se manter sozinho. Nas 6a. e 7a. sub-raças a reprodução sexual se torna universal.

Os homens da 3a. raça, a Lemuriana, eram de estatura gigantesca e poderosos, pois necessitavam lutar contra os megalosauros, pterodactilus e outros animais afins com a evolução daquela época, cosmogônica e antropogenicamente falando. (24)

Tinham a pele vermelha, com grande variedade de tons; a fronte era deprimida, o nariz achatado, queixo proeminente. Os andróginos divinos eram de uma cor brilhante qual ouro velho, de esplendor indescritível.

Os órgãos visuais desenvolveram-se durante a terceira raça; no começo era um só olho no meio da fronte; em seguida vieram dois olhos, porém, estes só foram utilizados na sétima sub-raça, sendo que somente na 4a. Raça, a Atlante, eles se tornaram o órgão normal da visão.

Tais seres não possuíam intuição alguma; obedeciam estritamente e sem esforços a todo impulso proveniente dos reis divinos, sob cujas ordens construíram *grandes cidades*, enormes templos ciclópicos, cujos fragmentos subsistem ainda na Ilha de Páscoa e em outros tantos lugares do globo.

No decorrer dos tempos, tal continente teve de suportar numerosos cataclismas, devido às erupções vulcânicas e tremores de terra. Uma enorme depressão começou na Noruega e o antigo continente teve que desaparecer por algum tempo debaixo das águas.

Cerca de 700.000 anos antes do período eoceno (da época terciária), houve uma grande convulsão vulcânica que destruiu quase toda a Lemúria, não restando senão alguns destroços como a Austrália, Madagascar, as Ilhas de Páscoa. Em pleno desenvolvimento da raça Lemuriana, produziu-se uma extraordinária mudança de clima, que fez desaparecer os últimos vestígios da segunda raça. assim como os representantes dos primeiros tipos da terceira.

As paixões sexuais tornaram-se poderosas depois da separação dos sexos. Alguns Agnisvattas e Pitris solares foram atraídos por mulheres de classes menos evoluídas e com elas produziram tipos inferiores. Daí o primeiro conflito entre os Pitris que ficaram puros e submissos às Leis da Divina Jerarquia e os que cederam ao prazer dos gozos sexuais. Os mais puros emigraram pouco a pouco para o Norte; os corrompidos, para o Sul, Leste e Oeste, aliando-se aos grosseiros elementais, tornando-se adoradores da matéria. Foram os pais da raça Atlante. As imagens daqueles gigantes Lemurianos, foram adoradas como deuses e heróis nas 4a. e 5a. raças.

Os aborígenes da Austrália e da Tasmânia provém da sétima sub-raça Lemuriana. Os malaaios, papuas, hotentotes e dravídios do sul da Índia, provém de uma *mistura* desta sub-raça e das primeiras Atlantes. Todas as raças nitidamente negras possuem descendência Lemuriana.

Afirma o Ocultismo que os macacos antropóides são os últimos de um *cruzamento entre homens e animais*, que se fez no final da terceira raça.

Os primeiros representantes de tal raça, nasceram sob a influência de Vênus (*Shukra*) e sob essa influência, os tipos hermafroditas se construíram. A separação dos sexos fez-se sob a predominância do planeta Marte (*Lohitanga*) que tem por característica Kama, a natureza passional.

A raça Atlante foi governada por Lua e Saturno. A *prática da Magia Negra*, sobretudo entre os Toltecas, *predominou na raça Atlante* (o grifo faz parte da resposta à pergunta "se ainda hoje deve ser praticado aquilo que estava de acordo com o estado de consciência de uma raça muito anterior à nossa - inclusive as evocações ou sessões

práticas de Espiritismo?..."), proveniente de um emprego ilícito dos "raios obscuros da Lua". É a Saturno ao qual se deve, em parte, o enorme desenvolvimento do espírito concreto, que caracterizou a terceira sub-raça Atlante.

Em tal raça se desenvolveu o sentido **gustativo**.

A linguagem era aglutinante nas 3a., 4a. e 5a. sub-raças; era a forma mais antiga dos *Rākshasas*. Com o tempo tornou-se inflexiva e assim passou à quinta raça.

A Atlântida, o *Kusha* - país de *Mu* dos arquivos ocultos - (25) compreendia a China e Japão e cobria o que hoje se conhece como Oceano Pacífico Setentrional, quase até o lado ocidental da América. Ao Sul compreendia a Índia, Ceilão, Birmânia e a Malásia; a Oeste, a Pérsia, a Arábia, a Síria, a Abissínia, a bacia do Mediterrâneo, a Itália meridional e a Espanha. Da Escócia e da Irlanda, então imersos, estendia-se a Oeste sobre o que hoje se conhece como Oceano Atlântico e a maior parte das duas Américas.

A catástrofe que despedaçou a Atlântida em *sete ilhas* de diversos tamanhos no meado do período mioceno, há 4 milhões de anos, trouxe para cima das águas a Suécia e a Noruega, uma grande parte da Europa meridional, o Egito, quase toda a África e uma parte da América do Norte, enquanto que a Ásia setentrional afundava-se nas águas, separando deste modo, a Atlântida da Terra Sagrada. Os continentes chamados *Ruta* e *Daitya* (atualmente no fundo do Atlântico), foram separados da América, mas unidos ainda durante um certo tempo por uma grande faixa de terreno, que desapareceu na catástrofe do fim do Plioceno... há 850.000 anos, fazendo de tais continentes duas ilhas distintas que, por sua vez, soçobraram há perto de 200.000 anos, não ficando no meio do Atlântico senão a Ilha *Poseidonis*, que foi finalmente submersa em 9.564 antes da era cristã.

Uma grande parte dos habitantes da Terra é ainda vestígio da quarta raça, compreendendo os Chineses, os Polinésios, Húngaros, Bascos e os índios das duas Américas.

Foram estas as sub-raças da raça Atlante: 1a - os *Rmoahal*, povos pastores que emigraram sob a direção dos Reis Divinos; 2a - os *Tlavatli*, de cor amarela, civilização pacífica sob a égide de seus instrutores e dos Reis Divinos; 3a - os *Toltecas*, de cor avermelhada (escura), belos, de estatura elevada; poderosa civilização, povo essencialmente guerreiro, civilizador e colonizador; 4a - os **Turânios**, raça guerreira e brutal (designados nos antigos documentos hindus com o nome de *Rakshasas*); 5a - os *Semitas*, povo turbulento e que deu nascimento à raça Judia, na quinta raça-mãe; 6a - os *Acádios*, migradores; espalharam-se na bacia do Mediterrâneo; deram nascimento aos Pelasgos, Etruscos, Cartagineses, Citas (*Scythas*); 7a - os *Mongóis*, procedentes dos Turânios, espalharam-se principalmente no norte da Ásia.

A 5a. raça Ária teve nascimento há um milhão de anos, quando o Manú Vaisnavata escolheu na sub-raça semítica, as sementes da 5a. raça e conduziu-as à Terra Sagrada Imperecível. Há perto de 850.000 anos, uma primeira emigração atravessou os Himalaias e espalhou-se no norte da Índia. Ela é governada por Buda-Mercúrio, porque o desenvolvimento do intelecto é seu fim principal. (26)

Nele se desenvolveu o sentido do olfato.

A superfície do globo tendo passado por inúmeras transformações, emergiram uma após outra, as partes de nossos continentes atuais que, por uma dessas *coincidências* interessantes, são *cinco*... tal como o número da raça Ária que é a 5a. Raça-Mãe da presente Ronda.

Em linguagem oculta tais continentes tem o nome de *Krauncha*, que por sinal é o nome de uma *montanha* no Himalaia.

Após a grande catástrofe de há 200.000 anos e que deixou isolada a ilha *Poseidonis* no meio do atlântico, os cinco continentes atuais tomaram a forma que até hoje possuem. No decorrer dos tempos, nossos continentes serão destruídos por tremores de terra, fogos vulcânicos e inundações, como outrora o foram a Lemúria e a Atlântida, já que a água e o fogo são os dois elementos destruidores, para não dizer transformadores (e até "purificadores") do nosso planeta.

Como foi dito, a sua primeira sub-raça estabeleceu-se há 850.000 anos ao norte da Índia. A sua religião foi o hinduísmo primitivo: leis do Manú, leis das castas; 2a. - *Ário-semítica* ou *Caldaica*, atravessou o Afeganistão e espalhou-se nas planícies do Eufrates e na Síria. A sua religião foi o Sabeísmo; 3a. - *Irânica*, conduzida pelo primeiro Zoroastro, estabeleceu-se na Pérsia e daí para a Arábia e Egito. Culto do fogo, da pureza. A Alquimia predominou nessa sub-raça Ária; 4a. - **Céltica**, conduzida por Orfeu, espalhou-se na Grécia, Itália, França, Irlanda e Escócia. Ela distinguiu-se em todas as linhas artísticas; 5a. - *Teutônica*, emigra da Europa central e espalha-se hoje por todas as partes do mundo.

A 6a. sub-raça nascerá e se desenvolverá na América do Norte, ou melhor, suas sementes já se manifestam naquela parte do Globo.

A 7a. (para a qual trabalhamos, pouco importa a distância que esteja de nossos dias, porquanto existem seres na Terra trabalhando para coisa mais distante ainda, que é a futura Ronda), nascerá na América do Sul. Já tivemos ocasião de explicar em outros estudos que as duas raças finais de todas as raças-mães quase se sucedem, e quanto mais para o fim da Ronda, tal fenômeno se fará com maior rapidez, por isso mesmo, interpenetrando-se umas nas outras. (27)

E como a Raça atual ou a *Ária* (no ramo ou família final de sua 5a. sub-raça) seja a 5a. Raça-Mãe, como se viu, logo, duas raças-mães com as suas (7) respectivas sub-raças cada uma delas, faltam ainda para completar a presente Ronda: a 6a. desenvolverá o princípio *Búdico* ligado ao de *Manas* da raça Ária; e a 7a. o princípio *Átmico*, ligado aos dois primeiros, por isso mesmo, realizando a vitória da Tríade Superior na matéria.

Como se viu, as 3 primeiras raças-mães tiveram esses mesmos estados de consciência, no sentido involutivo ou da descida do Espírito (*Purusha* na Matéria (*Prakriti*) isto é, *Atmâ*, *Budhi* e *Manas*.

Depois da equilibrante, onde funcionou o intermediário, isto é, o *Mental inferior* ou *Kama-manas*, ou seja, a *Atlante*, a ordem foi inversa, ou seja, *Manas* (da atual ou 5a.), *Budhi* (para a 6a.) e *Atmâ* (para a 7a.). E isso de acordo com os arcos ascendente e descendente da evolução, os chamados períodos de *Pravritti-marga* e *Nivritti-marga*.

É provável que os continentes dessas duas Raças finalizadoras da Ronda, sejam os mesmos da *Lemúria* e da *Atlântida*, porém em tal época completamente redimidos do mau Karma de seu longínquo passado.

Segundo as tradições purânicas, seus nomes ocultos são: *Shaka* para o 6o. continente, cujo significado é "rodeado pelo mar de manteiga" (do mesmo modo "Força e Poder") e ***Pushkara***, o que já apontamos em outros

lugares, isto é, "Loto", lago, etc. - algo assim como se quisesse dizer que em tal época a Humanidade atingiu o "Loto das Mil Pétalas", isto é, o mais elevado grau de consciência que se pode alcançar na terra: o *Sétimo* (Princípio).

E com esse estudo mais uma vez se prova que tudo partiu do Um para o vário, através do 3 e do 7 - tal como procuramos provar no capítulo anterior desta Mensagem, inclusive, quando falamos do misterioso número 137...

Nesse caso, o *Um* é a Unidade imperecível (chamado *Deus* pelas religiões ocidentais); o *Três*, como a sua Tríplice manifestação, de acordo com a Trindade cristã - Pai, Filho e espírito Santo; na *Trimurti* Indiana (que tanto vale pela primeira) isto é, Brahmã, o criador; *Shiva*, o destruidor, ou melhor, transformador e Vishnú, o conservador; nas Três Parcas mitológicas - Clotos, Láquesis e Atropos (uma que fiava, outra que cortava o fio e a última que sustinha a roca) e até, nas três forças: centrífuga, centrípeta e equilibrante.

Quanto ao *Sete*, no mistério contido nas seguintes palavras também do capítulo anterior: "Com essa *tríplice* manifestação, tudo evolui através o Setenário, produzindo os refinamentos infinitos da matéria imponderável"... tal como na arte musical Harmonia, Melodia e ritmo, através das sete notas da escala (28).

Do mesmo modo, nas seguintes palavras dos Puranas: "O Grande Arquiteto do mundo dá o primeiro impulso ao movimento rotatório do nosso sistema, *caminhando alternadamente sobre cada planeta e sobre cada corpo*", cujos planetas, como se sabe, são Sete... e considerados nas escrituras secretas como "os corpos físicos dos Dhyans-Choans, por outro nome, "senhores das Inteligências Luminosas" ou os *Sete Arcanjos* do Cristianismo, para não dizer, do Judaísmo, figurados em seus templos ou igrejas nos candelabros de sete luzes. (29)

Para finalizar este capítulo, resta-nos dizer que, embora essa tríplice manifestação do homem e sua escala evolucionar através o setenário divino, no entanto aquilo que se conhece como seu corpo, é apenas o "habitat" em que se produzem os fenômenos da vida aparente.

Como o diamante na rocha, a sua parte superior permanece ignorada neste envoltório material. É pelo estudo paciente, pelo desenvolvimento das faculdades sub-conscientes que o Adepto se coloca em presença do princípio superior de seu ser, único e eternamente verdadeiro. Mesmo porque, tal entidade permanente é a que vive através de toda série de vidas, não só das raças pertencentes à volta (Ronda) atual, mas também de outras voltas e de outros mundos.

VI

O ESPIRITISMO NO OCIDENTE

Como se viu no capítulo anterior, as práticas psíquicas tiveram a sua origem nas primeiras raças humanas, para não dizer na 4a. sub-raça da 4a. Raça-Mãe - a *Atlante*. Daí ter sido a mesma governada pelos planetas Lua e Saturno.

Segundo a teoria de Plutarco e outros muitos Iniciados, o Corpo se acha ligado à **Terra**, a alma à **Lua** e o Espírito ao **Sol**. Logo, aquilo que com a mesma diz respeito, isto é, com Alma, Psiquis ou *Psiquê* - de onde provém o termo "poderes psíquicos", "sidhis" em sânscrito e "iddhis" em pâli - não pode ter outro nome senão *Animismo*, mas nunca *Espiritismo*. Mesmo porque "região lunar ou astral" sendo uma só e mesma coisa, os seres que aí habitam não são *Espíritos* mas sim *Almas* - pouco importando a diferença que os espíritos fazem entre "Astral inferior" e "Astral superior", porquanto acima deste existem outros planos ou mundos, onde também figuram o *inferior* e o *superior*.

Concorda perfeitamente com o que acima fica dito as seguintes palavras de H.P.B. quando fala a respeito de *Enoch* (Doutrina Secreta): Esotericamente, Enoch é "o filho do homem", o primeiro. E simbolicamente, é a primeira sub-raça da quinta raça raiz. E se tal nome se adapta à Cabalas numéricas e enigmas astronômicos, cobrindo o significado do ano solar ou 365, de acordo com a idade que se assinala da Gênese, é porque sendo o sétimo personifica em Ocultismo as duas raças precedentes com as suas quatorze sub-raças. Por essa razão aparece no Livro como tetravô de Noé, o qual, por sua vez, personifica a quinta raça *em luta com a quarta*, (isto é, a *Ária* ou a nossa com a *Atlante*, dizemos nós) ou seja, o grande período dos mistérios revelados, profanados quando "os filhos de Deus" baixaram à Terra para tomar por esposas "as filhas dos homens", ensinando-lhes os segredos dos anjos; ou melhor, quando os "homens nascidos da mente", *da terceira raça, misturaram-se com a quarta e a Divina Ciência foi paulatinamente degenerando* em feitiçaria (*Magia Negra*, dizemos nós).

Ora, se a quinta Raça (a *Ária* ou a nossa) "entra em luta com a quarta" (a *Atlante*); ou melhor, procura sobrepujar "a consciência lunar ou Astral" da anterior, afim de implantar o "domínio do Mental" (que é o seu estado de consciência como se viu no capítulo anterior, e razão de ser governada por *Buda-Mercúrio*) não se pode conceber que os praticantes hoje de tudo quanto se relacione com "o estado de consciência" de uma raça inferior à atual (como Hipnotismo, Magnetismo, evocações de almas, etc), não continuem pertencendo à referida raça. Daí a proibição expressa nas "Regras da Grande Fraternidade" de todas essas práticas contrárias ao grau de evolução a que chegou a Humanidade. (30)

No entanto, o Espiritismo propriamente dito, o que não cogita da fenomenologia, mui especialmente de "comunicações com o Além", pregando praticando apenas a caridade e os são princípios de sua doutrina, é aquele, como já dissemos, que se fez "o dique tutelar contra as águas invasoras do materialismo bravio, hoje dominando sobre a terra... É, ainda, o único "porto de salvação" para os náufragos da vida, que não encontram u'a mão fraterna e amiga que lhes valha - inclusive os governos, quando cogitam de tudo, menos de resolver os graves problemas da dor e da miséria. Por isso mesmo, perseguir a essas bondosas criaturas que "a tudo sabem renunciar pelo bem de todos", é ilógico, contraproducente, senão um crime de lesa-humanidade. O que devem porém fazer as autoridades é controlar certos Centros suspeitos, afim de evitar maiores desgraças do que as registradas quase que diariamente em nosso cadastro policial e assinaladas pela imprensa como "vítimas do baixo espiritismo". (31)

O genial Teósofo Roso de Luna termina a sua obra *O Livro que mata a morte ou mundo dos jinas* (que foi ele o primeiro a considerar como a melhor de suas obras), com estas palavras: "Quanto ao Espiritismo - doutrina tão repreensível no emprego da mediunidade provocada, como respeitável em sua filosofia e manifestações espontâneas através da História" - é um repositório de "fatos jinas", dignos de um estudo científico imparcial, segundo insinuamos ou esboçamos entre os numerosíssimos desta nossa obra".

De fato, "as manifestações espontâneas", isto é, onde não há provocações de fenômenos, pois como já explicamos algures, a própria mesa com a assistência ao redor, é uma corrente magnética estabelecida, sem falar na

auto-sugestão ou no fato de se esperar por este ou aquele ser, ou mesmo por qualquer que deseje apresentar-se - algo assim como o pescador que ao atirar a rede são apanhadas várias qualidades de peixes (bons e maus) - dizemos, tais "manifestações espontâneas" ninguém as pode condenar. Razões ocultas exigem, muitas vezes, esses aparecimentos de mensageiros de boas e más novas, por isso mesmo nas ocasiões em que nos encontramos completamente alheios aos assuntos dessa natureza. O que ninguém pode negar é que a *Magia Negra* infiltrou-se por toda parte - embora que em alguns lugares com mais virulência do que em outras.

Raras são as pessoas que escaparam indenes desse horrível mal hoje universalizado. Quem não o é conscientemente, toma o nome de cinzento, por ser de fato uma mescla das duas espécies de Magia: Branca e a Negra.

O fenômeno é resultante desse fim de ciclo apodrecido e gasto, por isso mesmo, envolvido nas convulsões de várias naturezas que sacodem o mundo, para que sobre ele possa descer uma nova Aurora resplendente de luz portadora de melhores dias para todos os seres que o habitam.

Quanto ao que diz respeito ao nosso País, "o grande mal" teve as suas origens depois que os portugueses começaram a dar caça aos negros - isso nos inícios do século XVII e obediente ao insondável mistério da "fusão monádica" entre os menos com os mais evoluídos. E o mal agravou-se com o próprio *Espiritismo* desde que não se tomou providências enérgicas para que uma grande parte do mesmo não se fundisse nas origens africanas, como aconteceu. As levas de negros que vieram para o Brasil, procediam da África super-equatorial e meridional, ou melhor, *sudanesa e bantu*.

Dos sudaneses figuravam os Jalofas, Mandingas, Fulos, Haussás, Nagôs, Achantis e Gêges ou Ewes, especialmente no estado da Bahia.

Dos *bantus* figuravam os Angolas, Congos ou Cabindas, Benguélas, Cassanges, Bángalas ou Inbángalas, Dembos, Macúas e Anjicos, nos estados do Rio, Minas, São Paulo, bem como em Pernambuco e Maranhão.

Tal como foi dito no capítulo anterior, nenhum outro povo da Terra representa vestígios da degenerescência atlante, como os de certos lugares africanos - embora que para o Brasil tivessem vindo muitos negros, que hoje são lembrados por quase todas as famílias brasileiras, como amigos dos seus senhores, fiéis e dedicados ao extremo. Foram aqueles que nos embalsamaram na infância, que nos faziam rir com as suas grotescas palhaçadas; em resumo, que até hoje são lembrados com saudade e carinhosa gratidão, especialmente pelos brasileiros de mais de meio século de vida.

Aos poucos eles foram desaparecendo, e se existem ainda alguns, o número deve ser limitadíssimo e de verdadeiros macróbios. Deles descendem diretamente os nossos *crioulos*. E esses, infelizmente (com algumas exceções notáveis), conservam aquelas reminiscências. Disso há uma prova bem fricante: as *macumbas* existentes tanto nos subúrbios como nos morros que circundam a parte mais central de nossa belíssima capital, como quase todos os Estados Brasileiros.

E daí, por exemplo, os famosos "despachos" que até hoje são encontrados nas encruzilhadas formadas pelas ruas mais transitadas do Rio e Niterói. para que ninguém ouse dizer que "só no Brasil é onde se vê tais coisas", transcrevemos o que há tempos foi divulgado pela imprensa americana: "Não há muito Nova York se achava comovida pela excentricidade de um novo e sangrento culto - o "vudú".

Os fanáticos pertencentes a este culto infernal dispunham-se brindar seu misterioso *deus* com uma vítima humana, na pessoa de Rose Parell. O culto "vudú" é de origem negra, porém, *era praticado em Nova York pelos brancos*, que viviam em uma casa de vários andares do número 18 do Park Street (todo o grifo é nosso).

Miss Rose Parell fora, certa tarde, à referida casa para visitar uns amigos que viviam no último andar.

Quando se retirava, descendo as escadas, Miss Parell ao chegar ao segundo andar, sentiu que uma porta se abria cautelosamente e que várias sombras se atiravam sobre ela, impedindo-a de proferir o mais insignificante grito de alarme.

Pouco depois a jovem era arrastada para um quarto pouco iluminado por um lampião de querosene. Aterrorizada, a infeliz gritou por socorro, porém nenhum dos presentes fez o menor movimento. Duas pessoas - Joseph Muc e sua esposa, que eram os encarregados do sacrifício - começaram a praticar-lhe ferimentos em diversas partes do corpo... A esta altura Miss Parell gritou com mais força, enquanto as outras pessoas procuravam abafar a sua voz, cantando e dançando loucamente.

Quando Joseph Muc e sua esposa se dispunham a cortar os cabelos da pobre moça, a porta abriu-se violentamente para dar passagem à polícia.

quase sacrificada foi encontrada inanimada junto ao bárbaro altar de folhas de bananeira.

Do mesmo modo, de uma aldeia portuguesa chegam notícias de "ter sido queimada uma pobre senhora, na presença dos próprios filhos - que choravam diante de tão horrível quadro - por amigos seus, que a julgavam possesa e ser aquele o único meio de expulsar "o mau espírito", sem contudo matar a pobre mulher, segundo haviam lido em um livro de "Magia prática" - o famoso São Cipriano, talvez.

quanto pode chegar o fanatismo!...

o número 71 desta revista publicamos um artigo com o título *As enfermidades dos mediuns e perigos que correm*, da autoria de George O'Bourke, e para o qual chamamos a atenção de nossos leitores.

Citaremos aqui alguns trechos daquele valioso artigo, para que se possa formar um juízo a respeito de quanto vimos tratando até o momento: "Em algumas importantes localidades das Antilhas - Centro e Sul da América e também na África e na Ásia, esta última muito mais perigosa do que todas juntas - se chega à monstruosidade de desenvolver como mediuns a infelizes crianças, deixando-lhes em germe um ciclone vital que as arruinará para sempre.

Uma das formas que caracterizam a tais feiticeiros - com exceção dos núcleos dedicados a curar - em sua maneira de atuar, é o baile circular em grupos, acompanhado de cantos, que nada mais são do que evocações às suas más entidades *protetoras*, as quais se vão apoderando, pouco a pouco, de todos os *bailadores* e ao que denominam eles de "subir-lhes o santo".

Porém, onde está a verdadeira monstruosidade é no utilizarem crianças em tais bailes, pois o que pretendem e acabam conseguindo, enfim, é ligá-las às suas abomináveis práticas e desse modo prepará-las como instrumentos futuros de maldade e até de crimes.

Tais crianças, logo desenvolvidas, serão de fato a massa principal dos "magos negros" num futuro não muito distante.

No "baixo espiritismo" ou aquele que entre nós possui os nomes africanos de "candomblé", "macumba", etc, etc. - desgraçadamente tão em voga em nosso país, como já dissemos, e com a proteção e assistência de muita "gente fina", que aí vai para fins que não honram ninguém - quando um dos *bailadores* (homem ou mulher) é *apoderado*, diz-se também que "o santo baixou", não havendo portanto nenhuma diferença entre o que se pratica nas Antilhas e entre nós, a não ser os nomes de tais *santos* (as crianças felizmente no Brasil, não foram envolvidas nessas dolorosas reminiscências da *decadência atlante*); tudo mais, isto é, o canto, a roda, os "despachos", etc, são iguais.

O interessante é que os nomes de tais santos são os mesmos da Igreja, aliás, como acontece em quase todos os Centros espíritas, que tem por protetores os Antonios de Pádua, Franciscos de Assis e vários outros - inclusive "a santa da moda" Terezinha do Menino Jesus, mas isso depois que a Igreja a canonizou, porquanto anteriormente ela não conhecia "os caminhos ou estradas astrais" que deveriam conduzir seus passos para esses famosos "centros", que não querem ser chamados de "baixo espiritismo"...

No entanto, sob essa capa grosseira e criminosa do africanismo, ou melhor, da "macumba", existem reminiscências das verdades primitivas, que se não encontram nem mesmo nos Centros mais afamados do Espiritismo!

Conforme já dissemos, os Dhyans-Chohans (Planetários, Arcanjos, etc) são *Sete* - aliás como *Sete* é tudo quanto vimos explicando desde o capítulo IV desta Mensagem até aqui.

Pois bem, as "linhas" dos santos da "macumba" também são *sete*, por isso mesmo, acompanhando grosseiramente as velhas tradições iniciáticas.

Na "linha de São Jorge", ou o santo por eles chamado de "ogum", encontramos: *Ogum*, *Oguniê*, *Ogum-teché*, *Ogum-naí*, *Ogum-tab*, *Ogum-leb* e *Ogum-dá*. E não terminam aí os vestígios iniciáticos de um passado remotíssimo da História.

São Jorge, como já explicamos em outros estudos, é uma segunda edição do *Perseu* e Andrômeda e até do *Sosiosh* persa, o *Maitréia*, redentor do mundo e outros tantos símbolos de "cavaleiros que salvam as suas damas das garras de dragões terríveis", etc, cujo sentido é o da redenção da alma pelo Espírito, para não dizer, do consórcio ou união mística entre os dois... já que a verdadeira finalidade da vida é a liberação do Ego ou deus interno, que vive agarrado à personalidade, qual Prometeu no *Cáucaso*, para não dizer, no "cárcere" da carne...! Ou melhor, o que se conhece como a "Vida Una".

E como tal "redenção humana" ligada se ache ao fato já por nós citado em outros lugares, ou seja, o do "sétimo ou último estado de consciência" que se há de alcançar na terra, nós vemos esse mesmo mistério do setenário no símbolo de São Jorge e demais linhas do africanismo, como corrupção natural das idades que pesam sobre a Verdade ou Ciência Eterna, pregada pelos nossos Pais ou antepassados, para não dizer "quando os homens nascidos da mente, da terceira raça **misturaram-se com a quarta e a Divina Ciência foi paulatinamente degenerando em Magia Negra**".

Vejamos outros santos do africanismo no Brasil: *Oxalá* (nome árabe que como outros, figuram em nossa língua como reminiscência das invasões árabes na Espanha e Portugal, cujo nome como se sabe, quer dizer "praza aos céus", "praza a Deus", etc) é o famoso "Senhor do Bomfim" da Bahia; *Amanjá* é, ao mesmo tempo, a Virgem Maria e a "Mãe d'água".

Nesse ponto de vista o africanismo distanciou-se da Igreja muitas léguas, pois como se sabe, **Maria** vem de "mare"- o mar (símbolo puramente lunar, razão porque aparecem várias Virgens da Igreja trazendo uma meia-lua aos pés). E, portanto, dar à Maria o nome de "Mãe d'água" tem mais valores iniciáticos do que o de uma personalidade que houvesse existido com tal nome e mãe do "Messias prometido".

À todas as mães dos grandes Seres baixados a este mundo foi dado o nome de *Mayâ* (a ilusão dos sentidos) - inclusive à Mãe de *Yezeus Krishna*, que viveu 3.500 anos antes da era cristã e de cujo nome foi plagiado o Jesus Cristo bíblico.

Logo a seguir vem outros nomes de santos, a começar por São Sebastião (o padroeiro dessa "Sebastianópolis"), São Lázaro e outros tantos, com os respectivos nomes de Abaluaê, Oxumarê, etc. O próprio *Diabo* não escapou de figurar entre os santos da *macumba*. Seu nome no africanismo é: *Exú* ou *Exum* - que aliás, poderiam dar-lhe o contrário de *Oxalá* (Senhor do Bomfim, Deus, Cristo, etc) ou seja, **Alaxo**, de acordo com a fórmula cabalística do "Daemon est Deus inversus", isto é, "o demônio, o diabo, etc, é Deus invertido, ou ao contrário", e até a hermética de que "o que está em cima é igual ao que está em baixo"; *igual*, nesse caso, em essência ou origem, ou quando não manifesto; desigual, oposto ou antagônico, quando manifesto, isto é, quando ele toma a forma dual. E o qual há de ser morto por si mesmo, logo soar o momento final das coisas, ou melhor, segundo o sábio axioma de que "os extremos se tocam"...! O *Diabo* é pois a Sombra do Divino ou Superior, refletida em "in-fera" ou "lugar inferior", que é este "baixo ou inferior mundo" em que vivemos...!

Os "despachos" oferecidos a *Exú* (o diabo) são colocados nas encruzilhadas, isto é, no encontro de duas linhas; vertical e horizontal - algo parecido com a explicação anterior, isto é, do "encontro" da Sombra (o Diabo) com a Luz (Deus) no final de tudo...

Aos dirigentes de tais "macumbas" se lhes dá o nome de OGAM, que lida às avessas é o termo usual dos que praticam a Magia (Branca ou Negra), isto é, "Mago".

Existem ainda as "linhas silvícolas" e que são vestígios ainda das "práticas atlantes" usadas pelas raças autóctones da América do Sul - principalmente as do Brasil, cujas práticas para eles "religiosas", eram dirigidas pelos seus "pagés", isto é, sacerdotes, feiticeiros, *magos*.

Os nomes de tais "linhas" foram traduzidos para o português e daí os termos: *Junco-Verde*, *Canela de Ferro*, *Caboclo Jurema* (nome de uma planta indígena que era destinada a licores sagrados, cópia portanto dos tradicionais licores de *Soma* e de *Shukra*, etc, etc. *Urubatão*, como corruptela do termo tupi Arabutã, que significa "pau vermelho", "pau Brasil", também chamado "ybirá-pitanga".

As macumbas africanas são quase sempre inimigas das caboclas ou silvícolas. Daí se degladiarem "a despachos" - cada qual mais forte, mais poderoso - algo assim como as que se travavam outrora entre os *Rackshasas* negros (atlantes) com as suas Agniastros (ou armas de fogo tangidas pelos elementais que os serviam) e até, com raios

sombrios da lua...! E o mais interessante é que existem centros espíritas que possuem tais seres entre os seus protetores, quando preferem a linha silvícola. Os que possuem maior crença na "linha africana" (embora englobada com os Franciscos de Paula, de Assis, Terezinhas do Menino Jesus, e outros santos da corte celeste), arranjaram nomes apropriados para os "seres" de sua preferência, como sejam: Pai Francisco, Tio Ambrósio, Tia Joana, etc, e todos eles consultados com a reverência exigida pela sua dignidade de *sábios e santos homens* - principalmente quando "desmancham matrimônios" levam a discórdia aos lares, deixando na orfandade pobres crianças irresponsáveis (até certo ponto, porque *carnicamente falando*, só se nasce na família onde se deveria nascer!...) pelo fanatismo e... "modus-vivendi" de seus pais! Finalmente, tão santos quanto aqueles famosos *feiticeiros* da Igreja que se chamaram *Onofre, Cipriano* (cujo menú diabólico ainda figura em um livro que se vende em algumas livrarias com o seu próprio nome); um *Tomás de Aquino* que fazia envoltamentos por qualquer coisa - inclusive para que os animais não passassem em frente de sua casa e o incomodassem.

E quanto ao termo "baixar o santo", é a mais degradada fórmula do fenômeno tantas vezes por nós explicado, ou seja, da manifestação do Eu-Superior.

Como degradado também se acha no "baixar o Espírito Santo" da seita dos "Quakers" (os tremedores) isto é, os que se poem a tremer como se estivessem atacados de "coréa" ou "dança de São Vito", no momento de receber o "espírito santo".

Entre os "Coptas" (cristãos-jacobitas do Egito) há um ritual misterioso em que o sacerdote mais puro entre eles sopra a cabeça do discípulo, para que o Espírito Santo desça sobre o mesmo. É o hálito divino animando o próprio Fogo Celeste já que esses dois elementos, Ar e Fogo - **Vayú e Tejas**, não se manifestam separadamente. (32)

No Novo Testamento, "a descida do Espírito Santo sobre Jesus, quando este é batizado por João Batista no rio Jordão", é outra alegoria bem semelhante às anteriores. Ademais, o próprio nome João Batista (melhor dito, Yokanan) possui as iniciais J e B das Colunas do Templo, isto é, *Jakim e Bohaz*; como também, as dos 2 caminhos laterais, segundo as iniciações orientais, isto é, *Jnana*, o conhecimento e *Bhakti*, a devoção, ou melhor, o amor entre todos os seres. (33)

Do mesmo modo, quanto a festa que celebra a Igreja cristã com o nome de *Pentecostes* (Quinquagésima) isto é, *cinquenta dias* depois da *Páscoa da Ressurreição*, porque no referido dia - segundo lemos nas *Atas* (Feitos) cap II, "o Espírito Santo, em forma de línguas de fogo, desceu sobre os apóstolos, que logo começaram a falar em diversas línguas". (34)

* * * * *

O erudito francês Stanislas de Guaita, uma das maiores sumidades em matéria de Esoterismo, falando do *Espiritismo*, na sua maravilhosa crítica sintética *Le Temple de Satan*, tem estas palavras: "Quanto ao *Espiritismo* dizemos apenas que a evocação dos pseudo-espíritos não tem outro resultado, em regra geral, senão atrair ou mesmo criar seres não menos lemurianos e parasitários (*vampiros*, dizemos nós), quase sempre inúteis, quando não prejudiciais ou irreparavelmente funestos.

Madame Blavatsky, continua ele, via longe quando predizia que o resultado da última invasão espírita no Ocidente seria dentro em pouco a perda segura e ruína total de milhares de almas, inconscientes, vítimas de Allan Kardec e de suas doutrina subversivas.

Muitos se admirarão de me ouvir emitir uma opinião tão desfavorável ao espiritismo e de combater obstinadamente uma espécie de religião que consta entre os seus apologistas um certo número de escritores respeitáveis e mesmo verdadeiros sábios. Direi mais: tais espíritas, como por exemplo Louis-Michel de Figanières, causam admiração aos ocultistas pelo poder de sua inteligência e audácia de intuição. Suas obras - caos de sombra e de luz - estão repletas de visões audazes e profundas, mas para serem estudadas apenas à luz do ocultismo.

Compreenda-se que eu não nego, com intenção reservada, o valor dos espíritas. Eu não sou severo para com uma doutrina que é uma das mais notáveis, mas sim para com as terríveis conseqüências onde ela fatalmente fracassou: a promiscuidade psíquica e a anarquia espiritual.

O que falta aos doutos do Espiritismo é o discernimento dos espíritos.

Eu digo e sustento que não é possível *entrar em relações diretas com as Inteligências superiores e até mesmo com as Almas desligadas dos entraves carnis* (todo o grifo é nosso), sem cair na redes fatais da mentira e da ilusão. O culto dos Antepassados consagra na China como em qualquer parte, a realidade de tais relações; porém, estas não se podem estabelecer senão através de uma escala hierárquica. É preciso uma ciência que estão longe de suspeitar os próprios adeptos do Espiritismo e o emprego dos processos que somente a *Iniciação* pode conferir o segredo.

Estas palavras do eminente Ocultista concordam perfeitamente com as de H.P.B. quando diz: "*Jesus pregou uma doutrina secreta e "secreta", naquele tempo significava: Mistérios de Iniciação*, que foram repudiados ou alterados pela Igreja.

Voltaire, do mesmo modo, caracterizou em poucas palavras os benefícios dos *Mistérios* ao dizer que "entre o caos das superstições populares, existia uma instituição que evitou sempre a queda do homem na absoluta animalidade: a dos *mistérios*!"

O próprio Amonio Sacas ensinou "que a religião das multidões correu *pari-passu* com a filosofia e que com esta se foi corrompendo gradualmente, por *vícios de conceitos, mentiras e superstições* puramente humanas.

Era necessário, portanto, restituí-la à sua pureza original, expurgando-a da escória e interpretando-as filosoficamente, pois o propósito do Cristo foi estabelecer a sua *prístina integridade, a Sabedoria da antiguidade; reduzir o domínio da superstição que prevalecia no mundo; corrigir os erros introduzidos nas diversas religiões*".

Citemos mais uma vez o erudito ocultista Stanislas de Guaita, quando na supracitada obra, afirma o mesmo quanto até aqui vimos desenvolvendo a respeito da antiguidade do Espiritismo, ou melhor, das práticas de animismo ou psiquismo.

Inútil dizer que o Espiritismo não foi uma nova invenção. As formas lemurianas que em todas as épocas se compraziam em passar por almas de além-túmulo, iludiam os homens, muito antes que os espíritos mistificadores emigrados do novo mundo, inundassem o antigo com a sua ruidosa presença; muito antes que Allan Kardec formulasse seu Evangelho espírita e o Barão de Guldenstubbé obtivesse os fenômenos de escritura direta de que tanto se mostrou orgulhoso.

Mais adiante, quando o mesmo autor fala dos "mediuns", tem estas palavras:

"Se me perguntassem em que consiste essencialmente um medium, eu o definiria como um homem, ou uma mulher, atacado de uma incontinência vital, esgotando-se por nutrir, com a sua substância fluidica (muito expansiva e por isso mesmo sujeita a perdas ou *empréstimos*), uma multidão de larvas parasitárias, que vegetam e se multiplicam em sua atmosfera astral, em seu nimbo oculto".

Vejamos agora o que diz em sua obra crítica *L'erreur spirite*, o não menos ilustre escritor francês René Guénon, sobre Allan Kardec:

Rivail tomou o nome céltico de Allan Kardec a conselho dos "espíritos", por ter sido o seu em existência anterior; foi com tal nome que ele publicou as diversas obras, consideradas pelos espíritas franceses como o fundamento de sua doutrina, aliás, como continuam sendo hoje para os esparsos pelo mundo.

Nós dizemos que Rivail publicou tais obras, mas nunca que fosse ele só quem as escreveu; com efeito, sua redação - logo da fundação do espiritismo francês - representa esforço de um grupo de pessoas, onde o próprio Allan Kardec não era mais do que o porta-voz. Seus livros são, pois, uma espécie de obra coletiva ou o resultado de uma colaboração entre diversas pessoas.

E é por tal motivo que não admitimos a colaboração dos "espíritos", proclamada por Allan Kardec, isto é, quando o mesmo declara que os escreveu de acordo com as "comunicações" que ele e outros haviam recebido, e cujo trabalho foi por ele próprio controlado, revisto e corrigido, porém, com o auxílio dos "espíritos superiores" (35). Com efeito, para os espíritas, o homem pouco de modifica depois de desencarnar; por isso mesmo não se deve confiar no que dizem todos os "espíritos"; assim é que nos podem enganar, já por simples divertimento, ou por ignorância. E é desse modo que se procura justificar as "comunicações" contraditórias.. Resta apenas perguntar: como podem "os espíritos superiores" se distinguir dos demais?

"Uma outra opinião bastante divulgada entre os espíritas e completamente errônea, é aquela de que Allan Kardec escreveu seus livros debaixo de uma certa inspiração; o fato é que ele nunca foi "medium" mas, ao contrário, magnetizador (dizemos "ao contrário", porque essas duas qualidades são incompatíveis) e era por meio de seus "sujets" que ele obtinha tais comunicações".

De fato, dizemos nós "a incompatibilidade" entre mediuns ou "sujet" e operador ou magnetizador, é mais que lógica. Uma é o ativo ou o que domina a vontade do outro; o "sujet", paciente ou passivo, seu próprio nome o diz. Se Allan Kardec fosse um medium, isto é, um passivo, etc, ele não teria poder para magnetizar ninguém - pese isso o já termos presenciado certos mediuns hipnotizarem ou magnetizarem a outras pessoas, o que tomamos como simples "embuste".

Em outros lugares, diz o mesmo autor:

"Quanto aos "espíritos superiores", com o auxílio dos quais suas obras foram corrigidas e coordenadas, não eram todos "desencarnados"; o mesmo Rivail não foi estranho a esse trabalho, embora nos pareça não ter ele tomado parte direta no mesmo. Assim pois o *arranjo* dos "documentos de além-túmulo", como se dizia, deve ser atribuído, sobretudo, a diversos membros do grupo que se formou em torno do mesmo Kardec. Somente é provável que a maior parte dentre eles - por motivos diversos - preferisse que tal colaboração ficasse ignorada do público; ao demais, sabia-se que entre eles havia escritores de profissão, o que fez duvidar naquela ocasião, da autenticidade de tais "comunicações", ou ao menos, da exatidão com que foram reproduzidas - embora que seu estilo estivesse longe de ser impecável".

O famoso medium inglês Dunglas Home, diz de Allan Kardec o seguinte: "Eu classifico a doutrina de Allan Kardec entre as ilusões deste mundo e tenho boas razões para isso. Eu não ponho nenhuma dúvida sobre a sua perfeita boa fé... Sua sinceridade projetou-se - *nuvem magnética* - sobre o espírito sensitivo daqueles a quem o mesmo chamava "seus mediuns". Seus dedos confiavam ao papel as idéias que lhes eram impostas pelo mental alheio... e Allan Kardec recebia suas próprias doutrinas como mensagens enviadas do mundo dos espíritos. Se os ensinamentos fornecidos de tal maneira emanavam realmente das grandes inteligências que, segundo ele, eram os autores, poderiam os mesmos tomar a forma que nós lhes vemos hoje? Onde pois, Jamblico aprendeu tão bem o francês de hoje? E Pitágoras por sua vez pode esquecer o grego que foi sua língua natal?... Eu nunca encontrei um só caso de clarividência magnética em que o "sujet" não refletisse direta ou indiretamente as idéias do magnetizador. Tal coisa foi demonstrada de modo frisante pelo próprio Allan Kardec. Sob o império de sua vontade enérgica, seus mediuns não foram mais do que máquinas de escrever, que reproduziam automaticamente seus próprios pensamentos. Se algumas vezes as doutrinas publicadas não estavam de acordo com seus desejos, ele as corrigia a seu gosto. Sabe-se que Allan Kardec *não era medium*. Ele não fazia senão magnetizar ou "psicologizar" (que se nos perdoe esse neologismo) pessoas mais impressionáveis do que ele". De fato, tal coisa é exata, salvo a correção dos "ensinamentos" que não deve ser atribuída apenas a ele, mas a todos de seu grupo; ao demais, o próprio teor das "comunicações" podia já ser uma influência das outras pessoas que assistiam às suas sessões, etc.

Poderíamos citar centenas de escritores de nomeada, que defendem as mesmas idéias por nós expendidas - sem falar nos que poderiam ter o título de "Espíritos Superiores" (encarnados) à frente da Humanidade como seus Guias ou condutores, por isso mesmo, acima de qualquer suspeita - pouco importa se incompreendidos pelos que preferem as coisas e ensinamentos procedentes de outro mundo - aliás, como costumam fazer consigo quando buscam fora o que vive em seu imo, contrariando, portanto, a famosa sentença do templo delfico, ou seja, o *Gnosce te ipsum*.

Porém, demasiadamente longos já vão estes dois capítulos finalizadores de tão humilde quão sincera Mensagem, razão porque só nos resta tratar da verdadeira origem do surto no Ocidente, tanto do *Espiritismo* como da *Teosofia* - embora em linhas gerais e sem preocupações sobre qualquer juízo em contrário.

Assim é que a nossa tese de hoje - já sustentada por outros anteriormente, embora sem conhecerem certos detalhes nem procedências (36) é que esse chamado "surto espiritualista no Ocidente" não procedeu do "mundo dos mortos", mas daquele que vivemos, para não dizer, de Seres Superiores que, por seu alto Saber e Perfeição se fizeram Guias, ou melhor, "despertadores de consciências adormecidas", para que elas não vivam afastadas da Lei que a tudo e a todos rege. E com isso, possam seguir as verdadeiras diretrizes que vão ter à finalidade das coisas: *A Vida Una!*

Mas, dirão os espíritas e muitos outros que nos lerem: isso é uma contradição palmar a tudo quanto vindes afirmando até agora - inclusive, que tais Seres "são os primeiros a condenar as práticas de Animismo ou Psiquismo"...! A razão está exposta em tudo mais quanto vamos dizer.

Assim é que tal movimento, demasiadamente conhecido de todos aqui para ser repetido, não foi mais do que uma tentativa enérgica como refreamento aos baixos instintos que prevaleciam na época, para não dizer, uma modificação para melhor no caráter humano, prestes a afundar-se no abismo fatal da dissolução completa de todos os seus vestígios espirituais.

"Para grandes males, grandes remédios!" Nesse caso, o "grande remédio"... *foi o de fazer vibrar o que jazia em estado latente no homem, como reminiscência de seu passado já morto* (sua antiga roupa - termo bem parecido ao sânscrito Rûpa, que é *forma* ou *corpo*, nesse caso *cármico* - de *Kama* - *psíquico* ou "passional", que foi o "estado de consciência desenvolvido na 4a. Raça - a Atlante); além de provar a existência de um mundo logo imediato ao físico, onde a alma se sujeita a outras experiências - para não dizer, *processos de aperfeiçoamento*... até o *día* de sua nova encarnação. E assim sucessivamente, até a vitória completa do Espírito sobre a Matéria!...

Ao demais, somente os fenômenos considerados pelo vulgo como "sobrenaturais" ou de ordem "miraculosa" (embora quer naturalíssimos!) poderiam influir no espírito das massas, a ponto de modificar tudo quanto as tendências da época já tinham feito criar potentíssimas raízes!...

Os homens são como as crianças que, para cumprir os seus deveres, necessitam que se lhes dê doces e brinquedos! Além disso, nem todas as mentalidades se adaptam aos altos conhecimentos ou querem dispender desde logo esforços com aquilo que, hoje ou amanhã, terão fatalmente que o fazer. E daí a razão de se chamar de "elite" ou "eleitos" - segundo a frase bíblica de "muitos serão os chamados e poucos os escolhidos" - aqueles que não necessitam de presenciar fenômenos, nem outras *dádivas psíquicas*... para trilhar o verdadeiro caminho; por isso mesmo, distanciados dos demais que bem podem ser chamados de "impúberes psíquicos", isto é "almas jovens", devido a sua indolência e má vontade para com a aquisição da maior de todas as felicidade que é a Espiritual.

Assim é que, acionadas por outras Potências mais elevadas, as Fraternidades - a que chamaremos de "Jinas" - de origens *atlantes*, ou melhor, como a semente vitoriosa daquela Raça - dentre elas a de *Yucatan*, no México - incumbiram-se de tão árdua tarefa.

Nesse caso pensemos diferentemente daqueles que fomos os primeiros a citar e digamos, por exemplo, que a família Fox de Hydesville, no Estado de Nova York; do mesmo modo que Kardec com todos os seus auxiliares (encarnados e desencarnados) toda essa avalanche de "mediuns" assinalada na História do *Espiritismo*, etc, etc, nada mais foram do que "instrumentos" - pouco importa se inconscientes - nas mãos dos Membros das referidas Fraternidades, as quais, por sua vez, subordinadas se achavam a Outros Seres de maior categoria, aos quais tomamos a liberdade de chamar de "Membros da Excelsa Fraternidade"...

Assim sendo, pensarão muitos: todos os erros do Espiritismo recaem sobre tais Seres. Sim e não, dizemos nós. *Sim*, porque Eles de há muito trazem sobre os ombros o *Karma* Universal - porquanto, podendo usufruir outras condições de felicidade espiritual, *aqui jazem* neste baixo mundo, "como espectros de si mesmos", enquanto houver uma só alma para ser salva ou redimida. E *não*, porque sendo Eles senhores absolutos de todo o Saber Perdido - para não dizer, o "summum bonum" da espiritualidade, por isso mesmo, dentro da Lei Universal - estavam em condições de lançar mão do único recurso que poderia atenuar o grande mal reinante, ou aquele que servia de obstáculo à própria evolução humana. *Similia, similibus, curantur!*

Não esquecer o que dissemos anteriormente, isto é, "que tais Seres são os únicos e verdadeiros Guias ou Condutores dessa pobre Humanidade acorrentada nas férreas cadeias de sua própria Ignorância!..." E a prova é que procuraram outra maneira de equilibrar esse processo ou "remédio violento", incumbindo a outros Seres de combater o lado mau do Espiritismo - algo assim como se tivessem de prevenir aos seus prosélitos que não sorvessem de um só gole, a taça venenosa do Segundo Vestíbulo de que fala *A Voz do Silêncio*: "O nome do segundo é Vestíbulo da Instrução (probatória, dizemos nós). Nele encontrará tua alma as flores da vida; porém, debaixo de cada flor, uma serpente enroscada".

Como se sabe, esse Segundo Vestíbulo não é outro senão o da região astral - o mundo psíquico de percepções super-sensíveis e de visões enganadoras. É, portanto, o mundo da *Grande Ilusão*.

Um desses Seres enviados ao mundo para contrabalançar os efeitos do "único remédio que o mal da época exigia", foi a incompreendida mulher que teve o nome de Helena Petrovna Hann de Fadeef Blavatsky. E com ela, o *ressurgimento* da Teosofia no Ocidente, para não dizer, daquele mesmo Saber Perdido, conservado há milênios no seio das Fraternidades secretas, embora que em forma parcial... de acordo com a própria evolução humana de sua época.

Não se deve esquecer ainda, que o *Espiritismo* e a *Teosofia* tiveram seu surto na América do Norte, embora que um em 1847 e outro em 1875, ou seja, uma diferença de 28 anos entre os dois.

Tal como no homem, a parte mais densa (o Espiritismo, melhor dito, *Animismo*, Psiquismo, etc, por se relacionar com a *alma*) veio depois: a *Teosofia*. Daí o nosso dito que ambas se completam e até que o Espiritismo é a ponte que conduz a alma do mundo humano para o Divino". E por isso mesmo, não se deve estacionar sobre tal Ponte, sob pena de cair irremediavelmente no abismo... da "segunda morte", ou aquele que se acha debaixo de nossos pés.

E esse fenômeno dual (do Espiritismo e da Teosofia) ocorreu na América do Norte, por ser nesta parte do Globo onde deveria surgir uma Nova Civilização a que nós, os Teósofos, conhecemos com o nome de 6a. sub-raça Ária.

Razão portanto de ter sido ali onde se fundou a The Theosophical Society, cuja missão não era outra senão a do preparo para o advento de tal raça ou civilização e, portanto, lugar onde deveria estar a sua Sede se não fora a terrível campanha que sofreu H.P.B. por parte, não só dos espíritas, como dos protestantes e católicos americanos - principalmente, porque sendo ela uma "divina rebelde", soube defender com verdadeiro heroísmo, a missão que pesava sobre seus ombros.

E se mais não lhe foi dado fazer, é porque o seu bondoso auxiliar - o Cel. Olcott era uma alma simples, para não dizer, fraca demais para resistir a embates dessa natureza. Daí, a mesma Sociedade ser forçada a transplantar-se

para a Índia, ou o lugar de "suas origens espirituais"... o que não deixou se ser contrário ou prejudicial à sua *missão terrena*... (38)

Passemos adiante: Em 1874 ou seja, um ano antes da fundação daquela Sociedade, H.P.B. e Olcott encontraram-se na América do Norte.

Meio século justo depois desse acontecimento (39), ou seja, o ano 1924, fundava-se uma outra Obra na América do Sul... com o fim de trabalhar pelo "advento da 7a. sub-raça" - pouco importa a distância que a mesma se ache dos nossos dias, quando na face da terra existem Seres de há muito trabalhando por coisa muito mais distante ainda, ou seja, a futura Ronda, conforme afirmou o mesmo Mahatmã *Koot-Hoomi*!...

E tal Obra não é outra senão aquela em que a S.T.B. se acha empenhada, pois a sua fundação com o nome de Dhârânâ, como se sabe, teve lugar aos dez dias do mês de Agosto de 1924.

Em resumo: A Fraternidade de Yucatan no México, está para "o movimento espiritualista" da América do Norte, como a de *Machu-Pichu* (próximo a Cuzco) está para a América do Sul, ou seja, aquele em que estamos empenhos. E cuja Fraternidade é a mesma a que nos referimos em nosso artigo *O Governo Oculto da S.T.B.* (pág. 213 do número anterior desta revista) - por sinal que afirmamos H.P.B. ter convivido entre seus membros quando veio à América do Sul, acompanhada de alguns Seres misteriosos; do mesmo modo, quando da anotação 5 (pág. 220) nos referimos ao encontro que teve Roso de Luna com um dos membros da referida Fraternidade, quando do seu giro de conferências pela América do Sul. E não ficaram apenas aí aquelas nossas revelações; fomos mais adiante, ainda citando "Duas Fraternidades Jinas" do Brasil, sendo que uma delas em Mato Grosso. Quanto às tradições desta última, foram elas que atraíram o Cel. Fawcett e seu filho às selvas brasileiras e... a razão de todo o mistério que os envolve, isto é, passando algumas vezes como mortos, para logo "terem sido encontrados em uma tribo da região compreendida entre os rios Kulusen, Kuluene e das Mortes, estando o filho casado com uma Índia, filha do chefe da mesma tribo".

Para terminar, nosso mais íntimo desejo é que os espíritas de todas as partes do mundo, especialmente do Brasil, compreendendo a verdadeira razão de ser de tudo quanto foi expendido nos dois últimos capítulos desta Mensagem, pouco a pouco vão modificando a parte prática de sua maravilhosa doutrina, até se dedicarem exclusivamente ao estudo comparado entre a mesma e a Teosofia - a começar pelas duas sábias leis da *Reencarnação e Karma*, ou as que definem maravilhosamente bem as afinidades espirituais existentes entre uma e outra.

Sobre o resto... nada há que modificar nem corrigir; ao contrário, só há que enaltecer os valores daqueles que, como nenhum outro, possuem no seu mais elevado grau, o espírito de Sacrifício e de Renúncia!

Quanto aos Teósofos, quer do Brasil, quer de todos os países do mundo, elogiar seria uma ofensa. Serve-lhes de credencial seu próprio título.

Só há uma palavra, pois, a dizer: **Avante!**

Vitam impendere vero
- Finis -

J.H.S.

Presidente da S.T.B.

Rio, 28/12/1933

(18) Além deste monumento literário que se chama a Doutrina Secreta, de H. P. Blavatsky; das inúmeras obras do imortal Teósofo Roso de Luna, não faltam outras de cunho teosófico dedicadas quase que exclusivamente ao assunto de que trata o capítulo V de nossa Mensagem ao mundo espiritualista, isto é, sobre as Raças humanas.

Ademais, em o número desta revista "referente ao trimestre de Janeiro a Março de 1930, foi publicado um artigo nosso com o título *O Futuro Imediato do Mundo*, onde o mesmo assunto é abordado, sem falar na 3a. parte da mesma Mensagem. Daquele número de Dhârânâ, antes citado, consta ainda valioso artigo do Presidente da "Sociedade Autosófica" de Buenos Aires, intitulado *Raças Humanas*, que também serve de consulta ao leitor.

(19) *Chaya* - termo sânscrito, cujo significado é: Sombra. Certos autores o chamam de "duplo astral ou etéreo". Nós não concordamos com essa definição porque dá a idéia de uma só coisa, quando não é exato. Nesse caso seria melhor chamá-lo de "psico-etéreo", já que se trata, no caso vertente, da construção física do que hoje se conhece como Humanidade. E a prova é que essas primeiras *formas humanas*, eram fluídicas, por serem emanadas dos Barishads Pitris (classes de Devas pertencentes à 7a. Jerarquia do sistema solar, que *auxiliam a construção das formas* na evolução das quatro rondas da cadeia terrestre).

(20) A palavra protista provém do grego *protistos*, o primeiro de todos.

(21) O verdadeiro nome do primeiro continente é Jambu. de acordo com as escrituras sagradas, e cujo significado é: Jambo, Jambosa, etc. A razão de se lhe chamar, algumas vezes, de Pushkara - quando este nome é o do 7o. e último continente, está sintetizado nos próprios "Sete promontórios" que apareceram no "ponto de Junção", após o nascimento completo da Terra Sagrada, algo assim como se quisesse dizer que ali era o símbolo do começo e do fim das coisas, tal como o *Ouroboros* ou a cobra que morde a própria cauda. Sim, porque ao alcançar o homem o "sétimo ou último estado de consciência" (o *Átmico*, tal como foi de modo involutivo no começo), tanto vale por chegar ao último continente (ou 7o.), onde o mesmo estará harmônico com a sua procedência divina, segundo o dito de que "deuses fomos e nos temos esquecido", ou "vimos da Divindade e para ela havemos de ir", segundo Santo Agostinho.

Ademais, a palavra *Pushkara* que quer dizer Loto, lago, etc, não só se refere ao 7o. continente (e até ao globo planetário de que tal continente é sua sombra segundo a fórmula hermética de que "o que está em cima é como o que está em baixo") como ao do sétimo e último Centro de força ou *Chakra* (roda, loto, etc, etc), situado no alto da cabeça e com os vários nomes de "Loto das Mil Pétalas", *Coronal*, *Sahasrara*, *Brahmananda*, etc, etc, por ser a Sede espiritual (no homem), para não dizer, onde figura aquele mesmo Princípio Átmico ou Crístico, contrariamente ao *Muladhara* que

é o 1o. e situado no "coccix" ou fim da coluna vertebral, conforme o seu próprio nome indica, isto é, "Mula" - raiz e "dahra" - o fogo, etc, isto é, "lugar onde se acha o fogo", pois de fato é aí que dorme *Kundalini* ("o poder inflamado, "a serpente de fogo", etc, etc). E tudo isso muito bem simbolizado naquele formoso conto infantil da "Bela Adormecida no Bosque", à espera do príncipe heróico que a viesse desencantar de tão penoso letargo. E cujo "príncipe", no caso vertente, outro não é senão o Eu-Consciência imortal, que se acha justamente do lado oposto ou no supracitado chakra "Coronal".

O alquimista João Tritemo, instrutor de Cornélio Agripa - abade dos beneditinos em Spanheim, dizia: "Deus é um fogo essencial e sempre aceso em todas as coisas e sobretudo no homem. Deus é fogo, porém, nenhum fogo pode arder, nenhuma luz pode brilhar na natureza, sem o ar que ativa a combustão. De igual modo, em nosso interior deve agir o Espírito Santo, como Sopro emanado de Deus.

"Cada coisa é uma Trindade de Fogo, Luz e Ar. Em outras palavras: O Espírito (o Pai), é uma Luz divina super-essencial; o Filho é a Luz manifestada e o Espírito Santo, o Ar, o movimento divino super-essencial".

"O Fogo reside no coração (já que aí é a câmara de Kundalini, dizemos nós), e distribui seus raios por todo o corpo humano, dando-lhe vida; porém, não nasce nenhuma luz desse Fogo sem o espírito de santidade".

(22) A palavra sânscrita *Shalmati* quer dizer: "rodeado pelo mar de manteiga clarificada" (Relaciona-se ainda com o "Bombax heptaphyllum: uma espécie de algodoeiro). Estudando-se tudo quanto foi dito a respeito do 1o. continente, verificar-se-á a razão de se chamar ao segundo de "rodeado pelo mar de manteiga clarificada"; por isso mesmo é ao leitor a quem compete fazê-lo, segundo o método de Teste (que é elaborado em torno dos antigos processos iniciáticos, já que esse termo procede do inglês *test*, que quer dizer: *prova*).

(23) Infelizmente não podemos dar o verdadeiro sentido do termo "Senhores de Vênus", que aliás é muitíssimo diferente do que julgam as mentalidades infantis... com se tais Senhores tivessem vindo, de fato, de Vênus, conduzindo trigo, abelhas e formigas". Quanto ao último sentido, trata-se apenas do que se conhece como os "3 caminhos": *Jhana*, o conhecimento; *Bhakti*, devoção, ou melhor, amor entre todos os seres e *Karma* ou da ação, que aliás está muito bem expresso na formiga, que é o animal, por excelência, destruidor do esforço humano.

(24) As grandes fendas ou aberturas que se notam ainda nos restos ciclópicos de várias partes do mundo, explicam a afirmativa de que os "lemurianos eram de estatura gigantesca". Tais fendas ou aberturas não são mais do que as *portas e janelas* de suas *residências*.

(25) *Kusha* (sânscrito) significa: "inebriado", "em delírio". (Poa cynosmoides: planta com que se fazia um licor sagrado). Coincidência ou não, o fato é que todos esses significados se adaptam à *exaltação, inebriamento, delírio*, etc, da raça atlante, principalmente quando entrou em decadência. Ademais, seu estado de consciência (Manas inferior, Kama-manas) faz subtender tudo isso. O primeiro trabalho a que nos propunhamos levar a cabo tratava com grandes detalhes dos dois continentes desaparecidos (Lemúria e Atlante), por isso mesmo, com citações dos melhores autores sobre o assunto. Conduzimos no entanto, o leitor interessado em tal assunto, ao estudo do eminente Teósofo Roso de Luna, publicado nesta revista (número de Janeiro a Março de 1930), com o título de *Os Ensinos Orientais e a Geologia* (Os 3 continentes: Hiperbóreo, Lemúrio e Atlante); do mesmo modo, a valiosíssima obra do mesmo autor: *De Sevilha a Yucatan, etc.*

Trataríamos do mesmo modo, das grandes catástrofes que tem assolado o mundo, provando que não houve apenas o dilúvio bíblico, mas vários outros. Nesse sentido, aconselhamos o leitor a consultar uma obra bastante interessante que é a *Doutrina Esotérica*, de Ernest Bosc, se é que não prefere a *Doutrina Secreta* de H.P.B., por ser a mais completa e valiosa entre todas que até hoje se tem lançado ao mundo (Cosmogênese, Antropogênese, Simbolismo arcaico das religiões, Apêndice, Miscelâneas). No entanto, a prova mais concreta existente na face da Terra a respeito da Atlântida, está consubstanciada nas descobertas do grande arqueólogo alemão Dr Heinrich Schliemann (descobridor da antiga Tróia) e depois de sua morte, tudo quanto realizou seu neto, Dr Paul Schliemann. Da narração feita pelo segundo sobre as descobertas de seu ilustre avô, sobressai esta preciosíssima passagem:

"Quando em 1873 fiz as escavações das ruínas de Tróia, em Hissarlick e descobri na segunda cidade o famoso "Tesouro de Priamo", dele fazia parte um jarão de forma peculiar e de grande tamanho. Dentro do mesmo se achavam algumas peças de ourivesaria, imagens pequenas de um metal esquisito, moedas desse mesmo metal e objetos de osso fossilizado. Alguns desses objetos e o jarão de bronze tinham gravado uma frase em hieróglifos fenícios, cuja frase era a seguinte: *Do Rei Cronos da Atlântida*". Perguntamos nós: "Só isso não seria o bastante para comprovar a existência da Atlântida"? O leitor inteligente pensará melhor ou pior, fazendo a leitura de toda a narração do Dr Paul Schliemann, que aliás faz parte da supracitada obra de Roso de Luna, intitulada *De Sevilha a Yucatan*.

Na primeira parte de nossa *Mensagem*, quando falamos dos grandes cataclismas que tem abalado o mundo, dizemos: "Um dos maiores foi o desaparecimento da Atlântida e que chega aos nossos dias através de diversos manuscritos e pela tradição, sendo que o mais importante é aquele dos *Mayas* (povo da América Central), denominado *Troano* e que se encontra no *British Museum*. Vejamos o que dizem os hieróglifos nele contidos: "No ano VI de Kan (um rei *Maya*), o undécimo do mês de Zac, produziram-se diversos tremores de terra consideráveis e que continuaram quase sem interrupção, até o décimo terceiro de *Chuen*. O país de *mu* (a Atlântida) foi inteiramente destruído.

Por duas vezes foi ele erguido nas suas partes principais, e na terceira desapareceu por completo; nada restou. Foi durante uma noite que as erupções vulcânicas sacudiram este país com um abalo formidável.

Sacudido violentamente em toda a sua extensão, este país acabou por abismar-se no seio das águas, incapaz de suportar por mais tempo o poder das convulsões cósmicas, por isso mesmo, levando consigo os 64.000.000 de habitantes que possuía e isso 8.068 anos antes da redação do presente manuscrito".

Nos arquivos do antigo templo budista de Lhassa se pode ver uma não menos arcaica inscrição caldáica, escrita há uns 2.000 anos antes da era cristã, que diz: "Quando a estrela *Baal* caiu no lugar onde agora só há mar e céu, as *Sete cidades* com suas Portas de ouro e Templos transparentes tremeram e estremeeceram como as folhas de

uma árvore, movidas pela tormenta. E eis que uma nuvem de fogo e fumo se elevou dos palácios; os gritos de agonia da multidão enchiam o ar. Buscavam refúgio em seus templos e cidades e o sábio *mu*, o sacerdote de *Ra-mu*, apresentando-se disse-lhes: "Não vos predisse tudo isso"? E os homens e as mulheres, cobertos de pedras preciosas e brilhantes vestes, clamaram: "*mu*, salva-nos!" E *mu* replicou: "Morrereis como vossos escravos e vossas riquezas, e de vossas cinzas surgirão novas nações. Se estas, por sua vez, esquecerem de que devem ser superiores, não pelo que adquirirem mas pelo que derem, a mesma sorte lhes tocará". As chamas e o fumo afogaram as palavras de *mu* e a terra se fez em pedaços, submergindo com seus habitantes nas profundezas das águas".

(26) Todo o grifo continua, como em outros lugares, chamando a atenção para tudo quanto se harmoniza com a resposta que estamos dando à nossa própria pergunta.

Sim, porque se a *raça Ária tem por fim o "desenvolvimento do intelecto"*, isto é, do mental, porque razão os seus componentes cogitarem de assuntos condizentes com uma evolução - para não dizer, com um estado de consciência inferior ao que ora desenvolve a Humanidade? E dizer-se que estamos na 5a. sub-raça da 5a. Raça-Mãe!...

E tais proibições já eram feitas pelos grandes condutores de povos e outros Iluminados que a este baixo mundo tem vindo. Moisés, por exemplo, chegava ao ponto de castigar os de seu povo que "evocassem as almas dos mortos".

Aquele a quem se teima em chamar de *Jesus*, ensinava: "Não evocarás as almas dos mortos". Gotama, o Buda, além dessa proibição, dizia mais: "Eu vos proíbo, ó *bhiksús* (monges budistas) o uso de encantamento e *orações*, por serem coisas inúteis, porquanto a Lei do Karma rege todas as coisas; aquele que *cuidar de fazer milagres, não compreendeu a Lei do Tathágata*". E em outros lugares de seus ensinamentos: "Esgota a lei de retribuição cármica. Adquire *sidhis* para o teu nascimento futuro". Ora, como se sabe, "*sidhis*" e "poderes psíquicos" são uma só e mesma coisa. Nesse caso, se os desperdiçarmos com pretensos milagres, etc, etc, como possuí-los "em nascimento futuro"?

Certa vez, indo ele à presença do seu protetor, o rei de Prasenajit, pediu-lhe este que fizesse alguns milagres, obtendo como resposta esta lição: "Grande rei, não ensino a Lei aos meus discípulos, dizendo-lhes: ide, ó santos e aos olhos dos brahmanes e dos pais de família, fazei - graças aos vossos poderes sobrenaturais - milagres superiores aqueles que outro qualquer pudesse fazer.

Ao contrário, digo-lhes, quando ensino a Lei: Vivei, ó santos, ocultando as vossas boas ações e mostrando os vossos pecados".

Do mesmo modo, este outro sapientíssimo conselho: "*A mente humana iluminada é maior do que um anjo e um Deus; a razão intuitiva, está acima do sacerdote e da revelação; o domínio de si mesmo, melhor do que o jejum, a mortificação e a prece; a caridade, maior que o sacrifício e o culto*". Seu lema era *justiça* e de seus ensinamentos se deriva, com grande clareza, a lei de *Karma* ou de causa e efeito, ação e reação, distribuição e retribuição, através das encarnações da *alma* em diversos corpos humanos. E não esquecer, dizemos nós, que tal alma é formada de "*skandhas*" ou *tendências* adquiridas nessas várias encarnações - por isso mesmo, aquele que se não alijar das más tendências ou as de ordem puramente inferior, impossível se torna alcançar o Divino.

Daí o que nos ensina a voz do silêncio: "Nada desejes. Não te irrites contra o Karma, nem contra as leis imutáveis da Natureza. Luta, apenas, contra o pessoal, transitório, efêmero e mortal".

Não deve esquecer o Teósofo - dizia o imortal Roso de Luna - que, "devoção" vem de "devas" e "man", "manú" - o homem - vem do radical sânscrito "manas" - o pensamento (com vistas à raça atual) por isso mesmo, só exercitando a sua própria mente com o *estudo* (o grifo é nosso), mas não suplicando favores de ninguém, por mais elevado que seja, poderá ele chegar a ser um "welsungo", um "divino rebelde", um herói, em suma: um Prometeu.

Em resumo, dizemos nós; queiram ou não *os mais entendidos*, tais práticas levadas a efeito atualmente, são as mesmas dos "rakshasas negros" da 4a. sub-raça Atlante. Por isso mesmo, consciente ou inconscientemente se vive em harmonia com eles - pouco importa a opinião de quem hoje - com todos os seus títulos e galardões teosóficos, oferece ao mundo, *como última palavra*, "que tais seres são muito gentís... e até seus amigos, etc, etc". E isso pelo simples fato (mais do que conhecido), de que a Lei é uma só, tanto para brancos como para negros, mas cuja única diferença está no fim a que se destinam; se para o Bem, Magia Branca; se para o Mal, Magia Negra.

E tal afirmativa, baseada em certas palavras do Mahatma K.H. em uma de suas cartas - aliás, como outras pessimamente interpretadas por quem só "enxerga a letra que mata, ao invés do espírito que vivifica"!...

Ninguém ignora, ainda, que dessas duas oposições ou antagonismos, como tudo na vida, nasce o equilíbrio perfeito das coisas, de acordo com o Daemon est Deus inversus, da Cabala.

Porém, o que nem todos sabem e outros fingem ignorar, é que conviver-se com tais seres, ou melhor, se essas duas forças antagonicas se unem estreitamente... impossível se torna distinguir uma da outra!...

Assim, mil vezes seria preferível calar-se do que anunciar tal coisa, especialmente diante de espíritos fracos (fanáticos que a tudo dizem Amém, até mesmo às maiores contradições!). Coisas desse fim de ciclo apodrecido e gasto! *Semper ad aeventum festinat*. E basta... para uma simples anotação.

(27) Reporte-se o leitor, não só ao nosso artigo *O futuro imediato do mundo* (número desta revista relativo ao trimestre Janeiro a Março de 1930), como a outros posteriores, onde tratamos de nosso trabalho para esta parte do Globo - inclusive o do número anterior com o título de *O Governo Oculto da S.T.B.*

(28) Sabemos de alguns espíritas que ridicularizaram as teorias teosóficas - especialmente quando confundem corpos com princípios, no homem. Mas não são eles propriamente os culpados e sim a maioria dos livros teosóficos que, usando de linguagens *arrevesadas* e empregando vários termos para explicar a mesma coisa, estabelecem enormíssima confusão nas mentalidades consideradas jovens em tão transcendente assunto. Quem busca tais livros é porque de fato deseja aprender algo que não conhece, ao menos aparentemente, porquanto a Verdade *dorme* no imo de cada homem, tal como já explicamos em outros lugares e comparando-A ao conto iniciático de "*A Bela Adormecida no Bosque*", cujo bosque ou "floresta negra", outro não é senão o de *Avidya*, a ignorância, ou melhor, falta dos conhecimentos necessários à humana redenção.

Assim é que, aquele que se propõe "a despertar consciências adormecidas" deve empregar linguagem simples e clara - algo assim como - se quisesse criar no mundo mental, um "Jardim de Infância", apropriado à educação de jovens mentalidades, pouco importa se amadurecidas no que a ciência oficial pretende ser real e verdadeiro. E isso estabelecendo uma corrente mútua de fraternidade entre si e os que o lerem, já que o "pão espiritual" é a maior de todas as *caridades*, embora que discordemos do termo grifado, substituindo-o pelo de Dever, tal como o exige a Lei desde que a Humanidade se tornou digna de possuir tal nome ("Dai com a esquerda para que a direita não veja").

Infelizmente "essas mentalidades amadurecidas na ciência chamada positiva", ou não ligam importância à Teosofia (esquecendo que não só a sua ciência, como tudo mais quanto existe na face da Terra - inclusive as "religiões" - tem nela a sua origem), ou se o fazem é às ocultas, para não passarem pelo ridículo perante outros enfatuados sábios de perder seu precioso tempo e mentalidade de escol com assunto tão *banal*... como é o *teosófico*".

São para tais "enfatuados sábios" aquela famosa sentença do *Niti-xataca de Bhartrikari*: "É fácil chegar-se a um acordo com o ignorante; muito mais fácil ainda, com o que sabe distinguir as coisas; mas ao *homem enfatuado com um saber insignificante*, nem Brahmã é capaz de o convencer"... Voltemos ao caso a que pertence esta anotação:

Como se sabe, o homem possui 3 corpos: Físico, Astral (psíquico ou Anímico- o perispírito, dos espíritos) e o Espiritual. Segundo Plutarco, o Físico ligado à *Terra*; o Astral ou psíquico, ligado à *Lua* e o Espiritual, ao *Sol* (mas que se não tome esses Sol e Lua como os que a ciência conhece com tais nomes... mas outros ocultos!).

Existe uma outra teoria para os 3 componentes com que se apresenta o homem na terra, cuja teoria não deixa de ser mais do que certa: Alma animal, Alma humana e Alma divina.

Pois bem, com esse corpo, que é a integralização dos Três em Um, já explicado no capítulo anterior desta Mensagem - inclusive quando se lhes compara à "Vina de Shiva" com as suas 3 cordas, *gunas* ou qualidades de matéria, os 3 sóis e outras coisas mais, ele tem que atravessar, para não dizer, adquirir Sete estados de consciência e isso.. de acordo com aqueles "sete princípios" com que tanto implicam os *espíritos*, os católicos e outros mais. Tais princípios, como se sabe, são o físico - *Rupa*; Vitalidade (Etéreo - Prana ou *Jiva*); Astral - *Linga Sharira*; Alma animal - *Kama-rûpa*; Alma humana - *Manas*; Alma espiritual - *Budhi* e Espírito - *Atmã*.

O fato está muito bem expresso na questão das 7 Raças de cada Ronda. Como se viu, nós estamos na 5a., a Ária, que "desenvolve Manas, o Mental" (ou o que se preferiu chamar de alma humana). Embrionariamente o homem possui os outros 2 princípios que lhe faltam, mas de fato ele tem ainda que galgar os dois degraus da 6a. e 7a. Raças-Mães finalizadoras da Ronda e, por isso mesmo, onde tais estados de consciência, como dissemos, serão desenvolvidos.

Do mesmo modo, tais princípios se acham estreitamente ligados aos "Sete Centros de Força ou Chakras" conforme já explicamos inúmeras vezes e é a razão dos mesmos estarem localizados, ou melhor, se encontrarem no "duplo etérico" e receberem "a força primordial" do Astral...

O pouco que dissemos na anotação 21 a tal respeito, faz com que o leitor inteligente possa descobrir o resto por si mesmo.

(29) Chama-se ainda aos Dhyans-Chohans de "Espíritos Planetários", como dirigentes de cada uma das 7 Rondas. E como estejamos na 4a. (Mineral, Vegetal, Animal e Humana) logo, é o 4o. que a dirige.

(30) Em outros números desta revista já tivemos ocasião de explicar com bastante clareza, os casos que servem de exceção à regra geral, tais como: para ser fundada na Terra uma Obra de origem divina - embora que, logo a mesma esteja edificada, se manifestem imediatamente *ordens*... para que todos os fenômenos de origem psíquica sejam suspensos.

Assim aconteceu com a The Theosophical Society, que foi antecedida pelo The Miracle Club; do mesmo modo, com a nossa Sociedade, cujo começo (portadora ainda do nome Dhârânâ) teve por argamassa esse doloroso processo, aliás, muito ao gosto e paladar dos que "só querem receber e nada oferecer", embora que, em seu próprio proveito.

Os *espiritualistas* dirão: e porque nós outros não podemos fazer o mesmo? Pela razão única de não terem à frente de seus Centros os Seres a que nos referimos, mas espíritos completamente ignorantes de todas essas coisas, como de outras mais insignificantes ainda, como por exemplo: o verdadeiro nome do Ser conhecido como Jesus; que vem a ser o nome Maria, e tudo mais quanto faz parte de iniciações antigas, lendas, tradições, mitos, etc, etc.

Além disso, é o próprio Kardec quem afirma: "de 100 comunicações, 99% serem falsas". Ora, a percentagem a favor do Espiritismo é demasiadamente pequena para se dar crédito no que tais "espíritos dizem" - inclusive os superiores.

Do mesmo modo é ele quem afirma "toda a falange de espíritos ser governada por um superior".

Logo, não é admissível que um espírito superior, ao invés de socorrer os seus "comandados" com a assistência necessária, ao contrário, lhes ordene que venham ao mundo de onde saíram repletos de ignorância e de misérias morais, para receber de pessoas nas mesmas condições, ou quase iguais, como somos quase todos, luzes e conforto *moral* de que tanto necessitam... ambas as partes: doutrinados e doutrinadores!

Já tivemos ocasião de criticar uma obra espírita de grande nomeada, que foi escrita por um "medium" brasileiro, como comunicações recebidas de seres superiores, inclusive o Senhor Gotama, que promete à toda assistência "na próxima encarnação se fazer espírita, porque, tudo quanto pregou estava errado". Só isso bastava para definir as duas partes; o famoso medium e os espíritos superiores que o assistiam ou assistem ainda. Tal livro se intitula: *Revelações dos Papas*. A tais mediuns e outras pessoas que exaltam *Jesus* e ridicularizam o Buda, bastam as seguintes palavras das velhas escrituras orientais, das quais se serviu H.P.B.: "Todos os *Avatars* não são senão Um. São os Filhos de seu Pai", em linha direta: "O *Pai* ou uma das 7 Chamas, que se torna por momentos, o Filho e os 2, não são mais do que Um em Eternidade". Muitas outras passagens misteriosas poderíamos aqui citar, porém as razões já apresentadas nas palavras que prefaciam os 2 capítulos que concluem esta Mensagem, respondem "quae-farte", pelo pouco tempo de que dispomos atualmente para fazer estudos desenvolvidos como merecia ser este.

(31) Felizmente, os *grandes remédios* já estão sendo empregados para tão *grandes males*, porquanto não só as autoridades movem atualmente uma campanha efficacíssima contra os entorpecentes, "a escravidão branca", os

falsos médicos, a falsa mendicância e até contra os "macumbeiros"; como também a *Cruzada Nacional de Educação* acaba de iniciar uma forte campanha contra o *analfabetismo*, que é a única razão de todos esses males e outros quase semelhantes... embora muitas pessoas que passam por "intelectuais" sejam apreciadoras dessa criminosa prática de *magia*... talvez por aí haver um outro *esporte*, ao qual o famoso juiz francês lhe daria, desde logo, o título de "cherchez la femme"... algo parecido com "a caça à raposa"...

(32) Todas essas alegorias concordam ainda, com aquela a que se refere o eminente sanscritista Burnouf e da qual a própria Igreja se serviu para o mítico nascimento e morte de *N.S. Jesus Cristo*. "A Svástica, diz ele, representa dois pedaços de madeira, que para não se moverem, são cravados com quatro pregos e na junção dos braços da cruz passa uma corda, que pela fricção produz fogo".

"O Pai do Fogo sagrado (Agni) é o divino *Tuashtri* (o mítico José cristão, dizemos nós), que prepara a cruz e o *Pramantha* (aparelho destinado a produzir fogo), que devia gerar o filho divino. A mãe do fogo sagrado, é a divina *Mayâ* (ou a mítica Maria dos cristãos, dizemos nós, porquanto todas as mães dos grandes Seres se chamaram *Mayâ*)".

Quando o pequeno Agni nasce, é colocado em um berço entre animais e ao lado fica a vaca mugidora (*Vach*, em sânscrito é o Verbo Divino, a Palavra criadora ou o Logos de Platão). O sacerdote toma-o e coloca-o sobre um altar, espalhando manteiga clarificada sobre ele (os santos óleos da igreja). É aí que ele toma o nome de "ungido" - *akta*, em sânscrito e "Christos" em grego. Ele torna-se então, resplandecente e tudo ilumina. As trevas desaparecem, os maus demônios fogem espavoridos ante a sua luz cintilante.

Ele é o Gurú dos Gurús, o Mestre dos Mestres e toma o nome de Jâtâvedas ou "aquele em quem a Sabedoria é inata". O título de Mestre, na Maçonaria, dizemos nós, se deriva de tudo isto, no verdadeiro sentido dos mistérios, embora que os maçons de hoje, poucos conhecimentos possuam do assunto.

Daí, quando Paulo se chama a si mesmo de "mestre de obras", "obreiro", portanto, emprega uma palavra eminentemente cabalística, teúrgica e maçônica, que aliás não foi usada por nenhum outro apóstolo. Desse modo, ele se intitula "adepto" com direito de iniciar a outros. Assim é que o mito do Cristo não é apenas religioso, mas alegórico das revoluções e ciclos solares.

Tuashtri ou Vishvakarman, o divino Arquiteto ou construtor, crucifica Surya (o sol da mitologia védica), no seu torno ou cruz svástica, o qual aí fixo pelos "quatro pregos", é despojado da oitava parte de seus raios. Obscuro e cercado por uma "coroa de espinhos", toma o nome de Vikartana".

E com estas palavras se pode ajuizar do plágio que a Igreja fez de tudo isso (muito anterior à era cristã) para o "nascimento, paixão e morte do Cristo" e outras coisas mais que figuram em o Novo Testamento. E... com o apoio dos "Espíritos superiores" que se apresentam nas sessões de espiritismo, que até hoje não vieram contestar todas essas coisas, ao contrário, as evocam a cada instante como reais ou verdadeiras. Onde, pois, os seus valores?

(33) Teosoficamente falando, o "grande Laboratório do Espírito Santo" - como a 2a. emanção do Logos - se relaciona com o "seio da terra", onde vive em atividade "o Fogo Serpentino" ou "poder Kundalini", embora que este se manifeste tanto na Natureza como no homem. E é por isso que se diz que, o despertar de tal força concorre para coordenar as diversas manifestações vitais de um todo harmônico; do mesmo modo que faz despertar os poderes psíquicos latentes no homem. E que tal força tanto constrói como destrói.

É o grande fenômeno da Teofania entre os Néo-platônicos, isto é, da "Iluminação do homem pela Divindade". É o mesmo que já acontece aos Adeptos ou Homens perfeitos e o que há de acontecer a todos quantos estiverem harmônicos ou afins com seu Eu-Superior, seu Cristo ou seu *Deus* (o nome que lhe queiram dar - inclusive de o. princípio ou estado de consciência, etc, etc). Por isso mesmo, o que acontecerá no final da Ronda ou na chamada "Era da Felicidade" ou a vitória dos Andróginos latentes.

Citar os vários casos desse fenômeno, seria escrever uma obra e não foi isso a que nos propusemos nessa "ligeira Síntese" de tudo quanto desejávamos ainda falar na última parte desta Mensagem, mesmo porque não nos sobra mais o tempo necessário para semelhante trabalho.

Entre centenas, falaremos de Jacob Boehme, o humilde sapateiro nascido em Goerlitz, na Alemanha (ano 1575), que de repente tornou-se o filósofo eminente de quem o grande iluminado que foi Claude de Saint-Martin diz: "Eu não sou digno de desafivelar os sapatos desse homem maravilhoso a quem eu considero como a maior luz jamais aparecida na terra, abaixo somente daquele que era a própria Luz..."

Do mesmo modo, o Padre Antonio Vieira, que sempre se manifestou como o pior de todos os discípulos do seminário. Eram tais os seus esforços para se tornar um homem inteligente, que certo dia sentiu um estalido dentro do cérebro e logo caiu desmaiado. Ao voltar a si, tornou-se a mentalidade que todos conhecem. O fenômeno do "estalido dentro do crânio", faz-nos lembrar o "chakra coronal" ou do alto da cabeça, como aliás já o dissemos, e que é o centro de consciência mais elevado, ou aquele que se acha em relação com o 7o., também chamado "princípio crístico".

Eis portanto o único caso do nome "medium", isto é, como veículo de sua própria consciência desperta, mas não um mísero paciente, passivo ou "sujet", como seu próprio nome o diz, sujeito à mistificações natura das regiões mefíticas do astral inferior e de todos os gravíssimos males que daí resultam.

Todos os verdadeiros mediuns do *Animismo* acabaram mal. Assim aconteceu com Mrs d'Esperance, que adquiriu terrível enfermidade, a ponto de ter consecutivas hemoptises; a própria senhora Prado, do Pará, que morreu queimada (não a salvando desse horrível acidente "os espíritos superiores que a protegiam") e quase todos que se conhecem na história do Espiritismo. Mas... os verdadeiros culpados disso são os espiritistas, isto é, os que pagam caro para assistir a todos esses fenômenos, pouco se preocupando com as suas vítimas; os mediuns e os freqüentadores de tais sessões.

Quanto aos mistificadores, esses nada podem sentir, a não ser o mau Karma que geram para esta ou futuras encarnações. Dentre eles, figura Daniel Douglas Home, com quem trabalhava William Crooks, antes de trabalhar com Miss Florence Cook. Foi o mesmo que antes morrer confessou ao seu médico assistente, Dr Philippe David, entre outras coisas, o seguinte: "É verdade, de fato, que essa multidão espíritos, diante dos quais se prostravam as almas crédulas e supersticiosas jamais existiram. Quanto a mim, nunca os encontrei no meu caminho..."

Felizes dos verdadeiros que ainda em tempo, perdem os seus poderes - não para fazerem o mesmo que fez a Sra Eusapia Paladino, que começou a mistificar vergonhosamente - mas para se dedicarem à uma profissão mais honesta e... saudável.

E o fato está consubstanciado nos vários contos iniciáticos das "boas fadas que oferecem sete dons" (os 7 estados de consciência, etc, etc) aos seus protegidos e outros privilégios de fadas e gnomos, etc, que logo desperdiçados (os poderes psíquicos para fins inúteis e até prejudiciais) deixam aqueles que até então possuíam tesouros fabulosos, o amor das princesas encantadas e a vitória sobre dragões e outros inimigos encontrados nas suas perigosas jornadas, completamente arruinados e sós.

A mesma H.P.B. já dizia: "A natureza dos pobres mediuns *sensitivos* ou *enfermiços* nascidos com uma organização especial - à medida que desenvolvem os seus poderes - ficam cada vez mais sujeitos à irresistível influência de espíritos heterogêneos e puramente humanos: elementares e elementais. A perfeição da mediunidade está na razão direta de sua passividade e o perigo a que se expõem no mesmo grau. Quando o medium se acha completamente desenvolvido, ou seja, perfeitamente passivo, isto é (dizemos nós), quando está arruinado psiquicamente, seu astral pode ser adormecido e até lançado fora do corpo, que é então ocupado por um elementar ou elemental.

Esse modo de considerar a mediunidade pode ser novo e talvez desgoste a muitos espiritistas modernos; porém apesar de tudo, são *opiniões ensinadas pela antiga filosofia e sustentadas pela experiência da humanidade, desde tempos imemoriais*.

Longe estamos de fazer uma consideração injusta contra os mediuns físicos. Perseguidos por inteligências diversas, reduzidos pela avassaladora influência, a um estado mórbido, que finalmente se torna crônico, encontram-se impossibilitados por tais influências de se entregarem à uma outra ocupação... por isso mesmo, física e mentalmente inutilizados para qualquer obra. Quem poderá, portanto, julgá-los severamente, quando sem nenhum outro recurso material, se virem obrigados a aceitar a mediunidade como profissão? E sabe Deus como recentes acontecimentos provaram, em demasia, se tal ofício é digno de ser invejado por alguém!... Não é aos *verdadeiros* e *genuínos* a quem sempre censuramos, mas aos seus partidários: os espiritistas". (Isis sem Véu, t. I, págs. 620 a 623).

(34) Esta mesma festa a celebravam os Judeus com grande solenidade, cinqüenta dias depois da "páscoa do Cordeiro", em memória da Lei dada a Moisés, no Sinai - cinqüenta dias depois da saída do Egito, razão porque a denominavam "Festa das Semanas", por serem celebradas *7 semanas* (com vistas a tudo quanto se falou no capítulo anterior desta Mensagem) depois da Páscoa.

Era do mesmo modo chamada "Festa das Primícias", porque no referido dia os israelitas levavam ao templo as primícias dos frutos de seus campos.

Quanto à Páscoa, do hebreu "pesaj" - trânsito - e equivalente ao inglês "caster" provém de *Ostara*, a deusa escandinava da Primavera. Era o símbolo da *ressurreição* de toda a Natureza, por isso mesmo, adorada no começo da estação florida.

Era costume entre os *pagãos* escandinavos, na referida época do ano, permutar "ovos de cor", chamados "ovos de Ostara", que vieram a ser os atuais "ovos de Páscoa". Segundo está expresso na obra *Asgard e os Deuses* (melhor dito, *Aghardi e os Deuses...*), o Cristianismo deu outro significado a esse antigo costume, relacionando-o com a festa da Ressurreição do Salvador, o qual, "como a vida latente no ovo", dormiu no sepulcro durante *três dias*, antes que despertasse para a nova vida. - o que é muito natural, pelo fato do termo Cristo estar identificado com aquele mesmo Sol da primavera, que desperta em toda a sua glória, depois da lúgubre e prolongada morte do inverno. Esta mesma idéia embora que ligeiramente velada, a expõe Goethe na belíssima e pitoresca cena do domingo de Páscoa, que figurava na primeira parte do *Fausto*.

Uma das provas mais patentes da íntima relação que existe entre o Cristianismo e o culto do *Sol e da Lua*, é o fato de haver fixado, irrevogavelmente a Igreja Romana, a festa da "Páscoa da Ressurreição no Domingo (dia do Sol), que segue imediatamente ao décimo quarto dia da Lua de Março. Os Cristãos do Oriente celebravam a referida festa no décimo quarto dia da Lua (algo parecido com os "14 pedaços de Osiris", em busca dos quais andava Isis, segundo as iniciações egípcias), que segue ao equinócio de primavera, qualquer que fosse o dia da semana em que caísse. Daí o nome que se deu de *quarto-decimans*. Por outro lado, vê-se uma estreita relação entre a festa pascal e a vida da natureza, no significativo fato da distinção estabelecida entre a Páscoa da Ressurreição ou *florida*, assim chamada por ser celebrada na época do florescer das plantas e a Páscoa de *Pentecostes*, designada vulgarmente em Catalunha com o qualificativo de *granada*, que se celebra *sete semanas* mais tarde, no tempo em que começa a colheita dos frutos da terra, designada nas Escrituras (como já se disse), com o nome de "Festa das Primícias", cinqüenta dias depois da Primeira Páscoa.

O culto cristão, diz Burnouf, está distribuído segundo a marcha do *Sol e da Lua*. O nascimento do Cristo coincide com o solstício de inverno; a Páscoa segue de perto ao equinócio da primavera. No solstício de verão se celebra a festa do Precursor e se acendem as fogueiras de São João. As demais festas se acham distribuídas metodicamente nas outras partes do ano, seguindo uma ordem comparável com a das cerimônias védicas. Deve-se notar, acrescenta o mesmo autor, que o solstício de inverno ocorre quatro dias antes da Natividade e de São João, sejam antiqüíssimas, que coincidiam primitivamente com os solstícios. Sendo de cinqüenta segundos por ano a precessão dos equinócios, acontece que quatro dias correspondem aproximadamente a 7.000 anos; porém, os quatro dias podem não ser completos.

E outra não foi a razão do papa Paulo III, homem sábio e sincero, ter afirmado que "Cristo era o Sol, adorado pela seita mítica e que Deus era o mesmíssimo Júpiter - Amon dos pagãos" - (Lachatre - *Os crimes dos papas*).

E Bonifácio VIII "que os evangelhos ensinam mais mentiras do que verdades", que a "prenhez da Virgem era absurda, a encarnação do Cristo ridícula e a transubstanciação uma tolice", acrescentando mais: "que as religiões haviam sido criadas por ambiciosos para enganar os homens e que eram *incalculáveis as somas de dinheiro que a fábula do Cristo havia produzido a favor dos padres*". (Carlos Von Koseritz - *Roma perante o século*). Leão X abundava nas mesmas idéias, porém, antes dele já Alexandre VI tinha afirmado "não ser cristão crer na existência do Deus da sua religião". - (Da mesma obra de Von Koseritz).

Por tudo isso é que o incomparável teósofo espanhol Roso de Luna já dizia: "Cristo é tudo ou nada. Como personalidade, isto é, como o aceita a Igreja e outros mais, não é coisa alguma. Como o aceita a Teosofia, isto é, como o Eu-Consciente, o Eu-Superior, o 7o. princípio, Atmã, a vida imortal, etc, etc, é tudo".

(35) Tudo quanto Kardec e os de seu grupo escreveram, se acha de modo muitíssimo mais desenvolvido no famoso livro ocultista dos bramanes, intitulado *Agruchada-Parikchai* (sem falar no *Livro dos Mortos*, do velho Egito, onde faltam as partes mais importantes, que mui propositadamente foram desviadas por Aqueles que velam pela Ciência Eterna).

Pelos motivos já expostos, não podemos citar várias passagens desse Livro (o *Agruchada-Parikchai*), para que se possa ajuizar como a prática das evocações já era conhecida há milênios.

Citaremos uma entre todas: "Muito tempo antes que elas se despojassem de seu invólucro mortal, as almas que não praticaram senão o bem, como as que habitam o corpo dos *sannyassis e tranaorastha* - anacoretas e cenobitas - adquiriram a faculdade de conversar com as almas que as precederam no *Swarga* (Esfera celeste)".

Do mesmo modo, a teoria de Roustaing, do "corpo fluídico de Jesus", não passa de um plágio e má interpretação do "corpo pneumático" de que falavam os Gnósticos.

(36) A pessoa que nos antecedeu na tese que hoje sustentamos, não foi outra senão a Sra. Annie Besant, ex-Presidente da The Theosophical Society - pouco importa o fato de divergirmos de outros pontos por ela sustentados - principalmente os que se afastam do ponto de vista teosófico.

Em uma conferência que a mesma realizou no ano de 1898, diante de uma assembléia de espíritas, afirmou que "o movimento espírita tinha sido provocado pelos "Adeptos", servindo-se das "almas dos mortos", etc.

Esse seu trabalho, embora um tanto desenvolvido, não abordou a questão que ora apresenta pela primeira vez aos olhos dos que se interessam por tão transcendentais assuntos, com são aqueles em que estamos envolvidos.

Do mesmo modo que a Sra. A. Besant nada mais fez do que reproduzir o que H.P.B. já havia dito muito antes. O Sr Renè Guénon - que também concordava com esse ponto de "tal movimento" não partir do "mundo dos mortos", mas de "vivos, fossem eles quais fossem", critica esse gesto da Sra Besant, chamando-o de "uma política de aproximação com os espíritas". No entanto, o que ela afirmou foi a pura verdade.

Houve uma outra senhora que teve idêntico gesto, porém, afirmando que tal movimento partiu de uma Sociedade secreta, cujas iniciais eram "H.B. of L", isto é, a *Hermetic Brotherhood of Luxor*. Tal senhora chamava-se Mme. Harding-Britten. A coincidência das duas iniciais dos nomes Harding-Britten e Hermetic Brotherhood; do mesmo modo que tal associação tenha sido fundada em 1870 e o movimento espírita, ou melhor, "os fenômenos produzidos com a família Fox, em Nova York", terem sido em 1847, colocam a parte a opinião absurda da referida senhora.

Os termos "surto do espiritismo", "movimento espírita", etc, etc, parecem uma contradição ao fato de se afirmar que ele sempre existiu muito antes disso. Mas, entre "um movimento ou surto do espiritismo" para os casos esporádicos que já se conheciam no Ocidente, há muita diferença. Tais práticas eram conhecidíssimas no Oriente, sem falar que já vinham desde a Atlântida, conforme explicávamos no texto desta Mensagem, mas sob vários aspectos.

O que houve foi um verdadeiro despertar da alma do Oriente no Ocidente: **1o.** - pela fenomenologia, ou coisas condizentes com o mundo Astral ou psíquico, isto é, o Animismo ou *Espiritismo*, como preferem outros; **2o.** - pelo desenvolvimento do Mental, de acordo com o estado de consciência da raça atual, por isso mesmo, um plano ou mundo acima daquele, ou seja, o verdadeiro papel da Teosofia: a Iluminação do Mental.

(37) Um exemplo desse "equilíbrio", entre os milhares que se poderiam citar e que tem acontecimento em todas as épocas da História, é aquele da vinda de dois Iniciados ao mesmo tempo, e ambos discordando um do outro, ou seja: os Condes de Cagliostro e Saint-Germain.

Enquanto um transformava, o outro procurava equilibrar. Muitas vezes, dizia o conde de Saint-Germain ao saber deste ou daquele fato contrário às suas idéias (para não dizer, sua missão): "Já sei... isto ou aquilo foi obra daquele endemoniado de Cagliostro"...!

(38) É de crer que os sucessores de H.P.B. não houvessem compreendido bem todas essas coisas e, por isso mesmo, tomassem rumos opostos. E se alguém ousa abrir-lhes os olhos a respeito, é logo taxado de "intolerante", "desrespeitoso" e vários outros epítetos muito comuns da parte de quem não possui perfeito conhecimento de assuntos que se acham custodiados sob as "Sete Chaves da Iniciação"...!

(39) No Oriente há uma lenda que diz "certos lagos sagrados se cobrem de *lótus*, de cinqüenta em cinqüenta anos". E que isso "é o símbolo do nascimento de um Ser, portador de missão elevada na terra", ou "uma Obra espiritual que na mesma se funda...!"